

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A COMUNICAÇÃO DO RELIGIOSO: A HOMILIA SOB A
ÓTICA DE LEIGOS E PADRES

Ýleris de Cássia de Arruda Mourão

Goiânia/2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A COMUNICAÇÃO DO RELIGIOSO: A HOMILIA SOB A ÓTICA
DE LEIGOS E PADRES

Ýleris de Cássia de Arruda Mourão
Orientadora: Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em
Ciências da Religião como requisito para obtenção do grau de
mestre.

Goiânia/2006

A Deus, à minha mãe, Elizabeth Mourão, ao meu esposo Adelson, à minha filha Maria Clara que são o motivo de minha existência.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas ao longo destes últimos anos motivaram, incentivaram, sugeriram, torceram, contribuíram teoricamente, reflexivamente, financeiramente, moralmente e criticamente para que esse projeto se materializasse em forma de dissertação, a você, muito obrigada e que Deus te abençoe!

Destacarei algumas pessoas que considero especiais nessa descoberta:

A Deus, presença viva e comunicativa, a quem aprendi amar e servir com mais verdade, depois desse mestrado. Por todo amor e sabedoria que Ele tem me presenteado.

A minha mãe que até hoje me ensina, me ama, me apóia, é exemplo de mulher, de luta e vitória. Ela que incentivou o meu ingresso no mestrado, antes de qualquer pessoa, vibrou com cada nota, com cada trabalho, com a bolsa da CAPES, e todos os dias, ora por mim, obrigada por sua presença terna e intensa.

Ao meu pai que apesar de semi-analfabeto, é um exemplo de como viver a vida com simplicidade e inteireza.

Ao meu esposo Adelson, que sempre me acorda cedo todas as manhãs e pergunta: “Quantas páginas você escreveu ontem à noite?”. Por seu apoio, compreensão, carinho, cumplicidade e silêncio nas horas de estudo.

A minha filha Maria Clara que sempre dizia: “mamãe você está estudando? ah, então vou brincar”. É meu incentivo para lutar e vencer todos os dias.

A toda minha família que, por ser imensa, não caberia todos os nomes, mas agradeço especialmente as primas Vânia Lenice, Ythala, D’avila e Mylca por ficarem com minha filha nos meus momentos de ausência. A minha vó, Delzuita, meu padrinho Mourão Filho, e minha tia Ivone, por acompanharem o cotidiano dessa luta, mesmo estando em outra dimensão.

Aos professores e professoras do mestrado, especialmente a Ivoni Richter Reimer que não foi apenas orientadora, mas amiga. Esses dois anos foram momentos de aprendizado, dores, alegrias e partilhas rumo ao constante amadurecimento pessoal e acadêmico.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de incentivo aos estudos, pelo desafio do estágio na docência universitária, assim como os momentos de construção, reconstrução e desconstrução proporcionados com a leitura e escrita. Como bolsista da CAPES pude perceber a relevância do tempo. O tempo para estudar não só é necessário, como é primordial para que haja um exercício dialógico com os autores. Este tempo para os estudos a CAPES me proporcionou ao longo deste último ano, pela alegria e satisfação em afirmar: “Fui bolsista da CAPES”, o meu muito obrigado a todos que permitiram a realização de mais este sonho.

De fato, foram muitas pessoas nestas muitas experiências e vivências antes e durante a descoberta do mestrado, a todos vocês que implícita ou explicitamente contribuíram para que este se tornasse uma realidade, minha eterna gratidão.

RESUMO

MOURÃO, Yleris de Cássia de Arruda. *A comunicação do religioso: a homilia sob a ótica de leigos e padres*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

Pelo olhar dos leigos, padres, e pesquisadores em comunicação, liturgia e homilia, buscaremos apresentar subsídios sobre a relação entre homilia, comunicação e religião. Inicialmente defendemos a hipótese de que o discurso homilético é visto como uma fala retrógrada, cansativa e ineficaz, pobre em elementos de natureza comunicativa, principalmente nos aspectos da oratória. A metodologia científica foi desenvolvida com base em um olhar holístico, qualitativo e quantitativo e constatamos, na investigação que a homilia ainda é espaço de construção e re-construção de *ethos* e visão de mundo. O discurso do padre durante a homilia ainda é considerado eficaz por grande parte dos leigos e na visão dos padres essa eficácia é relativa, depende de uma série de fatores, fato que será evidenciado no primeiro capítulo, no qual demonstraremos as categorias epistemológicas que surgiram na pesquisa empírica. Verificaremos que a religião exerce um enorme poder de persuasão por meio de seus símbolos, ritos e ideologias. No segundo capítulo, conheceremos a homilia sob a ótica da igreja católica apostólica romana e, no terceiro, mostraremos o fenômeno da comunicação e suas interfaces: desde a linguagem até a estética da oratória. Na conclusão demonstraremos alguns aspectos que justificam a não corroboração da nossa hipótese, esclarecendo que o poder simbólico é a palavra-chave para que o discurso homilético seja considerado eficaz por parte dos fiéis que o legitimam pela fé.

Palavras-chave: homilia, oratória, religião, padres.

ABSTRACT

MOURÃO, Yleris de Cássia de Arruda. *The communication of religious members: the homily through the eyes of lay members and priests*. Dissertation (Master's degree in Sciences of the Religion) - Catholic University of Goiás, Goiânia, 2006.

Through the view of lay members, priests and researchers in communication, liturgy and homily, we will seek to present subsidies about the relationship among homily, communication and religion. Initially, we defend the hypothesis that the sermon can be seen as an archaic, tiring and inefficient speech, also poor in communicative elements, mainly in aspects of oratory. The scientific methodology was developed with base in a holistic, qualitative and quantitative perspective. We verified, through the investigation that the homily is still space for construction and re-construction of *ethos* and world vision. The priest's speech during the homily is still considered effective for great part of the lay members; however, for the priests this efficacy is relative; it depends on a series of factors. These factors will be evidenced in the first chapter, in which we will demonstrate the epistemological categories that appeared in the empiric research. We will verify that the religion has an enormous persuasive power through their symbols, rites and ideologies. In the second chapter, we will know the homily through the eye of the Apostolic Roman Catholic Church. In the third chapter, we will show the phenomenon of the communication and their interfaces: from the language to the aesthetics of the public speaking. In the conclusion, we will demonstrate some aspects that justify the non corroboration of our hypothesis. We explain that the symbolic power is the key word so that the homiletic speech is considered effective on the part of the followers that legitimate it for the faith.

Key words: homily, oratory, religion, priests

AGRADECIMENTOS	05
RESUMO	07
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO	12

CAPÍTULO I: A PESQUISA EMPÍRICA: A VISÃO DE LEIGOS E SACERDOTES

SOBRE HOMILIA 23

1.1 O primeiro corpus: a pesquisa qualitativa	23
1.2 O poder do texto sagrado	24
1.3 Elementos de natureza comunicativa	29
1.4 A religião como legitimação de transformação no contexto homilético	35
1.5 A visão de três sacerdotes e um leigo sobre seu próprio ofício: a homilia	41
1.6 O segundo corpus: a pesquisa quantitativa	51
1.7 O poder religioso: elemento para uma critica transformativa	57

CAPÍTULO II: A HOMILIA SOB A ÉGIDE DA IGREJA CATÓLICA 62

2.1 HOMILIA: conceitos, objetivos e funções	64
2.2 Características da homilia	71
2.2.1 O caráter memorial	71
2.2.2 o caráter pascal	73
2.2.3 O caráter narrativo	74
2.2.4 O caráter orante	76
2.2.5 A dimensão trinitária	77
2.2.6 Três dimensões do sinal litúrgico na homilia	78

2.3 Elementos temáticos da homilia	78
2.4 Entrando em cena: o homiliasta	80
2.5 A homilia de Jesus: espelho de perfeição	83
2.6 A missa: um rito por excelência	85
2.7 Novos olhares, novos valores: uma visão crítica	87
CAPÍTULO III: O FENÔMENO DA COMUNICAÇÃO HUMANA	91
3.1 Comunicação e linguagem a partir do olhar antropológico de Herrero	91
3.2 Habermas e a teoria da ação comunicativa	100
3.3 A comunicação como disputa de poder a partir de Bourdieu	103
3.4 O processo de comunicação	106
3.5 A comunicação estética sob o olhar da oratória	110
3.5.1 A comunicação verbal e não-verbal	111
3.5.2 Além de uma simples mensagem: a voz humana	120
3.5.3 O vocabulário: reflexo de nossa visão de mundo	135
3.5.4 Considerações sobre o público-alvo	138
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
ANEXOS	161
1. Pesquisa quantitativa	162
1.1 O perfil da amostra pesquisada	162
1.2 Resultados	166
2. Pesquisa qualitativa	199

2.1 Modelo da entrevista com sacerdotes e leigos	199
2.2 A transcrição das homilias	201

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi gestada ao longo dos quase seis anos como fonoaudióloga clínica, educacional e empresarial. Neste tempo, tive a oportunidade de observar o quanto as pessoas, em geral, têm buscado aperfeiçoar a sua maneira de falar em público, especialmente nos cursos de oratória do SENAC, no qual sou instrutora desde 2001. No mercado de trabalho, cada dia os profissionais buscam mais qualidade e eficácia na comunicação, porém algo me chamava atenção nesses cursos: a maioria dos participantes eram advogados, professores, estudantes, médicos e até pastores, mas nunca, em cinco anos de sala de aula, me deparei com um seminarista ou padre para fazer estes cursos. Entretanto, a maneira como os padres, em geral, proferem a homilia já me chamava atenção desde a época de recém-formada em 2000. Especialmente em 2003, quando decidi concorrer ao mestrado em Ciências da Religião, busquei um padre que pudesse me ajudar. Então estive com Fr. Jaime Biazus, que gentilmente se prontificou em orientar meu pré-projeto para seleção do mestrado e expressava com convicção a relevância de pesquisar acerca das habilidades comunicativas dos padres e a necessidade de buscar aperfeiçoamento neste campo. Inicialmente, no pré-projeto, optamos por estudar apenas a voz do religioso como expressão do sagrado, mas, ao longo das disciplinas e reflexões com a orientadora, ampliamos o estudo para a comunicação, focalizando a homilia da Igreja Católica. No ano de 2004, ainda quando cursávamos as disciplinas do mestrado,

tivemos a oportunidade de mediar um curso para seminaristas da Ordem da Sagrada Família, no qual confirmamos a hipótese de que os estudantes de teologia, futuros padres, carecem do conhecimento técnico-científico das habilidades comunicativas, especialmente, no que se refere à homilia. Nesse sentido, no ano de 2005, definimos o objeto de estudo da dissertação do mestrado e começamos pesquisar a homilia da Igreja Católica em relação à qualidade da comunicação, ou seja, até que ponto a comunicação é clara, objetiva, de fácil entendimento e, conseqüentemente, até onde a homilia é eficaz a ponto de transformar o *ethos* do fiel católico.

Esta pesquisa parte da visão que leigo freqüentador assíduo ou esporádico das missas apresenta a respeito da homilia dos sacerdotes, e parte também da visão do próprio padre acerca da homilia que profere. A pesquisa busca compreender quais os motivos que levam o fiel ou mesmo o sacerdote a afirmar ou negar que a homilia é um discurso eficaz.

A seguir, estão indicados, resumidamente, alguns dos principais motivos que nos levaram a pesquisar a tríade: religião, comunicação e homilia:

- Informações, leituras, vivências, relatos, observações e reflexões com base em sujeitos católicos praticantes que de alguma forma, criticavam as homilias dos padres, em geral. Participo das missas dominicais católicas e posso verificar *in loco*, como é proferida a homilia dos sacerdotes, da mesma forma tenho ouvido constantemente comentários de fiéis no que se refere àquela homilia específica, dizendo que é um discurso maçante e cansativo.

- Pesquisas desenvolvidas por Carvalho (1993), que, oportunamente, estudou um total de 28 homilias, em vários estados do Brasil, juntamente com o depoimento dos fiéis. A jornalista e freira buscou compreender o fenômeno comunicacional em si durante a homilia dominical. Estudou os aspectos semiológicos, teológicos e

comunicacionais em cada homilia proferida, bem como a visão dos leigos a cerca da homilia.

- Os cursos para seminaristas, nos quais eu ou outras colegas de trabalho fomos instrutoras, e nos quais percebemos certos conflitos, dificuldades e limitações dos aspectos de expressão verbal. Alguns perdiam a voz com facilidade, outros que tinham medo e até certo pavor de falar em público, e até mesmo aqueles que tinham voz e coragem de falar, tinham apresentações muito arcaicas e tradicionais pouco despertando a atenção do ouvinte.

- Algumas aulas ministradas, na disciplina de Homilética, do curso de teologia do IFITEG, no ano de 2005, na qual percebemos a carência dos alunos acerca da epistemologia da comunicação, bem como as práticas comunicativas durante a homilia. No IFITEG, a disciplina de Homilética é optativa para o curso de teologia e sua carga horária é de apenas 60h/aulas, fato que nos trouxe grande perplexidade e estranheza, até porque a maioria dos estudantes de teologia serão futuros padres que terão a necessidade de falar em público, no mínimo, uma vez por semana, durante a missa dominical, sem falar que são considerados socialmente como profissionais da comunicação.

- Atendimento clínico a dois seminaristas da casa de formação dos Capuchinhos, no ano de 2005, que me procuraram com queixas de voz e de linguagem. Com os atendimentos, percebemos grandes lacunas entre a teoria e a prática. Um tinha muita bagagem teórica nos aspectos teológicos e filosóficos e pouco conhecimento no que se refere aos aspectos da comunicação e o outro, grandes dificuldades de elaboração e expressão do pensamento, percebidos na leitura, escrita e fala. Desde a época que ingressou no seminário, há 3 anos, faz fonoterapia para melhorar estes aspectos.

Dessa forma, o nosso objetivo é investigar a visão tanto do leigo como do sacerdote quanto aos aspectos comunicativos da homilia e verificar, especialmente, se esse discurso é capaz de modificar o *ethos* de uma pessoa. Para tanto, levamos em consideração a seguinte problematização: Que motivos levam tanto o fiel como o sacerdote a afirmar que a homilia é um discurso eficaz ou não? Que papel desempenha a religião na formação e transformação do *ethos* de um sujeito crente? Qual a contribuição da epistemologia da comunicação para que um discurso seja, realmente, eficaz? Embora a religião influencie eficazmente na formação e transformação do *ethos* do sujeito crente, defendemos a hipótese de que o discurso homilético é visto como uma fala retrógrada, cansativa e ineficaz, pobre em elementos de natureza comunicativa, principalmente os aspectos da oratória. Sendo assim, a epistemologia da comunicação apresenta vários elementos que podem contribuir para o discurso ser atrativo, hodierno e eficaz.

Assim, a pesquisa é relevante, em primeiro lugar, pelo desafio proposto aos profissionais da comunicação e da religião, bem como à própria instituição da Igreja Católica, pois há a necessidade de investigação e de análises acadêmicas sobre o enfoque abordado no objeto de pesquisa, na problematização e na hipótese; em segundo lugar, não podemos desconsiderar as teses desenvolvidas sobre homilia dentro de uma perspectiva comunicativa, nem desconhecer a influência da religião na formação e transformação do *ethos* de um povo.

A metodologia aplicada nesta pesquisa parte da visão dos leigos participantes ativos ou esporádicos das missas dominicais sobre os aspectos comunicativos, e o poder que a homilia exerce ou não de transformação da realidade. Parte, também, da visão de outros estudiosos sobre a comunicação, a homilia e a religião, em busca de transformação do discurso e do *ethos* de uma comunidade.

A presente pesquisa tem como objetivo buscar compreender até que ponto a homilia dos padres da igreja católica apostólica romana influencia na transformação do *ethos*¹ e da visão de mundo² das pessoas. Inicialmente, a pesquisa foi desenvolvida em quatro pontos estratégicos da cidade de Goiânia: região sul, norte, leste e oeste. Os sujeitos que contribuíram tinham o perfil o mais heterogêneo possível: de diferentes gêneros, idades, escolaridade e nível socioeconômico. O único ponto que os sujeitos apresentam em comum é pertencer à Igreja Católica Apostólica Romana. A pesquisa quer explorar até onde a homilia dominical tem influência na vida dos fiéis católicos fazendo uma inter-relação com a oratória do padre.

A decisão metodológica dessa pesquisa trouxe-nos, a princípio, questionamentos sobre a originalidade e pertinência do tema, bem como o alcance de sua sistematização enquanto contributo ao processo de compreensão do objeto. Procuramos discutir com leigos, padres, profissionais das áreas afins e a orientadora e assim, construímos, desconstruímos e reconstruímos várias vezes o tema, o objeto, a metodologia, os objetivos, enfim todo o projeto de dissertação, a fim de delinear a estrutura o mais coerente e coesa possível. Desta forma, reunimos reflexões importantes para prosseguirmos nosso trabalho.

É importante ressaltar que se compreende por metodologia, “o estudo dos princípios e dos métodos de pesquisa” (Laville; Dione, 1999, p.13), na qual a ciência busca encontrar não apenas a explicação, mas o princípio que a fundamenta. Requer, para tanto, a apreensão do movimento da realidade, onde o sujeito e objeto se colocam numa relação de conhecimento, cuja historicidade revela a complexidade das relações

¹ “O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (Geertz, 1989, p.143).

² A visão de mundo de um povo “é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de natureza, de si mesmo, da sociedade” (Geertz, 1989, p.144).

humanas que se articulam em vários níveis de interdependência entre si. Nesse sentido, são as diferentes determinações que vão constituir as pessoas e, portanto, os sentidos e significados produzidos e reproduzidos nas relações sociais.

A metodologia que aplicamos nesta pesquisa parte da visão dos leigos em relação à homilia dos padres. Parte, também, da influência que a tradição da igreja católica tem exercido na história, especialmente na vida dos fiéis, ao longo dos séculos. O estudo se propõe a ser fenomenológico, quantitativo-qualitativo³ e holístico, numa perspectiva holográfica⁴ para oferecer subsídios à análise da relação entre religião católica apostólica, homilia, *ethos*, leigos, sacerdotes.

A escolha dessa abordagem para pesquisar tal objeto de estudo se faz por entendermos que a homilia dos sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Romana pode ter ou não o poder de transformar o *ethos* dos fiéis, dependendo da forma como o emissor (padre) envia a mensagem e de como o receptor (leigo) recebe a mesma mensagem.

Considera-se, na pesquisa, o leigo e o sacerdote, ambos em sua singularidade, inseridos cada qual numa dada estrutura, com suas histórias de vida, buscando a partir deles, dando-lhes voz, ouvidos e reconhecendo seu testemunho como confiável, para compreender como os componentes da comunicação litúrgica e simbólica, especificamente a homilia, se inter-relacionam, no contexto de transformação da própria vida.

³ Triviños (1990) classifica a pesquisa qualitativa tomando como base as características de Bogdan (*apud* Triviños 1990, p. 128-33), a saber: 1. a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2. a pesquisa qualitativa é descritiva; 3. os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo, e não, simplesmente, com os resultados e o produto; 4. os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; e 5. o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

⁴ No Aurélio Win holográfica deriva do verbete: holograma que quer dizer chapa fotográfica onde se registram as figuras de interferência resultantes da superposição das ondas de um feixe de radiação coerente com as ondas que foram refletidas por um objeto, e que se obtém mediante os raios de um laser.

Entende-se aqui que por ser a realidade um processo em construção, a pesquisadora participa dela numa perspectiva histórica no qual os dados advêm da interação com os leigos e padres de maneira a possibilitar o desvelamento das questões ocultas a partir do movimento que ultrapassa a aparência e vai à direção da essência.

Em se tratando da comunicação do padre durante a homilia, o conceito que o receptor tem acerca do emissor é um dado relevante que pede uma aproximação entre a pesquisadora e os sujeitos no sentido de reunir elementos que compõem o universo dos leigos e padres, visando estreitar o diálogo entre teoria e realidade, no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o objeto. Por isso, optamos por não analisar os discursos dos sacerdotes, mas investigar o seu ponto de vista, assim como do leigo acerca do objeto em questão: a homilia.

Deve-se considerar que tanto o leigo como o padre detém um saber, uma explicação e uma interpretação que os qualificam como pessoas singulares, concebendo-os em diversas direções. Compreender os sujeitos, em suas situações cotidianas, buscando apreender sua complexidade através de suas várias manifestações põe a necessidade de instrumentais que elucidem e subsidiem a explicação das relações contidas no objeto.

Nessa direção, na fase exploratória, foram selecionadas bibliografias para mapeamento das concepções teóricas sobre homilia, comunicação, Igreja Católica, poder, *ethos*, considerando os recortes epistemológicos dos diversos autores, buscando clarear e ampliar as considerações acerca do objeto aqui estudado.

A pesquisa de campo foi realizada em quatro igrejas católicas da cidade de Goiânia, mais especificamente, na região sul, norte, leste e oeste. Inicialmente, filmamos a homilia de três padres e um leigo, na mesma missa fizemos a coleta das

entrevistas antes, durante ou após a missa. Ao constatar que os dados colhidos na primeira pesquisa negavam a hipótese inicial, decidimos fazer um recorte na região sul da cidade de Goiânia, aumentando o número de fiéis para cem e reelaboramos as questões. A segunda pesquisa encontrou dados semelhantes à primeira e assim ficou confirmado que nossa hipótese apontava, pelo menos para o perfil dos sujeitos pesquisados, em outra direção. Desta forma, desconstruímos e resignificamos toda maneira de pensar acerca da homilia da igreja católica e tentamos encontrar os porquês de tais respostas. Assim encontramos outros porquês e resignificações para discussão da dissertação.

A pesquisa foi gestada em duas fases e sub-fases. A primeira fase denominamos de pesquisa global, na qual coletamos dados nas diferentes regiões de Goiânia. Foi realizada nos dias 23 e 24 de julho de 2005. Para tanto seguimos as seguintes sub-fases:

- encaminhamento da pesquisa e documentos necessários ao comitê de ética da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e pesquisa da UCG, aguardando o parecer favorável para iniciar a pesquisa;

- mapeamentos de quais regiões seriam pesquisados de forma a abranger pelos menos os pontos cardeais da cidade de Goiânia;

- agendamento e visita as paróquias e comunidades para informá-los sobre a pesquisa e a autorização para realizá-la;

- coleta de dados nas quatro igrejas: filmagem da homilia dos padres e entrevistas com os leigos e sacerdotes.

- transcrição dos dados, discussão dos resultados a fim de ampliar a análise. De acordo com Ludke e André (1986), análise de dados significa organizar todo material

obtido durante a pesquisa dividindo-os em partes, procurando identificar nele padrões relevantes.

Na primeira fase da pesquisa, entrevistamos treze leigos, sendo que oito do sexo masculino e cinco do feminino, a idade que prevaleceu foi entre 15 e 30 anos; cinco deles apresentam nível de escolaridade médio; oito freqüentam a missa assiduamente; sete não participam ativamente na comunidade de pastoral ou movimento; a maioria solteira (05). Pode-se perceber que é um grupo heterogêneo quanto ao perfil demográfico.

Antes de começar a missa a pesquisadora buscou os fiéis, abordou dizendo quem era e o que desejava, e perguntou se ele (ela) poderia contribuir, pediu apenas que escutasse atenciosamente a homilia do sacerdote. As entrevistas dos fiéis foram gravadas (somente em áudio) durante a missa, após a homilia, na tentativa de proporcionar uma forma mais informal possível de respostas. As perguntas eram feitas e o sujeito respondia espontaneamente. A pesquisadora preocupou-se no sentido de ouvir até o fim, mesmo que a resposta fugisse à pergunta. E o contrário, se o fiel respondesse apenas com uma palavra, a pesquisadora apenas repetia aquela palavra, de forma a deixar as respostas as mais fidedignas possíveis.

A segunda fase denominamos de pesquisa confirmativa, na qual fizemos um recorte apenas na região sul e aumentamos o número de fiéis entrevistados para cem. Nesta paróquia, o universo total de leigos que participam na missa aos domingos gira em torno de 3.200, conforme informação colhida com o pároco. Realizada entre os dias 24 de setembro e 17 de outubro de 2005. Esta seguiu as sub-fases de:

- discussão e decisão com a orientadora de realizar o recorte na região sul a fim de confirmar a veracidade dos primeiros dados colhidos e aprofundar algumas questões.

- reelaboração e aplicação de um novo questionário em diferentes dias, horários, situações, a maioria dentro de igreja, porém alguns no ambiente de trabalho ou familiar.

- transcrição dos dados coletados em forma de redação e de gráficos quantitativos com cruzamento de respostas.

- análise e discussão das respostas na tentativa de encontrar blocos temáticos norteadores da dissertação.

A decisão de trabalharmos em duas fases, com filmagens, depoimentos de leigos e sacerdotes, de forma qualitativa e quantitativa se deu por compreendermos que estes proporcionam uma abordagem holística, onde o sujeito pesquisado pode responder de várias formas as mesmas questões. Então primeiramente exploramos de forma qualitativa o depoimento dos fiéis, em seguida em forma de questionário mais objetivo, quantificando as respostas e posteriormente aprofundamos em questões consideradas específicas para o objeto de estudo.

Tanto os fiéis quanto os padres desta investigação serão chamados por abreviaturas de nomes fictícios para manter a identidade dos sujeitos preservada, pois de acordo com Ludke e André (1986) uma medida geralmente tomada para manter o anonimato dos respondentes é o uso de nomes fictícios no relato.

Assim, a pesquisa é relevante, em primeiro lugar, pelo desafio aos profissionais da comunicação, especialmente aos padres, pois há necessidade de buscar aperfeiçoamento das habilidades comunicativas durante a homilia; em segundo lugar, por considerar o poder simbólico da religião a chave de respostas para que o discurso homilético ainda seja espaço de re-construção do *ethos* e visão de mundo dos sujeitos crentes.

Na elaboração da dissertação, buscamos, pelas respostas dos fiéis, catalogar categorias semânticas comuns para servir como construção do primeiro capítulo: a) O poder do texto sagrado; b) Os elementos de natureza comunicativa c) A religião como legitimação de transformação dentro do contexto homilético; d) O poder religioso: elementos para uma crítica transformativa. No texto escrito interagimos com os conceitos de religião, poder, comunicação e construção de mundo.

Os temas foram divididos em três capítulos: o primeiro, com o título A pesquisa Empírica: A visão de Leigos e Sacerdotes acerca da Homilia, apresenta a pesquisa empírica com resultados e discussão teórica; o segundo, A Homilia sob a Égide da Igreja Católica, apresenta a realidade homilética da igreja primitiva, conceito, objetivos, funções e características da homilia; o terceiro, O Fenômeno da Comunicação, apresenta inicialmente a visão antropológica da linguagem, os processos de linguagem e a comunicação estética a partir da oratória.

A construção científica é o ato de ouvir os textos, de auscultar os sujeitos, de perceber os sentidos. O primeiro passo é estar aberto e ter disposição para a eventualidade de deparar-se com surpresas. Por vezes, deve-se passar por um trilho ou caminho diferente e vislumbrar uma paisagem antes não percebida ou não percebida daquela forma. Olhares diferentes podem descortinar riquezas e sentidos não aflorados antes (Reimer, 2003). Nesse sentido, esse texto coloca-se aberto a novos olhares e percepções, tendo em vista a consciência do limite e sabendo que o diálogo é imprescindível.

CAPÍTULO I

A PESQUISA EMPÍRICA: A VISÃO DE LEIGOS E SACERDOTES SOBRE HOMILIA

“Eu tenho amizade com vários padres bons oradores, mas tem padre que deixa a desejar, não podemos elogiar a todos”.(M.M.N., 62 anos, sexo masculino, casado, técnico em eletrônica, tecladista, participante ativo das missas, inclusive toca no grupo de música).

1.1 O primeiro corpus: a pesquisa qualitativa

O cerne da pesquisa empírica girou em torno da questão: qual é a visão do leigo e sacerdote sobre a comunicação na homilia e sua eficácia de transformação do *ethos* e visão de mundo das pessoas?

Em nossa hipótese inicial, apontamos a homilia como um discurso cansativo, retrógrado e ineficaz, na medida em que percebemos que havia uma negação dessa hipótese nas respostas dos fiéis começamos a refletir e buscar os porquês. Encontramos em duas categorias as respostas que consideramos plausíveis: a religião e o poder do texto sagrado. Consideramos essas duas categorias essenciais. A religião como fornecedora de sentido na vida do fiel, e o poder do texto sagrado como verdade absoluta e a fé do sujeito crente que legitima os aspectos anteriores.

Iremos descrever abaixo as categorias semânticas extraídas a partir das respostas dos fiéis, assim como as perguntas, os objetivos e os resultados encontrados.

1.2 O poder do texto sagrado

O poder do texto sagrado é defendido por Chapell (2005). Em face das dúvidas relativas à eficácia pessoal numa época que questiona a validade da pregação precisamos de uma lembrança do “designo de Deus” para a transformação espiritual do ser humano. No final das contas a pregação cumpre seus objetivos espirituais não por causa das habilidades do pregador, mas pelo poder da Escritura proclamada (p. 01).

O poder do texto sagrado é percebido nas respostas dos fiéis nas primeiras perguntas da entrevista. A primeira questão se refere ao que o fiel entendeu daquela homilia. O objetivo desta pergunta é verificar o grau de atenção do fiel em relação à mensagem proferida na homilia. Nos resultados, 99%⁵ respondeu que entendeu a homilia daquele dia, inclusive verbalizando *o que* entendeu. Percebe-se que as respostas estão coerentes com a homilia do dia, entretanto estão mais baseadas nas palavras do texto sagrado (o evangelho), do que propriamente nas palavras do sacerdote. Como por exemplo⁶:

“Eu entendi muito bem, inclusive foi de muito proveito para nós, né? Falou de um assunto importante, sobre o reino de Deus. Que devemos buscar em primeiro lugar o reino de Deus. Que devemos buscar em primeiro lugar a Deus, mas buscar o reino de Deus é muito difícil”. (M.M.N., 62 anos, sexo masculino, casado, técnico em eletrônica, tecladista, participante ativo das missas, inclusive toca no grupo de música).

“Eu entendi sobre a necessidade de buscar aqui na terra o reino de Deus. Fazer o melhor a cada dia para no dia que for o juízo final, né? Nós sejamos preparados para ir com Cristo para a eternidade” (B.S., sexo feminino, 37

⁵ Este 1% refere-se a um sujeito espírita, não freqüentador do catolicismo, que foi a missa a convite da namorada.

⁶ As leituras deste domingo foram: Reis: 3,5. 7-12; Romanos: 8, 28-30; Mateus: 13, 44-52.

anos, assistente de vendas, solteira. É assídua às missas, porém não participa de nenhum movimento ou pastoral).

Com estes depoimentos observa-se que o texto sagrado apresenta extrema relevância no contexto da homilia. O fiel primeiramente ouve o evangelho, na medida em que ouve o texto assimila aquelas idéias, e já começa a interpretá-las segundo seu *ethos* e sua visão de mundo. No momento em que o padre começa a proferir a homilia, o fiel já está embebido com o conteúdo do texto.

Não sabemos precisamente como a verdade da sagrada escritura transforma vidas, mas o pregador precisa discernir a dinâmica que fornece vida à sua pregação. Os próprios textos bíblicos mostram que a Palavra de Deus não é somente poderosa, ele é inigualável (Chapell, 2005, p. 01). Para o fiel que crê verdadeiramente que a bíblia é palavra de Deus, a eficácia transformadora é inquestionável.

A palavra de Deus *cria*: “Deus disse: Haja luz; e houve luz” (Gn, 1.3). “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou e tudo passou a existir” (Sl, 33.9) *Controla*: “Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente; dá a neve como lã e espalha a geada como cinza. Ele arroja o seu gelo em migalhas. Manda sua palavra e o derrete” (Sl 147. 15-18). *Persuade*: “[...] mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade. Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?” (Jr, 23. 28-29). *Cumpra os seus propósitos*: “Por que, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que reguem a terra, assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia [...]”. (Is 55, 10). (Chapell, 2005).

O fiel apresenta uma fé em Deus, o seu Deus é tudo, obviamente a palavra desse Deus apresenta um grande poder transformador. Tudo depende do querer e da

fé do fiel. Sem esquecer que 99% dos sujeitos pesquisados dizem professar o credo católico e crêem nos textos sagrados.

Umberto Eco postula, no campo da hermenêutica, algumas teses, entre as mais relevantes tem-se: “Entre a intenção do autor e a intenção do intérprete existe a intenção do texto” (p. 29). Eco trabalha com as afirmações de que todo texto é polissêmico e que contém elementos estruturantes em si mesmo. O texto está aberto a múltiplas leituras. Estas diferentes interpretações surgem a partir da intenção que cada leitor atribui ao texto. Com isto pode-se inferir que a maioria dos fiéis apreendem mais o conteúdo do texto bíblico do que a homilia do sacerdote em si, exatamente porque o texto bíblico parece ser mais denso que a homilia do padre, esta muitas vezes é apenas uma repetição do texto bíblico, situando o tempo e o espaço em que ocorreram aqueles fatos.

Na segunda questão da entrevista percebemos que o texto sagrado permanece presente na maioria das respostas dos fiéis, nela perguntamos que idéias e sentimentos vinham na mente do fiel, ao lembrar a homilia daquele dia. O objetivo desta pergunta é verificar as semelhanças entre as idéias e sentimentos expostos pelo padre na homilia e as respostas dos leigos. Nos resultados observa-se que a maioria das respostas estão semelhantes com a homilia do padre⁷:

“O sentimento que me vem é o de pertença no reino de Deus. E este reino é aqui” (sexo masculino, 20 anos, solteiro, estudante de teologia pastoral e freqüentador assíduo das missas).

“O meu sentimento é exatamente ao momento que estamos vivendo de muita dificuldade, as pessoas estão muito desanimadas, como o padre falou, na época existia o desânimo geral. Vem-me o sentido de procurar evitar o desânimo, procurar sempre vencer, seja no desemprego, na saúde, na

⁷ Para consultar a homilia de cada sacerdote ver o anexo.

vida”.(B.S., sexo feminino, 37 anos, assistente de vendas, solteira. É assídua às missas, porém não participa de nenhum movimento ou pastoral).

“Eu acho que eu tenho que me desprender mais do que eu tenho aqui no terreno pra poder aproximar mais do reino de Deus” (J.M.P., 69 anos, sexo masculino, aposentado, escolaridade: superior completo, viúvo. É frequentador assíduo das missas, porém não participa de nenhum movimento ou pastoral atualmente).

A descrição do texto sagrado, acerca da sua potência, lança um desafio a receptores e emissores da mensagem. Convém lembrar que a palavra sagrada, antes da pregação, cumpre os propósitos divinos, apenas por ser palavra sagrada, de um Deus que o receptor crê, não questionando, mas aceitando o texto como verdade absoluta e acima de tudo: verdade sagrada. Por isso, a pregação que é fiel à escritura converte, convence e amolda o espírito de homens e mulheres, pois ela apresenta o instrumento da compulsão divina, e não que pregadores tenham em si mesmos qualquer poder transformador (Chapell, 2005, p. 02).

Para chegar ao sentido claro do texto bíblico, o pregador precisa interpretá-lo. A capacidade de interpretar corretamente as escrituras é fundamental à boa pregação. A tarefa de interpretar o texto é denominada hermenêutica, palavra proveniente do grego (hérmeneuó), que significa “interpretar”. O vocábulo refere-se a todo o trabalho de “transporte” do texto desde sua origem até o leitor (Moraes⁸, 2005, p. 55).

Croatto (1981) teve o cuidado de diferenciar a exegese da hermenêutica, lembrando que a primeira procura identificar o sentido do texto, considerando que há “por trás” do texto (autor, ocasião, tradição, figuras literárias, etc), enquanto a outra

⁸ Moraes é um autor que escreve para pregadores da religião protestante, pentecostais e neo-pentecostais. Sabe-se que esta linha de seguimento religioso apresenta a pregação como ponto central nos cultos religiosos, diferente da igreja católica, na qual a homilia é apenas o momento que liga a liturgia da palavra à liturgia eucarística, tendo como ponto máximo na missa, a comunhão. Este autor apresenta excelentes considerações quanto aos aspectos da oratória voltada para a pregação e tem como ponto de partida as pregações evangélicas.

inclui a percepção do sentido que há “adiante” do texto (Croatto, 1981, p. 11-3). Key (2001) afirmou que: “a interpretação correta do texto significa o esforço mental e espiritual do intérprete para captar o fio do pensamento e a maneira de pensar do autor do texto, que foi inspirado por Deus” (p. 102). Bitencourt (*apud* Moraes 2005), por sua vez, relembra:

“A palavra que em princípio foi pregada, falada e, desde então, enquadrada em formas conceptuais, transformou-se, por sua vez, em letra-texto. O texto está depois da palavra; portanto, a tarefa do intérprete é de chegar antes do texto, na palavra, mas através do texto. Para isso tem que vencer uma distância cultural entre a época da escritura e sua época, apropriando-se de algo que foi dito em outra época, mas sempre a partir de uma nova realidade histórica, expandindo o horizonte do texto. Isto é o que Hans Gadamer chamou de “fusão de horizontes”. Em resumo, esse tipo de hermenêutica se move do autor e do texto para uma união entre o texto e o leitor com raízes no presente em vez do passado, o que significa dizer que interpretar é aplicar” (p. 56)

É preciso compreender que o texto apresentou uma significação para seus primeiros destinatários. A preocupação inicial do pregador deve ser descobrir esse significado primário. Somente conhecendo a significação do texto no passado, pode-se contextualizá-lo e corretamente aplicá-lo no presente (Moraes, 2005, p. 57). Com o depoimento dos padres, mais abaixo, iremos observar que há uma preocupação e busca hermenêutica durante a preparação.

1.3 Elementos de natureza comunicativa

A segunda categoria que observamos comum nas falas dos fiéis aponta os elementos de natureza comunicativa. Sabe-se que cada pessoa recebe a informação e

a interpreta de acordo com sua ótica, sua história individual. O que equivale a dizer que em cada pessoa a mensagem repercute de forma diferente (Carvalho, 1993, p. 64). Investigamos a qualidade da comunicação (oratória) do padre durante a homilia, na terceira pergunta que teve como objetivo conhecer a opinião do leigo em relação à qualidade da comunicação do padre e ao mesmo tempo, fazer um cruzamento com a quarta questão, ou seja, verificar se há uma interdependência entre a qualidade da comunicação e a eficácia do discurso. Os depoimentos a seguir, caracterizam a qualidade comunicativa dos padres pesquisados:

“Ótima. Comunicação clara, linguagem simples e que as pessoas entendem” (B.S., sexo feminino, 37 anos, assistente de vendas, solteira. É assídua às missas, porém não participa de nenhum movimento ou pastoral).

“A comunicação dele é de fácil entendimento. Com certeza ele deve ter algumas técnicas de cativar o público, não é a primeira vez que faz isto, com certeza sabe como falar é carismático” (G.C.S., 26 anos, sexo masculino, estudante de engenharia elétrica, solteiro, não é participante ativo da paróquia, disse que foi a missa porque a mãe insistiu muito)

“Eu gosto da homilia dele, acho fácil à interpretação, assim, ele não usa palavras difícil não. Acho que de todas as homilias que já escutei dá pra tirar sim um proveito, depende do dia que a gente presta atenção ou não presta atenção” (22 anos, sexo feminino, superior incompleto, solteira, operadora de microcomputador. É freqüentadora esporádica das missas).

“Eu acho o frei F. muito bom orador. A partir do momento que o sacerdote desce do altar, sai de trás do ambão e fica entre o povo, a comunidade perde aquela coisa que o sacerdote é um ser distante. Isto torna a homilia mais rica, mas isto também é um desafio muito maior por que se ele não conseguir casar as idéias, por exemplo diante de um pedido de testemunho que ele faz a uma pessoa e ele não consegue casar a idéia, fazer um fechamento aí vira um desastre” (A.C.B.N., 27 anos, sexo masculino, casado, superior completo, frequentador assíduo, é comentarista das missas e catequista)

“Uma homilia boa, falou muito bem, ele comunica bem, dá pra entender tudinho que ele fala” (W.B.O., 15 anos, sexo feminino, estudante, solteira, cursando ensino médio. É assídua nas missas e participa da infância missionária).

O pregador deve usar palavras que tenham um sentido claro. Caso contrário, a reação dos ouvintes será de surpresa e dúvida. Quando o pregador apresenta um vocábulo desconhecido, sem qualquer significação para os ouvintes, sua comunicação é falha. Outra tentação que o pregador precisa vencer é a de usar termos teológicos ou técnicos no sermão. Vocábulos em outros idiomas, mesmo naqueles onde foram escritos os originais do Antigo e Novo Testamento devem ser evitados (Moraes, p. 94-5). A simplicidade na comunicação do religioso foi um dado encontrado com frequência nos depoimentos dos fiéis.

O vocabulário é visto como reflexo da cultura, como instrumento básico para a leitura do mundo, para a expressão do indivíduo e para sua identificação como membro de um determinado grupo. Quanto maior for o domínio do vocabulário, por parte do falante, maior será a eficácia de sua linguagem, concebida como forma de interação. O domínio vocabular é para eficácia da linguagem na interação comunicativa e não para enaltecer o falante, pois já foi o tempo em que falar difícil era sinônimo de falar bem (Wittgenstein, 2005, p. 01).

O vocabulário corporifica e traduz todas as nossas idéias. Se o vocabulário se apresentar deficiente, o falante não conseguirá transmitir o que pensa, pois ele pensa por meio das palavras. O vocabulário precisa ser o mais vasto possível, pois melhor do que ter um vocabulário riquíssimo é saber usá-lo e adequá-lo ao tipo de público que ouve (Polito, 2002, p. 67).

“O vocabulário ideal não é riquíssimo, sofisticado, como se tivesse pesquisado nas profundezas de um dicionário, e muito menos pobre e vulgar. O vocabulário rico é útil para compreendermos tudo aquilo que as pessoas falam ou escrevem, mas nem sempre deverá ser usado em nossa expressão verbal. O auditório não está interessado em palavras difíceis. Como é que as pessoas poderiam ficar concentradas na mensagem, se tivessem que se preocupar com o significado de cada palavra?” (Polito, 2002, p. 68)

A pregação precisa ser simples para alcançar os ouvintes e comunicar a mensagem divina. Lloyd-Jones (apud Moraes) declarou que a função do pregador “não é apresentar uma pesquisa erudita do texto, nem fazer uma exibição de seu conhecimento; ele está tratando com almas vivas e deseja comovê-las, conduzindo-as com ele, guiando-as à Verdade” (Moraes, 2005, p. 146).

Alguns pregadores apresentam receio de pregar sermões simples para não serem classificados de supérfluos. Há uma grande diferença entre simplicidade e superficialidade na pregação: o pregador simples tem algo a comunicar e sabe a melhor maneira para fazê-lo; o pregador supérfluo não tem o que comunicar e muito menos como fazê-lo. A pregação pode ser simples, com grande conteúdo e excelente comunicação. Os pregadores precisam considerar que sua comunicação não é para demonstrar o conhecimento pessoal, mas para apresentar a mensagem do poder e da palavra de Deus. (Moraes, 2005, p. 146).

O fator tempo é outro elemento importantíssimo para manter o interesse do fiel. Para que haja uma boa comunicação no púlpito, é preciso que os pregadores considerem o fator tempo como algo importante aos ouvintes. Uma pesquisa com 123 pastores batistas brasileiros, nos anos de 1992 e 1993 realizada por Moraes (2005), como parte de sua tese de doutorado em Teologia, apontou várias razões da relevância da síntese na pregação. A síntese permite uma captação mais rápida e clara da mensagem; alcança melhor a atenção, evitando divagação; ajuda a manter o

interesse do ouvinte; atende a curta capacidade do ouvinte hodierno; leva o pregador a selecionar o essencial e eliminar o supérfluo; possibilita ao ouvinte uma maior retenção da mensagem e, por fim, situa o pregador no contexto existencial da sociedade contemporânea (Moraes, 2005, p. 209-210).

As homilias curtas, bem preparadas, prendem mais a atenção dos ouvintes. Porém, a maneira do padre pregar, por exemplo: abrir espaço para que as pessoas se manifestem, ir para o meio do povo, dialogar, fazer perguntas, ilustrar o tema com exemplos tirados da vida, prende a atenção, mesmo quando a homilia é mais longa (Carvalho, 1993, p. 64).

O pregador deve esforçar-se para tornar sua mensagem a mais objetiva possível. Quanto mais objetivo o sermão, tanto mais condições tem de alcançar o ouvinte, que se torna capaz de compreender, assimilar e introjetar os valores apresentados. A mensagem embasada em linguagem popular atinge uma quantidade enorme de receptores, já que os sinais e símbolos são aqueles usados no cotidiano (Moraes, 2005, p. 146). A linguagem popular é o elemento que mais aparece como fator positivo para a comunicação eficiente, segundo o depoimento dos fiéis pesquisados.

Embora os resultados encontrados mostrem que 99% dos fiéis consideram o padre, daquele dia específico, o bom comunicador durante a homilia, ressalta-se que, quando a pesquisadora perguntava sobre um outro padre de uma outra comunidade, apareciam depoimentos, como:

“Eu tenho amizade com vários padres bons oradores, mas tem padre que deixa a desejar, não podemos elogiar a todos” (62 anos, sexo masculino, casado, técnico em eletrônica, tecladista, participante ativo das missas, inclusive toca no grupo de música).

“Foi clara, ele explicou muito bem. Por que tem vez que a gente vai a missa, na hora do evangelho, do sermão, às vezes, não é porque o padre não quer, mas ele fala e às vezes a gente não entende. Tem outros que já fala direto. Tem um padre, perto de onde eu moro mesmo, que ele fala parece que ele vai para frente e eu vou para trás, ele vai para trás e eu para frente, a gente nunca combina, o que ele está dizendo, eu nunca consigo acompanhar” (58 anos, solteira, sexo feminino, comerciante. Não é participante ativa da paróquia, foi a missa em companhia de uma amiga que insistentemente a convidou).

[...] dependendo de alguns padres, eles passam a homilia de uma forma ali, é aquilo que a bíblia fala. Seguem o mesmo que a bíblia fala, isto cativa a comunidade. Às vezes alguns padres não passam a mensagem de forma clara. O que ele fala muitas vezes não tem muito a ver com nossa realidade” (sexo masculino, 20 anos, solteiro, estudante de teologia pastoral e freqüentador assíduo das missas).

Percebe-se que o leigo sente certo receio ou dificuldade em criticar a homilia do padre de sua paróquia, porém critica as homilias de outros padres com certa tranqüilidade. Isto ocorre porque, segundo os fiéis, ainda existem padres que apresentam uma comunicação ineficaz tanto para os ouvintes como para sua realidade sócio-cultural.

Carvalho (1993) desenvolveu uma pesquisa empírica sobre homilia, na qual realizou três horas de debate com leigos de diferentes dioceses e encontrou vários depoimentos negativos em relação à comunicação dos padres. Na síntese que elaborou das falas dos leigos observa-se vários elementos de natureza comunicativa:

“A maioria dos padres não têm o dom da comunicação, deveriam descobrir novas formas de fazer homilia, evitando a monotonia e automatismo” (Carvalho, 1993, p. 64-5).

“Num mundo dominado pela comunicação áudio-visual, as pessoas não têm mais paciência para ficar ouvindo um discurso onde apenas uma pessoa se

faz dona da palavra. Isso, unido ao ritualismo litúrgico, contribui, muitas vezes para que a pessoa se sinta cansada em apenas uma hora de missa” (Carvalho, 1993, p. 64-5).

“O mundo está a mil por hora e a igreja continua estagnada, sem renovar seus métodos de comunicação. Por isso, durante muitas homilias, os fiéis vencidos pelo cansaço, cochilam, falam da vida alheia, rezam o terço ou simplesmente se “desligam”, enquanto o padre continua “falando para as nuvens” ou, em se tratando dos mais intransigentes, criam problemas com as pessoas, exigindo atenção” (Carvalho, 1993, p. 64-5).

“Quase sempre, aquilo que os padres dizem, nas homilias, não vai ao encontro dos interesses da maioria dos participantes da celebração. Por este motivo as pessoas permanecem “desligadas” (Carvalho, 1993, p. 64-5).

Percebe-se que os depoimentos acima retratam queixas comuns na práxis da homilia católica. Por outro lado, a comunicação é um processo de interação no qual compartilhamos mensagens, idéias, sentimentos e emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas que, por sua vez, reagirão a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura (Silva, 2000, p. 52). O processo comunicativo de interação produz uma conexão com a realidade cotidiana da vida de cada fiel podendo sedimentar as maneiras de pensar e agir.

O olhar que os leigos acima apresentam acerca dos elementos comunicativos mostra outro viés de análise, que vem de encontro à nossa hipótese. Alguns fiéis (Carvalho, 1993) relatam que a homilia não remete à realidade vivida pela comunidade, ou seja, o padre não traz o texto bíblico para o hoje, tornando o discurso vazio de sentido, de valor e eficácia. Outros fiéis relatam que não conseguem acompanhar o que o padre fala na homilia. Isso pode ocorrer devido a vários fatores, entre eles: o vocabulário erudito em demasia, o sistema de som e acústica física da igreja precários,

a falta de atenção do fiel em ouvir a homilia, o conteúdo do discurso mecânico e longe da realidade, a voz sem qualidade, a pronúncia travada ou com sotaque estrangeiro. Esses são apenas alguns aspectos (ruídos) que podem interferir negativamente na compreensão do discurso homilético (Carvalho, 1993).

1.4 A religião como legitimação de transformação dentro do contexto homilético.

A religião ocupa um lugar de destaque na sociedade humana e no seu construto de mundo. É dentro da sociedade, como resultado dos processos sociais, que o ser humano se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e que constrói seus sonhos e projetos que constituem sua vida. O ser humano e a sociedade coexistem em uma relação de interdependência, ou seja, “a sociedade é um produto do homem” e “o homem é um produto da sociedade”. Nesta dialética, Berger (1985) postula os conceitos de exteriorização⁹, objetivação e interiorização, assim como nomia e anomia. (Berger, 1985, p. 15-41).

O ser humano precisa *fazer* um mundo para si, assim, ele não só produz o mundo como produz a si mesmo, estabelecendo continuamente uma relação com o mundo. A existência humana procura a cada dia um equilíbrio com seu corpo e com seu mundo. Dessa forma o ser humano consegue se estabelecer e realizar a sua vida (Berger, 1989, p. 18).

A religião está intrinsecamente ligada à construção humana de mundo. A religião é uma construção humana pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. O

⁹ Segundo Berger (1985) “a exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade”. (p. 16)

mundo postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo inclui, o ser humano. O sagrado para o ser humano é uma realidade poderosíssima e distante dele que coloca sua vida numa ordem dotada de significado (Berger, 1989, p. 38-9).

Quando o fiel não entende a homilia sai da igreja sem levar nada para a vida (Carvalho, 1993, p. 64-5). A quarta questão, pergunta se o fiel já mudou algo na vida devido à mensagem recebida em uma homilia, quando e como aconteceu esta mudança. Caso a resposta tenha sido positiva, pedimos o relato de um caso. Consideramos esta uma pergunta fundamental para responder tanto aos objetivos como a hipótese da pesquisa. O objetivo maior da pergunta é verificar a eficácia da homilia, enquanto discurso de transformação de vida. Nos resultados 76% dos fiéis afirmaram que já houve mudança de vida, e 24% disseram que a homilia nunca mudou algo na vida, devido à mensagem recebida na homilia.

O depoimento abaixo mostra o outro mundo que L.P.C. construiu para si a partir da busca por equilíbrio e significado:

“Antes de ser católico eu era evangélico. Quando eu comecei a participar da IC eu vi que as coisas não eram muito certinhas, padrão, a risca, *é totalmente diferente*. E com as homilias eu começava a perceber que era diferente do que o pastor falava, que era aquela coisa rígida no sentido de cumprir sempre a palavra. E aqui eu comecei a perceber que não era só cumprir a palavra à risca. E com o passar do tempo, prestando atenção sempre nas homilias (é uma curiosidade natural que acho que tenho) participando das homilias, eu comecei a perceber que as coisas acontecem, dependendo de nós mesmos. Por exemplo: eu posso ler uma bíblia e interpretar de várias formas. E algo que aconteceu comigo foi eu ler algum evangelho e ter alguns pensamento sobre ele e escutar um padre fazer uma homilia que mudasse totalmente meu pensamento” (L.P.C., sexo masculino, 20 anos, solteiro, estudante de teologia pastoral e freqüentador assíduo das missas).

Cada ser humano apresenta um ponto de vista acerca da pessoa que fala. O L.P.C. refere vir de uma outra denominação cristã e com algumas homilias que ouviu, modificou sua maneira de pensar, de interpretar o evangelho. A eficácia do discurso depende tanto do ser que fala como do que ouve. Se o ouvinte está aberto a comunicação, está atento, interessado e conseqüentemente, o falante também está aberto a comunicação, fala com clareza, com entusiasmo, com verdade, enfim com todos os requisitos básicos para se falar bem, ocorre a comunicação eficaz, capaz de transformar pensamentos, como no depoimento de L.P.C.

O primeiro objetivo da homilia é colaborar com Deus para que sua Palavra melhor se encarne, para que sua Palavra seja melhor compreendida, encontre uma terra boa que produza muito fruto. A homilia também quer ajudar a assembléia a dar, por sua vez, uma resposta adequada à Palavra proclamada, na celebração e na vida, considerando-se sempre que a própria proclamação da Palavra de Deus já constitui um ato de culto, uma renovação da aliança entre Deus e os seres humanos em Cristo Jesus (BECKHÄUSER (2005, p.2). “Homilia é uma reflexão a partir dos textos litúrgicos ligados à instrução e edificação dos fiéis a respeito da fé” (Carvalho, 1993, p. 22).

Um fato curioso que aparece em pelo menos três depoimentos é o fiel citar padres ou leigos do movimento da Renovação Carismática Católica ou o próprio movimento e afirmar que são homilias mais profundas, como é o caso do depoimento a seguir:

“O Sr. acha que a homilia tem interferência transformadora na sua vida? Tem, mas não é só a homilia não, porque tem homilias muito ruins por aí, muito mesmo. Tem umas que o padre pega e lê de novo o que está escrito aí e não fala mais nada, mas também tem muitas homilias boas que me tocou muito, eu acolho uma que me tocou muito, muito mesmo até hoje, é uma coisa simples que pertence a Renovação Carismática, lá as pregações são muito

profundas, da renovação, então eu me aprofundi muito foi nas pregações da renovação. A nossa igreja é perfeita, o que tem que mudar é os nossos padres, o coração deles, muitas vezes eles não estão nem aí para os fiéis [...]” (J.M.P., 69 anos, sexo masculino, aposentado, escolaridade: superior completo, viúvo. É freqüentador assíduo das missas, porém não participa de nenhum movimento ou pastoral atualmente).

O depoimento a seguir parece mais claro, pois o fiel refere qual a homilia, o nome do padre, o local e o que ele mudou:

“Já mudei sim. Não foi só uma vez. Já. Na homilia do Pe. Léo da Canção Nova, homilia de pregação no encontro para servos com Roberto Tannus, no Encontrão. Mudou a minha fé, meu jeito de acreditar de servir a Deus. Antes eu não era nada não, não fazia nada. Eu tentava buscar ia na missa só, tinha uma vida diferente da que é hoje” (A.A.N., 42 anos, casado, bancário, sexo masculino, participante ativo das missas, escolaridade superior completo, grifo nosso).

Enfocamos, aqui, a homilia da Renovação Carismática Católica para registrar qual é a visão de alguns fiéis no que tange a homilia desse seguimento da igreja católica.

A Renovação Carismática Católica (RCC) é um movimento católico surgido nos EUA em meados da década de 1960. Ele é voltado para experiência pessoal com Deus, particularmente através do Espírito Santo e seus dons. Esse movimento busca dar uma nova abordagem às formas de evangelização e renovar práticas tradicionais dos ritos e da mística católicos. O movimento carismático católico foi influenciado em seu nascimento pelos movimentos pentecostais de origem protestante e até hoje esses dois grupos se assemelham em vários aspectos. Seus integrantes utilizam músicas de louvor em momentos carregados de emoção e pregações em voz alta nos grupos de oração e missas. Segundo a RCC, o batismo no Espírito Santo é uma experiência que normalmente decorre de um momento de oração e pela qual a pessoa adquire um novo e apurado senso de valor espiritual. A partir desse momento, o Espírito Santo passa a

orientar a vida da pessoa, confirmando verdades interiores e *até modificando posturas diante dos homens e do mundo* (wikipédia, 2005).

A homilia, na qual o padre se autodenomina como membro participante da RCC, é uma pregação também parecida com a dos pastores pentecostais, ou seja, é uma homilia renovada, entusiasmada, rica em conteúdos emocionais, onde o padre prende a atenção pela forma mais clara de falar, mais envolvente, conta outras histórias, enfim apresenta uma maneira mais atraente e atualizada de falar, diferente das homilias tradicionais. Como cita, em partes, o leigo abaixo:

“[...] é uma coisa simples que pertence a Renovação Carismática, lá as pregações são muito profundas, da renovação, então eu me aprofundi muito foi nas pregações da renovação [...]”(J.M.P., 69 anos, sexo masculino, aposentado, escolaridade: superior completo, viúvo. É freqüentador assíduo das missas, porém não participa de nenhum movimento ou pastoral atualmente, grifo nosso).

Um bom exemplo é o fenômeno do padre Marcelo Rossi que tem arrastado multidões para suas missas¹⁰ e conseqüentemente sua homilia. O que será que o padre Marcelo tem que atrai os fiéis em grande número para suas missas? E pensando apenas em nosso objeto de estudo (a homilia), como será que o padre Marcelo Rossi fala durante a missa? Observa-se, na homilia e durante toda a missa, grande carga de conteúdos emocionais, além é claro de utilizar uma linguagem do povo, clara e sem rodeios. Observa-se que este sacerdote fala das questões de ordem cotidianas, como família, trabalho e saúde. Sabe-se que o padre Marcelo Rossi se auto-denomina como pertencente ao movimento da RCC e observa-se, ao longo, de sua “carreira global” um

¹⁰ Padre Marcelo Rossi tornou-se um fenômeno de mídia e cultura de massas no final dos anos 90. Já gravou quatro discos desde 1998, dois filmes, aparece em programas de TV com certa regularidade, possui um programa de rádio com mais de 100.000 ouvintes em todo país e suas missas a céu aberto na época da Páscoa atraem milhares de fiéis (wikipédia, 2005).

discurso abrasivo, rico em conteúdo emocional e de qualquer forma, capaz de transformar o *ethos* e a visão de mundo dos inúmeros fiéis que todos os dias ligam para testemunhar.

Na quarta questão 24% dos católicos afirmaram nunca ter mudado algo na vida devido à homilia do padre, entre eles observa-se o depoimento de G.C.S., 26 anos, sexo masculino, estudante de engenharia elétrica, solteiro, que não participa ativamente da paróquia e disse que foi a missa porque a mãe insistiu muito:

“Mudança de vida? Não, eu acho que não. Saí daqui e já mudar, ninguém faz isso. A mudança é devagar. Eu acho difícil saí daqui dizendo, ah, vou mudar isso, isso, isso, principalmente porque ninguém tá acostumado a mudar e para mudar é devagarzinho, o ser humano muda devagar”.

Dos sujeitos que afirmaram que a homilia não tem eficácia de transformação em sua vida a maioria apresenta idade entre 15 e 30 anos, ou seja, a nova geração. As pessoas desta idade, em geral, apresentam um tempo de atenção reduzido para as diversas atividades cotidianas, então durante a homilia quando prestam a atenção o tempo é muito reduzido¹¹, além disso, é um público ainda mais exigente, pois o acesso as informações pelos meios de comunicação de massa (internet, TV, rádio, jornais, etc) é extremamente lúdico, envolvente e interativo.

Na construção deste primeiro corpus da pesquisa também entrevistamos quatro sacerdotes das quatro regiões da cidade, três padres responderam por escrito e um fez questão de responder oralmente, este sacerdote apresentou muita resistência para autorizar a pesquisa em sua paróquia, mas com alguns telefonemas e visitas conseguimos realizar a coleta de dados.

¹¹ Observaremos a confirmação destes dados na segunda fase da pesquisa empírica.

1.5 A visão de três sacerdotes e um leigo sobre o seu próprio ofício: a homilia

Na primeira pergunta pedimos para o padre descrever o processo que ele percorre no planejamento e exposição da homilia. O objetivo desta pergunta é verificar como o padre planeja a exposição da homilia e se entre as estratégias de planejamento existe alguma voltada para oratória especificamente. O primeiro sacerdote é T. J. M., 10 anos de sacerdócio, da ordem dos pacionistas e responde a primeira questão, oralmente, da seguinte maneira:

“A primeira fase que eu faço na minha preparação litúrgica é ler a liturgia do dia, a leitura do dia, as três leituras, cada leitura eu leio duas ou três vezes, o tanto que necessário for. Depois de feitas essas leituras, eu busco nos meus conhecimentos mesmo, depois eu busco alguns subsídios para me auxiliar. Hoje nós temos um site que ajuda a gente muito que é o site dos presbíteros e tem uma formação teológica muito boa. Então a base é por aí”

Este padre busca nas leituras, no conhecimento próprio e nos sites católicos outras alternativas para preparar a homilia, entretanto em nenhum momento percebe-se uma preocupação com a maneira *como* vai expor a homilia. Ele poderia averiguar o tipo de público, lançar mão de outras estratégias da oratória, tais como preocupar-se com a aplicação daquela mensagem à vida do fiel, como sugere Moraes (2005, p. 140-148). Consideramos a aplicação uma das principais estratégias de oratória que torna a comunicação prática e eficaz, voltada para a vida cotidiana do fiel, ou seja, atualizada.

A aplicação entra neste ponto: “O processo retórico mediante o qual se aplica direta e pessoalmente a verdade ao indivíduo, a fim de persuadi-lo a reagir de modo favorável [...] sem aplicação não há persuasão e, portanto, não há pregação” (Braga apud Moraes, 2005, p. 141). Aplicar a mensagem do texto bíblico na vida do fiel é

alcançar a atualidade do texto, é aproximar-se do ouvinte e fazê-lo aproximar-se da mensagem. Aplicar é tornar o sermão prático, através da aplicação o ouvinte passa a se sentir parte do sermão, na aplicação a mensagem é personalizada, relacionada à vida de quem ouve.

Os outros dois sacerdotes, assim como o leigo, referem à aplicação de maneira sutil em suas respostas:

“Algumas horas ou dias antes faço uma leitura atenta dos textos sugeridos pelo diretório. Busco entender a mensagem que eles contêm e as circunstâncias em que o texto foi escrito. E seus destinatários. Identifico a idéia central em torno da qual deve girar a homilia para possibilitar que a assembléia vivencie e possa compartilhar o pensamento sem divagações” (F. C., 46 anos de sacerdócio, da ordem dos Frades Menores Capuchinhos, grifo nosso).

“São três momentos bem distintos. O primeiro é procurar saber qual é o público da celebração e quais são as reais motivações do público. Além de assembléia que são os membros efetivos e afetivos, um grande número de participantes são pessoas alheias à comunidade. É importante averiguar quais são as intenções da assembléia. Exemplo: 7º dia, aniversários, emprego, etc. O segundo momento do processo de planejamento da homilia é se preparar. Eu costumo ler as principais literaturas homiléticas do tema específico da liturgia. Até para ficar em sintonia com as outras celebrações. A partir do contexto e da literatura à disposição, geralmente, procuro seguir o método ver, julgar e agir, no desenvolvimento reflexivo, ou seja, homilético”(E.C, 10 anos de sacerdócio, da ordem Missionários da Sagrada Família, grifo nosso).

“1- Leitura do texto e do contexto. 2- oração para ter a graça. 3 – planejar um início, meio e fim. 4- trazer para a nossa realidade” (Leigo L. F., pregador há 17 anos, é de Marília – SP, veio à paróquia para coordenar um curso, é participante ativo da Renovação Carismática Católica. Este respondeu o questionário minutos antes de começar a missa, já que o planejado (a homilia do padre) não foi possível, talvez por isso as respostas curtas, sem muitos comentários).

Nas três respostas pouco se observam estratégias para prender a atenção ou conquistar o público, de persuasão, de oratória especificamente, parece que há pouca ou nenhuma preocupação em convencer o fiel daquela verdade e as formas de aplicá-la na vida. Parece que a preocupação maior é situar o fiel em que tempo litúrgico o texto se encontra, o contexto da época e indicar os apontamento da igreja de forma geral para aquele texto, já que todos os sacerdotes apresentam uma preocupação maior em ler outros textos complementares e pouco referem de que forma aplicar este texto na vida cotidiana dos fiéis. Recorrer a outros textos para ampliar o leque de discussão é rico e válido, porém a preocupação pode ser, também, em o que, como, onde, quando o fiel pode aplicar este texto na sua vida prática.

Na segunda questão, perguntamos qual o conteúdo da homilia daquele dia. O objetivo era verificar se as respostas dos padres coincidiam ou divergiam das respostas dos fiéis quando perguntamos o que ele (o fiel) entendeu da homilia. Observa-se que a essência do conteúdo do texto e da homilia permanece na mente dos fiéis, porém parece ser quase impossível que o fiel apreenda todo o conteúdo que o padre teve a intenção de expor durante a homilia, é o que observamos na fala do padre e dos fiéis respectivo a sua paróquia:

“Aquele dia retratava as duas pérolas, ou o tesouro que encontrou por acaso a pérola que alguém procurava, né? Tanto aquele que buscava e aquele que achou o tesouro eles fizeram um sacrifício radical para poder adquirir o tesouro. Este é o sentido completo da parábola por que é a radicalidade da opção pelo reino, quem encontra o reino encontrou um tesouro e tem que fazer o possível e o impossível para poder adquirir. No caso das duas parábolas o autor bíblico ele coloca que ambos venderam tudo que tinha não colocou o que era mas, possivelmente era casa, vaca, tudo o que tinha para poder então adquirir este tesouro, é o sentido da parábola, então o conteúdo era esse, a mensagem era essa, da opção radical pelo reino. O capítulo 13 de Mateus é um capítulo que mostra para gente a verdade do reino, a

importância do reino na vida da pessoa, de cada cristão. E eu dizia também no conteúdo que o reino chega a nossa vida de uma forma ou de outra, ou quando você procura ou quando você encontra casualmente e isto é interessante porque o reino ele tá presente na vida daqueles que buscam e daqueles que não tão buscando, mas ele chega de qualquer jeito, aí está a misericórdia do pai, né? Um pouco acho que seria isso, né?” (este padre permitiu a entrevista somente duas semanas depois da exposição da homilia, por isso os verbos no passado).

Agora comparemos as respostas dos três fiéis que ouviram a homilia deste sacerdote, quando perguntamos o que você entendeu da homilia de hoje.

“Eu entendi que não só as coisas boa que a gente tem que ter, mas como também aceitar as coisas que tão ruim para que a gente possa, sabe, tirar elas do meio das boa”.

“A homilia de hoje fala sobre os peixes. O homem sai para pescar e quando ele lança a rede ele pega um monte de peixe, na hora que ele chega lá do outro lado ele separa os bons e os ruins que ele vai usar e que ele não vai usar”.

“Eu entendi que a gente tem que buscar a Deus em primeiro lugar, não adianta a gente querer riquezas, as coisas materiais, a gente tem que procurar o Espírito de Deus sobre nós”.

Parece existir um certo distanciamento entre o que o padre considera de conteúdo da homilia daquele dia e o que o fiel entendeu da homilia proferida pelo padre. Trudel (2004) esclarece o porquê, aponta o *feed-back* como um mecanismo que procura verificar o grau de fidelidade com que uma mensagem chega ao destinatário. É a retro-alimentação. Ele questiona: “Como fazemos para saber se as nossas homilias ”passam”, comunicam, ajudam a assembléia a encontrar-se com o Senhor?”. E conclui citando Craddock: “A pregação que pensamos ter pronunciado não é necessariamente aquela que os ouvintes ouviram” (Trudel, 2004, p. 03).

Na terceira questão perguntamos como o padre define o seu discurso e observamos alguns pontos em comum nas respostas:

“A homilia é uma tarefa muito difícil dado à diversidade da assembléia formada por crianças e adultos, por ouvintes esclarecidos e outros pouco entendedores. Defronto-me ainda com interessados e outros sem interesse. Em meio a tudo isso acredito na força da palavra capaz de penetrar na mente e no coração” (F. C., 46 anos de sacerdócio, da ordem dos Frades Menores Capuchinhos, grifo nosso).

“Eu creio na eficácia da palavra porque ela não volta vazia para Deus, sem antes cumprir a vontade de Deus e porque ela foi pregada” (leigo que proferiu a homilia na região oeste, grifo nosso)

Brian Chapell (2005) estuda a eficácia da palavra e principalmente quando é a palavra de Deus. Para este autor, a pregação cumpre seus objetivos espirituais não por causa das habilidades do pregador, mas por causa do poder da Escritura proclamada. A eficácia da mensagem, mais que qualquer virtude do mensageiro, transforma corações (Chapell, 2005, p. 01). Para o sujeito crente, a palavra de Deus já apresenta uma eficácia por si só, pois é a palavra do Deus que o crente acredita, portanto segue fielmente e, talvez, cegamente a palavra de seu Deus. A eficácia da palavra acontece pela fé que o fiel apresenta em seu Deus, por isso é capaz de mudar sua maneira de pensar, falar e agir.

O padre expõe sua dificuldade em falar para um público heterogêneo, entretanto, como vemos abaixo, existem categorias comunicativas consideradas comuns quando falamos em um público misto. A resposta de um sacerdote responde as dificuldades apresentadas por outro:

“Não sei, eu penso assim que o meu discurso, ele é feito depende do ambiente em que eu estou, se eu vou fazer uma homilia para um público

seleto então o meu linguajar, a minha fala é uma fala mais amadurecida, assim se eu falo para um público mesclado de pessoas idosas, pessoas que eu sei que tem dificuldade na leitura, na interpretação, eu procuro ser o mais simples possível e tento ser de maior compreensão, eu tento simplificar, exemplificar para que todas as pessoas possam entender o meu discurso, agora quando eu estou em um público mais seleto, uso os termos da teologia, da exegese, coisa que eu não faço quando eu estou na periferia, eu não vou usar termo exegético para falar na missa das crianças, por exemplo, não vai adiantar nada, né? Então eu defino meu discurso como um discurso bem acessível a nossa realidade ou ao que me escuta, eu penso que meu discurso não é difícil de se entender” (padre da região norte, grifo nosso).

Este padre aponta dois recursos comunicativos para proferir uma homilia em um público heterogêneo: a linguagem simples (de maior compreensão) e a estratégia da exemplificação. Moraes (2005) indica outros elementos comunicativos para atrair a atenção do ouvinte, para torná-lo co-participante na pregação¹², e aponta maneiras de atingir o pensamento e a ação dos fiéis.

Para iniciar o sermão¹³ o pregador deve usar de muita *brandura*. A brandura é o mecanismo de falar com suavidade e leveza, por meio dela o pregador conquista o coração e, conquistando o coração, chega ao ouvido e à mente do ouvinte. A primeira preocupação do pregador deve ser conquistar o coração do ouvinte e conseqüentemente sua atenção¹⁴. As verdades mais duras e contundentes podem ser ditas com educação e cordialidade. O pregador jamais deve parecer zangado (Moraes, 2005, p. 151).

¹² Existe uma diferença primordial entre pregação e homilia. A pregação é o nome genérico que abarca as mais diversas modalidades de anúncio cristão como a evangelização e a fala missionária enquanto a homilia é definida como uma conversa familiar. Para maior aprofundamento nesta questão consultar Carvalho, 1993, p.21.

¹³ Há também uma diferença teórica entre sermão e homilia. O sermão é visto, pela igreja como uma fala mais arcaica, em tom moral, enquanto a homilia significa reunião, assembléia, companhia, relações familiares, daí conversa familiar (Deiss, 1998, p.75).

¹⁴ Não encontramos autores que mencionam da importância de prender a atenção e conquistar o ouvinte, entre os que teorizam sobre a homilia na igreja católica (liturgistas).

Outro princípio indispensável para uma boa pregação é a capacidade de dizer o máximo de conteúdo com o mínimo de palavras, a *brevidade*. Na introdução, ela é indispensável e não deverá ocupar mais que dez por cento do tempo do culto. Por meio da brevidade, o pregador não cansa seus ouvintes e os motiva para o restante do culto religioso (Moraes, 2005, p. 152).

A pregação precisa também ter a *clareza* para ser plenamente compreendida pelos ouvintes, principalmente na introdução, quando o primeiro contato está sendo mantido com os ouvintes. A mensagem embasada em linguagem popular atinge uma quantidade enorme de receptores, já que os sinais ou símbolos são aqueles usados no cotidiano. Além disso, os ouvintes da atualidade não se dispõem a prestar atenção em palavras que são proferidas sem clareza, com muita erudição. A clareza torna mais fácil a assimilação e incorporação da mensagem ao sistema de valores do indivíduo (Pereira apud Moraes, 2005, p. 151-2).

A *cumplicidade* é outro recurso relevante na pregação. A identificação com o auditório leva o pregador a atingir o coração e a empatia dos ouvintes. As pessoas precisam deixar de ser simples ouvintes e tornarem-se participantes na pregação. Com a cumplicidade o pregador entra no mundo do ouvinte e permite que o ouvinte entre no mundo do texto bíblico; o pregador dá ao auditório a oportunidade de interagir, sentindo-se assim como co-autor e co-apresentador do que está sendo dito durante a pregação (Moraes, 2005, p. 153).

A *honestidade* na introdução é ferramenta fundamental para manter o ouvinte atento. Se o pregador não tiver um sermão à altura de sua introdução, todo o esforço pela atenção do ouvinte terá sido em vão. Todas as indagações feitas no início do sermão deverão ter respostas, todos os questionamentos colocados diante dos

ouvintes deverão ser esclarecidos, e nenhuma promessa deverá ser feita sem que possa ser cumprida ao longo da apresentação da mensagem (Moraes, 2005, p. 153).

A *novidade* necessária à introdução e a todo o sermão é a capacidade do pregador de, usando velhos textos bíblicos, apresentar a mensagem de modo novo; de poder tirar novas lições de textos bíblicos antigos; de saber introduzir velhos assuntos de modo novo; e de apresentar velhos conceitos com novas palavras (Moraes, 2005, p. 154).

Entre a terceira e quarta questão julgamos necessário expor estes elementos que tornam a pregação mais atrativa e eficaz, tanto do ponto de vista teológico como comunicativo.

A quarta pergunta é fundamental para conhecer qual é a visão dos sacerdotes sobre a eficácia do discurso proferido na homilia, ou seja, até que ponto a homilia pode transformar o *ethos* e a visão de mundo de uma pessoa, na opinião do sacerdote. Pode-se observar que as respostas não foram exatas, em alguns momentos o padre diz que a homilia é eficaz, em outros momentos o mesmo padre diz que não, observemos a resposta deste padre (por escrito):

“A transformação é um processo que vai adiante coadjuvada pela graça. Confirma alguns, estimula outros e leva outros a conversão, o que sempre venho verificando. Mas constato também para muitos ouvintes a homilia não diz nada e não leva a nada... Depende muito do terreno onde a semente da Palavra é lançada. Concluo dizendo que o espaço da homilia é insuficiente para transformar o *ethos* de uma comunidade. Há necessidade de somá-la a outros fatores para que aconteça uma transformação mais ou menos radical... mas a homilia não deixa de contribuir bastante para que tal aconteça” (46 anos de sacerdócio, da ordem dos Frades Menores Capuchinhos).

Com este depoimento percebem-se três elementos de discussão. O primeiro, “a transformação é um processo que vai adiante coadjuvada pela graça”. Então, como todo processo requer um tempo de espera para que se perceba a mudança. Se observarmos o depoimento de G.C.S., 26 anos, sexo masculino, estudante de engenharia elétrica, solteiro, não participante ativo da paróquia perceberemos uma certa margem de semelhança com depoimento do padre acima:

“Mudança de vida? Não, eu acho que não. Saí daqui e já mudar, ninguém faz isso. A mudança é devagar. Eu acho difícil saí daqui dizendo, ah, vou mudar isso, isso, isso, principalmente porque ninguém tá acostumado a mudar e para mudar é devagarzinho, o ser humano muda devagar”.

Tanto o padre como o leigo apresenta a visão de que a transformação da vida é processo que ocorre em longo prazo. O segundo elemento que o padre expõe é a interdependência entre “transformação e graça”. Para que haja mudança, na visão do padre, é indispensável à graça. Como então definir “a graça”? Seria *a fé* que o fiel apresenta em Deus? Então a transformação depende mais do leigo do que do padre, depende do terceiro elemento que este padre refere “depende do terreno onde a semente é lançada”. O fiel que apresenta abertura para ouvir a homilia com atenção e busca uma mudança parece ser um terreno fértil para “a palavra” produzir frutos. O padre ainda afirma que “o espaço da homilia é insuficiente para transformar o *ethos* de uma comunidade”, afirma que é necessário somar a outros fatores, que outros fatores seriam estes, se a maioria dos católicos freqüentam apenas as missas dominicais?

Diferente do padre anterior, o depoimento abaixo transfere para o padre a *responsabilidade* da homilia. Mostra a exigência dos leigos que seguem diversos segmentos da igreja católica em relação ao conteúdo reflexivo da homilia, porém

sustenta a visão de que a eficácia de transformação é relativa, mantendo o mesmo ponto de vista do padre anterior:

“É muito relativo. Existem pessoas que se orientam pelas homilias. A partir da homilia procuram conversar sobre situações peculiares. Outros querem e exigem que sejam momentos de acalantar corações. Ainda, outros querem que se faça um discurso político a partir de suas convicções. Portanto, há uma atenção muito grande nas homilias, devido às avaliações que são praticamente, quase cotidianas. As pessoas procuram sacerdotes que tenham uma reflexão plausível. As pessoas não buscam mais missa propriamente dita, sacramento, elas querem uma reflexão fundamentada, coerente e, inteligente” (10 anos de sacerdócio, da ordem Missionários da Sagrada Família).

O ponto em comum é a afirmativa de que a transformação é relativa, depende do fiel, depende do padre, depende das circunstâncias, porém nenhum padre afirmou ou negou a pergunta com exatidão. Se observarmos o tempo de sacerdócio do primeiro padre (46 anos) e do segundo (10 anos) podemos inferir que o segundo está inserido no que denominamos: a nova geração. Este padre, talvez, por ser mais novo no exercício do ministério sacerdotal apresenta uma visão mais atualizada, percebe que o leigo exige um determinado discurso e que o padre precisa ter uma homilia coerente, fundamentada e inteligente. No cruzamento das questões que perguntam sobre a eficácia da homilia tanto para o sacerdote como para o leigo aparece um fato para pensar: a maioria dos leigos que disseram que a homilia não tem eficácia de transformação da vida (24%) apresentam idade entre 15 e 30 anos, ou seja, a nova geração.

1.6 O segundo corpus: a pesquisa quantitativa

Na segunda fase da pesquisa de campo fizemos o recorte da região sul e entrevistamos cem sujeitos, com a única condição de serem católicos e freqüentarem

àquela paróquia pesquisada. Alguns questionários foram respondidos em forma de auto-preenchimento¹⁵ (o próprio fiel respondia por escrito) e outros a própria pesquisadora aplicou. Quanto ao perfil demográfico dos sujeitos (gráficos de 1.1 a 1.4), iremos descrever o que encontramos na maioria: 67% do gênero feminino, 36% com a idade entre 15 e 30 anos, 46% com nível de escolaridade superior, 33% com a renda familiar de um a três salários mínimos¹⁶.

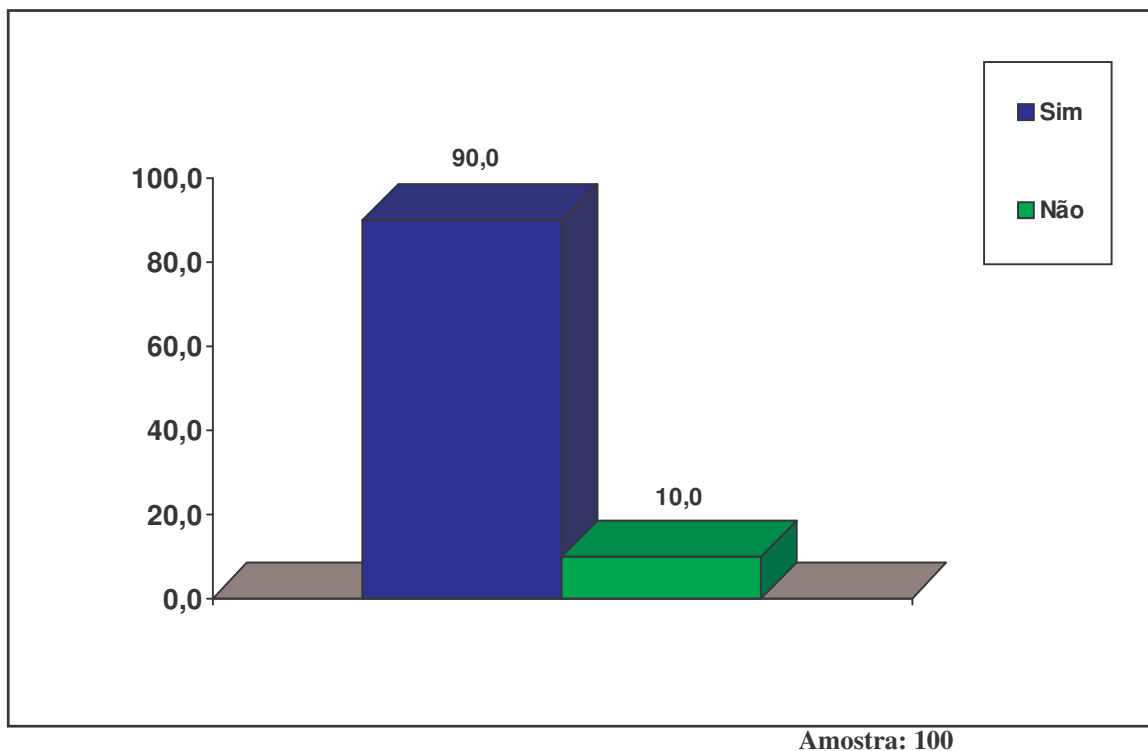
Optamos por discutir apenas as questões centrais da pesquisa quantitativa. As demais perguntas são expostas de forma detalhada nos anexos, mostrando os gráficos, a descrição de cada questão com objetivos e inferências dos resultados.

Na pesquisa quantitativa observa-se que 77,6% apresenta o ponto de vista de que a homilia é eficaz (gráfico 2.4). Esse percentual desce quando 69,7% afirma que alguma homilia já mudou sua maneira de pensar, falar ou agir (gráfico 2.9). E, apenas 10,1% diz ir a missa com o objetivo de ouvir a homilia do padre, a maioria vai para agradecer a Deus (gráfico 2.2). Portanto, os fiéis comparecem mais devido à fé que têm na divindade, do que no discurso homilético do padre. Isto se justifica, também, porque na igreja católica, ao contrário das denominações evangélicas, o ponto máximo não é a homilia, mas a comunhão (o contato físico com a divindade) para a maioria dos fiéis.

O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?

¹⁵ Sabe-se que o auto-preenchimento torna as resposta um pouco limitada, porém devido o número maior de sujeitos e a exigüidade de tempo foi necessário aplicar este método.

¹⁶ Para visualizar todos dados com detalhes consultar os gráficos no anexo.

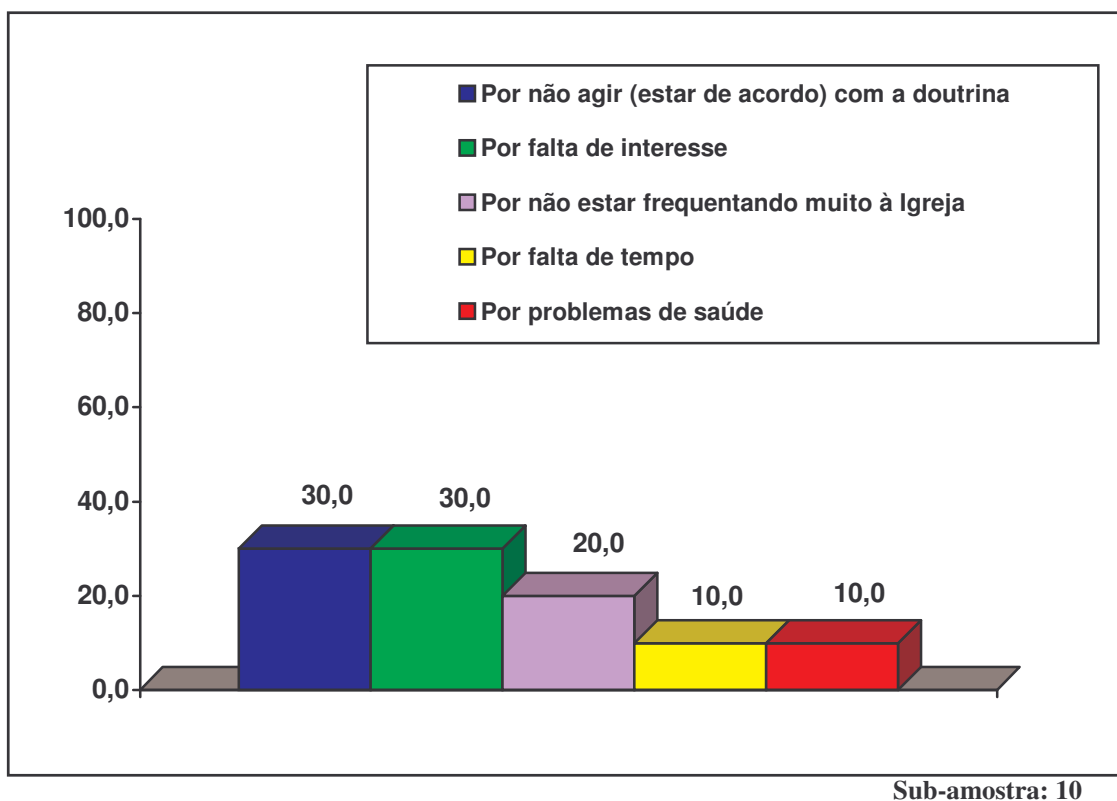


A primeira pergunta teve a intenção de verificar quais sujeitos se consideravam católicos participantes que levavam a sério sua religião. Nos resultados, 90% dos sujeitos pesquisados se autodenominam católicos participantes que levam a sério sua religião.

Em seguida perguntamos o porquê. Dentre os sujeitos que responderam não, encontramos 30% porque não agem ou não estão de acordo com a doutrina, conforme gráfico abaixo:

Motivos pelos quais os entrevistados NÃO se consideraram católicos praticantes

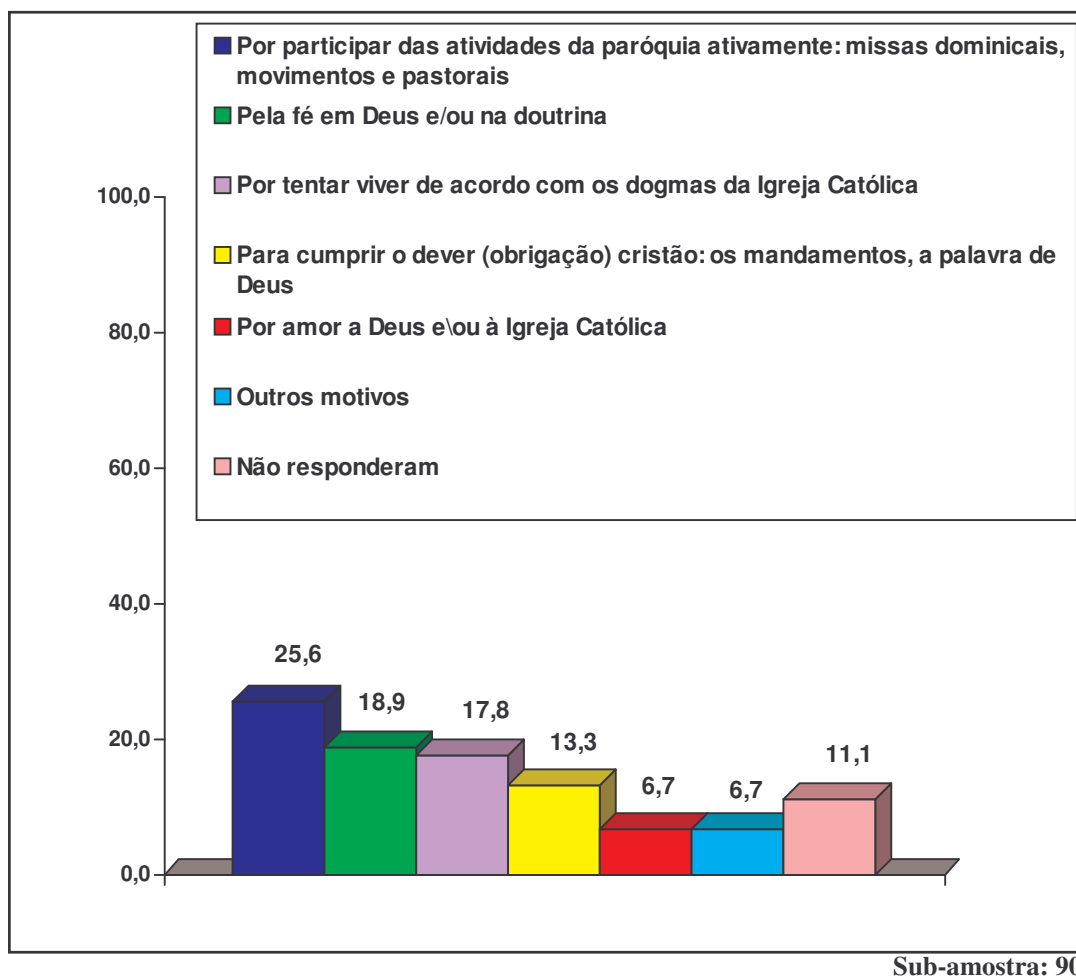
(Para quem respondeu NÃO)



Dentre os que disseram sim (gráfico abaixo), 25,6% se consideram católicos participantes porque atuam em alguma pastoral, movimento ou freqüentam a missa dominical regularmente; 18,9 porque têm fé em Deus e/ou na doutrina e 17,8% porque tentam viver de acordo com as normas da igreja. Por meio desta questão podemos visualizar com mais clareza o perfil dos sujeitos pesquisados: são *fiéis crentes* que se auto-afirmam participantes (90%) porque já acreditam com antecedência em todos os dogmas e doutrinas da igreja católica, inclusive na homilia.

Motivos pelos quais os entrevistados se consideraram católicos praticantes

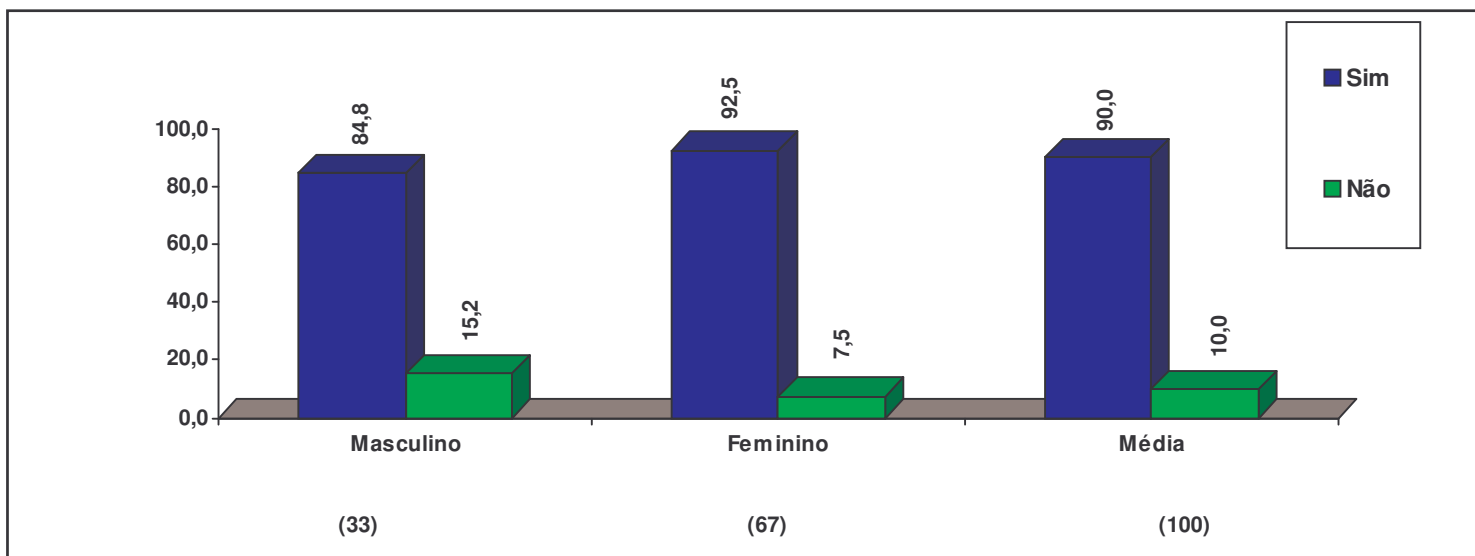
(Para quem respondeu SIM)



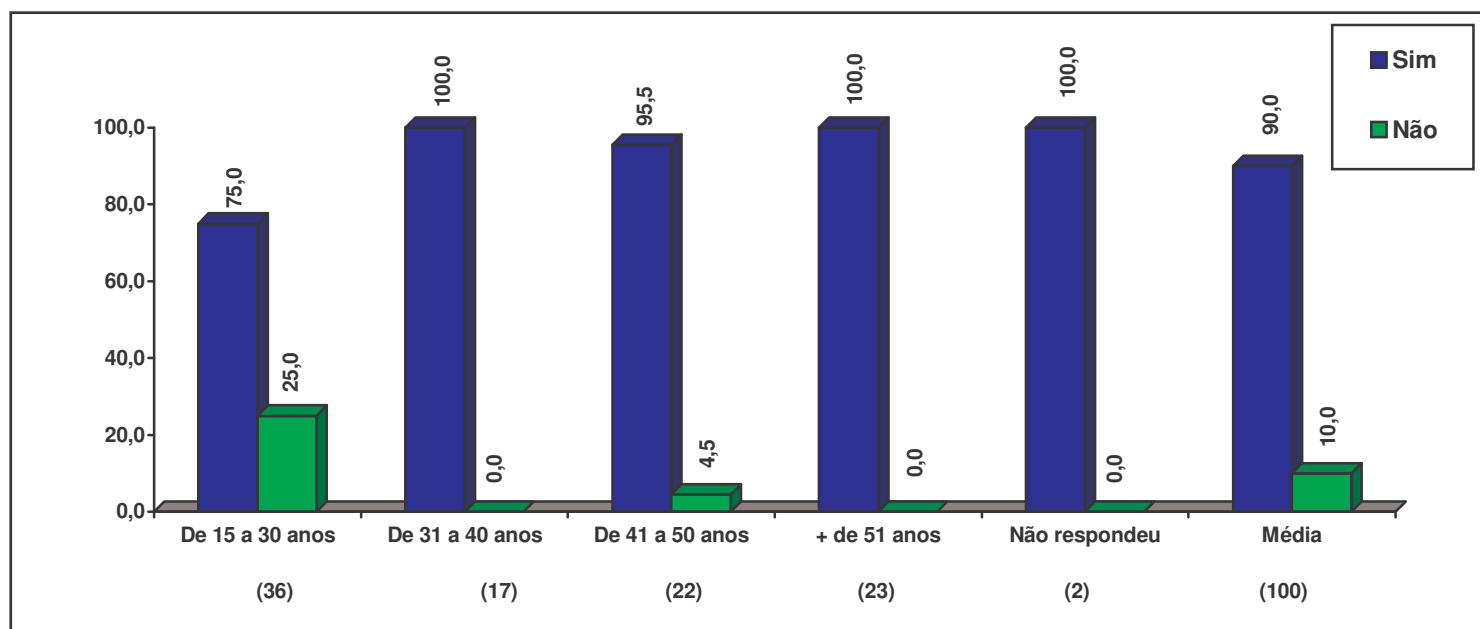
No cruzamento desta pergunta com os dados demográficos percebe-se que mulheres se dizem mais participantes que os homens, as idades de 15-30 anos afirmam participar menos, o nível de escolaridade fundamental é o que declara participar mais, o nível sócio-econômico de baixa renda (1 a 3 salários) é o que garante participar mais, conforme os gráficos abaixo:

O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?

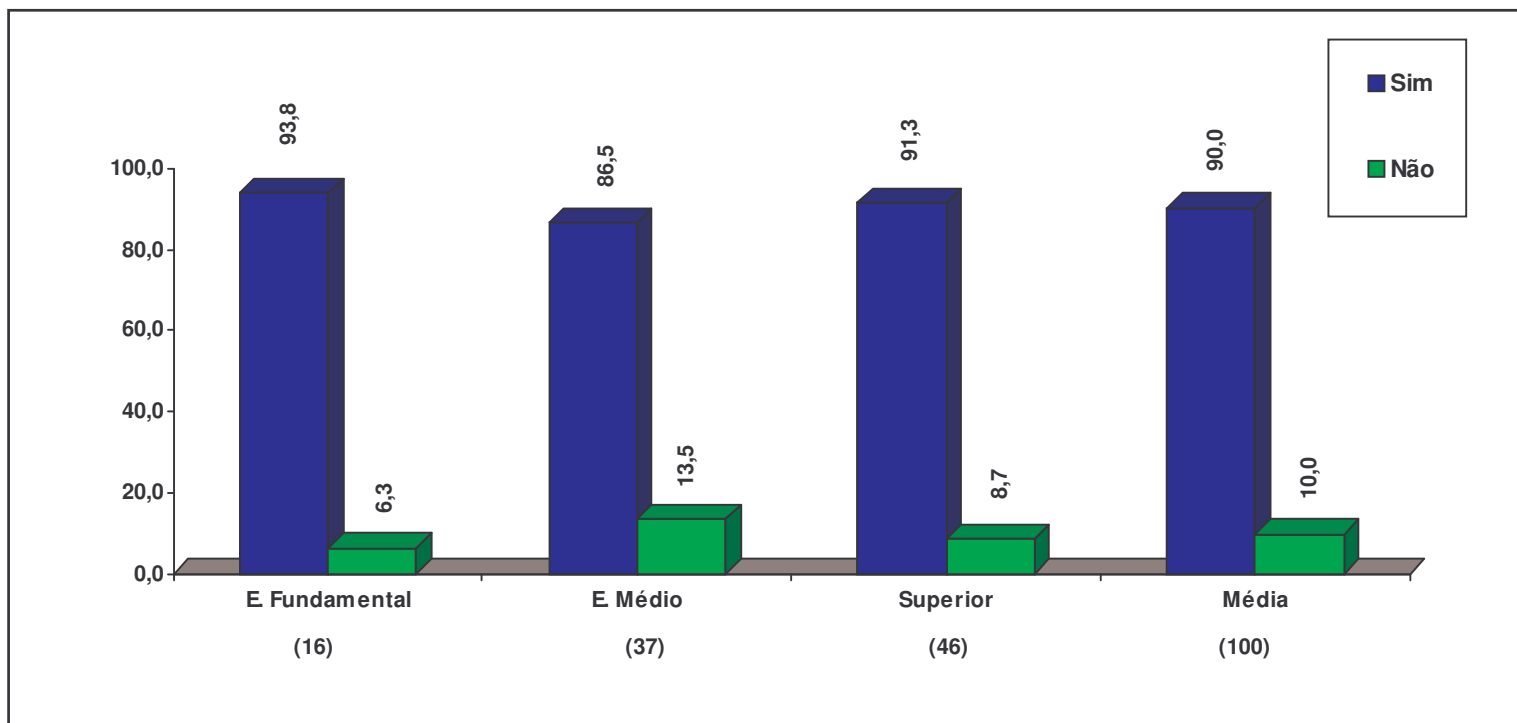
(Por Sexo)



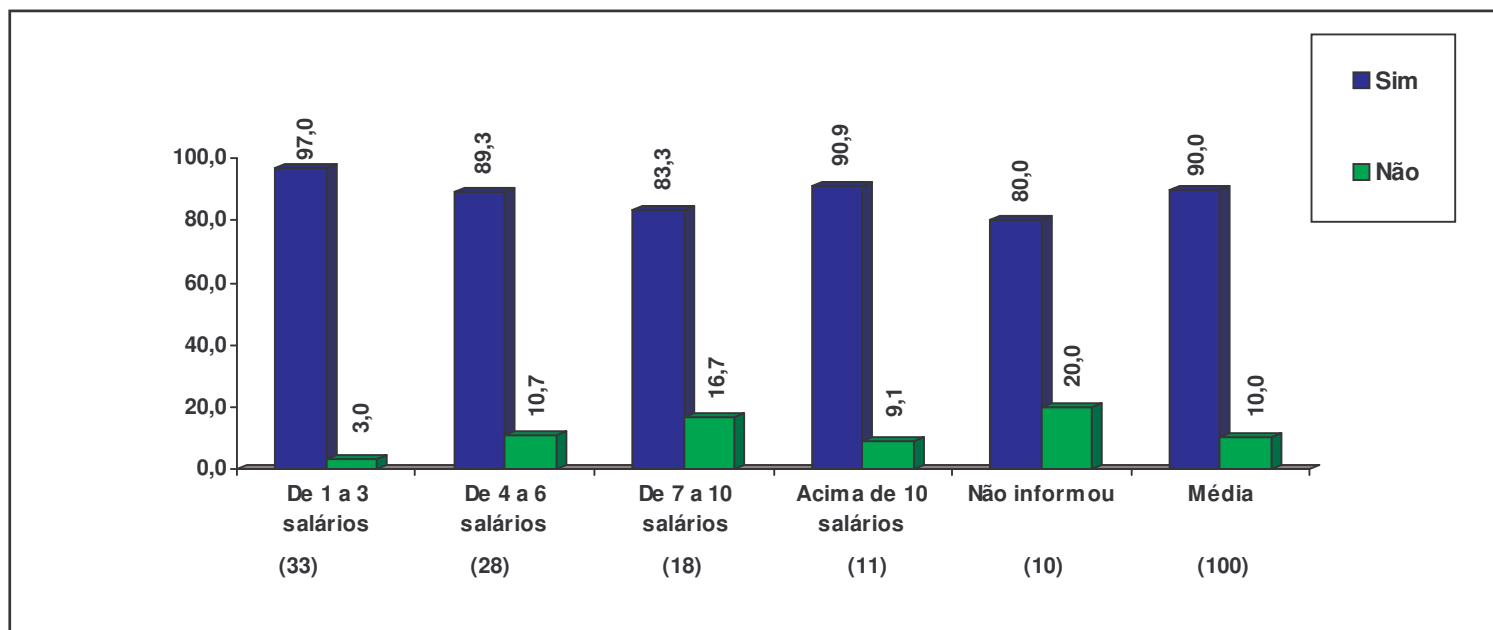
(Por Faixa Etária)



(Por Escolaridade)



(Por Renda Familiar)



A primeira pergunta é fundamental para desvelar a essência das respostas dos fiéis, pois o fato de 90% afirmar que é católico participante e que leva a sério sua religião indica que a amostra pesquisada legitima a religião pelo poder da fé, independente da idade, escolaridade e nível socioeconômico.

1.7 O poder religioso: elementos para uma crítica transformativa.

O poder é uma palavra polissêmica por excelência, objeto de reflexão desde as origens do pensamento social e político. O termo “poder” faz parte dos conceitos que não podem ser definidos abstratamente, por isto apresenta uma definição complexa. O poder deve ser considerado em sua estrutura concreta de relações, em seu contexto jurídico, político, econômico, simbólico ou social (Nunes, 1998, p. 01). A igreja católica, sem dúvida, ainda exerce o poder de dominação sobre o laicato e a homilia pode ser um espaço de construção de poder. O sacerdote, além de outros poderes, é detentor

do poder de falar no momento da homilia, assim pode “modelar” nossas vidas, seja no modo de pensar político, social, econômico ou religioso.

O dicionário de ciências social propõe duas concepções mais gerais de poder: “capacidade de produzir uma ocorrência”, e influência intencional de pessoa ou grupo sobre o comportamento de outrem (FGV, MEC, 1986). O exercício do poder depende não só, mas também, das atitudes daqueles implicados nessa relação. Se alguém ou um grupo se recusa a comportar-se da forma que o deseja ou impõe aquele que exerce o poder, o poder se desvanece (Nunes, 1998, p. 1). Na relação comunicativa entre leigos e clero na homilia, o laicato é o responsável por legitimar o poder de “produzir ocorrências”, porque confirma a eficácia desse discurso religioso pela fé.

A dinâmica burocratizante da relação do corpo de fiéis com a esfera do sagrado depende da ação religiosa, em nosso caso específico, do sacerdote. Ele detém o monopólio do poder religioso, a competência específica necessária à produção e reprodução de um “corpus” organizado de conhecimentos secretos (Bourdieu, 1992, p. 39). O padre, e só ele, detém o poder sagrado de transubstanciar a hóstia e o vinho em corpo e sangue de Jesus Cristo, desde que o laicato creia. Na homilia, somente ele detém o poder de falar, salvo raras exceções, nas missas dominicais. No espaço reservado para reflexão homilética, o padre está revestido de todo poder simbólico, ritual e mitológico, por isso mesmo, se desejar pode exercer este poder para transformar a visão de mundo do corpo de fiéis. O padre não só é revestido do poder simbólico para falar na homilia, mas está nas mãos dele, utilizar deste poder para transformar a visão de mundo, a maneira de ser, de ser no mundo daqueles que crêem.

O poder não tem somente uma função repressiva. Ele também é produtivo na medida em que produz saber. A força do poder não se opõe ao saber, mas o promove

(Foucault *apud* Nunes, 1998, p.4). Foucault (2002), descobriu que o discurso é uma estratégia de poder, através de técnicas modernas de fabricação da verdade, que regula a produção, distribuição e circulação de alguns discursos, em detrimento de outros. Assim, a análise das práticas e formações discursivas mostram as funções sociais do conhecimento. O discurso religioso também toma corpo dentro dessas concepções teóricas. A homilia que o padre profere, muitas vezes para um cem número de fiéis, pode ser espaço de produção e reprodução de um conhecimento considerado verdade absoluta que molda, organiza e socializa a vida das pessoas.

As instituições sociais, dentre elas a religiosa, e seus discursos correspondentes, apresentam-se como lugares de exercício de poder e de transformação do saber em poder. Os valores partilhados, o emprego da força, as normas interiorizadas ou a influência ideológica, porém, não são suficientes para produzir um direcionamento de ação (Foucault *apud* Nunes, 1998, p. 4). Para ser plenamente eficazes, as técnicas modernas do poder associam-se ao saber, para formar um círculo regular.

Na entrevista, ouvimos fiéis que diziam: “o padre sabe o que está falando, ele estudou para isso”. O padre pode apresentar o conhecimento teórico sobre *o que* está falando, porém quando se trata de estudar *como falar* pode-se verificar um certo despreparo do sacerdote, principalmente se observarmos a grade curricular dos cursos de Teologia. A disciplina de Homilética é que apresenta menor carga horária na maioria dos cursos de Teologia do Brasil (Carvalho, 1993, p. 43-8), isto quando ela não é uma disciplina opcional, no caso do IFITEG em Goiânia, basta consultar a grade curricular do curso de Teologia que comprovaremos esta informação. É incrível, mas o padre que é um comunicador por excelência pode terminar sua formação acadêmica sem estudar sobre comunicação, retórica, ou no mínimo, Homilética.

Apesar disso, o padre está respaldado, na maioria das vezes, pelo seu saber, que na sociedade moderna, é sinônimo de poder. O leigo, em geral, não só acredita no que o padre fala na homilia, como segue seu discurso, legitimando mais uma vez, o espaço homilético, como lugar de exercício de poder, e mais que isso, como espaço de construção da verdade e das vontades. Este espaço pode atravessar as pessoas e fazer delas o que elas são.

Na articulação proposta por Foucault (2001), a produção do saber e o exercício do poder estão historicamente indissociados. A interação entre produção do conhecimento e controle social faz com que, de uma parte haja um saber que sustenta e justifica ideologicamente um poder. De outra parte, o mesmo poder engendra as condições de elaboração de um saber que o legitima, instituindo a fala “competente” e “verdadeira”, que instaura “a verdade”. (Nunes, 1998, p. 07). O padre, além do poder sagrado exercido pelo sacerdócio ministerial, detém ainda o poder de elaborar o discurso oficial da instituição. Por meio deste, ele pode estabelecer padrões de normalidade, como mecanismos de controle da forma de falar, pensar e agir dos fiéis que crêem.

Segundo Weber (1991), são necessários dois fatores para transformação do poder em dominação e estabilização: a legitimação e a organização. Para ele, as igrejas são agrupamentos religiosos de dominação que têm a necessidade da fé de seus membros em sua legitimidade. Não é possível a um poder manter-se sem uma legitimidade mínima (Nunes, 1989). Para legitimar o poder sagrado que o padre exerce é necessário a fé dos fiéis. Para essa amostra pesquisada 90% legitimam o poder, na medida em que se consideram católicos participantes que levam a sério sua religião. Dessa forma pode-se inferir que a religião é o poder de maneira institucionalizada, o sacerdote é o poder como sujeito ativo do processo e a homilia é o meio pelo qual o

poder pode ou não se manifestar, dependendo apenas da legitimação dos fiéis. Para que o discurso religioso continue exercendo o poder basta que o laicato continue a legitimá-lo pela fé.

À primeira vista a hipótese de que a homilia é um discurso retrógrado, mecânico e ineficaz foi negada, contudo percebe-se que *o poder simbólico da religião e da fé* nos fornece o sentido que justifica a visão dos leigos e sacerdotes sobre a homilia.

Não podemos esquecer que o discurso observado nesta pesquisa empírica é um discurso religioso, portanto carregado de poder simbólico em si, o que, por si só, pode torná-lo eficaz, além disso, é proferida por um ser sacralizado e, portanto, com muito mais possibilidades de surtir efeito no comportamento dos fiéis.

Acredita-se que toda pesquisa empírica apresenta limitações e margem de erro, isto não poderia ser diferente com a pesquisa em questão. Por isso, decidimos optar tanto pelo método quantitativo como qualitativo a fim de comparar, cruzar e confirmar os resultados encontrados, primando pela transparência e fidelidade aos dados colhidos.

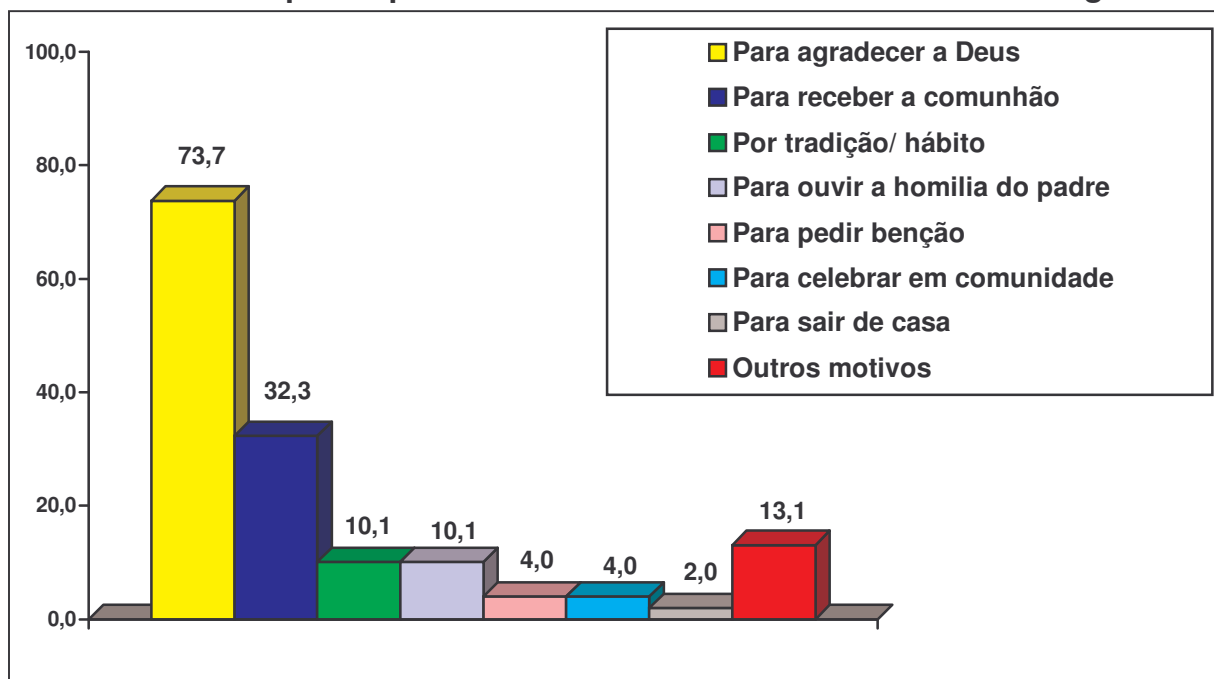
No capítulo II, apresentamos, inicialmente, a homilia sob a égide da igreja católica mostrando os conceitos, objetivos, funções e características da homilia sob o olhar litúrgico da própria igreja. Posteriormente, os holofotes voltam-se para a pessoa do homiliasta citando a homilia de Jesus como espelho de perfeição e finalmente, formulamos uma visão crítica a respeito da pregação homilética atual.

CAPÍTULO II

A HOMILIA SOB A ÉGIDE DA IGREJA CATÓLICA

A maioria dos autores que encontramos para subsidiar o referencial teórico escrevem a partir de uma perspectiva católica a homilia, exatamente porque são de credo católico: padres, freiras ou católicos participantes, com exceção de Moraes (2005) que aponta uma visão protestante da homilia. Sabe-se que o culto religioso (missa) da igreja católica apostólica romana tem como ponto máximo a eucaristia, os ritos, os símbolos e que, a proclamação da palavra, a homilia em si, é apenas um ponto de ligação entre as partes da missa. A igreja protestante, ao contrário, dá uma ênfase maior para a palavra, a pregação. Os fiéis protestantes esperam atenciosos pela pregação do pastor, enquanto os fiéis católicos pouco esperam da fala do sacerdote na homilia. Isto é comprovado na pesquisa que desenvolvemos. Perguntamos por que você vai a missa aos domingos? A maioria respondeu: para agradecer a Deus, embora estivesse presente a opção: para ouvir a homilia do padre, conforme gráfico abaixo.

Motivos pelos quais os entrevistados vão à missa aos domingos



Amostra: 100

Obs.: A soma dos percentuais ultrapassa 100% devido a respostas múltiplas.

Com isto não estamos afirmando que esta ou aquela igreja está certa, mas que na igreja católica apostólica romana a homilia não é o centro, o ponto máximo, ou pelo menos não é a prioridade da igreja católica investir na formação do homiliasta, tendo em vista que segundo a CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, 1985, p. 61-2), nos currículos de Teologia é dedicado 120h/aulas para a disciplina de comunicação social a ser dividida com sociedade brasileira, política, pedagogia, além de não ser uma disciplina obrigatória.

Ora se a maioria dos leigos católicos freqüentam apenas a missa dominical, neste encontro o leigo ouve a homilia do padre, acredita-se que é o momento perfeito para o padre expor com clareza, com objetividade, com técnicas de comunicação, e principalmente com unção a mensagem da salvação ao fiel, que está ali para ouvir o que o padre tem para falar. Não é raro ouvir comentários do tipo: "Puxa vida fui à missa domingo, mas o padre não falou nada, ele disse, disse, disse, mas não disse nada" (funcionária pública, 22 anos, solteira).

Percebe-se que a igreja católica detém uma égide teórica fundamentada (livros, compêndios, tratados, teses) com força de discussão intensa nos congressos de liturgia e homilia, entretanto a teoria é subjetiva e pouco prática. Entre os livros pesquisados pouco ou quase nada encontramos de referencial teórico que apontassem estratégias de comunicação (oratória) voltada para a homilia ou que abordam questões de ordem prática. Na literatura evangélica, no entanto, o primeiro livro que encontramos (Moraes, 2005) é tão rico em apontamentos práticos que chega a ser assustadora a diferença. Embora este evento ocorra, porque o ponto máximo do culto evangélico é a pregação e o contrário, a igreja católica considera a homilia apenas um momento de reflexão e conexão entre o rito da palavra e o eucarístico, isto não exime a igreja católica de buscar uma nova teoria e práxis para que a homilia se torne eficaz no sentido mais amplo da palavra.

2.1 Homilia: conceitos, objetivos e funções.

Pregação é o nome genérico que abarca as mais diversas modalidades de anúncio cristão como a evangelização, a fala missionária, entre outros. A homilia é um tipo de pregação com características peculiares. É uma oratória sagrada que surgiu ainda na Igreja primitiva, a partir das celebrações litúrgicas (Carvalho, 1993, p.21).

Segundo Buyst (2001), a homilia tem suas raízes na tradição da sinagoga do povo judeu no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs:

“Aos sábados, de manhã, havia nas sinagogas um ofício de leituras. Primeiro lia-se um trecho da Torá [...]. Era a leitura mais importante. [...] Depois se ouviam as leituras dos profetas e dos escritos com seus comentários, e também o salmo; tudo escolhido em ligação com a leitura da Torá. A homilia retoma sempre cada uma das leituras, explicando uma a partir da outra e ligando-as com a realidade do momento” (p. 32).

Alguns autores (Carvalho, 1993; Buyst, 2001, Maldonado, 2004) definem o termo homilia como uma conversa familiar. “Não é discurso, nem aula, nem palestra” (Buyst, 2001, p.12). O dicionário de liturgia considera a homilia como sendo a comunicação não ritualizada da palavra divina em um contexto celebrativo. Todavia, mostra uma definição mais categórica: “O termo homilia vem da palavra grega “he homilia” que significa reunião, assembléia, companhia, relações familiares, daí conversa familiar, discussão, exortação” (Deiss, 1998, p.75). De maneira geral significa um discurso religioso. Para esta autora a palavra veio substituir o termo sermão, considerado arcaico e batido.

Carvalho (1993, p. 21) faz uma divisão conceitual do termo homilia: etimologicamente, vem da palavra grega “he homilia” que significa reunião ou conversa familiar. Retoricamente, designa o gênero na oratória mais simples e familiar em oposição ao discurso. Liturgicamente, com a reforma conciliar, a homilia passou a fazer parte integrante da liturgia da palavra.

A ciência que se ocupa em estudar a pregação cristã proferida no seio da comunidade reunida é a Homilética (Carvalho, 1993, p. 18). Segundo o Aurélio Win é a arte de pregar sermões religiosos. A Homilética, portanto, não se limita a princípios teóricos, mas faz parte da Teologia Prática.

O primeiro objetivo da homilia é colaborar com Deus para que sua Palavra melhor se encarne, seja melhor compreendida, encontre uma terra boa que produza muito fruto. Busca ajudar a assembléia a dar uma resposta adequada à Palavra proclamada na celebração e na vida. “A homilia deve ser feita sob a ação do Espírito Santo. Trata-se de despertar atitudes, evocar motivos de ação de graças, exortar para o crescimento e a perseverança no seguimento de Jesus Cristo” (Beckhäuser 1997, p.44).

A homilia quer atingir o coração das pessoas, busca recolher os motivos de ação de graças a partir de uma penetração mais profunda na mensagem da Palavra de Deus e do mistério celebrado. A homilia evoca os benefícios de Deus em favor do ser humano, manifestados sobretudo em Jesus Cristo. Desperta a fé, a esperança e a caridade. Ajuda a assembléia a conformar sua vida com o plano de Deus (Beckhäuser, 2003, p.47-48).

A palavra conformar dá a idéia de que o fiel não questiona, não fala, apenas ouve e aceita “o plano de Deus”. Ajusta-se, adequa-se à vontade de Deus. Não tem desejos, anseios, sonhos. Resigna-se e concorda com o “plano de Deus” para sua vida. No entanto, mais relevante que conformar sua vida com o plano de Deus é conhecer quem é Deus, o que Ele deseja, o que ele sonha para nós. E só então decidir: é realmente este plano de Deus que quero para minha vida?

Para Buyst (2001, p. 12) a homilia serve antes de tudo para encorajar, animar, exortar, consolar e não tanto para ensinar ou dar lições de moral. A homilia deve falar dos mistérios da fé. A Sacrosanctum Concilium define o objetivo da homilia:

“Não se trata apenas de uma comunicação, uma informação, como se faz numa aula. Tem como objetivo levar-nos a uma participação ativa e consciente na Eucaristia, uma reunião profunda com a pessoa de Jesus, para podermos viver de acordo com a fé professamos e assim ir fazendo nossa páscoa” (Sacrosanctum Concilium apud Buyst, 2001, p. 13).

Buyst (2001) não nega a importância de comunicar, de informar durante a homilia, pelo contrário, ela atribui, ao pregador, o objetivo de levar o fiel a uma participação ativa e consciente, porém não diz como o padre vai fazer para a assembléia participar ativa e conscientemente. Mesmo assim afirma que pela participação do leigo na celebração “o Pai vai nos moldando, pouco a pouco, até deixar

aparecer em nós o rosto de seu Filho [...] aos poucos vamos adquirindo os traços de Jesus, sua maneira de pensar, falar e agir” (Buyst, 2001, p. 13). A participação do leigo durante a homilia é o ponto chave para que esta reflexão tenha resultado eficaz, para que produza frutos. Na medida em que o leigo acredita, participa, ouve atentamente e tenta colocar aquelas palavras em prática, acontece de fato o que Buyst descreveu acima: as pessoas tornam-se cada dia mais parecidas com Jesus.

Carvalho (1993, p.21) divide a função da homilia em duas. A primeira é a aplicação da mensagem ao aqui e agora da vida humana, pois a mensagem da sagrada escritura tem uma atualidade e não simplesmente uma aplicação moral, conforme a Sacrosanctum Concilium 7 e 13. A segunda função é ser ponte entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística ou sacramental. “Ela não é um ato isolado, mas está inserida na celebração” (ibid, p.22).

A função da homilia, segundo Buyst (2001, p.12) é encorajar, animar, exortar, consolar e não tanto ensinar ou dar lições de moral. Para Latourelle (1981, p.231), a homilia tem função de ponte: une a palavra ao evento sacramental e une celebração e assembléia. Latourelle elenca quatro funções da homilia, que para Carvalho (1993) são algumas formas de pregação no sentido amplo: apostólica, catequética, profética e sacerdotal.

A função apostólica de anúncio e proclamação que desperta a fé, (Latourelle, 1981) que é a mesma *Kerygmática* (Carvalho, 1993, p.19). Esta autora define a palavra *Kerygma* como proclamação solene, em praça pública, que um arauto faz em nome do rei, para anunciar um fato importante e decisivo para a nação. No Antigo Testamento, segundo Carvalho (1993) “tal proclamação significa um grito de alarme, quer político, quer religioso que um enviado proclama para anunciar a proximidade do dia de Javé” (p. 19). No novo testamento (ibid) “a palavra grega *Kerygma*, traduzida geralmente por

pregação, ocorre oito vezes, enquanto o verbo *Kerussein* aparece 61 vezes”. Para Cristo (ibid) *kerygma* consiste na proclamação pública e solene da chegada do Reino de Deus. Para os apóstolos (ibid) consiste na proclamação, por ordem do mestre, da Boa Nova. Ela conclui afirmando:

“Portanto, o querigma não consiste num sistema de normas ou de verdades, nem mesmo em especulações abstratas, antes é o anúncio da pessoa de Jesus em seu mistério de morte e ressurreição, em conexão com toda a sua vida. O fruto do querigma consiste na aceitação, por parte do receptor, da pessoa de Jesus, e não propriamente na aceitação de verdades e preceitos”. (Carvalho, 1993, p.19).

Para Zanlorenzi (1965, p. 85), a tradução por “sermão” ou “pregação” dada ao termo *Kerygma* é por demais fraca: “*Keryssein* significa fazer retumbar a própria voz, proclamar aos brados, uma proclamação que explode à vista do mundo numa tentativa de se fazer ouvir pela multidão”.

A segunda função apontada por Latourelle (1981, p. 232) é catequética ou *didaskalia* que serve para ampliar a visão da fé e responde à pergunta: “Como este fato se enquadra no conjunto do plano divino, e qual seu significado?” O autor diz que o resultado da catequese bíblica é a escolha não de um tema, mas o tema. Carvalho (1993, p. 20) diz que o termo *didascália* consiste em um aprofundamento nas verdades da fé brotada a partir do *kerigma* e aprofundada pela catequese.

A terceira função é a profética (*Parenesi*) que, conforme Latourelle (1981, p. 232), é o testemunho corajoso que ajuda superar o impacto entre a palavra e a vida de hoje, estimulando uma resposta. Compele o ouvinte a tomar posição, a pregação compromete, provoca, estimula à conversão. Esta pregação não é sobre o reino, mas revisão de vida. Moesch (1980) afirma que “[...] a pregação que recebia o nome de

parênese tinha um tipo de conteúdo voltado para as exigências da moral cristã” (apud Carvalho, p. 20).

Na pesquisa de campo, filmamos a homilia de três sacerdotes e um leigo localizados em pontos estratégicos da cidade de Goiânia. A liturgia do dia 24 de julho de 2005 tratava exatamente sobre o reino. O interessante é que com exceção do leigo, os outros três sacerdotes falavam sobre o reino e não conclamavam a uma revisão de vida, como sugere Moesch (1980). Podemos observar a fala de um dos sacerdotes sobre o reino, nos seguintes trechos:

“Acrescenta-se como essencial que a busca de todos é o reino, nós refletimos no domingo passado nas celebrações o sentido reino, sempre que você fala em reino, você fala em vida, em abundância, respeito, em comunicação, em diálogo, em entendimento, é do reino” (C.E., 10 anos de sacerdócio, região oeste).

Neste trecho e durante toda a homilia, o sacerdote acima referido não apresentou a função profética da homilia. Na função profética, Latourelle (1981, p. 233) afirma que a homilia dá uma diretriz de ação, indica modelos de comportamento: a vida dos santos, a própria vida do pregador, fatos, exemplos. Mediante esta função a homilia orienta a vida. O anúncio proferido durante a homilia é um apelo. A palavra fermento. É preciso decisão: acolhida ou rejeição, encontrar uma órbita ou andar sem meta. Desta forma, confirma-se a hipótese de que a homilia pode ou não transformar o comportamento das pessoas.

A quarta função é a sacerdotal ou mistagógica, na qual o pregador pega o leigo pela mão e o conduz ao encontro do Cristo, no mistério da celebração. A característica mais importante da homilia é a de estar integrada em uma ação sacramental. A homilia une dois pólos: palavra e sacramento; prolonga a primeira e introduz ao segundo. Mostra como tudo que foi proclamado nas leituras se torna realidade no banquete do

sacrifício. A ligação entre a palavra e a vida deve passar pelo mistério. A homilia assume as características da celebração: movimentos ascendentes e descendentes: é a mediação de graça e grito de louvor; anuncia as maravilhas de Deus como Boa Nova aos irmãos. A pregação torna-se uma alegre constatação, descoberta sempre de novo, com surpresa (Latourelle, 1981, p. 233).

As funções da homilia são belíssimas quando descritas em literatura, porém quando se observa, de maneira geral, uma homilia da igreja católica, encontra-se uma lacuna entre a teoria e a prática. Isto porque alguns sacerdotes pregam sem entusiasmo, sem vida, falando para dentro e até mesmo envergonhados de está ali na frente, é que o relata a nossa entrevistada N. T., 54 anos, sexo feminino, do lar, participante ativa da comunidade, quando lhe perguntamos: “O que você entendeu da homilia de hoje?”

“A homilia do sacerdote hoje não teve início, meio e fim. Não atingiu o que precisava. Eu fiquei desligada no que ele falou. Ele desviou tanto que não abrangeu aquilo que eu queria. Eu não levei o tesouro da celebração litúrgica para casa, ficou parecendo uma aula”.

As quatro funções descritas poderiam se suceder como no esquema obrigatório da homilia: apresentação da Boa-Nova, fazer brotar o apelo concreto para o presente, demonstrar como a proclamação se traduz em realidade no mistério, guiar os fiéis pela mão ao encontro do Senhor, para receber o dom (Latourelle, 1981, p. 235).

Portanto, faz-se necessário que o padre/pregador prepare a homilia de forma que a exposição tenha um certo equilíbrio, evite o hábito de fazer homilias sempre do mesmo estilo: só exegese, só moral, só doutrina desencarnada, só horizontal, social e político. O padre que conhece a realidade de sua comunidade terá a coerência na homilia, expondo a função de acordo com a solenidade, o tema. A unidade das funções se faz na vida.

2.2 Características da homilia

De acordo com Beckhäuser (2003, p.42) a homilia apresenta seis características que são “próprias da Sagrada Liturgia na sua compreensão teológica de mistério do Culto de Cristo e da Igreja”. O autor usa o termo “Mistério de Cristo” ao referir-se à celebração litúrgica. Segundo ele, a Igreja (referindo-se a comunidade e não ao templo físico) contempla os mistérios de Cristo e os traz à memória por meio da Palavra de Deus que narra, revela e atualiza a “economia divina da Salvação”.

As seis características da homilia envolvem o seu caráter memorial, dimensão pascal, caráter narrativo, caráter orante, dimensão trinitária e sinais litúrgicos nas homilias, as quais iremos descrever com detalhes.

2.2.1 O caráter memorial

Conforme Beckhäuser, o primeiro passo para tornar evidente o caráter memorial é a “proclamação da Palavra de Deus que em si já tem um caráter memorial, celebrativo, sacramental (2003, p. 43)”. A palavra de Deus não é apenas lida ou proclamada, mas é celebrada. A proclamação da palavra de Deus tem valor salvífico em si mesma, segundo o mesmo autor.

O Concílio Vaticano II reconhece que a homilia se situa entre a proclamação da Palavra de Deus e a Liturgia Sacramental, formando ambas as partes de um só culto: “As duas partes de que consta de certa forma a missa, a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, estão intimamente unidas, que formam um único ato de culto” (Sacrosantum Concilium, nº 56).

Nessa perspectiva, há relevância de se introduzir o evangeliário no rito de entrada e entronizá-lo no altar. “A homilia está a serviço tanto da Mesa da Palavra como da mesa do Pão. Situa-se entre a proposta de Deus, manifestada na palavra e a

resposta da assembléia, que se expressa, na profissão de fé e nas preces, mas, sobretudo na Liturgia sacramental e na vida” (Beckhäuser, 2003, p.44). Percebe-se coerência entre uma das características da homilia e a finalidade de nosso trabalho: a resposta da assembléia na própria vida.

A homilia é diferente do antigo sermão. Na homilia a palavra de Deus proclamada é que orienta a pregação. Ela não busca ser aula de Teologia. Não tem com finalidade instruir ou ensinar a doutrina. Não é uma exposição de um assunto de Moral, de Exegese ou mesmo Catequese, embora esses aspectos possam estar presentes (Beckhäuser , 2003, p.46).

“A homilia no contexto da celebração constitui um colóquio ou uma conversação sobre a palavra de Deus proclamada e o mistério celebrado” (Beckhäuser, 2003, p. 46). Este conceito é realmente utópico com base nas observações realizadas durante a pesquisa de campo. Os pregadores, em geral, falam como se estivessem conversando sozinhos. Ora, a homilia constitui um colóquio de conversação ou um monólogo? Nas homilias que filmamos na pesquisa de campo, com exceção do leigo, nenhum sacerdote pediu a participação efetiva do leigo com perguntas e respostas, um inclusive perguntou várias vezes, coisas diferentes, mas não esperou a resposta. Em nenhuma homilia houve depoimento de casos rápidos (participação efetiva dos fiéis).

Segundo Beckhäuser (2003, p. 48) a homilia procura ajudar “a assembléia celebrante a descobrir, a trazer à memória, a expressar e a viver” mais profundamente a liturgia eucarística que é carregada de símbolos: pão, água e vinho. Estes representam o sentido das oferendas, por tudo que o ser humano é e faz, na perspectiva do “mistério pascal do Corpo e Sangue de Cristo”.

O caráter memorial, conforme as características descritas, busca levar assembléia a transformar sua maneira de ser e fazer na dimensão mais verdadeira de vida e amor.

2.2.2 O caráter pascal da homilia

A dimensão pascal da homilia faz memória da Páscoa de Cristo e dos cristãos. “Os mistérios de Cristo (Páscoa de Cristo) continuam, por obra do Espírito Santo, nos cristãos. Cristo continua agindo pelo seu Espírito nos serviços de salvação através dos cristãos” (Beckhäuser, 2003, p.50).

João Paulo II (apud Beckhäuser, 2003, p.50) diz que “na ação litúrgica devem encontrar espaços para todas as realidades da vida cotidiana do cristão [...]. Ao participar da celebração, o cristão terá presente suas aspirações, alegrias, sofrimentos, projetos, bem como de todos os seus irmãos”. Beckäuser considera as palavras de João Paulo II, porém acrescenta que a verdadeira natureza das ações litúrgicas está no “Sacrifício que torna Cristo realmente presente no Sacramento”.

Assim, a dimensão pascal da homilia está intrinsecamente relacionada com toda a ação litúrgica. O ser humano poderá refletir nas suas diversas dimensões no momento celebrativo de sua vida. O *homo sapiens*, que descobre as ciências e as conquistas das técnicas, se reflete no mistério do Culto? A dimensão do *homo faber*, o trabalho visto como graça de Deus é refletido na expressão cultural? O *homo ludens*, o lazer: o ser humano que brinca, que é livre, recebe expressão devida na linguagem litúrgica? O *homo socialis* e assim por diante, recebe na celebração litúrgica o ânimo e a fortaleza da esperança?

Ao rito da liturgia é peculiar expressar o mistério do Cristo total, cabeça e membros, em sua dimensão pascal. Esta função cabe tanto à liturgia como à própria

homilia, sendo esta parte da ação litúrgica. À luz da palavra de Deus proclamada, o evangelho, o homiliasta deverá evocar, trazer à memória, o Cristo total, o cristo que serve e anima a comunidade em diversas dimensões:

“A dimensão comunitária e participativa, o Cristo enviado do Pai; na dimensão missionária, o Cristo mestre; na dimensão catequética, o Cristo orante; na dimensão sociotransformadora, o Cristo profeta, que exige libertação integral do ser humano, sem que o púlpito ou ambão se transforme em palanque de mentalização política e partidária” (Beckäuser, 2003, p. 55).

O homiliasta deverá trazer todas estas ações pascais dos cristãos à memória para que os fiéis às transformem em ação de graças e oblação, com Cristo e em Cristo, de acordo com o ano litúrgico, aos domingos e nas diversas circunstâncias da comunidade eclesial.

2.2.3 O caráter narrativo

A homilia narra a “Economia Divina da Salvação manifestada na História da Salvação, sobretudo em Jesus Cristo” (Beckhäuser, 2003, p.57). A homilia, em si mesma, não desenvolve um tema, não expõe nem defende verdades. Este caráter decorre do caráter memorial da homilia.

Embora, uma das funções da homilia seja “expor os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir do texto sagrado” (Concilio Vaticano II, n.52).O Concílio Vaticano II, ao tratar da pregação e da Palavra de Deus na Liturgia, afirma:

“Deve a pregação, em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da Liturgia, sendo como que a proclamação das maravilhas divinas na história da salvação ou no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera, sobretudo nas celebrações litúrgicas” (n. 35, 2).

A homilia deve “anunciar sempre de novo, o amor de Deus, o Deus-amor, que pede uma resposta de amor da parte do ser humano” (Beckhäuser, 2003, p.57). A homilia ajuda a atualizar os mistérios do amor de Deus na comunidade.

Beckhäuser (2003, p.58) defende que “os fiéis, já iniciados na fé cristã e no seguimento de Cristo, não se reúnem em assembléia eucarística para conhecer mais, mas para amar mais”. Concorda-se, em parte com Beckhäuser. A primeira afirmativa é válida, porém complexa, pois apesar do cristão ter uma iniciação na fé, poucos conhecem a Sagrada Escritura e isto não significa que não desejem conhecer, pelo contrário, os fiéis, em assembléia eucarística têm uma profunda sede de conhecer e alimentar-se da palavra de Deus. Não se tem conhecimento de que foram realizadas pesquisas de opinião para conhecer qual o objetivo maior do fiel ao ir a missa. Os escritos encontrados são documentos da igreja ou literários. Na pesquisa empírica, constatamos que o maior objetivo do fiel ao ir a missa é agradecer a Deus (gráfico 2.2), portanto a figura do Sagrado está presente de forma decisiva nas respostas dos fiéis. A segunda afirmativa de que o fiel se reúne para amar mais, é absolutamente inquestionável, porém deixa-se a provocação: quanto mais o fiel conhece mais ele ama? Ou é suficiente para sua fé, apenas amar sem conhecer?

O mesmo autor faz uma crítica: “Até hoje, no Brasil, sentimos esta falha, e continuamos a transformar a celebração dos mistérios de Cristo nos Sacramentos [...] em instrumento de evangelização, em ocasião de catequese” (p.58). E continua dizendo que a ação evangelizadora deve encontrar outros momentos e lugares para o primeiro anúncio. Agora vejamos, o fiel católico, em geral, vai à missa por costume, por tradição, para receber o corpo de cristo, para agradecer, então, porque não aproveitar o espaço litúrgico para realizar o primeiro anúncio, a catequese tão necessária na vida do fiel católico? Ora então, deve-se deixar para outro momento, outro espaço?

Provavelmente, o fiel que vai à missa aos domingos somente por tradição e costume, não terá interesse em fazer outros cursos de formação, os que freqüentam estes cursos são os mesmos que já estão engajados nas pastorais e movimentos que é uma pequena minoria. Desta forma “perde-se” a oportunidade de evangelizar, de fazer o primeiro anúncio, a catequese, apenas porque todos os documentos da igreja, todos os referenciais teóricos litúrgicos, afirmam categoricamente que este não é o momento? E o fiel católico que só vai a missa aos domingos e não freqüenta os cursos de formação, vai buscar o primeiro anúncio onde? Permanecem estas indagações.

2.2.4 O caráter orante

Para Beckhäuser (2003), “a Palavra de Deus celebrada distingue-se por seu caráter orante. Ela é ouvida em atitude de fé. Contemplando os mistérios de Cristo, a assembléia mergulha neles. A palavra de Deus é contemplada.”(p. 59). Ele aponta a importância de ajudar a assembléia litúrgica a realizar uma escuta orante da Palavra de Deus. Na homilia também deverá estar presente a oração sob vários aspectos. A homilia é antes de tudo contemplação do mistério da fé e sua explicação, atualizando o aqui e agora da comunidade de fé.

A homilia em si constitui uma forma de oração, com caráter de contemplação dos mistérios celebrados. A homilia possui um caráter de louvor e de glorificação. Grandes homiliastas (Leão Magno, Gregório Magno, Orígenes) dos primeiros séculos muitas vezes terminavam a homilia em forma de oração com uma doxologia explícita (Beckäuser, 2003, p.60).

A mensagem transmitida pela palavra de Deus é sempre maior do que o conteúdo da pregação do homiliasta. Cada fiel ouvinte captará os conteúdos também pela ação do Espírito Santo:

“A própria Palavra proclamada e rezada já é anúncio, já é mensagem. Cada ouvinte da Palavra é atingido pela ação do Espírito Santo. O homiliasta realça, explica um aspecto do mistério de Cristo, talvez a mensagem pascal central” (Beckäuser, 2003, p. 62).

O autor afirma com muita certeza que o ouvinte é atingido pelo Espírito Santo. E se ele não for atingido? A mensagem a ser vivida fica a cargo de quem? Somente ao Espírito Santo e ao ouvinte fiel é delegada a responsabilidade de atingir e viver a mensagem da Palavra de Deus. O sacerdote é eximido de explicar o texto em forma de anúncio e catequese. E o que dizer de fiéis que não participam de maneira consciente e ativa, durante a proclamação da palavra e ouvem apenas a homilia do padre? È inquestionável que o Espírito Santo perscruta e atinge os corações, entretanto a homilia precisa ter um caráter de eficácia para transformar a vida dos fiéis ouvintes, afinal, a maioria deles, buscam na missa, também, uma maneira de conhecer mais a Palavra de Deus.

2.2.5 A dimensão Trinitária

Tanto a liturgia como a própria homilia, apresentam a revelação e ação da Trindade:

“O pai revela e envia o filho; o filho, por sua vez, revela e envia o Espírito Santo. O Espírito Santo, por sua vez, revela, faz conhecer melhor o filho e conduz para ele; o Filho vai levando a um conhecimento sempre maior do Pai e a ele conduz. Tudo isso acontece naquele dinamismo divino: ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo” (Beckäuser, 2003, p.64).

O homiliasta contempla e narra a economia divina, à luz das atribuições da Trindade, ele ajudará os fiéis a viverem esta dimensão trinitária de suas vidas particularmente na oração eucarística.

2.2.6 Três dimensões do sinal litúrgico na homilia

A homilia abarca sempre três dimensões: ela evoca o passado, indica o presente ou torna presente os fatos comemorados, e prefigura o futuro. A homilia, assim como os sinais litúrgicos, são comemorativos do passado, demonstrativos do presente e prognósticos ou proféticos do futuro. Como exigência destes aspectos e extensão do futuro, nasce uma quarta dimensão: a empenhativa: o compromisso de se viver conforme o que se celebrou. Desta forma, as dimensões da homilia abarca todo o tempo.

A homilia narra o plano de Deus e suas maravilhas realizadas no passado até o momento atual. A palavra de Deus proclamada é atualizada no presente. Tudo será colocado numa perspectiva escatológica. A ação litúrgica, da qual a homilia faz parte, ajudará os ouvintes da Palavra a viverem de acordo com o que celebraram.

As características da homilia nos ajudam a entender que a homilia faz parte de todo o processo litúrgico e, desta forma, não é um ato isolado, mas tem conexão com toda a ação litúrgica. Portanto, as características da homilia estão intrinsecamente ligadas às características da missa e vice-versa.

2.3 Elementos temáticos da homilia

Os elementos teológicos ou temáticos que a homilia deve conter são três: elemento exegético, elemento vital, elemento litúrgico.

A exegese é a arte e ciência de encontrar e propor a intenção do autor, o sentido verdadeiro de um texto bíblico (Latourelle, 1981). O elemento exegético é a interpretação da mensagem da Sagrada Escritura. O pregador, ao preparar a homilia, pode iniciar com a pergunta: que quer dizer Deus através deste texto? Para encontrar a resposta, Latourelle (1981) sugere alguns passos:

Primeiramente entender bem o texto, os conceitos e palavras com o auxílio de dicionários bíblicos. Descobrir a intenção principal do texto. Distinguir entre texto literário e mensagem que contém. Considerar que Deus quis dizer algo naquela época e quer dizer algo agora. Ver o que diz o texto na fé, na oração e na meditação. Pensar no ouvinte ordinário da Palavra, a quem vou dirigir a homilia. Expor primeiro a parte do pregador e somente após, expor o comentário exegético. Afinal o que interessa não é a letra, mas o Espírito (Latourelle, 1981, p. 250).

O elemento vital consiste na aplicação da mensagem à vida da comunidade e de cada um dos que a integram (Beckhäuser, 2003, p. 56). É o momento hermenêutico de fazer brotar o sentido que o texto tem hoje para nós. A arte de traduzir. Trata-se de descobrir ou revelar todo o impacto que a mensagem do texto pode ter, na situação que vivemos. Ao homiliasta cabe a tarefa de refletir para que o estilo seja: profético, iluminador, interrogante, de busca, não moralizante, não fundamentalista, não casuísta, não politizante (Latourelle, 1981, p.252).

Para conseguir relacionar a exegese à vida, Latourelle (1981, p. 252-3) propõe alguns cuidados: conhecer o auditório, seu estilo de vida, suas dificuldades na fé, sua vivência cristã, seu mundo político e social; ter como único critério à palavra revelada, sem convertê-la em uma teoria ou gostos do povo; evitar excesso de afã moralizante, insistir mais nas conseqüências para a fé do que para a moral; iluminar situações gerais urgentes à luz do evangelho, também como atitudes concretas, mas suficientemente gerais à assembléia; construir deduções para a vida em detalhes insignificantes do texto é construir sobre a areia.

O elemento litúrgico é exatamente a aplicação da mensagem à celebração litúrgica e à assembléia que celebra (Beckhäuser, 2003, p. 56). A homilia está a serviço da liturgia, deve conduzir aos mistérios da fé a partir da palavra proclamada até a ação

sacramental. O pregador faz com que a homilia seja dobradiça, entroncamento, exerça a função conjuntiva (Latourelle, 1981, p. 252-3).

O elemento litúrgico consiste em aplicar o texto à celebração sacramental como cumprimento da palavra, da aliança. Muitas vezes, o texto por si mesmo, já é litúrgico-sacramental, tem uma estrutura típica de profecia, acontecimento e sacramento. De acordo com o tempo, festa ou ano litúrgico os textos bíblicos variam e terão aplicações litúrgicas e vitais com um colorido e matizes específicas (Latourelle, 1981, p. 252-3). Pode-se fazer relações entre o texto lido e as atitudes e gestos da mesma celebração litúrgica. Por exemplo: a reconciliação e o abraço da paz.

2.4 Entrando em cena: o homiliasta

Normalmente, a homilia é da responsabilidade do ministro que preside a celebração: o bispo, o padre, o diácono. Ser responsável pela homilia não significa que uma única pessoa deva falar; poderá solicitar a participação da comunidade (Buyst, 2001, p. 29).

Para Silva (2005, p.01), o homiliasta “re-presenta” os sentimentos da própria comunidade que reage à voz do Amado. O homiliasta, no fundo, “re-presenta” o ponto de união entre duas paixões (a paixão do Amado Jesus-Palavra que se dá num amor infinito, e a paixão da assembléia cristã que, com admiração e renovados propósitos, acolhe o dom do Esposo). Numa palavra, a pessoa que faz a homilia, “re-presenta” o ponto de união de uma aliança de amor e compromisso mútuo entre dois amores (Cristo e a assembléia/Igreja). O desafio do homiliasta seria atuar de tal maneira que toda a assembléia possa sentir (vivenciar mesmo!) que é o próprio Cristo que, na homilia, “comenta as Escrituras”. Ao mesmo tempo, deve atuar de tal maneira que “re-presente” os sentimentos da própria assembléia diante da voz do Bom Pastor. A

homilia deve ser sentida pela assembléia como expressão viva de uma aliança de amor e compromisso mútuo entre Deus e o povo, que se renova “quando se comentam as Escrituras”.

A maioria das pessoas que têm a responsabilidade de fazer a homilia, não considera fácil esta tarefa. Exige muito da pessoa. Buyst elenca alguns pontos que merecem atenção, quanto ao perfil do homiliasta:

“Que seja uma pessoa de bom senso, com maneira simples de ser e falar tenha humildade e uma atitude de serviço. Que seja uma pessoa de fé, tenha o costume de meditar e orar a Palavra de Deus [...] e dê testemunho de vida. Que tenha suficiente preparação bíblica, litúrgica, teológica e jeito (dom, carisma) para anunciar a Palavra de Deus. Que seja uma pessoa que participa da vida da comunidade e da Igreja local, esteja atenta ao que acontece [...] para poder dar uma palavra profética. Que seja aceita por parte da comunidade e reconhecida por parte dos responsáveis da igreja local (padre, bispo)” (Buyst, 2001, p. 30-1).

Segundo Buyst (2001, p. 31) é necessário pedir a ajuda indispensável do Divino Espírito Santo durante a preparação e realização da homilia. Durante a pesquisa de campo, observa-se que nenhum dos quatro homiliastas invocam o Espírito Santo de forma explícita (falada).

O homiliasta comunica Deus com a assembléia e comunica a assembléia com Deus. Quem faz homilia ajuda Deus a encarnar a sua Palavra e ajuda a assembléia a responder à Palavra na celebração e na vida. O homiliasta deve despertar no fiel a adesão à Palavra, a conversão (Beckhäuser, 2003, p. 71-2). Assim, o homiliasta deve ter sempre em mente alguns princípios:

“[...] deixar a Palavra de Deus falar. Entrar numa atmosfera de meditação e contemplação da Palavra de Deus. [...] dirigir-se mais ao coração que a razão. Importa despertar o desejo, animar a vontade para a ação. Lançar mão da arte da oratória que na homilia tem caráter coloquial e narrativo [...]” (Beckhäuser, 2003p. 73-4).

Realmente, o papel do homiliasta não é tarefa fácil. Daí a importância da preparação da homilia. O homiliasta deverá preparar a homilia com uma boa antecedência, na segunda-feira, para o domingo seguinte. A primeira fase de preparação, Beckhäuser (2003) denominou de incubação, na qual o homiliasta deverá deixar o assunto germinar no subconsciente durante alguns dias. O mesmo autor propõe que o homiliasta escreva a homilia, porém normalmente a homilia não será lida, com o tempo bastará um esquema com pontos anotados por escrito. É importante a recapitulação antes da celebração, porém, a redação ou esquema poderá ser invertido ou mudado, conforme as circunstâncias do momento, não é necessário obedecer a um esquema rígido.

Moraes (2005, p.23-4) teoriza a Homilética na perspectiva evangélica e indica reflexões acerca do homiliasta (pregador). Para ele, o bom pregador é um estudioso incansável da Palavra de Deus e das técnicas para melhor comunicá-la. Além da Hermenêutica e Exegese, o pregador precisa estudar as diversas áreas do saber que oferecem melhor compreensão do ser humano: a filosofia, antropologia, psicologia, sociologia, pedagogia, das ciências da computação, comunicação e marketing. Nesta interdisciplinaridade, as faculdades do pregador aumentam podendo melhorar a coleta de dados, sistematização e alcance da mensagem. “A partir do conhecimento dos ouvintes e de suas necessidades, o pregador tem condições de, diante de Deus, definir o que pregar, como pregar e quando pregar”(p. 25). Entretanto, nenhum conhecimento “dispensa a inspiração e a unção do Senhor” (p. 25).

O pregador deve pregar não apenas com vida, mas com a vida, “pois o pregador que não pode viver as palavras que prega precisa calar-se e viver antes de falar” (Moraes, 2005, p.24). Para o mesmo autor o pregador precisa amar

verdadeiramente seus ouvintes, se assim não for, o pregador estará apenas fazendo barulho, ao pregar: “Se os amamos, nosso objetivo não será o de impressioná-los com o nosso conhecimento, mas ajudá-los dentro do conhecimento que eles possuem” (Stott apud Moraes, 2005, p. 26).

O pregador precisa ser um homem de seu tempo que além de ler a bíblia diariamente e com constância, deve ler jornais, revistas, assistir televisão e “procurar conhecer as tendências do mundo contemporâneo: isto é, conhecer teologia, mas também o povo e suas necessidades” (Moraes, 2005, p.26).

Portanto, a preparação teórica é indispensável, porém não se resume à simples elaboração da redação. O pregador necessita se preparar espiritual, emocional e fisicamente “para comunicar com vida, com a vida, a mensagem capaz de transformar e edificar vidas” (Moraes, 2005, p.27).

2.5 A homilia de Jesus, espelho de perfeição

Deiss (1998, p. 83-6) afirma que a homilia de Jesus na sinagoga de Nazaré é o exemplo mais perfeito, a partir do aspecto da atualização da Palavra de Deus. Queremos destacar apenas os últimos versículos de Lc 4, 16-22: “E ele (Jesus) começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir’. Todos lhe davam testemunho e se admiravam das palavras de graça que procediam de sua boca” (Lc 4, 22, parêntese nosso).

Segundo Deiss (1998), o centro da celebração sinagoga era a leitura de uma perícopes da lei ou Torá, quer dizer, do Pentateuco, em seguida lia-se um livro dos profetas e por fim vinha a homilia. Jesus se levanta para fazer a leitura dos profetas. Depois que Jesus termina a leitura profética, declara: “Hoje se cumpriu este oráculo, que acabais de ouvir”. Para Deiss (1998, p. 86), este hoje de Jesus na sinagoga é o centro de toda a homilia. A autora afirma que a finalidade da homilia será sempre

traduzir a Palavra de Deus mostrando sua atualidade. Neste sentido Jesus foi perfeito. Sabe-se que a homilia de Jesus foi perfeita em muitos outros aspectos (Moraes, 2005), além da atualização da Palavra de Deus. Deiss (1998) elenca apenas um aspecto de perfeição na homilia de Jesus: a atualização do texto sagrado .

Moraes (2005) escreve sobre a arte de ilustrar nas pregações e afirma que Jesus usou várias formas de ilustrações: a história do povo de Israel, a realidade do momento, a natureza, os problemas e conflitos vividos pelos ouvintes daquela época. As ilustrações de Jesus, muitas vezes em forma de parábolas, “apelaram à imaginação dos ouvintes, dando um novo sentido à mensagem” (p.117).

Moraes (2005, p. 117) nomeia Jesus como o maior pregador de todos os tempos: “Uma análise, no sermão do monte e demais sermões de Jesus, mostra como o maior pregador de todos os tempos foi um Mestre em criatividade e uso de boas ilustrações”. O autor elenca, a partir do livro de Mateus, várias ilustrações de Jesus, dentro das categorias de metáfora, símile, hipérbole, indagações e parábolas. Com o uso destes gêneros literários, Jesus utilizava uma linguagem concreta que faz parte do cotidiano de qualquer povo, em qualquer época: vida, comida, corpo, roupa, filho, pão e pedra, e apresentava personagens diversos que enfrentam problemas e tomam decisões.

Com estas teses pode-se reafirmar que a homilia de Jesus, verdadeiramente, é um espelho de perfeição. E os homiliastas do nosso tempo, especialmente alguns padres da igreja católica, podem buscar em Jesus estes espelho de perfeição, e como Ele, podem proferir palavras capazes de chamar atenção, elevar, salvar e transformar vidas em suas homilias.

2.6 A missa: um rito por excelência

A homilia faz parte de um culto religioso, a missa, na qual há o rito ou os ritos, acompanhado de símbolos. Tomemos, antes, porém, o conceito de rito:

“Um acto que pode ser individual ou coletivo, mas que sempre, mesmo quando é bastante flexível comportar uma margem de improvisação, permanece fiel a certas regras que constituem precisamente o que há nele de ritual” (Cazeneuve, s/d, p.8).

A missa insere-se concretamente dentro deste conceito, pois é um ato que hora é individual, ora é coletivo, permanece fiel a certas regras, como: hora de sentar, ajoelhar, levantar com seus respectivos significados. A missa constitui em si um rito, carregado de símbolos e linguagem simbólica.

A cerimônia religiosa denominada missa segue uma ordem determinada, segundo um costume. Percebe-se que antigamente a cultura dava mais valor para os símbolos e imagens; compreendia-se melhor o divino dessa forma. A Igreja Católica continua externando os sentimentos de seus fiéis através dessa linguagem simbólica. Os gestos, por exemplo, têm um significado específico dentro da celebração litúrgica:

“Quando estamos sentados, ficamos em uma posição confortável que favorece a catequese, pois nos dá a satisfação de ouvir evitando o cansaço; também ajuda a meditar sobre a Palavra que está sendo recebida. Quando ficamos de pé, demonstramos respeito e consideração, indicando prontidão e disposição para obedecer. Quando nos ajoelhamos ou inclinamos durante a missa, declaramos a nossa adoração sincera a Deus todo-poderoso, indicando homenagem e, principalmente, total submissão a Ele e à sua vontade. Quando levantamos as mãos, demonstramos nossas súplicas e nos entregamos a Deus; é a atitude dos orantes. Ao juntarmos as mãos, mostramos confiança e fé em Deus” (Nabeto, 2000, p.01).

A missa é essencialmente comunicação simbólica por meio de ritos. Segundo Nabeto (2000) a missa está dividida em quatro partes bem distintas: os ritos iniciais (comentário introdutório à missa do dia, canto de abertura, acolhida, antífona de

entrada, ato penitencial, hino de louvor e oração coleta); o rito da palavra (primeira leitura, salmo responsorial, segunda leitura, aclamação ao evangelho, proclamação do evangelho, homilia, profissão de fé e oração da comunidade); o rito eucarístico (oferendas, oração eucarística, comunhão) e o rito final (comunicados da comunidade, canto de ação de graças e bênção final).

Na missa cada rito tem a sua divisão, com o significado que lhe é próprio. A homilia é apenas parte do rito da palavra e objetiva fazer a conexão do rito da palavra com o rito eucarístico. O rito eucarístico é o ápice, é a essência da missa, enquanto a homilia está a serviço deste (Beckäuser,2003; Buyst, 2001). Assim sendo, pode-se inferir que quando o fiel afirma que a homilia é eficaz, ou seja, tem poder de transformar sua vida, ele o faz não porque o homiliasta utiliza os melhores recursos comunicativos, mas porque por detrás da homilia existe um conteúdo carregado de simbolismo. A linguagem simbólica, ritualística também contribui para que a homilia seja eficaz.

2.7 Novos olhares, novos valores: uma visão crítica

A pregação homilética hoje está em crise. E, apesar de muitos pregadores realizarem um excelente trabalho, não é raro ouvirem-se lamentações e críticas tanto de quem faz como de quem escuta homilias. Assim, sempre em vista de uma pregação mais eficaz da Palavra de Deus e aproveitando algumas observações apresentadas por Biscontin (apud Melo, 2005), apresentaremos abaixo algumas críticas em relação aos pontos fracos que com maior freqüência podem ser observados nas homilias da igreja católica apostólica romana.

A primeira é a falta de lógica no discurso homilético e está diretamente ligada à falta de preparação do pregador e à falta de tempo para organizar a homilia. A quem escuta uma homilia deve parecer claro qual é o ponto de partida e o de chegada e todos os passos de sua evolução. Também deve parecer evidente o que o pregador quer dizer e que modificações ele propõe à nossa realidade. Às vezes, porém, ela parece não ter um fio lógico de coordenação. Fala-se de uma coisa, depois se passa para outra, ziguezagueando sem fim. Diante de tal homilia, o ouvinte, em vez de se sentir animado a viver a multiforme riqueza da Sagrada Escritura, é mais tentado a se desligar definitivamente do que escuta na igreja (Melo, 2005, p. 6-7). O depoimento abaixo evidencia a dificuldade que este leigo apresenta em acompanhar, assimilar, entender o que o padre fala:

“Por que tem vez que a gente vai a missa, na hora do evangelho, do sermão, às vezes, não é porque o padre não quer, mas ele fala e às vezes a gente não entende. Tem outros que já fala direto. Tem um padre, perto de onde eu moro mesmo, que ele fala parece que ele vai para frente e eu vou para trás, ele vai para trás e eu para frente, a gente nunca combina, o que ele está dizendo, eu nunca consigo acompanhar”. (58 anos, solteira, sexo feminino, comerciante. Não é participante ativa da paróquia, foi a missa em companhia de uma amiga que insistentemente a convidou).

A compreensão do discurso homilético depende tanto da pessoa que fala como da que ouve, porém se o emissor fala com clareza, coerência, coesão, etc, facilita de forma decisiva a compreensão do interlocutor.

O caminho sentimentalista é o segundo ponto crítico que deve ser observado. Toda boa homilia naturalmente deve comover o público, algumas, porém vão muito além disso, caem no exagero sentimentalista, que abandona o texto evangélico e se ancora puramente em aspectos psicoafetivos. Quem assim age conduz o público mais

a um estado de transe emotivo do que à fiel abertura para com a divindade. Pode até parecer que se está conseguindo maravilhas ao se apelar para o sentimentalismo das pessoas, mas geralmente ele não converte, não liberta e nada produz de significativo na vida delas. O sentimentalismo sempre entorpece e infantiliza o outro, impendendo-o de crescer (Melo, 2005, p. 7).

A excessiva preocupação didática é outra crítica a ser considerada. Recebeu um impulso da reforma conciliar, mal compreendida. Na verdade, a reforma mandava oferecer algumas informações de caráter litúrgico, exegético e doutrinal à assembléia. E isso levou muitos a conceber a homilia como uma espécie de lição explicativa, sem diferenciá-la em nada de uma aula de história da liturgia ou de um curso de interpretação bíblica. Evidente que a homilia é também didática. Outra coisa, porém, é reduzi-la a mero momento didático ou de interpretação dos sinais e do simbolismo litúrgico, com o conseqüente esquecimento da vida concreta dos que ali celebram, sem ligar a mensagem bíblica à existência dos fiéis e, pior ainda sem levá-los a fazer a necessária experiência da plena comunhão com a divindade (Melo, 2005, p. 6-7).

O moralismo excessivo também está muito presente nas pregações homiléticas. É tanto que a palavra “sermão” em nossa língua ganhou também o sentido de discurso de reprovação, repreensão e descompostura. É claro que a exortação moral não só é bem-vinda, como até necessária a qualquer homilia. O moralismo, porém, limita-se a tecer juízos genéricos e generalizados e, por vezes, insiste em pontos extremamente difíceis de ser cumpridos. Quem ouve é tentado a pensar que tal palavra não se dirige a ele, simples cristão imperfeito, mas apenas aos mais perfeitos e santos. O moralismo, além de destruir toda e qualquer possibilidade de transformação dos ouvintes, não obedece à pedagogia divina em que o perdão e a graça sempre antecedem o castigo e a reprovação (Melo, 2005, p. 7).

Os meios comunicativos são, por vezes, desprezados por alguns pregadores. O pregador até consegue preparar bem o conteúdo de sua homilia, todavia, pouco se interessa em buscar meios eficazes para transmitir a mensagem. O padre prepara somente o que falar e esquece que como falar é um dos elementos mais relevantes do discurso. Para haver boa comunicação é preciso sempre apelar para os eficazes meios retóricos, que promovem sintonia entre quem fala e quem escuta. Para que a homilia dê mais frutos, o pregador deve ter especial cuidado com as palavras que usa na homilia, evitando termos teológicos que, embora normais entre os eclesiásticos, são completamente incompreensíveis para a maioria de nosso povo. Importante é que a homilia jamais perca seu caráter coloquial, cativante, que conduz com simplicidade os fiéis a bem compreenderem o sentido da Palavra de Deus (Melo, 2005, p. 8).

Finalmente, recorda-se que a função da homilia “é atualizar para os fiéis a palavra da Escritura, o que aumenta a sua eficácia, nutrir a vida cristã, introduzir no espírito do mistério celebrado e anunciar a realização da maravilhosa obra de salvação de Deus em Cristo, cujo memorial é celebrado sacramentalmente” (Melo, 2005, p. 9-10). A homilia deve ser preparada com cuidado, no estudo e na oração, para permitir à palavra humana ser fiel veículo da mensagem divina, sem obscurecê-la. Uma saudável homilia em geral é simples, clara, sóbria, objetiva, factível, pertinente. E, o que é muito importante, consegue realizar tudo isso em breve tempo.

No terceiro capítulo iremos apresentar o fenômeno da comunicação humana, desde os aspectos da linguagem antropológica até a oratória estética, como requisitos básicos para conhecer, compreender, acreditar e praticar uma comunicação plena e eficaz.

CAPÍTULO III

O FENÔMENO HUMANO DA COMUNICAÇÃO

“A fala consoma o fenômeno humano. Seja no âmbito da eficácia administrativa (teoria dos sistemas aplicada à comunicação), seja no plano

social (discurso político, fofoca) ou no relacionamento interpessoal, falar é simultaneamente compreender ou fechar-se, conquistar ou afastar, envolver ou agredir, percorrendo todos os momentos desse ciclo de manifestação total da condição de gente” (Poyares, 1983, p. 141).

3.1 Comunicação e linguagem a partir do olhar antropológico de Herrero.

A decisão de expor esta linha de pensamento, em relação à linguagem, se faz por acreditarmos que a forma como o ser humano se expressa é exatamente o que ele é, apesar de existirem uma série de máscaras – nome, roupa, profissão, nível sócio-econômico da qual se reveste. Seria um lapso falar de comunicação sem antes refletir sobre linguagem em seu contexto antropológico e atual.

Herrero (1982) escreve um capítulo de antropologia filosófica, denominado “o homem como ser de linguagem”. Inicia sua reflexão afirmando que “a crise é uma constante que atravessa e acompanha o homem em todas as etapas de sua existência histórica”. (Herrero, p. 74-5). Em seguida, o autor, enumera várias epistemologias que o ser humano construiu ao longo de sua própria história (o “cosmos” hierárquico de essência, a ciência e a técnica, a revolução científica). Por fim, aponta a crise profunda da época moderna: “pode acontecer que o homem atual, que já começou a agir como habitante do universo, não seja mais capaz de compreender, isto é, de pensar e exprimir o mundo que ele é capaz de fazer” (p. 75). Afirma que o que está em jogo nesta crise é o papel da linguagem, pois, segundo ele, toda ação, todo saber, toda experiência humana só tem sentido quando se exprime numa linguagem.

Neste sentido a sociedade moderna pretende enclausurar o ser humano numa linguagem objetiva que o reduz a “ser-de-uma-dimensão, a da eficiência técnica e fazer dele um robô” (Herrero, 1982, p. 75). A crise atual, não por acaso, foi denunciada como

a morte do ser humano, pois se trata de uma crise de linguagem em que o ser humano como todo está em questão. Os absolutismos particularizados fracassaram ou estão em declínio e com isso, não se sabe que novo rosto a aspiração ao universal pode assumir.

Existe, então, uma situação paradoxal de nossa cultura:

“[...] em meio á riqueza sempre aumentada das suas criações e das suas obras, parece de fome e de sede num deserto onde secaram as fontes e onde morreram os frutos de uma linguagem que proceda do homem e se dirija ao homem; de uma linguagem que possa ser modelada pela forma de universalidade e possa ser finalizada pelo movimento de personalização que são os constitutivos essenciais de toda cultura autenticamente humana” (Vaz apud Herrero, 1982, p. 75).

A ciência da linguagem aborda, entre outros, aspectos metodológicos e filosóficos que são relevantes para o estudo da linguagem enquanto fenômeno, a saber: a sintaxe, semântica e pragmática. A sintática ocupa-se com a relação dos sinais entre si. A semântica trata da relação dos sinais com os objetos extralingüísticos representados pelos sinais, isto é, do significado dos sinais. A pragmática ocupa-se com a relação dos sinais com o comportamento do homem ou com o sujeito dos sinais (Herrero, 1982, p. 76).

As relações entre seres humanos ocorrem pela linguagem, este fato trata-se do ponto central e atual da reflexão antropológica. O ser humano não só dispõe da palavra como instrumento, mas é a linguagem que possibilita ao ser humano criar uma existência humana com os outros no mundo.

Os problemas da personalidade e do psiquismo manifestam-se na linguagem. Os conflitos sociais são problemas de linguagem e só nela poderão ser captados. A linguagem da geração antiga é diferente da geração jovem. A linguagem da teoria não

é a da práxis, a da ciência é bem diferente da linguagem da vida cotidiana. A linguagem dos tecnocratas não é a dos políticos. Isto por que a linguagem não é um fenômeno periférico, mas ela põe em jogo o ser humano todo e suas relações com os outros no mundo (Herrero, 1982, p. 77).

É na linguagem e através dela que o ser humano se mostra um ser aberto ao mundo e capaz de acomodação, pois precisa criar o seu próprio mundo para viver humanamente, por isso é por natureza um ser cultural. Para isso, o ser humano criou e cria símbolos que lhe permitem mediatizar-se ativamente com toda a realidade. “O homem é um ser semiótico e, com isso, é capaz de comunicação com os outros” (Herrero, 1982, p. 77-8).

Com os sinais, o ser humano cria um mundo próprio de sentido. Com os sinais, ele pode exprimir dados e experiências presentes; tematizar o real ausente; o futuro e o passado; o abstrato e o fictício, o normativo e o jocoso. Pela capacidade semiótica do ser humano e o mundo de sentido que com ela surge, é oferecido à pessoa humana a possibilidade de conhecer (teoria) e agir (práxis), no mundo humano de sentido.

“A capacidade que o ser humano apresenta de comunicação pode moldá-lo e transformá-lo a cada dia, de acordo com a aceitação de que o que foi dito é verdade absoluta e deve tornar-se práxis. Por isso pela homilia, o discurso religioso pode ou não construir o mundo do ser humano em todas as suas dimensões, desde que o emissor e o receptor acreditem, aceitem e vivam as verdades da fé como absolutas” (Herrero, 1982, p. 78).

A linguagem pode, por outro lado, não exprimir a realidade efetiva do mundo e do sujeito, pode ser vazia, ilusória e alienar o ser humano num mundo fantástico e até levá-lo ao desespero. Porém, cabe ao sujeito superar este perigo pela possibilidade metalingüística da reflexão sobre suas criações simbólicas, colocando a pergunta pela

verdade e determinando as fronteiras entre o sensato e o insensato (Herrero, 1982, p. 78).

A comunicação do religioso, como descrita no parágrafo anterior, pode ser vazia, ilusória e alienante ou pode ser densa, coerente e crítica. Ao sacerdote é dada a difícil e desafiadora missão de falar com propriedade das diversas questões da vida cotidiana e ao leigo é dada a liberdade de ouvir como sujeito ativo ou passivo da comunicação.

O fenômeno da linguagem é descrito a partir do conceito de linguagem. Esse exprime fundamentalmente três aspectos diferentes em três níveis de profundidade: a linguagem como língua, a linguagem como evento da palavra ou discurso e a linguagem como linguagem (Herrero, 1982, p. 76).

A linguagem como língua é um sistema fechado de sinais, delimitada apenas pelas suas diferenças internas, na sincronia de sua coerência formal. A língua, na verdade, não diz nada. Para a filosofia o que importa não é o sistema, mas o que fazemos com ele, como o empregamos (Herrero, 1982, p. 80-1).

A linguagem como evento da palavra ou discurso é o fazer este sistemas de sinais (língua) retornar à vida, a palavra se torna um evento no ato de dizer e na articulação de um discurso fatural. A linguagem se transcende como sinal para o evento da linguagem particular (Herrero, 1982, p. 81).

Falar é o ato pelo qual nós nos dirigimos a realidade. Falar é sempre dizer algo. É o aspecto referencial da linguagem. A referência é que enraiza nossas palavras e frases na realidade. Este aspecto referencial da linguagem se justifica porque o sinal dito supõe que a consciência é constituída como uma intencionalidade que se dirige à alguma coisa. É por essa intencionalidade que se abre o mundo de significações que exprimem a dicibilidade das coisas. Como efeito, quando a palavra se torna evento, um

sentido surge e é dito aqui e agora. Alguém diz algo com sentido sobre alguma coisa (Herrero, 1982, p. 82).

Para que o evento do dizer se realize, é necessário que, ao menos, dois sujeitos se entendam sobre algo: o falante e o ouvinte, sendo que este é, por sua vez, um falante. Falar é pois o ato pelo qual ao menos dois sujeitos se entendem sobre algo. O evento da linguagem nunca acontece a partir do poder absoluto do sujeito. O falante para poder simplesmente falar, precisa sempre do outro. O outro é alguém que pode falar e, por isso, pode também ouvir ativamente, isto é, ver as coisas de modo diferente e criticar (Herrero, 1982, p. 82).

No ato de dizer, o sistema da linguagem deixa de impor a sua força coercitiva, e o sinal passa a ser portador de significações conforme a intenção do sujeito falante. É o aspecto subjetivo da linguagem. O dizer consiste sempre numa série de escolhas do sujeito pelas quais certas significações são escolhidas e outras excluídas. (Herrero, 1982, p. 82).

A linguagem mediatiza então três funções: apresenta algo no mundo, cria uma relação intersubjetiva, e exprime uma intenção dos sujeitos, prontos para o entendimento. Embora estas três funções estejam presentes em todo ato de comunicação, cada uma delas pode ser tematizada expressamente num ato de fala específico, enquanto as outras permanecem implícitas.

“A tematização do *conteúdo* de um proferimento se realiza em atos de fala *constatativos*, como afirmar, descrever, narrar, explicar, negar, contestar. Em consequência fazemos um uso *cognitivo* da nossa linguagem. A tematização da *relação intersubjetiva* se realiza em atos de fala *regulativos*, como ordenar, exigir, prometer, proibir, perdoar. E então fazemos um uso *interativo* da linguagem. A tematização da intenção do falante se realiza em atos de fala *representativos*, como revelar, descobrir, confessar, ocultar, calar. E então fazemos um uso expressivo da linguagem” (Herrero, 1982, p. 83-4).

Com isso não está explicado o fenômeno da linguagem, pois o dizer, como evento mediador que nos põe em referência com os outros e com a realidade, está sempre situado num contexto real mais amplo, no qual recebe a sua significação. Falar é sempre inserir frases compreensíveis num contexto de realidade. E esta inserção tem sempre suas condições de possibilidade (Herrero, 1982, p. 84).

Habermas (apud Herrero, 1982, p. 85) afirma que o falante tem que satisfazer os pressupostos universais implicados em toda comunicação e tentou explicar esses pressupostos na sua pragmática universal. Ele designa a capacidade do sujeito adulto de proferir frases em qualquer situação empírica ou de gerar as situações de todo discurso possível, satisfazendo os pressupostos universais, como “competência comunicativa”.

Existem três exigências universais que dão validade ao ato da fala. Porém a exigência prévia é expressar-se de modo compreensível. A exigência de compreensibilidade é a condição prévia para toda comunicação. Ele corresponde à linguagem como língua. Para gerar uma frase gramaticalmente correta, o falante precisa unicamente satisfazer a exigência universal de compreensibilidade. Trata-se da “competência lingüística” do sujeito (Herrero, 1982, p. 86).

A primeira é a validade do conteúdo do enunciado de um proferimento, o qual depende se ele reproduz uma experiência ou um fato real. Para que um proferimento seja bem sucedido, ele tem que satisfazer a exigência da verdade da proposição para os participantes. A segunda é a validade do ato ilocutivo realizado que depende se essa ação corresponde às normas reconhecidas intersubjetivamente. E em consequência, o proferimento terá que satisfazer as exigências de correção ou adequação do ato de fala com essas normas. A terceira é a validade da intenção

proferida depende da identificação com a intenção pretendida pelo falante. E em conseqüência, o proferimento deverá satisfazer a exigência de veracidade do falante. A veracidade garante a transparência do sujeito que fala. A comunicação será bem sucedida se forem satisfeitas as exigências universais de verdade, correção e veracidade, além da exigência prévia de compreensibilidade da frase (Herrero, 1982, p. 86).

O emissor que satisfaz esses pressupostos universais possui competência comunicativa, isto é, a capacidade de escolher o conteúdo de um enunciado que reproduza com verdade uma experiência ou um fato real, partilhando o seu saber com o ouvinte. A competência comunicativa é também a capacidade de realizar relações intersubjetivas que satisfaçam corretamente as normas reconhecidas, concordando com o ouvinte nesses valores e, ao mesmo tempo, proferir suas intenções com veracidade, de forma que o ouvinte possa confiar no falante. E a comunicação será bem sucedida quando os falantes competentes inserirem frases compreensíveis nos contextos de realidade do mundo dos objetos, da sociedade e do sujeito, isto é, com a forma de vida da comunidade real existente (Herrero, 1982, p. 88).

“Com o aprendizado de uma língua, o sujeito adquire não só o uso da língua inserida na realidade efetiva ou entrelaçada numa forma de vida, mas, ao mesmo tempo, ele adquire a competência para reflexão sobre todos os contextos de realidade e sobre todas as linguagens da vida. Ele é assim capacitado para uma possível crítica das formas existentes de vida significadas nas diferentes linguagens da vida” (Herrero, 1982, p. 86).

Tanto o sujeito que fala como o que ouve apresentam a capacidade lingüística para refletir e criticar acerca da mensagem proferida. Na homilia, esta mensagem pode aparecer sem a “competência comunicativa” universal descrita por Habermas (*apud* Herrero, 1982), então cabe ao emissor refletir se a mensagem proferida está de acordo

com esses pressupostos universais e, se necessário, buscar uma mudança na práxis homilética; assim como cabe ao receptor criticar a mensagem, aceitando-a ou não como discurso eletivo.

A linguagem como linguagem apresenta sentido quando consegue o entendimento entre, ao menos, dois sujeitos que agem entre si e sobre algo; esse entendimento intersubjetivo precisa se referir à forma de vida, e deve ser por si aberto podendo ser superado pela crítica. Do contrário, não seria possível a comunicação na vida cotidiana. Entretanto o que a linguagem visa como linguagem nunca pode ser verificado plenamente numa comunidade real, pois o ideal visado pela linguagem nunca é plenamente realizado. Mas é ele que fundamenta a necessidade permanente do contínuo diálogo entre os homens (Herrero, 1982, p. 90-3).

Quando alguém fala, um evento surge e dá vida ao sistema de sinais, e a nossa língua passa a ter uma história. Cada vez que nós a empregamos, ela se enriquece e carrega a cicatriz de todos estes usos. O evento da palavra põe em movimento o “ser-com-os-outros” no mundo, na construção de uma história comum a ser feita e ser dita (Herrero, 1982, p. 94).

“As linguagens existentes são expressão da realidade efetiva, da comunidade real de comunicação na sua forma concreta de vida, com todos os seus conflitos e divergências, lutas e derrotas, novas tentativas e novas decepções, mas também com seus progressos e conquistas, com suas metas e realizações concretas, com seus ideias e esperanças. Quando um ser humano começa a falar, já está envolvido por essa situação histórica da comunidade atual de língua, que se formou no passado e que agora o determina” (Herrero, 1982, p. 94).

A comunidade lingüística em que o sujeito nasce e cresce determina a sua linguagem que é a expressão do mais íntimo de seu ser. O emissor quando fala revela a sua história, a sua vida. Sempre há a possibilidade de um novo aprendizado crítico e

reflexivo com a linguagem, depende apenas do querer. Com a presença da linguagem e de seu sentido, surge a capacidade de reflexão e, com ela, as novas possibilidades de “ser-com-os-outros” na situação concreta, que surgem no evento de um novo encontro e de um novo diálogo.

“O ser histórico do homem se faz presente no fenômeno da linguagem. A linguagem é o modo de existir do homem com os outros com sentido. O homem existe historicamente como sincronia e diacronia, isto é, no universo da linguagem que se desdobra no sistema fechado de sinais e na eclosão de um novo sentido, aberto pelas liberdades no afrontamento do real e na reflexão intersubjetiva. E existindo nesse universo de sentido, o homem se realiza como tradição e inovação em unidade, como a história já feita [...] e como história aberta, onde o futuro emerge como o ainda não dito e pode ser realizado. A história da linguagem é assim a história mesma do ser humano. Existir humanamente é pois existir com os outros no mundo na forma de linguagem, isto é, com sentido” (Herrero, 1982, p. 86).

3.2 Habermas e a teoria da ação comunicativa

A Ação Comunicativa é uma das principais teorias desenvolvidas por Jürgen Habermas (1999). Introduzida pela primeira vez na obra Teoria da Ação Comunicativa, publicada em 1981, pode ser delimitada, em termos gerais, como a teoria da sociedade moderna fundamentada por métodos da sociologia, filosofia social e filosofia da linguagem.

Conforme as palavra de Habermas (1997, p.418):

“Chamo *ação comunicativa* (grifo do autor) àquela forma de interação social em os planos de ação dos diversos atores ficam coordenados pelo intercâmbio de atos comunicativos, fazendo, para isso, uma utilização da linguagem (ou das correspondentes manifestações extraverbais) orientada pelo entendimento. À medida em que a comunicação serve ao entendimento (e não só ao exercício das influências recíprocas) pode adotar para as

interações o papel de um mecanismo de coordenação da ação e com isso fazer possível a ação comunicativa”

A idéia da razão instrumental (clássica), é reformulada em termos de razão comunicacional, através de relações intersubjetivas, nas quais pela interação de dois ou mais sujeitos, os mesmos buscam entender-se sobre determinado assunto ou objeto, a fim de compreendê-lo.

Das relações intersubjetivas é que se permite discernir a universalização dos interesses numa discussão. É exatamente neste ponto, que o fundamento de uma ética da discussão exige a reconstrução de um espaço crítico, aberto e pluralista. Desta forma, a racionalidade passa a ser vista como uma fonte inspiradora nas ações humanas, visando à emancipação dos homens e a um maior entendimento do mundo.

Nesse contexto, a linguagem torna-se um ponto de destaque na teoria de Habermas. Podemos considerar a linguagem, como toda e qualquer forma de comunicação que pode transformar ou modificar o comportamento. Seriam todos os estímulos que o meio transmite e que nos influencia de alguma maneira.

Ora, para Habermas a linguagem serve como garantia da democracia, uma vez que a própria democracia pressupõe a compreensão de interesses mútuos e o alcance de um consenso.

Contudo, para que a linguagem assuma este papel democrático, no pensamento habermasiano é necessário que a comunicação seja clara. Para Habermas, a distorção de palavras e de sua compreensão impede uma comunicação efetiva, o consenso e, portanto, a prática efetiva da democracia.

O uso correto das palavras, entretanto, só ocorreria quando fosse abandonado o uso exclusivo da razão instrumental – ou iluminista – a razão utilizada pelo sujeito cognocente ao conhecer a natureza com o fim de dominá-la, ou seja, a confusão do

conhecimento com a dominação, exploração e poder. Dessa maneira, a razão torna-se um instrumento de uma ciência que, deixando de ser acesso a conhecimentos verdadeiros, torna-se é meio de dominação e poder: da Natureza e dos próprios seres humanos.

Dessa maneira torna-se necessária uma razão que não seja instrumento de dominação, mas de democracia: a razão comunicativa. A razão comunicativa, além de compreender a esfera instrumental de conhecimentos objetivos, alcança a esfera da interação entre sujeitos, marcada por simbolismo e subjetivismo, experiências pessoais e a contextualização dialógica de agentes lingüísticos.

Rompe-se, assim, com um diálogo baseado em conhecimentos instrumentais resultantes da relação entre um sujeito cognocente e um objeto cognoscível, a partir do qual o consenso, se possível, é desprovido do caráter democrático. Por outro lado trava-se um diálogo entre sujeitos capazes de compartilhar, pela linguagem, de um universo simbólico comum e interagir, buscando construir um conhecimento crítico pautado por argumentação submetida a critérios de validade, sem, contudo, ser orientada por rígidos domínios científicos.

Nesse contexto, Habermas crê que a comunicação só é eficiente, ou seja, não distorcida, quando quatro critérios são seguidos: a) uso de regras semânticas inteligíveis (uso de regras semânticas compreensíveis para o receptor); b) ser verdadeiro o conteúdo dito; c) justificação do emissor por direitos sociais ou normas invocadas pelo uso do idioma (ou seja, o emissor possui autoridade nos argumentos utilizados); d) emissor que utiliza-se de sinceridade, sem procurar enganar seu receptor (Habermas, 1989, p. 419).

Os critérios de Habermas, contudo, são criticados em muitos aspectos. Entre eles critica-se o segundo critério, questionando-se a definição de verdade: “ora, como definir o que é verdadeiro universalmente?”

Entretanto, apesar das críticas, a Teoria da Ação Comunicativa propõe um retorno ao diálogo construtivo, capaz de alcançar um conhecimento mais profundo do que o alcançado pela relação entre o “sujeito cognocente o objeto cognoscível” por ser resultado da relação, em última análise, entre dois sujeitos cognocentes. Dessa maneira, a prática da Ação Comunicativa não se limita apenas à busca do consenso da democracia, mas também é instrumento para pedagogia, filosofia e muitos outros campos da ação humana (Habermas, 2004, p. 11).

3.3 A Comunicação como disputa a partir de Bourdieu

O sociólogo francês Pierre Bourdieu tem como um dos eixos da sua sociologia dos bens simbólicos a investigação de questões relacionadas ao poder, onde o processo de comunicação é compreendido como uma disputa simbólica pelas nomeações legítimas. Desse ponto de vista, a sua compreensão da comunicação pode ser considerada, exemplarmente, como contrária a de Habermas. Enquanto para o filósofo alemão a comunicação é considerada sinônimo da busca de entendimento, para Bourdieu ela é sinônimo de disputa.

Ele postula que a idealização das relações interativas no modelo habermasiano e a negligência na análise das condições institucionais a partir das quais a comunicação se realiza teriam por efeito eliminar do processo da comunicação as

relações de poder, o que estaria expresso, por exemplo, na utilização acrítica de Habermas do conceito de força ilocucionária (Bourdieu, 1982, p.25).

Para Bourdieu, a sociologia deveria concentrar sua atenção no desvendamento das questões relativas ao poder simbólico. Nesse sentido, ela poderia incorporar parcialmente as contribuições da linguística, redimensionando-as a partir de uma postura crítica, substituindo as noções de gramaticalidade por aceitabilidade, de relações de comunicação por relações de força simbólica, e a pergunta pelo sentido do discurso pela do poder e valor do discurso. Isso implicaria a necessidade de compreensão não apenas da competência lingüística, mas de um capital simbólico. Falar em capital simbólico significaria recusar a abstração contida no conceito de competência lingüística, como capacidade infinita de engendramento de discursos gramaticalmente corretos. Na proposição de Chomsky acerca da competência lingüística, é postulada a autonomização da capacidade de produção lingüística. Bourdieu adverte, contudo, que a linguagem deve ser compreendida como práxis, portanto, necessariamente referida às situações que lhe conferem sentido e condicionam a sua expressão.

Para o autor, a linguagem desenvolvida para ser falada e aceita e estando, em decorrência disso, obrigada a assumir os pressupostos gramaticais definidos e reconhecidos como legítimos, deve também ser falada adequadamente. O espaço das interações, segundo Bourdieu, funciona como uma espécie de mercado lingüístico pré-constituído, definidor do que pode ser dito e do que não pode ou não deve ser pronunciado, de quem é excluído e ou se exclui (1989, p.55). Em outras palavras, os agentes sociais, na luta permanente pelo estabelecimento de “definições” legítimas, dispõem de forças que estão referenciadas aos campos hierarquizados e às posições que neles ocupam.

O autor postula a existência na sociedade de um mercado de bens simbólicos tão vigoroso quanto o de bens materiais. Na medida em que estabelecem relações sociais entre si, os homens realizam não somente a troca de mercadorias, mas também de significados, de símbolos (1987, p.102-103). Há, assim, uma lógica da produção, circulação e consumo dos bens simbólicos a ser apreendida e analisada. Daí a sua afirmação de uma “autonomia relativa” desse mercado simbólico que, não obstante, continua sendo estudado pelo autor em analogia ao mercado de bens materiais. Como tal, ele é analisado a partir do foco na existência de produtores e consumidores de bens simbólicos que se movimentam no âmbito de um “mercado”, a partir de um certo quantum de capital, que os capacita ou não a se colocarem frente aos ‘preços’ estipulados num processo de competição.

Bourdieu especifica a sua noção de mercado simbólico mediante a associação com o conceito de campo. Na sua concepção, aos vários campos correspondem mercados específicos, sendo a lógica de funcionamento de cada mercado definida pelo campo que o delimita. A sociedade, para o autor, tem o seu ordenamento definido a partir da existência e do relacionamento dos diversos campos nela configurados. A sua “teoria geral do funcionamento dos campos” constitui uma tentativa de compreender a sociedade, fugindo aos moldes do marxismo clássico, a partir do binômio estrutura e super-estrutura.

O campo é concebido por Bourdieu (1989), como sendo estruturado a partir de dois elementos fundamentais: um capital específico comum, que dá sentido à sua existência e um processo permanente de luta pela apropriação desse capital. Na afirmação do autor, “para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputa e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa,

etc” (1989, p.85). É precisamente essa disputa que sustenta a existência do campo e o movimenta. Uma disputa que é produzida pelas próprias estruturas constitutivas do campo e, ao mesmo tempo, é responsável pela produção de suas estruturas e hierarquias. Em outras palavras, o campo se mantém em funcionamento na medida em que o conjunto dos agentes nele envolvidos atua para manter ou melhorar suas posições no seu interior. Nessa disputa, as chances de êxito serão maiores ou menores na dependência direta do domínio maior ou menor do capital específico do campo.

Segundo Bourdieu, na medida em que “todo ato de produção cultural implica na afirmação de sua pretensão à legitimidade cultural” (1989, p.108), isto é, a luta pelo monopólio da manipulação legítima de uma determinada espécie de bens simbólicos, estabelece-se o conflito no processo de comunicação. Conflito este que decorre da existência de princípios diferenciados de legitimação que estão em jogo. A disputa fundamental é, pois, referente ao poder simbólico de estabelecimento das distinções, cuja efetividade é reconhecida e salientada pelo autor.

O poder de nomear é afinal, também para Bourdieu, o poder de fazer coisas, daí um certo caráter ‘mágico` estar presente na definição dos significados, na medida em que alterar representações implica, num certo sentido, mudar as coisas. O agente que fala não busca apenas ser compreendido, mas ser obedecido, acreditado, reconhecido. Daí a sua afirmação de que: “a língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder” (1987, p.161).

3.4 O processo de comunicação

A comunicação é um processo de interação no qual compartilhamos mensagens, idéias, sentimentos e emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas que, por sua vez, reagirão a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura (Silva, 2000, p. 52).

Falar de comunicação é falar de relação e relacionamento, é referir-se a algo que se dá a conhecer. A comunicação no nível mais profundo é mostrar-se. Quem comunica pode dar a conhecer algo de si, de sua interioridade e intimidade, idéias, experiências, emoções criando algo comum (Trudel¹⁷, 2004). O dicionário Houaiss aponta uma definição mais exata do processo comunicativo:

“Processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual, as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão, etc) ou de aparelhos ou dispositivos técnicos, são codificadas na fonte e decodificada no destino com o uso de sistemas convencionados ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos, gestuais, etc” (Houaiss, 2005).

O esquema fundamental da comunicação responde às perguntas: quem comunica, para quem comunica, por que comunica e o que comunica, ou seja, o emissor é a fonte, a mensagem é o conteúdo, e o receptor é o destinatário. A comunicação supõe um vai e vem entre emissor-receptor que dá lugar ao círculo da comunicação. Há sempre uma resposta mesmo não-verbal, gestos, olhar, silêncio (Trudel, 2004, p. 02).

No processo de comunicação, toda mensagem é codificada na fonte e necessita ser decodificada no destino pelo receptor, para isto usamos um signo, que é uma representação convencionalizada de uma determinada língua. Esta por sua vez tem

¹⁷ Jacques Trudel é padre jesuíta canadense. Este conteúdo foi retirado de uma apostila elaborada por ele, em fevereiro de 2004, em Belém- PA, no encontro nacional dos liturgistas do Brasil.

um código que significa a língua particular de uma cultura. Indo mais longe, verifica-se que no signo existe a distinção entre o elemento material perceptível aos sentidos, o sinal sonoro ou escrito, chamado significante e o próprio significado deste signo. A palavra água, por exemplo, é um signo, dizendo ou escrevendo esta palavra usa-se um código, neste caso a língua portuguesa. Sons e escritas diversas podem referir a um mesmo significado com significantes diversos. Assim se em vez de dizer água, pronunciasse: “water” ou “eau” teríamos diversos sons para o mesmo conteúdo (Trudel, 2004, p. 03).

Para que o interlocutor não ouça apenas sons, mas compreenda a essência da mensagem, ele precisa conhecer aquele código de maneira mais complexa, ele precisa conhecer a linguagem daquele código. As classes profissionais ao longo dos anos tendem a criar uma linguagem que lhe é peculiar. No caso da linguagem dos padres, nosso objeto de estudo, percebe-se que os anos de estudo para a formação teológica, filosófica, os documentos da igreja, levam os sacerdotes a usarem uma linguagem erudita para as assembléias nas homilias. Como, então o sacerdote pode tornar comum a linguagem usada nas homilias?

Uma dificuldade que o padre Trudel (2004, p. 03) apresenta para a homilia é a linguagem bíblica: “a linguagem da Bíblia vem de uma outra cultura, mas, também, chega a nós através da sua formulação em dogmas...o homiliasta não vai ligar a palavra à vida da assembléia a não ser que se torne tradutor”. A pergunta deve ser: o que significa para o povo expressões, como “a santa mãe igreja”, “instituição”; “escatológico”. É preciso colocar-se no lugar do ouvinte para perguntar-se o que ele vai entender.

Trudel (2004, p. 03) afirma que passou a entender, após um feed-back de um fiel, em relação ao vocabulário usado em sua homilia, que as pessoas quando

descobrem a fé precisam ser “alfabetizados” à nova linguagem, pois a linguagem da fé nunca será igual à de qualquer “tribo” por aí. Ele também buscou, após este episódio, atentar para a linguagem que o povo usa e adequar a sua linguagem à do povo, durante a homilia. Segundo ele: “[...] sob pena de termos nada em comum, e a mensagem não passar” (grifo nosso).

Portanto, não basta o emissor enviar a mensagem para haver comunicação. Só há autêntica comunicação (algo comum) quando a mensagem for corretamente entendida pelo destinatário da mensagem. Parece tão simples e é o ponto fundamental, porque “para um verdadeiro comunicador se o destinatário não entende a sua mensagem, não é porque o destinatário é burro, mas porque ele – o emissor – não soube adequar-se à capacidade de compreensão de seu auditório” (Craddock apud Trudel, 2004, p.03).

O feed-back é um mecanismo que procura verificar o grau de fidelidade com que uma mensagem chega ao destinatário. É a retro-alimentação. E o padre Trudel (2004), questiona: “Como fazemos para saber se as nossas homilias “passam”, comunicam, ajudam a assembléia a encontrar-se com o Senhor?”. Ele conclui citando Craddock: “A pregação que pensamos ter pronunciado não é necessariamente aquela que os ouvintes ouviram” (p. 03).

Após cada homilia deveria haver uma iniciativa de avaliar como foi a homilia do padre. O que acontece, geralmente, nas comunidades é uma avaliação durante a semana pela equipe de liturgia, entretanto pouco ou nada é avaliado em relação a homilia do sacerdote. Trudel (2004) afirma que o emissor não sabe o que disse até que escute o que o ouvinte entendeu.

Segundo Costa (apud Trudel, 2004, p. 4), “o emissor fala a partir do seu lugar social; o receptor interpreta a mensagem a partir do seu lugar”. Isto significa que o

contexto histórico, social, afetivo, a própria cultura, as experiências, as circunstâncias, as motivações, a disposição em ouvir e falar são fatores que influenciam, senão determinam o processo de comunicação.

Para Costa (apud Trudel, 2004, p. 4), por trás das motivações estão as pré-compreensões tanto do emissor como do receptor em relação à mensagem e a relação que sócio-cultural que apresentam entre si. Para o mesmo autor, as posições assumidas consciente ou inconscientemente pela experiência de vida, pelo passado, pela história permitem dar mais ou menos crédito tanto a pessoa que ouve como a que fala, constituindo um processo dicotômico.

Antes mesmo de falar o receptor já comunicou algo ao emissor:

“O ouvinte fala ao homiliasta no nosso caso antes que este se dirija para ele. O meu interlocutor modifica minha maneira de falar. Não falo igual em todos os ambientes mesmo que quisesse abordar o mesmo assunto ou o mesmo texto bíblico. [...] O que minha assembléia me diz antes mesmo de dizer uma palavra na homilia? [...] Como escutar a assembléia? Será importante na fase da preparação de uma homilia. Não existe uma homilia pra todos, mas para esta assembléia. Nunca faço a mesma homilia nas 3 missas que celebro” (Costa apud Trudel, 2004 p. 4).

É relevante destacar a expressão “para esta assembléia”. O homiliasta precisa sem dúvidas conhecer a assembléia para a qual fala, os problemas, as dificuldades, as conquistas, as alegrias. O bom homiliasta conhece o cotidiano da assembléia e transpõe para a homilia a mensagem que traz vida, e transforma vidas.

Porém, existem fatores que independem da vontade do homiliasta, principalmente os ruídos na comunicação que são as interferências impedindo uma correta transmissão da mensagem (Trudel,2004). Pode ser uma microfonia, microfone muito alto, muito baixo, ou até mesmo um leigo no altar chamando a atenção para si,

com roupas, conversas paralelas, enfim durante a homilia, qualquer ruído chama a atenção do leigo e pode ser um empecilho no processo de comunicação.

Em seguida, iremos expor os aspectos da comunicação estética sob o olhar da oratória, assim como sua influência sobre os comportamentos humanos.

3.5 A comunicação estética sob o olhar da oratória.

Há muito tempo à arte da oratória vem ganhando notoriedade e importância. São raríssimos os comunicadores, tais como jornalistas, radialistas, professores, conferencistas que não procuram aperfeiçoar sua oratória. É praticamente uma unanimidade a noção de que aprimorar dicção, o gestual, a expressão facial e corporal, entre outras, é fator fundamental e decisivo para o desempenho da tarefa de bem falar.

3.5.1 A comunicação verbal e não-verbal.

A comunicação pode ser realizada de forma verbal e não-verbal. A comunicação verbal exterioriza o ser social e a não-verbal o ser psicológico, sendo sua principal função a demonstração dos sentimentos (Silva, 2000, p. 52).

Em geral, é atribuída maior relevância à comunicação verbal expressa pela linguagem falada ou escrita; entretanto, segundo Birdwhistell¹⁸ (apud Silva, 2000, p. 53), o *homo sapiens* sempre se comunicou mesmo que através de grunhidos e gesticulações. Este autor considera que “apenas 35% do significado social de qualquer

¹⁸ Birdwhistell antropólogo pioneiro em tentar compreender a linguagem do corpo.

interação corresponde às palavras pronunciadas, pois o homem é um ser multissensorial que, de vez em quando, verbaliza”.

Carrasco apresenta uma estatística que confirma o postulado de Birdwhistell: “De acordo com estudos realizados pela neurolingüística a “palavra” representa apenas 7% da capacidade de influenciar pessoas, o tom da voz representa 38% e a postura corporal 55%” (2001, p.141).

Assim é fundamental que todos os elementos envolvidos no processo de comunicação, sejam verbais ou não-verbais, ocorram em harmonia contribuindo para a eficácia comunicativa.

Para Carraze (apud Silva, 2000, p. 54), a comunicação não-verbal exerce fascínio sobre a humanidade desde seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, expressões faciais, orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos e, ainda, organização dos objetos no espaço. Pode ser observada na pintura, literatura, escultura, entre outras formas de expressão humana. A comunicação não-verbal está presente em nosso cotidiano, porém, muitas vezes, não temos consciência de sua ocorrência e, nem mesmo, de como acontece.

Knapp (apud Silva, 2000, p. 54) descreve o significado e a classificação da comunicação não-verbal:

“A comunicação não-verbal, entendida como ações ou processos que têm significado para as pessoas [...] é classificada [...] em: paralinguagem (modalidades da voz), proxêmica (uso do espaço pelo homem), tacêsica (linguagem do toque), características físicas (formas de aparência do corpo), fatores do meio ambiente (disposição de objetos no espaço) e cinésica (linguagem do corpo)”

A capacidade de ouvir e compreender o outro inclui não apenas a fala, mas também as expressões e manifestações corporais como elementos fundamentais no processo de comunicação.

No que se refere ao movimento corporal, Birdwhistell (apud Silva 2000, p. 54) não identificou qualquer expressão facial, atitude ou posição do corpo que tivesse o mesmo significado nas diversas sociedades. Ele considera que não há gestos ou movimentos corporais que possam ser considerados como símbolos universais e que toda cultura tem seu repertório gestual.

Este mesmo autor estabeleceu alguns pressupostos para melhor compreensão da cinésia: 1) o contexto fornece o significado ao movimento ou expressão corporal; 2) a cultura padroniza a postura corporal, o movimento e expressão facial; 3) o comportamento dos membros de um grupo é influenciado pelas suas próprias atividades corporais e fonéticas; 4) os comportamentos têm significado culturalmente reconhecidos e validados.

Assim sendo, podemos dizer que apenas o movimento do corpo não traduz o significado da mensagem, havendo a necessidade de inseri-lo num contexto, permitindo que um mesmo gesto tenha diferentes significados nas diversas sociedades¹⁹.

Os gestos são compreendidos de diferentes formas nas diferentes culturas²⁰. Só existe um gesto semelhante em qualquer lugar do mundo – o sorriso, muito embora essa semelhança não deva ser entendida como um expressão invariável de prazer ou alegria, uma vez que seu significado difere de cultura para cultura e, ainda conforme o

¹⁹ Davis (apud Silva, 2000, p. 55) relata que há uma polêmica entre os pesquisadores de expressões faciais sobre a existência ou não de gestos universais.

²⁰ Entretanto, há estudos de Ekman (apud Silva, 2000, p. 55) comparando culturas, ele defende a existência de gestos que podem ser descritos como universais. Seu principal argumento é um trabalho

contexto da situação, pode significar surpresa, prazer, desaprovação, ironia, superioridade, desprezo, agressividade, maldade, entre outros (Ekman, apud Silva, 2000, p 55).

Como podemos observar, a linguagem do corpo diz muitas coisas tanto para nós quanto para aqueles que nos rodeiam. O corpo é, antes de tudo, um centro de informações (Silva, 2000, p. 55):

“Aquilo que de mim eu menos conheço é o meu principal veículo de comunicação [...] o observador atento consegue ver no outro quase tudo aquilo que o outro está escondendo – consciente ou não. Assim tudo aquilo que não é dito pela palavra pode ser encontrado no tom de voz, na expressão do rosto, na forma do gesto ou na atitude do indivíduo” (Gaiarsa apud Silva, 2000, p. 55).

Muitas vezes ocorrem situações nas quais o emissor procura controlar suas expressões faciais na tentativa de amenizar, disfarçar ou neutralizar um sentimento, com isto pode haver uma interferência na relação comunicativa. Porém a habilidade em realizar uma leitura consciente dos diferentes gestos pode ser obtida com treinamento e tende a facilitar a interação comunicativa, a fim de não haver nenhum ruído ou disfarce no processo de comunicação.

Portanto, para compreender o processo de comunicação não-verbal, é necessário muito mais do que apenas a linguagem do corpo. Há que se considerar o tom da voz, o espaço que o emissor utiliza para falar, o toque e os fatores do meio ambiente, todos inseridos em um determinado contexto. O significado atribuído vai depender de todos estes elementos inter-relacionados.

• A expressão corporal

Segundo Leloup (1998, p. 9), “o corpo é o nosso texto mais concreto, nossa mensagem mais primordial, a escritura de argila que somos. É também o templo onde outros corpos mais sutis se abrigam[...]. O corpo sente, toca, fala, comunga. Vida incorporada, corpo da Vida”.

Todo o nosso corpo fala quando nos comunicamos. A posição dos pés e das pernas, o movimento do tronco, dos braços, das mãos e dos dedos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações do semblante e a expressão do olhar, cada gesto possui um significado próprio, encerra em si uma mensagem (Polito, 2002, p. 71).

A expressão corporal é parte integrante da comunicação e se manifesta pela linguagem corporal. A expressão do corpo tem o objetivo de complementar a mensagem, e pode, conforme a situação influenciar negativa ou positivamente. Assim, é essencial cuidar da expressão corporal, “pois por ela podemos transmitir a nossa personalidade, estado emocional e segurança, contribuindo efetivamente para a transmissão da mensagem” (Carrasco, 2001, p. 140).

Polito (2002, p. 71-2), apesar de defender que a gesticulação ao falar em público, pode ser aprendida e treinada, afirma que a naturalidade do gesto é a base para a comunicação eficaz. O autor elenca alguns cuidados com a gesticulação:

“[...] não falar com as mãos no bolso, com os braços nas costas, com os braços cruzados, apoiados sobre a tribuna, a mesa ou cadeira, não se apresentar com a postura do corpo indicando excesso de humildade, curvada para frente, muito menos indicando arrogância ou prepotência, com a cabeça levantada, olhando por cima do auditório [...]” (p. 71-2).

A gesticulação obedece a um processo natural, pensamos na mensagem, ao mesmo tempo em que informamos ao corpo o movimento a ser executado, o corpo reage e só depois pronunciamos as palavras. “Por isso o gesto vem antes da palavra ou junto com ela e não depois” (Polito, 2002, p. 72).

Destaca-se, porém um o cuidado com a naturalidade da gesticulação, para não correr o risco de encontrar na técnica, o artificialismo do comportamento.

• Os movimentos das mãos

De acordo com Polito (2002) há uma dúvida freqüente sobre qual a posição inicial ou de descanso para os braços e as mãos. “Ficarão os braços ao longo do corpo, com as mãos semi-abertas ao lado das pernas, ou serão colocados à frente do corpo, acima da linha da cintura, com as mãos separadas ou mesmo juntas uma sobre a outra?” (p. 73).

Segundo Polito (2002, p. 74) não há uma regra fixa e rígida para a posição inicial ou de descanso dos braços e das mãos. “Cada pessoa deverá comportar-se da forma que julgar mais conveniente, como se sentir melhor e mais natural”.

Os braços e as mãos estarão quase o tempo todo se movimentando, exatamente porque as idéias se sucedem rapidamente e cada idéia deverá ocorrer um gesto complementar. “Muitos fecham as mãos em conchas, uma sobre a outra, entrelaçam os dedos, prendem as mãos, seguram a gola do paletó com tal freqüência que irritam o auditório” (Polito, 2002, p.74). Além disso, há determinados gestos chegam a ridicularizar a imagem do orador: “Sem saber o que fazer com as mãos e até inconscientemente ficam mexendo na pulseira do relógio, estalando os dedos, limpando as unhas, puxando as mangas ou rodando os botões da blusa ou do paletó” (Polito, 2002, p. 74). Assim, os gestos das mãos devem ser expressivos, mas não

exagerados: “Devem atender a uma necessidade de elucidação ou afirmação da mensagem, existir com naturalidade, integrar-se com suave elegância no conjunto da expressão verbal” (Polito, 2002, p.74). Os gestos quando realizados acima da linha da cintura possuem boa expressividade, visíveis ao auditório e os gestos acima da linha da cabeça devem ser evitados, deixando-os reservados para momentos de emoção excepcional:

“[...] quanto menor e mais inculto o auditório, maiores e mais largos deverão ser os gestos; quanto menor o auditório e melhor preparado, menores e mais moderados deverão ser os gestos [...] gestos inteiros, como apontar para o coração, com a mão no peito, ou pôr a mão na cabeça para falar do pensamento, quase sempre são desaconselháveis” (Polito, 2002, p. 74-5).

Em contrapartida, Carrasco (2001, p. 142) relaciona os gestos com as características peculiares de cada pessoa. Para ela gestos mais extensos e expansivos são característicos de pessoas mais expansivas, extrovertidas, desinibidas. Outros menores, mais restritos e quase imperceptíveis, são utilizados normalmente, por pessoas mais tímidas e comedidas. A autora ressalta que depende também das circunstâncias comunicativas.

• A postura das pernas

Alguns oradores que não têm tanta experiência e segurança procuram refúgio através da movimentação desordenada das pernas. No início o nervosismo é grande, a palavra falta e o emissor principiante começa a recuar, afastar lateralmente as pernas, ou a apoiar o corpo, ora sobre a perna esquerda, ora sobre a perna direita, procurando algum tipo de amparo (Polito, 2002, p. 72)

Polito (2002) sugere que no início o orador fique de frente para o auditório, apoiado sobre as duas pernas para manter o bom equilíbrio do corpo. Os movimentos das pernas deverão surgir lentamente, com objetivo determinado, complementando a mensagem e o ritmo da apresentação. De maneira geral, as pernas deverão ficar levemente afastadas, sem demonstrar, entretanto a rigidez de uma estátua.

A posição das pernas interfere de maneira significativa na estética postural, porém não é uma mera consideração ao auditório. A postura dos pés, joelhos e pernas irá interferir de forma determinante na postura global do corpo e conseqüentemente na saúde do orador. Por isso, o comunicador deve evitar manter uma postura rígida com as pernas pressionando-as embaixo das cadeiras, cruzando os pés, ou relaxadas sem disciplina. Antes da estética, a saúde geral do comunicador deve ser levada em consideração.

• **A expressão facial**

O semblante talvez seja a parte mais expressiva do corpo. As imagens do interior das pessoas são expressas como em telas pela expressão do semblante: o queixo, a boca, o nariz, os olhos, a sobrancelha, a testa trabalham em conjunto ou isoladamente para demonstrar idéias e sentimentos juntamente com as palavras. Muitas vezes a comunicação se efetua única e exclusivamente pela expressão facial, sem que uma única palavra seja pronunciada (Polito, 2002, p. 76).

O rosto transmite o que sentimos. Daí a importância da expressão facial na comunicação. A mensagem transmitida com as nossas palavras deve ser ilustrada com o nosso semblante. O rosto do pregador deve ser expressivo para condizer com a

alegria da mensagem que proclama. Um rosto mal-humorado não condiz com a comunicação da mensagem da graça de Deus (Moraes, 2005, p. 185).

A expressão facial funciona também como indicador de coerência e sinceridade das palavras. Se a pessoa fala de um assunto triste é essencial que sua expressão facial não seja de alegria ou indiferença. Um comportamento tão incoerente arruinaria a mais bem cuidada de todas as apresentações (Polito, 2002, p. 76).

A certeza de que a expressão facial está coerente com a mensagem a ser transmitida dá a quem fala confiança e convicção ao se apresentar. Entretanto a comunicação do semblante deve ser natural, assim como todas as outras partes do corpo, o seu desempenho pode ser estudado e treinado pelo jogo fisionômico²¹ (Polito, 2002, p. 77-8).

Quando o orador tiver que falar para um público maior é necessário uma expressão facial mais acentuada para que a platéia perceba. O mesmo ocorrerá quando estiver lendo um texto, pois nesta circunstância os gestos são mais reduzidos e o semblante deverá fazer a compensação com um pouco mais de expressividade (Polito, 2002, p. 78).

O olhar possui relevância significativa na expressão facial. Por meio dos olhos podemos obter o retorno da mensagem. Com os olhos, o falante verifica o comportamento da platéia, o interesse, a dispersão, se estão entendendo, se estão concordando ou mesmo se apresentam resistência a determinadas idéias (Polito, 2002, p. 78).

Com os olhos conversamos com o auditório. A comunicação do olhar é relevante não apenas para receber o retorno da platéia e orientar nossa linha de atuação, ou demonstrar os sentimentos, mas principalmente para valorizar a presença

de cada pessoa do auditório. Todos os ouvintes precisam passar pelo ângulo visual do orador para sentirem que sua presença é importante naquele recinto (Polito, 2002, p. 79).

O sorriso, por sua vez, é fundamental na comunicação facial. Ele deve ser utilizado sempre no início das apresentações, pois abre um canal excelente de aproximação entre os interlocutores, mantendo uma relação amistosa e tornando a comunicação puramente eficaz, “um sorriso franco e sincero funciona quase como se fosse um interruptor mágico que acende instantaneamente um sentimento amistoso na outra pessoa” (Carrasco, 2001, p.145). Além disso Beuttenmüller²² (1995, p. 98) afirma que o treinamento do “rir, sorrir e gargalhar é fundamental para o desenvolvimento da comunicação vocal”.

Porém é importante ressaltar que o sorriso deve ser verdadeiro e não superficial, pois facilmente se reconhece o falso sorriso. Assim, a prática é necessária no processo comunicativo e de relacionamento intra e inter-pessoal. Por fim, o sorriso revela sempre o estado emocional da pessoa que o faz e deve sempre estar em equilíbrio com toda a fisionomia e com o conteúdo da fala (Carrasco, 2001, p. 147). Blaize (apud Carrasco, 2001, p.147) completa: “O riso! É por si só toda uma linguagem. Nada existe de mais espiritual, nem de mais estúpido, nada de mais alegre, nem mais terrível” (p. 147).

Entre os sacerdotes filmados dois apresentaram as expressões faciais rígida, sérias, sisudas e com poucos olhares. Para um profissional da comunicação, como são considerados, parece haver ainda alguns caminhos a percorrer no sentido de conhecer,

²¹ Consiste em treinar a expressão facial com inúmeras técnicas: a do espelho, filmadora, jogo de sentimentos, entre outros.

²² Beuttenmüller é fonoaudióloga da rede globo de televisão há aproximadamente 20 anos.

acreditar e apropriar das ferramentas comunicativas que contribuem significativamente para o diálogo eficaz.

Embora a comunicação não-verbal apresente inúmeras técnicas para obter qualidade e eficácia no discurso, nada substitui a naturalidade do gesto. O indivíduo que diante do auditório pratica todas as técnicas e deixa transparecer que se está valendo de algumas delas, não será natural e o auditório desconfiará de suas palavras. Portanto é imprescindível primar pela naturalidade e espontaneidade da expressão corporal (Polito, 2002, p. 79).

3.5.2 Além de uma simples mensagem: a voz humana.

De acordo com Brandi (1972), a voz, como som, tem dois aspectos. Fisicamente é “uma forma de movimento ondulatório, desencadeado por um corpo que vibra e transmitido por um meio como o ar. O efeito deste movimento constitui a onda sonora”. Psicologicamente, “é a sensação que experimentamos quando essas ondas de condensação e rarefação atingem nosso sistema nervoso por meio do aparelho auditivo” (p. 85).

Piccolotto e Freire (1977) aponta a diferença entre voz, fala e linguagem: “Por voz entende-se os sons que produzimos através da laringe. Por fala compreende-se a articulação, a emissão dos fonemas. E por linguagem concebemos o todo necessário para comunicação de nossos pensamentos e idéias” (p. 07).

Hein (2001), afirma que a voz é um poderoso instrumento comunicativo que não apenas transmite a mensagem, por meio das palavras, mas também é um meio de expressão de emoção e age como um espelho de eu interior das pessoas. É um reflexo da personalidade do indivíduo. Para entender a voz não é suficiente conhecer o seu funcionamento mecânico, é necessário, além disso, reconhecer as relevantes

informações que a voz transmite sobre o falante (Colton & Casper apud Hein²³, 2001, p.18).

Ao falar, as pessoas demonstram as emoções por meio da voz, revelando sensações e intenções. A voz é extremamente sensível, reflete entusiasmo, preocupações, ansiedade e mudança de humor, interferindo, inclusive na veracidade das palavras (Block, 1979, p. 102). Para perceber o quanto a voz revela de quem fala é necessário sensibilidade e treino auditivo.

Diversos autores (Behlau & Pontes, 1990, p.1; Gonçalves, 2000, p.54; Hein, 2001, p. 18) referem que a voz é uma das extensões mais fortes da nossa personalidade, nosso sentido de inter-relação na comunicação interpessoal, enfim é um meio essencial de atingir o outro.

Uma voz sem vida, rouca, sem entusiasmo, não prenderá atenção do ouvinte por muito tempo. Igualmente vozes estridentes, abafadas, anasaladas, trêmulas, sem alcance, desviam a atenção do interlocutor do foco da comunicação (Gonçalves, 2000, p. 53-4). O treino vocal torna a voz confiante, veemente, com brilho, colorido, melodiosa e agradável.

A qualidade da voz, segundo Behlau (2001), é o termo empregado para designar o conjunto de características que identificam uma voz (antigamente referida como timbre, mas atualmente o uso deste vocábulo está restrito aos instrumentos musicais). A qualidade da voz varia de acordo com o contexto de fala, as condições físicas e psicológicas do indivíduo. As principais dimensões a serem consideradas, ao avaliar a qualidade vocal de um indivíduo, são as de ordem biológica, psicológica e as socioeducacionais (Behlau & Ziemer, 1988, p.74).

²³ Hein realizou um estudo com padres e seminaristas da igreja católica afim de verificar o perfil vocal destes profissionais. No que diz respeito a comunicação do religioso, há um número reduzido de produção científica na área de fonoaudiologia.

Para Behlau (2001, p.92) “as dimensões biológicas dizem respeito às características anatômicas e fisiológicas do indivíduo, como sexo, idade, saúde geral, estrutura física geral e específica dos órgãos que compõem o aparelho fonador”. A dimensão psicológica fornece informações sobre as características básicas de personalidade e sobre o estado emocional do emissor. A dimensão sócio-educacional refere-se aos valores de uma determinada cultura que são transferidos, imitados e incorporados. Os parâmetros de qualidade vocal concernentes à dimensão sócio-educacional expressam-se pelo sotaque, regionalismos, voz de locutor, voz de padre, de policial, de professora. A incorporação destes padrões vocais e sociais ocorre por meio do mimetismo cultural.²⁴

Entende-se que o orador religioso, o padre, precisa conhecer e saber usar este poderoso instrumento de comunicação que é a voz, ela corresponde a 38% da capacidade de influenciar o ouvinte, segundo a neurolingüística Gonçalves (2000); Carrasco (2001); Polito (2002). Pela voz que o padre utiliza em suas homilias ele pode influenciar ou não a vida dos fiéis na busca de sentido social e espiritual.

• O aparelho fonador

Segundo Perelló (1975, p. 185), o ser humano não possui nenhum aparelho anátomo-fisiológico destinado exclusivamente à produção do som. A laringe aparece na escala animal com o objetivo de proteger o aparelho respiratório contra a entrada de alimentos que pudessem causar asfixia. Com a evolução da espécie humana, aos

²⁴ Processo no qual o indivíduo consciente ou inconscientemente identifica-se ou tenta se identificar com um determinado grupo, adotando o padrão de emissão que o caracteriza, via de regra (Behlau, 2001, p. 92)

poucos, o ser humano foi adaptando o aparelho respiratório e digestivo para a comunicação, fazendo nascer o chamado: aparelho fonador.

A produção do som envolve vários órgãos que, conjuntamente, fazem soar nossa voz. O aparelho fonador é formado pelo aparelho respiratório, a laringe, as cavidades de ressonância (nariz, boca, seios faciais) e os articuladores (língua, lábios, dentes, bochechas). O ar inspirado passa pelas pregas vocais em posição aberta, enchendo os pulmões, e na expiração ocorre a fonação. As cavidades de ressonância têm papel fundamental na produção do som, funcionam como a caixa de um violão, onde ocorre a modificação do som fundamental produzido na laringe. Os articuladores tornarão a pronúncia das palavras mais ou menos clara (Augspach, 1993, p. 38).

Segundo Brandi (1988, p.190), há três níveis de expressão da voz na fala: a articulação, a ressonância e a entonação da voz. A seguir iremos elencar estes elementos constitutivos da voz que proporcionam maior eficiência na comunicação verbal.

• **A articulação da fala.**

A articulação “é a produção dos sons da fala”. Para Carrasco dicção “é a pronúncia dos sons das palavras”. Existem discussões a cerca da terminologia articulação, dicção e pronúncia. Na ciência da fonoaudiologia o termo articulação é mais utilizado, abordando uma compreensão global, desde a fonética, a fonologia e a intenção do discurso (Gonçalves, 2000, p. 81).

A articulação tem relação com o “processo de ajustes motores dos órgãos fono-articulatórios na produção e formação dos sons, e o encadeamento desses na fala”. (Behlau, 1995, p. 105). Gonçalves (2000, p. 81) afirma que “para que a articulação

ocorra de forma clara e natural, é importante que a musculatura dos lábios, da língua, do véu palatino (parte macia e posterior do céu da boca) esteja funcionando bem”. A inteligibilidade da fala e a precisão na emissão dos sons dependem da eficiência da musculatura articulatória.

A articulação precisa de todos os fonemas resulta em uma fala mais clara e audível e facilita a compreensão. Ao contrário, a omissão ou troca de sons nas palavras geram no ouvinte uma sensação de incompreensões sucessivas, falta de interesse, agitação e distração a ponto de criticar a maneira de falar do emissor que por sua vez cai em descrédito profissional. A movimentação insuficiente de lábios, com a articulação travada, pouca abertura de boca, leva o interlocutor a apurar a audição para tentar entender e a comunicação torna-se cansativa (Gonçalves, 2000, p. 82).

Uma articulação com sons bem definidos indica controle da dinâmica fonológica articulatória e transmite ao ouvinte franqueza, desejo de ser compreendido e clareza de idéias. A emissão clara confere credibilidade ao falante, mesmo se ele não possuir uma voz bela e potente. Ao contrário, a falta de exatidão na constituição das palavras, com sons distorcidos, pode fazer com que fatos admiráveis passem despercebidos. A articulação mal definida pode indicar dificuldades de organização mental, pouca preocupação em ser compreendido ou falta de vontade de se comunicar. Uma articulação exagerada pode indicar certo grau de narcisismo (Behlau, 1995, p. 106).

Portanto, todas as pessoas apresentam variações na qualidade da articulação das palavras, dependendo do domínio que possuem do discurso, da confortabilidade da situação de comunicação e da aceitação mútua entre interlocutores, porém a exatidão articulatória das palavras é um recurso essencial para uma comunicação de qualidade, além de favorecer a projeção da voz (Behlau, 1995, p. 106).

• A ressonância da voz

A colocação correta da voz baseia-se, essencialmente, no desenvolvimento da respiração e na vibração dos sons da fala, sustentados na caixa de ressonância. Para Gonçalves (2000, p. 58), “a ressonância da voz é a vibração do ar dentro das cavidades de ressonância, que são a boca, a faringe, o nariz, os seios faciais, todos os espaços que contenham ar e que fazem vibrar o som produzido pelas pregas vocais”.

As cavidades de ressonância permitem a amplificação do som e com essa colocação adequada a voz ganha corpo e brilho. Quanto mais amplo for o uso dessas caixas de ressonância, maior será a valorização do som e o colorido da voz (Gonçalves, 2000, p. 58).

Há vozes que soam abafadas, espremidas, nasaladas, com alguma característica negativa interferindo na qualidade vocal, justamente porque não há um equilíbrio no uso dessas cavidades. O equilíbrio no uso das cavidades de ressonância proporciona uma voz agradável, a projeção dentro do ambiente e evita o desgaste da voz (Gonçalves, 2000, p. 58).

Portanto, a ressonância da voz é o hábito de falar projetando a voz para as cavidades de amplificação sonora. Este som ganha vibração, força, potência vocal. Apesar do advento dos equipamentos de gravação de áudio e vídeo e microfones, a qualidade vocal ainda é imprescindível em qualquer apresentação porque proporciona não apenas a amplificação sonora, mas a qualidade e a naturalidade da voz, tornando-a auditivamente agradável.

• A entonação da voz

De acordo com Gonçalves (2000, p. 67), a entonação da voz refere-se às inflexões de voz que fazemos ao falar estabelecendo diferentes curvas melódicas no discurso. A entonação da voz é um elemento fundamental para o brilho da fala nas apresentações, associada ao recurso da pausa. Sem a entonação, a fala torna-se muito monótona, tornando-se menos inteligível e eficiente, e leva o ouvinte ao desinteresse (Gonçalves, 2000, p. 67).

Para Brandi (1988, p. 240), a nossa língua é de ritmo intensivo, isto é, falamos alternando sílabas acentuadas (fortes) com sílabas inacentuadas (fracas). “As palavras de significação plena, como substantivos, adjetivos, verbos, advérbios ou as formas pronominais enfáticas, têm um acento de intensidade”. Outras palavras, porém, como os artigos, preposições são inacentuadas ou átonas.

Segundo Brandi (1988), a entonação é, ao mesmo tempo, “uma expressão da unidade sintática e um meio pelo qual a voz traduz os estados afetivos, emocionais e de contaminação ambiental” (p. 242). De acordo com a intenção da frase ou da palavra usa-se uma determinada entonação de voz. Brandi refere-se à figura de entonação que “é uma linha tonal completa, com início, meio e fim”(p. 242). A autora cita as frases declarativas, por exemplo, que inicialmente apresenta uma inflexão ascendente, medialmente ondulações de voz em torno do tom médio, e no final uma inflexão descendente. Há diferenciações para as frases interrogativa, exclamativa, imperativa, e optativa.

“As entonações dadas à fala provocam um efeito sobre o ouvinte: quando fazemos uma curvatura ascendente para uma interrogação, ele sabe que deverá se pronunciar numa resposta, ou quando levantamos um pouco o som na última sílaba da palavra antes da vírgula, como que avisando ao ouvinte que ele deverá aguardar por uma complementação, ele percebe e espera, ou ainda quando usamos uma curva descendente, com queda da voz para um

ponto final, ele sabe que concluímos nosso raciocínio” (Gonçalves, 2000, p. 68).

Quando a curva melódica que o falante emite é coerente com a intenção do discurso, certamente o ouvinte fará uma interpretação correta. De acordo com Gonçalves (2000, p. 68), a queda de altura no final das frases, com o uso de tons mais graves, transmite a conotação de autoridade e certeza, enquanto as vozes que permanecem o tempo todo em tons mais agudos transmitem insegurança.

Além da entonação da voz, existem dois outros recursos que dão vida à linguagem falada: a ênfase e a pausa. A ênfase é o realce por meio da voz, dado à palavra considerada mais expressiva dentro da frase e que transmita a essência da mensagem. Na tentativa de falar bem, muitas pessoas chegam ao exagero de enfatizarem muitas palavras da mesma frase. Para evitar que a frase perca o sentido, a ênfase deve ser dada a poucas palavras. Ao escolher a palavra-chave o enunciador deve ter muito claro o propósito de sua fala. A pausa e o aumento da intensidade de voz aparecem juntos à ênfase ao ressaltar algo (Gonçalves, 2000, p. 76-7).

A pausa é um elemento vital da comunicação e é essencial para um pronunciamento forte e intenso. As pausas apresentam a função de auxiliar na comunicação: transmitem uma mensagem não verbal própria, fazendo o orador parecer relaxado, atencioso e seguro; ajudam na compreensão verbal, dando o tempo ao ouvinte para absorver e pensar sobre um recurso visual; marcam a transição entre um pensamento e outro; quando colocadas no meio da frase ou sentença, as pausas dão ênfase chamando a atenção para o que vem a seguir (Osborne, 1996, p. 58). Portanto, usar o recurso da entonação é saber modificar a melodia da fala pela utilização de uma

gama variada de tons que vai dos mais graves até os mais agudos, dando vivacidade ao que se fala. Isto pode ocorrer consciente ou inconscientemente.

- **A intensidade, a velocidade e o ritmo.**

Carrasco (2001, p. 130) define a intensidade da voz como um parâmetro físico e relaciona com a amplitude da vibração e tensão das pregas vocais. Para a mesma autora, deve-se observar o público-alvo a quem se destina a mensagem; nesse sentido é pouco provável que alguém fale gritando diante de três pessoas ou fale sussurrando diante de uma multidão. É imprescindível verificar o número de participantes e o ambiente físico. A intensidade de uma conversação natural é de 65 decibéis, durante a atividade teatral passa a ser 85 decibéis e no grito registra-se intensidade de 100 e 110 decibéis (Carrasco, 2001, p. 130-1).

A velocidade da fala está diretamente ligada à produção de palavras num certo espaço de tempo. Normalmente observa-se uma produção média de 140 palavras por minuto na leitura de um texto corrido. No caso de produção de palavras em um minuto muito abaixo dessa média é considerado um falante-leitor muito lento e vice-versa (Carrasco, 2001, p. 131).

Do ponto de vista psicodinâmico, uma velocidade de voz lenta passa a impressão de lentidão de pensamento e falta de organização de idéias, despertando falta de interesse em quem ouve, ao passo que uma velocidade rápida pode expressar vontade de omitir dados do discurso, não dá espaço para o ouvinte e reflete ansiedade e tensão (Behlau (1995, p. 104-5).

O ritmo “é o movimento, tensão e relaxamento, periodicidade e oposição. [...] o ritmo traduz a habilidade de fazer fluir o pensamento em palavras e deve ser muito bem dosado. Um ritmo excessivamente rígido, regular e uniforme é artificial [...]; enquanto

um ritmo extremamente irregular confunde o ouvinte e reduz a efetividade da comunicação” (Behlau, 1995, p. 106).

As palavras pronunciadas se desenvolvem em um tempo, que poderá ser maior ou menor, dependendo do ritmo interno e do propósito de quem fala. A autora aponta os elementos que constituem o ritmo da fala:

“Os diferentes ritmos dados à fala dependem das pausas que fazemos, do tempo gasto para as inspirações, da modulação, do tempo gasto para a pronúncia dos sons, das sílabas e das palavras, da velocidade rápida ou lenta, da forma como agrupamos as palavras, que acabam caracterizando um estilo de falar” (Gonçalves, 2000, p. 95)

A intensidade, a velocidade e o ritmo são elementos básicos da comunicação que contribuem decisivamente para a transmissão correta de uma mensagem, seu conteúdo e sua intenção.

• A respiração

A respiração “é a primeira e a última relação que existe entre o homem e o mundo exterior” (Piccolotto e Freire, 1977, p. 34). Além do fornecimento de energia ao nosso organismo e purificação do sangue, é um dos elementos básicos na comunicação verbal.

A respiração é um processo automático e natural, devido às tensões acumuladas no dia-a-dia, que dificultam a livre movimentação da musculatura respiratória, esse processo acaba se alterando. A ansiedade aumenta, na medida em que as pessoas começam ter a sensação de não ter ar suficiente para falar. Torna-se um ciclo vicioso: a pessoa interfere no processo natural de respiração, a ansiedade aumenta, a respiração se torna rápida e superficial, o que gera incompreensões e

desinteresse por parte de quem ouve, além de provocar muito cansaço vocal no emissor (Gonçalves, 2000, p. 39).

Piccolotto e Freire (1977) apontam as variedades respiratórias segundo a região mais ativa, o volume pulmonar, a frequência e os tempos de respiração. Segundo a região mais ativa pode ser superior, inferior ou mista. Segundo o volume pulmonar pode ser superficial ou profunda. Segundo a frequência a respiração pode ser rápida, lenta ou irregular e finalmente segundo o tempo de respiração pode ser inspiração, expiração e pausa. A seguir descreveremos cada elemento constitutivo do processo respiratório e suas implicações no processo da comunicação (p. 34).

Segundo a região mais ativa, “a respiração predominantemente superior é a que se realiza através da movimentação da parte superior dos pulmões”. Permite a entrada mínima de quantidade de oxigênio. A capacidade respiratória se torna diminuída. É freqüente em mulheres, ou indivíduos em constante estado de tensão, angústia e ansiedade. Há maior tensão na região do pescoço e ombros. Há um maior desgaste de energia durante o mecanismo da respiração (Piccolotto e Freire, 1977, p. 34).

Segundo a região mais ativa, “a respiração predominantemente inferior é a que se realiza através do preenchimento total dos pulmões”. Devido ao movimento do diafragma²⁵. Observa-se a entrada de maior quantidade de ar e oxigenação de todo pulmão. Ocorre normalmente em estado de repouso. Há menor tensão localizada. Há menor desgaste de energia e aumento da capacidade respiratória.

Segundo a região mais ativa, “a respiração mista é aquela que apresenta tanto movimentação superior (tórax) como inferior (abdômen)” (Piccolotto e Freire, 1977, p.

²⁵ Diafragma “é o músculo que separa a cavidade torácica da abdominal e que, devido a sua forma cupular, ao se contrair faz os pulmões se expandirem, havendo a entrada do ar, e quando em posição natural, impulsiona a saída do ar” (Piccolotto e Freire, 1977, p. 34-5).

35). Para estas autoras, a respiração mais correta é a inferior. Entretanto, com a evolução dos estudos a cerca da respiração, alguns autores (Behlau, 1995, Gonçalves, 2000, Pinho, 1998) consideram a respiração mista a mais indicada para a fala e o canto. Gonçalves (2000) categoriza a respiração mista como respiração costo-diafragmática-abdominal, “na qual acontece a expansão da caixa torácica com foco principalmente na abertura lateral e posterior das costelas, com conseqüente expansão do abdômen, evitando excesso na região do peito e mesmo do abdômen” (p. 41).

Segundo o volume pulmonar, Piccolotto e Freire (1977) afirmam que a respiração superficial na qual “a entrada do ar é mínima e é constatada nos tipos predominantemente superior e misto”; a respiração profunda “utiliza toda a capacidade pulmonar de acordo com a necessidade do organismo. É encontrada no tipo predominantemente inferior” (Piccolotto e Freire, 1977, p. 35, grifo nosso). Entretanto Behlau (1995) afirma que a capacidade pulmonar nunca pode ser usada totalmente, senão a pessoa morre. É necessário permanecer o ar de reserva nos pulmões para que o individuo permaneça vivo.

Segundo a freqüência, a respiração pode ser rápida surgindo nos casos de esforços físicos vigorosos, agitação emocional e mental; lenta verificada no estado de repouso, de tranqüilidade física, emocional ou mental; irregular ou arritmica é o resultado de estímulos emocionais de intensidades diversas e contraditórias. É típico no ser humano moderno, devido sua agitação constante (Piccolotto e Freire, 1977, p. 35).

Segundo as fases ou tempos de respiração, a inspiração “é o movimento originado pela entrada de ar nos pulmões; a expiração é a saída de ar dos pulmões após o diafragma e demais músculos terem relaxado; a pausa é o tempo de suspensão

ou retenção compreendido entre uma inspiração e uma expiração” (Piccolotto e Freire, 1977, p. 36).

A respiração ideal é a predominantemente costo-diafragmática-abdominal (Gonçalves, 2000), mais profunda que superficial, de ritmo regular com alterações entre rápida e lenta, conforme a situação. Gonçalves (2000, p. 41) afirma quando usamos corretamente a respiração, o diafragma funciona melhor, proporcionando um apoio respiratório mais eficiente para a voz, e uma fala com mais energia. Além disso, “quando a respiração é profunda e harmônica, e conseqüentemente energizante, todo o organismo se equilibra” (p. 41).

• **A psicodinâmica da voz a partir de Mara Behlau²⁶**

A relação entre os aspectos de personalidade, sentimentos, emoções e voz é estudada e descrita desde o tempo dos gregos, com bastante interesse ainda nos dias atuais (Behlau, 2001, p. 118). “A psicodinâmica da voz é a descrição do impacto psicológico produzido pela qualidade da voz do indivíduo, considerando-se desde os aspectos fonatórios até os elementos de velocidade e ritmo da fala” (Behlau, 2001, p. 118).

Cada parâmetro observado no indivíduo, como respiração, frequência, ressonância, pode trazer informações valiosas a respeito da psicodinâmica vocal da pessoa e sobre a repercussão de sua voz nos ouvintes. O caráter individual do uso da voz torna extremamente difícil traçar diretrizes de observação da psicodinâmica da voz (Behlau, 2001, p. 119).

²⁶ A autora é fonoaudióloga, com pós doutorado na University of Califórnia San Francisco – Califórnia – EUA. Diretora do centro de estudos de voz (CEV) – São Paulo. Defende vários postulados a cerca das teorias de voz, entre elas a supra citada.

“Uma pessoa modifica a voz constantemente de acordo com a situação e o contexto da comunicação, sobretudo no que diz respeito aos seus interlocutores. Apesar dessa limitação, existem algumas relações básicas entre os ajustes motores empregados, certas características de personalidade do falante e os efeitos causados no ouvinte [...]” (Behlau, 2001, p. 119)

Behlau (2001) apresenta uma relação direta entre os principais tipos de voz e seus efeitos sobre os ouvintes. A voz rouca, por exemplo, passa cansaço aos ouvintes, mas dificilmente chega a ser desagradável. A voz áspera é sempre desagradável, transmitindo agressividade, incômodo e aflição. A voz trêmula transmite sensibilidade excessiva, fragilidade, indecisão, medo e pode ser sinal de senilidade. A voz monótona não prende a atenção do ouvinte, o falante passa a ser considerado chato, cansativo, sem vida e desinteressante (p. 119).

As impressões transmitidas pela ressonância²⁷ indicam o objetivo emocional do discurso. A ressonância equilibrada indica facilidade de exteriorizar a emoção, equilíbrio psicoemocional. A ressonância laringofaríngea indica tensão, dificuldade em trabalhar sentimentos de agressividade. A excessivamente oral mostra pessoa de caráter narcisista, excesso de preocupação em esclarecer fatos, nível sócio-econômico alto. A ressonância nasal aponta características emocionais de sensualidade e afetividade, descartados os fatores orgânicos (Behlau, 2001, p. 120).

A altura da voz, fisiologicamente se relaciona com a frequência de vibração das pregas vocais; a altura vocal, psicologicamente, é empregada em relação direta com a intenção do discurso (Behlau, 2001, p. 120). Assim, as vozes mais graves estão relacionadas a pessoas autoritárias e enérgicas. As vozes mais agudas a indivíduos menos dominadores, mais dependentes, mais infantis e frágeis. Os discursos em tons

mais agudos transmitem clima alegre, há variação na entonação de voz e maior velocidade da fala. Por outro lado, os discursos em tons mais graves, transmitem um clima triste e melancólico, entonação de voz mais restrita, intensidade reduzida e menor velocidade de fala (Behlau, 2001, p. 120).

A velocidade da voz do ponto de vista psicológico expressa como a pessoa lida com a noção de limite próprio e de limite do outro. A intensidade é um parâmetro que permite várias interpretações. A intensidade adequada mostra uma consciência exata da dimensão do outro, refinado controle de projeção da voz no espaço. A intensidade elevada transmite franqueza de sentimento, vitalidade e energia, mas pode ser falta de educação e de paciência, invasão do outro e recurso de intimidação, pode ser, também, resultado de um modelo vocal familiar, como as famílias de língua latina (Behlau, 2001, p. 120).

A articulação da fala, coloquialmente a dicção, do ponto de vista psicológico, geralmente diz respeito ao cuidado em ser compreendido. A articulação bem-definida transmite clareza de idéias, desejo de ser compreendido, preocupação com o ouvinte. A articulação imprecisa aponta dificuldade na organização mental, desinteresse em comunicar-se e em ser compreendido. A inexatidão articulatória temporária indica perda de controle emocional numa determinada situação. A articulação exagerada mostra certo grau de narcisismo, afetação. Por fim, a articulação travada transmite agressividade, contenção de sentimentos, sobretudo raiva (Behlau, 2001, p. 120).

Com o treino auditivo cotidiano é possível perceber os diferentes tipos de vozes e avaliar as inferências que podem surgir a partir delas, sem projetar preconceitos. Estas observações da psicodinâmica da voz são essenciais para o processo de comunicação se tornar cada dia mais rica e produtiva.

²⁷ "Fisiologicamente consiste na amplificação da intensidade de sons de determinadas frequências da

Urge que os sacerdotes, como profissionais da comunicação, busquem conhecer, exercitar e aplicar todos os recursos comunicativos para um melhor desempenho de suas atividade homiléticas.

3.5.3 O vocabulário: reflexo da nossa visão de mundo.

Na comunicação diária, o emprego dos vocábulos constitui o repertório do indivíduo e refletem a sua visão de mundo, as experiências diversas que vivenciou. O domínio do vocabulário difere de pessoa para pessoa, e é através da troca que adquirem novas experiências e novos vocábulos, redefinindo o nosso repertório vocabular (Wittgenstein, 2005, p. 01).

Quanto mais amplo for o domínio do conjunto de vocábulos da língua, tanto maior será a compreensão do que se passa à nossa volta, e tanto melhor será o empenho e adequação no processo de comunicar (Wittgenstein, 2005, p. 01).

O conhecimento de significado dos vocábulos garante uma parte essencial do entendimento entre as pessoas. Porém, para haver comunicação é essencial um repertório de vocábulos comuns entre os falantes. Nesse processo de interação, podem surgir dificuldades de compreensão, uma vez que o sentido dos vocábulos está relacionado a inúmeros fatores sociais, profissionais, de região, de escolaridade, de idade, culturais, enfim (Wittgenstein, 2005, p. 01).

“Assim, cada grupo de pessoas apresenta um vocabulário próprio, que pode não coincidir, na sua totalidade, com o de outro grupo. O vocabulário das diversas profissões, dos grupos desportivos, religiosos e políticos permite uma especificidade muitas vezes necessária ou desejada. Esse vocabulário especial às vezes é entendido apenas por aqueles que fazem parte do grupo.

No entanto, à medida que vamos aprendendo o que esses termos significam, eles passam a fazer parte do nosso vocabulário, facilitando o dia-a-dia” (Wittgenstein, 2005, p. 01).

Entretanto, percebe-se o vocabulário dentro de um processo dialético, em que não apenas o ouvinte precisa conhecer e ampliar o leque de seu vocabulário, mas também o falante, à medida em que se dirige para um público maior, mais misto é necessária a adequação do vocabulário àquele público-alvo.

O religioso, ao falar com a assembléia durante a missa, precisa lançar mão de um vocabulário de fácil entendimento, pois os fiéis, em sua maioria, não são especialistas nas questões religiosas, bíblicas e assim por diante.

Para Wittgenstein (2005, p. 01), o vocabulário é visto como reflexo da cultura, como instrumento básico para a leitura do mundo, para a expressão do indivíduo e para sua identificação como membro de um determinado grupo. O mesmo autor afirma que quanto maior for o domínio do vocabulário, por parte do falante, maior será a eficácia de sua linguagem, concebida como forma de interação. Ora, se o vocabulário identifica um indivíduo como membro de um determinado grupo, o que dizer daquelas pessoas que afirmam: “o padre fala tão difícil que só entendo algumas palavras”? Concorde-se que o domínio vocabular é para eficácia da linguagem na interação comunicativa e não para enaltecer o falante, pois já foi o tempo em que falar difícil era sinônimo de falar bem.

Para Polito (2002), “o vocabulário corporifica e traduz todas as nossas idéias” (p. 67). Se o vocabulário se apresentar deficiente, o falante não conseguirá transmitir o que pensa, pois ele pensa por meio das palavras. O vocabulário precisa ser o mais vasto possível, pois melhor do que ter um vocabulário riquíssimo é saber usá-lo e adequá-lo ao tipo de público que ouve (Polito, 2002, p. 67).

“O vocabulário ideal não é riquíssimo, sofisticado, como se tivesse pesquisado nas profundezas de um dicionário, e muito menos pobre e vulgar. O vocabulário rico é útil para compreendermos tudo aquilo que as pessoas falam ou escrevem, mas nem sempre deverá ser usado em nossa expressão verbal. O auditório não está interessado em palavras difíceis. Como é que as pessoas poderiam ficar concentradas na mensagem, se tivessem que se preocupar com o significado de cada palavra?” (Polito, 2002, p. 68)

O vocabulário ideal é o que se adapta a qualquer ouvinte. Embora simples, traduz claramente as idéias, sem divagações. Palavras simples não significam palavras sem consistência. O conceito simples refere-se a clareza de idéias e à compreensão dos ouvintes (Polito, 2002, p. 70).

Quanto maior o repertório no vocabulário, maior será a capacidade de adaptação aos diferentes tipos de auditório. Essa versatilidade torna o falante admirado em todos os ambientes, desde os mais humildes até os mais elevados. Existem inúmeras formas para tornar o vocabulário mais extenso: ler bons livros, buscar novas epistemologias, ouvir bons oradores, ir ao teatro e o mais importante praticar.

3.5.4 Considerações sobre o público.

O orador precisa incluir nas suas considerações a existência do público. O bom comunicador analisa pormenorizadamente o terreno onde irá pisar, avalia os obstáculos, as saídas, os vários pontos de ataque e só depois escolhe a sua linha de atuação (Polito, 2002, p. 85).

“Cada público possui suas próprias características e cada uma delas requer um tipo adequado de comunicação. Não se deve falar para um grupo de cinco a dez pessoas da mesma forma como se fala para uma multidão. Não se fala para um auditório de operários da mesma forma como se fala para uma

audiência de intelectuais; assim como não se deve falar para as crianças da mesma forma como se fala para os adultos” (Polito, 2002, p. 85).

Polito (2002) elenca sete considerações acerca do público: idade, sexo, nível sociocultural, ambiente, acomodação e tamanho, expectativa, linha de pensamento e conhecimento do assunto (p. 85-6).

A idade, segundo Polito (2002), constitui um dos elementos de maior relevância para escolha do tipo de enfoque que se dará ao assunto tratado, do vocabulário a ser utilizado e até mesmo da postura do orador.

O público infantil, atualmente, é mais bem informado, mais integrado à vida social e mais crítico em suas interpretações. É preciso, portanto, que o orador utilize palavras concretas, simples e de significado claro. O orador deve contar pequenas histórias, fábulas, parábolas para ilustrar suas mensagens. A criança não tem muita paciência, distrai-se com relativa facilidade, portanto quanto mais rápida for a exposição, mais chance terá de atingir seus objetivos.

O público jovem é mais idealista, faz planos, sonha, vibra com idéias e pensamentos. O jovem tem sede de conhecimentos e de realizações. Alcançará resultados com os jovens aquele que demonstrar vibração nos temas abordados, agir como se fosse um deles, sem demagogia. Tratá-los como pessoas importantes, com respeito e valorizando seus ideais é uma forma de conquistar este tipo de público alvo (Polito, 2002, p. 88-9). Na pesquisa realizada percebe-se que os jovens são o público que mais criticam negativamente a homilia do padre, no sentido de conceituá-la como regular, ruim ou ineficaz, conforme gráfico 2.5.2 no anexo.

O público adulto possui experiência, seu vocabulário já está de certa forma estruturado, os sonhos estão sendo realizados ao longo dos anos. É o público preparado para ouvir uma explanação mais realista, argumentativa, informativa,

convincente, enfim (Polito, 2002, p. 92). O público idoso é, normalmente, saudosista, alicerça as razões da sua existência nos feitos do passado e negligencia as idéias de progresso. É quase sempre impermeável à sugestão e novidade.

O orador que ingenuamente acreditar que estes elementos são constantes em todos os ambientes onde a aparência dos ouvintes irá lhe informar a idade dos ouvintes estará sujeito ao fracasso de sua apresentação. É preciso estar atento a todos os aspectos do público, verificar se seu comportamento e formação estão de acordo com a idade que aparentam. Por fim, é trabalho do orador tratar o seu auditório, não pela idade que aparenta, mas pela idade que tem (Polito, 2002, p.93-4).

O público feminino já não se encara como sexo frágil, indefeso e carente de proteção. Houve quebra de tabus, reformulação de conceitos, maior liberação dos costumes, enfim ocupação de espaços antes permitido somente aos homens. Ainda assim o tratamento para o auditório feminino é diferente do masculino, pois a sensibilidade feminina é sempre mais aflorada, o gosto pelos tópicos românticos, pelos enfoques emocionais é mais evidenciado. Por outro lado o homem é mais lógico, concreto, racional, e geográfico. Com o público masculino pode-se abusar dos números e estatísticas, recurso que prenderá sua atenção. Com este público deve-se evitar também atitudes efeminadas, com contorsões do corpo, exclamações exageradas, emprego constante de palavras no diminutivo, entre outros (Polito, 2002, p. 94-7).

A platéia despreparada intelectualmente não compreende a mensagem com facilidade, pela falta de informação e pelo escasso vocabulário à sua disposição. Aprecia mais colocações emocionais e associadas ao seu estreito campo de visão. O “público inculto” é influenciado pela voz e gesticulação de quem fala. É mais vulnerável à demagogia e às artimanhas do jogo de palavras. O orador que diz não saber falar

para esse tipo de pessoa, não poderá considerar-se orador, pois elas formam a maior parte dos auditórios, e não há orador sem público (Polito, 2002, p. 97).

O público de melhor nível social, normalmente é mais frio e disciplinado. Entende com facilidade as diversas mensagens, possui vocabulário mais extenso, é mais crítico, não se deixa envolver por artimanhas verbais ou colocações demagógicas. Pode ser influenciado por raciocínios lógicos, dialéticos, filosóficos. É um público mais raro e pode ser encontrado em uma pequena parcela dentro de um público heterogêneo (Polito, 2002, p. 98).

“Os padres, até há pouco tempo, preparavam os sermões num padrão elevado durante a missa passavam por cima de centenas de ouvintes para atingir somente o prefeito, o juiz [...]. O povo, sem entendê-los, começou a deixar de frequentar as igrejas, o que os obrigou de certa forma a procederem a reformulações na preparação das suas falas para reconquistar os fiéis” (Polito, 2002, p. 98).

No caso dos padres, o público é extremamente heterogêneo, então caberá a ele adequar sua fala em um nível mediano e adaptar sua homilia de acordo com a variedade de idade, sexo, nível sócio-cultural, entre outros.

O falante precisa conhecer o local aonde vai se apresentar, a qualidade do som, a acústica da sala, a melhor posição para a tribuna, a iluminação, a disposição, a acomodação e o conforto das cadeiras do auditório e os ruídos externos. Pode fazer uma visita ao local da apresentação ou perguntar para quem o convidou acerca desses aspectos que com certeza serão de grande valia na hora da apresentação. Se verificar que as acomodações são insatisfatórias e desfavoráveis, deverá ser breve (Polito, 2002, p. 98-100).

“Não será possível prever todas as hipóteses, sempre haverá um fato novo a ser analisado e um problema a ser solucionado. O orador deverá utilizar a imaginação e o bom senso para contornar as dificuldades, e pensar sempre

que as pessoas da platéia deverão estar bem instaladas, a voz deverá chegar clara a todos os ouvintes, a visão do auditório terá de ser a melhor possível e a mensagem precisará estar adaptada ao interesse e compreensão da assistência” (Polito, 2002, p. 101)

Sempre haverá uma expectativa dos ouvintes sobre o comportamento do orador. É importante saber que tipo de comunicador o público espera: alegre, sério, expansivo, moderado – e de posse desta informação tentar não decepcioná-los. Algumas vezes, o público espera elogio à sua cidade, ao seu time, à sua conquista, à sua profissão. O falante que desconsiderar tais expectativas estará arriscado a falhar (Polito, 2002, p. 101).

Saber com antecedência como pensa a platéia, a linha de pensamento, a ideologia, as aspirações são aspectos fundamentais não apenas para conquistar o auditório, mas também para mostrar quais as barreiras a serem vencidas (Polito, 2002, p. 102).

Quando o público conhece o assunto a ser abordado, por um lado fica fácil o orador falar, pois não necessita preocupar-se em explicar detalhadamente, porém, por outro lado, o falante está sujeito a observações mais críticas e exigentes com relação ao conteúdo. O público não familiarizado com o assunto necessita ser cuidadosamente conduzido. A explicação deverá ser pormenorizada, para que prenda a atenção e interesse em que ouve (Polito, 2002, p. 102).

Para Polito, a expressão verbal só existirá em sua plenitude quando dirigida corretamente a cada público. Por isso não basta saber falar, é preciso do que isso, conhecer a quem falamos. “O público é um animal feroz; temos que o subjugar ou fugir dele” (Voltaires apud Polito, 2002, p. 104). A melhor saída é compreender quem é o público e tentar manter o diálogo, o debate, a discussão, respeitando os diversos pontos de vista.

CONCLUSÃO

“A palavra induz as práxis mais variadas e impõe determinações no espaço-tempo, nas mais diversas áreas. É ela a palavra que erige as doutrinas, os corpus júris, os organons, os tratados ético-estéticos, as divinas e místicas compilações. Ela a simples palavra que alimenta o espírito tenso de gerações, com sua preciosa seiva. Ela a palavra forja filosofias, governa, guerreia e pacifica” (Perê, 2005).

Ao ir caminhando para o final do trabalho, imprescindível se faz apontar algumas idéias que se destacaram ao longo da análise e como possibilitaram (re) criar novos conceitos e valores sobre a homilia da igreja católica a partir do ponto de vista

do “leigo-crente” e do padre. Este, não tem a pretensão de ser um produto acabado, apenas mostra o olhar de leigos e padres acerca dos elementos comunicativos demonstrados no discurso religioso: a homilia.

A graduação em fonoaudiologia e a especialização em voz nos apontaram os caminhos da saúde, da patologia e da estética que são exatos e técnicos. Este mestrado, porém, e especialmente a dissertação nos levou a uma reconstrução na maneira de olhar o mundo da comunicação. Agora temos um olhar simbólico, transcendental, o olhar do poder. Aqueles que detêm o poder simbólico, no sentido mais amplo da palavra, não precisam de uma comunicação estética, a priori, porque a imagem que os ouvintes conservam, pelo menos entre os sujeitos pesquisados, é de alguém sagrado, o porta-voz da Palavra de Deus e que não precisa dos adornos da oratória.

Entretanto, acreditamos que a visão dos fiéis ainda é ingênua, no que diz respeito à comunicação dos padres na homilia, pois conhecemos e vivenciamos o grande poder que a oratória sagrada pode oferecer na transformação do *ethos* e visão de mundo dos fiéis. O padre detém na mão um poder inigualável de persuasão: a Palavra de Deus (texto sagrado), e as estratégias da oratória que podem tornar o seu discurso completo, coeso, moderno, enfim com a imagem que ele mesmo decidir transmitir. Pode ser uma homilia maçante, cansativa, de pouco ou nenhum efeito de transformação assim como pode ser atraente, motivada, uma conversa de pai para filho, ou de mãe, se preferir, desde que seja capaz de mudar a maneira de ser de cada fiel que, prontamente, todos os domingos, espera por isso.

Algumas mudanças que os leigos referem em suas posturas comportamentais a partir das homilias são descritas de forma breve e resumida e outras de maneira profunda e detalhada. Alguns falaram apenas que se tornaram mais

caridosos, bondosos, pacientes, compreensivos; outros relataram casos de mudança de religião, de sentido de vida: “minha vida era vazia, hoje é totalmente diferente” , citando a homilia e o padre que proferiu. É impossível negar que a homilia poder ser um espaço de cons-trução e re-construção de vidas a partir do depoimento da maioria dos fiéis. Assim, buscamos e encontramos algumas respostas que podem apontar a justificativa deste discurso ainda ser espaço significativo de construção de mundo.

A autoridade de um discurso, isto é, a conquista da sua legitimidade decorre, segundo Bourdieu (1989), de uma série de fatores: em primeiro lugar, se ele é proferido por um locutor legítimo, reconhecido como possuidor do direito e da competência para proferi-lo; em segundo lugar, se ele é proferido numa situação legítima, no mercado que o considera relevante; e, finalmente, se ele é dirigido a destinatários também legítimos, ou seja, capazes de compreendê-lo e dar-lhe a importância devida. No discurso homilético, o locutor é o padre, o mercado é a igreja como espaço sagrado, e ambos são legitimados pela fé dos fiéis que são os destinatários da mensagem.

A primeira idéia que se percebe como chave de resposta é a palavra *poder*. O poder que a religião exerce; o poder da sagrada escritura e da fé do leigo aliado ao poder que a imagem do sacerdote apresenta na vida do leigo-crente. A visão que os leigos e padres apresentam sobre a qualidade comunicativa na homilia está mais respaldada no pano de fundo da religião, do que no discurso religioso em si. A homilia é um rito dentro de um culto religioso imbricado por uma série de símbolos, mitos e ideologias. A homilia, por fazer parte de um culto religioso, não é um discurso qualquer, mas está legitimada pela força coerciva da religião e da fé. A seguir elencaremos alguns tópicos que consideramos idéias essenciais para entender por que a homilia é vista por leigos e padres como um discurso eficaz:

- O poder simbólico é a maior chave de resposta que encontramos para justificar os resultados da pesquisa empírica. Bourdieu (2004) nos ajuda a refletir acerca da característica funcional e sutil que a linguagem possui para marcar poder, veicular conceitos, representações e identidades. A linguagem pode atender a interesses de dominação com seu poder de significar, adiar a presença de um evento ou de recriá-lo, ou também naturalizar relações de dominação.

“O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos [...] (Bourdieu, 2004, p. 14).

Legitimado pela fé do leigo, o poder simbólico que a religião exerce na figura do sacerdote enquanto agente religioso que articula as trocas simbólicas entre o leigo e sua divindade apontam o primeiro, talvez o maior, viés de análise.

O poder simbólico pode ser constituído também pelo ato da fala na homilia. Ao padre é fornecido todo revestimento do poder simbólico. O sacerdote, para os que crêem, é o representante do próprio Deus aqui na terra, assim é um ser sagrado, conseqüentemente o que fala também é sacralizado. Embora a homilia não seja o ponto máximo do culto católico, o padre pode, por meio dela, fazer crer, confirmar ou transformar a visão de mundo e a ação sobre o mundo nas relações com fiéis, respaldado pelo poder simbólico.

Os leigos têm conhecimento de que a homilia é, em geral, um discurso com várias deficiências de ordem comunicativa, porém este dado se torna irrelevante dentro

do contexto ritual da missa, pois o leigo, muitas vezes, nem presta muita atenção no que o padre falou na homilia, mas acredita piamente que recebeu o corpo e o sangue da própria divindade e assim vai para casa com propósito de ser uma pessoa melhor, pelo simples fato de acreditar, sentir e experimentar fisicamente (hóstia) a presença de seu Deus. A eficácia de cons-trução de *ethos* e visão de mundo está além do discurso homilético, perpassa o poder simbólico.

- O segundo apontamento que encontramos foi a religião como forma de poder simbólico e sua força coerciva de falar sempre *a verdade* para aqueles que acreditam:

“A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos. Ela pode tanto fornecer a explicação e a justificação das relações sociais como construir o sistema de práticas destinadas a reproduzi-las. Ela desempenha essas funções por ser um sistema de símbolos e os símbolos são incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças. No caso dos símbolos sagrados, estes servem para sintetizar o tom, o caráter e a qualidade da vida de um povo. Sintetizam o estilo de vida, as disposições morais e estéticas, a visão de mundo, as idéias mais abrangentes sobre a ordem social em que vivem. Pela religião, a visão de mundo de um povo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como a imagem de um estado verdadeiro de coisas, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida” (Geertz, 1989, p. 201).

Esta afirmativa é válida para a amostra pesquisada, pois 90% afirmou que se considera católico participante que leva a sério sua religião. Levar a sério à religião para estes sujeitos significa, em geral, ter compromisso com os dogmas estabelecidos pela igreja. A pessoa que afirma acreditar nos dogmas da igreja e ser um católico participante, pouca ou nenhuma crítica fará à homilia do sacerdote, ou à própria igreja, pois se assim o fizer poder entrar em contradição com seu credo religioso. Por isso, apenas 22% dos leigos conceituaram a homilia entre regular e ruim no que se refere aos aspectos comunicativos.

Ao separar somente a homilia em si, sem o revestimento da religião parece que esta perde o poder de convencer, o poder da verdade, o poder de transformar a visão de mundo de um povo. A homilia em si não é responsável por toda a eficácia na transformação do *ethos* e visão de mundo dos fiéis, mas a própria religião como “fornecedora de sentido” detém o poder de construir e reconstruir o tom, o caráter e a qualidade de vida dos fiéis.

- O texto sagrado é visto como “a verdade” . Para a maioria dos fiéis a bíblia é a Palavra de Deus, do seu Deus, assim é inquestionável sua veracidade. Os textos bíblicos são escolhidos com muito cuidado e destreza pela igreja católica, há uma seqüência e coerência nos tempos litúrgicos, cada ano são selecionados textos bíblicos de acordo com o ano A, B ou C. Essa escolha não é aleatória, é bem pensada, planejada e organizada de forma que nenhum texto fique descontextualizado ou desconexo. Os fiéis e sacerdotes recebem a seqüência de textos do Antigo e Novo Testamentos pré-selecionada pela liturgia da igreja que, geralmente, é a mesma em todos os lugares do mundo (Sartore, 1992). Todos esses critérios facilitam também a eficácia do discurso religioso na homilia.

- A figura do padre é vista como um ser sagrado, enviado por Deus, para a maioria dos fiéis. O poder que é confiado ao presbítero de exercer a “distribuição dos bens de salvação” torna ele não *um ser*, mas *o ser* que comunica a palavra de Deus na homilia. Só ao padre é concedido o poder de transubstanciar a hóstia e o vinho em corpo e sangue da própria divindade, assim como o poder de proferir as homilias dominicais, com o título de “homem eleito”, “escolhido” e também “sagrado”. Sabe-se que a imagem que o receptor (fiel) apresenta do emissor (padre) influencia de forma decisiva para que o discurso seja visto como “a verdade” ou apenas como mais um dentre vários discursos vazios de sentido (Mago, 1989). As pessoas pesquisadas

parecem demonstrar muito respeito, credibilidade e até uma certa veneração à pessoa do sacerdote enquanto emissor da palavra de Deus, pois em nenhum momento criticaram a homilia ou padre com tom de negação, repressão ou qualquer espécie de objeção à pessoa do padre.

Percebe-se que o perfil dos sujeitos pesquisados culminou nos resultados obtidos, pois o fato de ser católico praticante traz como consequência a fé na religião, nos textos bíblicos e na imagem simbólica do sacerdote como ser sagrado, legitimando o poder da homilia, enquanto discurso eficaz. Talvez o contrário não seria verdadeiro, se os sujeitos pesquisados fossem católicos não praticantes que estivessem em outro espaço físico (trabalho, feiras, shoppings) e não no sagrado (igreja), poderiam aparecer críticas negativas. Ainda assim, considera-se elevado o percentual de 22% que critica à homilia com o conceito regular ou ruim. A homilia para aquelas pessoas que crêem no poder do discurso religioso é eficaz. Por outro lado, para as pessoas que não crêem na instituição religiosa e em seu discurso, é apenas mais um espaço comunicativo retrógrado, maçante e sem nenhum poder de eficácia.

Do ponto de vista da comunicação, acredita-se que a homilia permanece um discurso vertical, massivo e massificante. A homilia, por si só, não é capaz de transformar o *ethos* e a visão de mundo das pessoas, porém revestida do poder que a religião exerce na vida do fiel-crente consegue estabelecer, para maior parte dos leigos entrevistados (69,7%, gráfico 2.9), poderosas, penetrantes e duradouras disposição e motivações na vida do leigo que crê. A homilia ainda é espaço para incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças, exatamente porque é legitimada tanto pela religião como pela fé do sujeito crente.

Embora o foco desse estudo seja outro, é importante salientar que na disputa pelo “mercado de bens e salvação” a Igreja Católica Apostólica Romana, atualmente,

tem perdido milhares de fiéis para igrejas evangélicas²⁸, isto ocorre, entre outros motivos, porque as pregações das igrejas evangélicas são ricas em elementos de natureza comunicativa que emocionam, convencem e fornecem sentido para os conflitos do cotidiano, constituindo ponto essencial para manter os fiéis em sua denominação religiosa, sob a força mágica do poder simbólico.

Os padres são considerados profissionais da comunicação por excelência, desde os tempos remotos, assim precisam buscar na epistemologia da comunicação ferramentas para uma oratória sacra densa em conteúdos retóricos, atualizada em conteúdos midiáticos e eficaz por si própria. Sabe-se que proferir uma homilia dessa forma não é tarefa fácil, porém é imprescindível que o corpo de presbíteros e a própria igreja católica revejam os elementos comunicativos de suas homilias, a fim de torná-las um momento não apenas reflexivo, mas tão fundamental como o espaço da comunhão.

Finalmente, queremos nos valer da hermenêutica para deixar esse texto aberto a novos olhares, críticas e possibilidades. “Deve-se lembrar que a ciência opera com graus de probabilidade e não com verdades acabadas” (Reimer, 2003, p. 962). Temos consciência dos limites e da polissemia desse enquanto texto, por isso a possibilidade de outros olhares contribui poderosa e decisivamente para que haja um exercício dialógico e de grande crescimento acadêmico e pessoal.

²⁸ Nos últimos nove anos a igreja católica apostólica romana do Brasil perdeu quase dez pontos percentuais em seu rebanho: de 83,3% em 1991 para 73,9% em 2000. Por outro lado houve um aumento da porcentagem dos evangélicos, de 9,05% para 15,95% (IBGE).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGRAS, Monique. *Opinião pública: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

AUSTIN, J. Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1990.

BECKHÄUSER, Frei Alberto. *A natureza da homilia à luz da sacrosanctum concilium*. Disponível em: <http://www.presbiteros.com.br/Liturgia/>. Acesso em 19 abril de 2005.

BECKHÄUSER, Alberto. OFM, *A homilia à luz da Sagrada Liturgia* em Pe. Geraldo L. B. Hackmann (Org.), *Sub Umbris Fideliter. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.11-39.

BECKHÄUSER, Alberto, OFM. *Comunicação homilética*, em *Comunicação litúrgica: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BECKHÄUSER, Frei Alberto, OFM. *Concílio Vaticano II – Liturgia 25 anos depois*. Petrópolis: Vozes, 1989.

BECKHÄUSER, Frei Alberto, OFM. *A liturgia da missa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BEHLAU, Mara. Ziemer, R. Psicodinâmica vocal. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto. (Ed.): *Trabalhando a voz*. São Paulo: Summus, 1988.

BEHLAU, Mara. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1995.

BEHLAU, Mara (Org.). *A voz do especialista*. volume I, Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BEUTTENMÜLLER, Glorinha. *O despertar da comunicação vocal*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1995.

BÍBLIA *de Jerusalém* (A). São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. São Paulo: Ática, 1997.

BLOCH, Pedro. *Sua voz e sua fala*. Rio de Janeiro: Block Educação, 1979.

BLOCH, Pedro. *Falar é viver*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1980.

BLOCH, Pedro. *Melhore sua voz*. São Paulo: Ediouro, 1986.

BRANDI, E. *Educação da voz falada*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1972.

BRO, Bernardes. *Religião sem prática?* São Paulo: Herder, 1969.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

BUYST, Ione. *Homilia, partilha da palavra*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARRASCO, Maria do Carmo Oliveira. *Fonoaudiologia Empresarial*. São Paulo: Lovise, 2001.

CARVALHO, Dirce de. *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CANSI, Bernardo. *Pais e filhos vivendo a missa*. São Paulo: Paulinas, 1976.

CARNEGIE, Dale. *Como falar em público e influenciar as pessoas no mundo dos negócios*. Tradução de Carlos Evaristo M. Costa. - Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do rito*. Porto: Ed. Rés, s/d.

CELAM, *Homilia*, Edições Paulinas, São Paulo 1983.

CHAPELL, Brian. *O poder da palavra*. Disponível em:

<www.monergismo.com/textos/pregação/poder_palavra_chapell.html> Acesso em 26 de dezembro de 2005.

CHIAVENATO, Júlio José. *Religião: da origem à ideologia*. São Paulo: FUNPEC, 2002.

CORRAZE, J. *As comunicações não-verbais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CROATTO, José Severino. *Êxodo – uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil). *Formação dos presbíteros na igreja do Brasil*, diretrizes básicas. São Paulo: Paulinas, 1985.

DEISS, Lucien. *A Homilia*, em *A Palavra de Deus Celebrada. Teologia da Celebração da Palavra de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. *Interpretação e super-interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ECO, Umberto: *Os limites da interpretação*. Tradução de P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

EVELY, Louis. *Homilias sobre a palavra de Deus*. São Paulo: Herder, 1971.

FERREIRA, L.(org.) *Trabalhando a voz*. São Paulo: Editora Summus,1987.

FERREIRA, L. (org.) *Um pouco de nós sobre voz*. Carapicuíba: Ed. Pró-fono,1994.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins fontes, 2002.

FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

FRANÇOIS, Dom Augustin. *Participação ativa na missa*. Tradução de J. Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Lúmen Christi, 1938.

GEBHARD Fesenmay, o. f. m., *A Homilia na Celebração Eucarística*, em Fr. Guilherme Baraúna, *A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 405-427.

- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GONÇALVES, Neide. *A importância do falar bem*. São Paulo: Lovise, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e agir comunicativo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa (I e II)*. Buenos Aires: Taurus, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. 3.ed. Madrid: cátedra, 1997.
- HABERMAS, Jürgen. *A Ética da discussão e a questão da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HARTMANN, I. Attilio Pe. *Missa de televisão*. São Paulo: Paulus, 1994.
- HAYNES, Gary. *O poder da língua*. Belo Horizonte: Atos, 2002.
- HEIN, Rosângela. Perfil Vocal de Padres e Seminaristas da Igreja Católica. In: BEHLAU, Mara (org.). *A voz do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001, p. 17-25.
- HERRERO, Xavier. O homem como ser de linguagem. In: PALÁCIO, Carlos (Org.). *Cristianismo e História*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 73-96.
- HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: 2005.
- KEY, Jerry Stanley. *O preparo e a pregação de sermões bíblicos*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.
- KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado: 1973.

KNAPP, M.L. La comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno. Barcelona: Paidós, 1980.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*. Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LATOURELLE, R., *Teologia , Ciência da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1981.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos*. Uma antropologia essencial. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEMOS, Carolina Teles. Religião e sociedade: a eterna busca de sentido. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). *O sagrado e as construções de mundo: roteiro para as aulas de introdução à teologia na universidade*. Goiânia: Ed. UCG; Brasília: Universa, 2004, p. 129-142.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAGO, Dal Eugênio Odolir. A homilia e os meios de comunicação social. Pontifício Ateneo San'anselmo. Tese de mestrado. Roma: 1989.

MALDONADO, Luis. *A homilia: pregação, liturgia, comunidade*. Trad. Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1997.

MELO, José Marques. *Comunicação, opinião, desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1979.

MELO, José Marques. *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo, Cortez, 1980.

MELO, José Raimundo de. A homilia ou a aplicação da Palavra à vida da comunidade. *Mensageiro do coração de Jesus*, São Paulo, v.111, n. 1.230, p. 6-10, maio de 2005.

MOLES, Abraham A.; GLUCKSMANN, A.; FRIEDMANN, Georges.; MORIN, Edgar. *Linguagem da cultura de massas*. Tradução de Sebastião Velasco e Cruz e Hilda Fagundes. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

NUNES, Maria José F. Rosado. *Mulheres na igreja católica: elementos para uma crítica do poder religioso*. Trabalho apresentado na mesa redonda "Mulher, gênero e poder religioso". São Paulo: 1998.

NABETO, Carlos Martins. *A liturgia da igreja católica. A missa passo a passo*. Site: www.servosporamor.com.br/missapassoapasso.htm. Acesso em 16 de outubro de 2005.

OLIVEIRA, R. C. de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

ORBEGOZO, D. José Larrabe. *Catecismo da santa missa*. Madrid: ediciones rialp, 1975. Site: www.montfort.org.br. Acesso em 16/10/2005.

OSBORNE, Jonh W. *Aprenda a falar bem. E impulsione sua carreira*. Tradução Eliana Carvalho. São Paulo: Nobel, 1996. Disponível em: www.cronopios.com.br. Acesso em 26 de dezembro de 2005.

PERÊ, Hermes Lucas. *Poesia do Futuro: palavra e poder*. Site: www.cronopios.com.br/site/artigos.asp. Acesso em 26 de dezembro de 2005.

PERELLÓ, J. Canto – Dicción – *Foniatría Estética*. Barcelona: Científico-Médica, 1975.

PICOLOTTO, Leslie. SOARES, Regina Maria Freire. *Técnicas de impostação e comunicação oral*. São Paulo: Loyola, 1977.

PINHO, S.M.R. *Manual de higiene vocal para profissionais da voz*. Caparicuiba, Pró Fono Departamento Editorial, 1997.

PINHO, Sílvia Maria Rebelo. *Fundamentos em fonoaudiologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

POYARES, Walter Ramos. *Falo, logo sou: o fenômeno humano da comunicação*. Rio de Janeiro: Agir, 1983.

POLITO, Reinaldo. *Como falar corretamente e sem inibições*. São Paulo, Saraiva, 2002.

REIMER, Haroldo. Elementos e estruturas do fenômeno religioso. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). *O sagrado e as construções de mundo: roteiro para as aulas de introdução à teologia na universidade*. Goiânia: Ed. UCG; Brasília: Universa, 2004, p. 79-96.

REIMER, Haroldo. *Exegese, releituras e sentido*. Editorial. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.13, n.5, p.961-966, set./out.2003.

REIMER, Ivoni Richter. *Cura e salvação: experiência do sagrado na construção da vida em suas múltiplas relações*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.12, n.6, p.1233-53, nov./dez. 2002.

SACROSANCTUM CONCILIUM. *Instrução do Vaticano II sobre a sagrada liturgia*, 25/01/64. Site: www.vatican.va/.../ii_vatican_concilil/documents. Acesso em 15 de dezembro de 2005.

SANSÃO Irineu, *Aspectos Teológico-Pastorais da Pregação no culto Divino à luz do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1969.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

SEMAMA, Paolo. *Linguagem e poder*. Trad. Wamberto Hudson Ferreira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

SILVA, M. J. Paes da. *Construção e validação de um programa sobre comunicação não-verbal para enfermeiros*. São Paulo: Tese (doutorado) – Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo, 1993.

SILVA, M. J. Paes da. *A percepção das enfermeiras sobre a comunicação não-verbal dos pacientes*. São Paulo: Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo, 1989.

SILVA, Frei José Ariovaldo da. *Sentir Deus falando e viver uma aliança de amor quando se faz homília: Um direito do povo um desafio para o homilista*. Site: www.pime.org.br/pimenet/mundoemissão/teologiapaixao.htm. Acesso em 16 de outubro de 2005.

SILVA, Benedicto (coord). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SINGTON, Derrick. *Liberdade e comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1963.

SOARES & PICCOLOTTO *Técnicas de imitação e comunicação oral*. São Paulo: Loyola, 1977.

SPITZ, René. *O não e o sim: a gênese da comunicação humana*. Tradução de Urias Corrêa Arantes. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

STOTT, John. *O perfil do pregador*. São Paulo: Sepal, 1989.

TARGINO, Maria das Graças. *O ensino da comunicação*. Teresina: Laerte Magalhães,

TORRE, Luigi Della. *Homilia*, em: *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992.

TRIACCA, Achille M, *Dizionario di Omiletica*, a cura di Manlio Sodi. Madri: Editrice Elle Di Ci - Editrice VELAR, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo silva. *Pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEL, Jacques. *A formação do homiliasta: arte da comunicação, dramaturgia na homilia – apontamentos em construção*. Belém: Apostila, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. UNB, 1984.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Redirecionado de Renovação Carismática. Disponível em:<pt.wikipedia.org/wiki/renovação_carismática>. Acesso em 26 de dezembro de 2005.

WITTGENSTEIN. *O vocabulário como reflexo da cultura*. Site: www.malhatlantica.pt/jorgefborges/vocab.html. acesso em 14/11/2005.

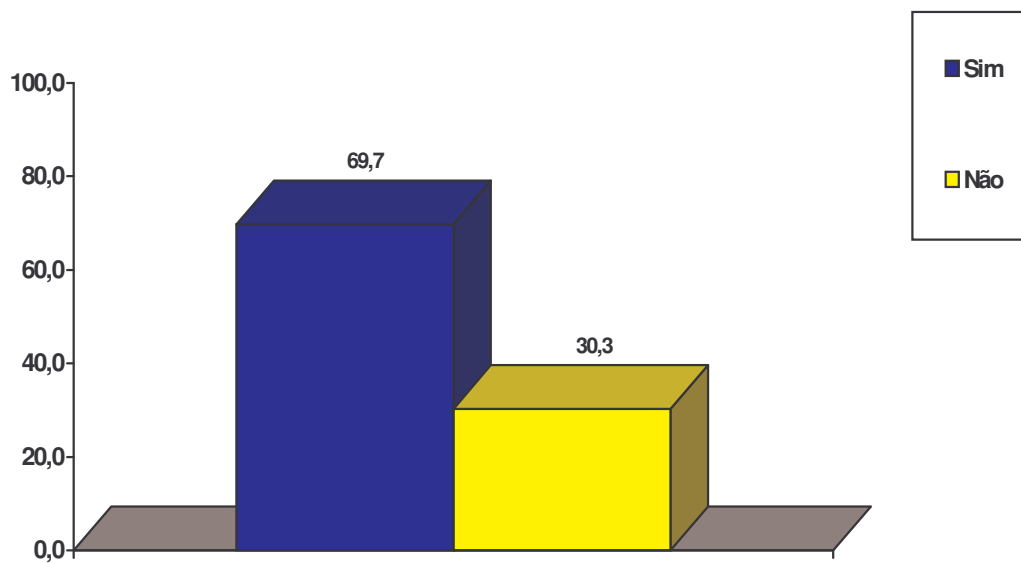
ZANLORENZI, Ivo. *A pregação na renovação da Igreja*. São Paulo: Duas cidades, 1965.

ANEXOS

A PESQUISA QUANTITATIVA

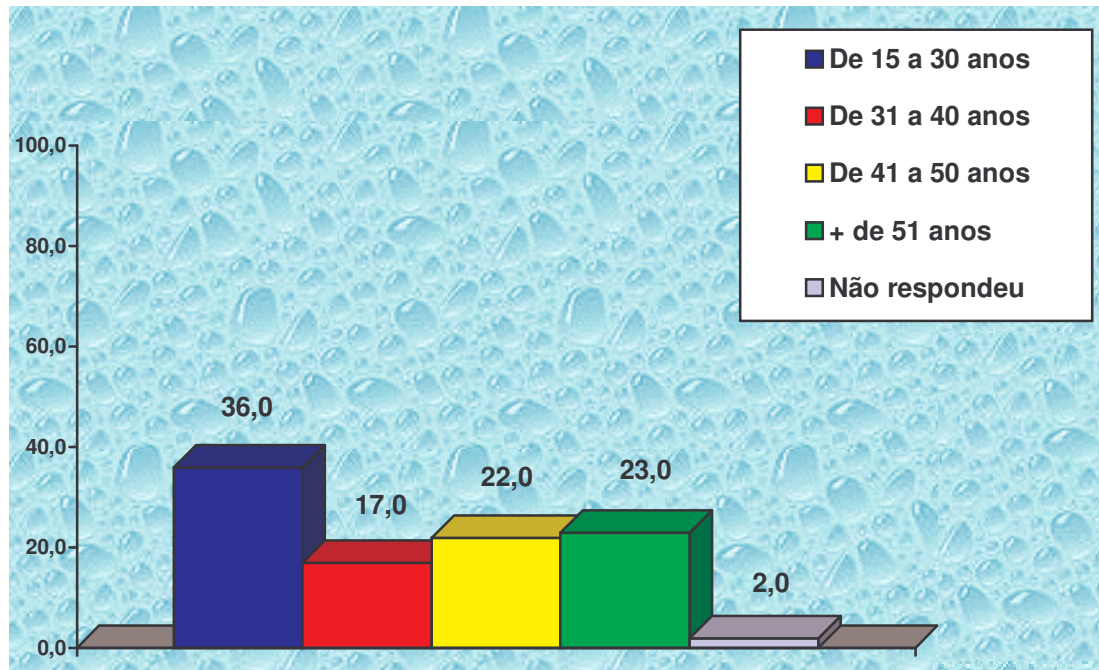
1. PERFIL DA AMOSTRA PESQUISADA

1.1. Gênero dos Entrevistados



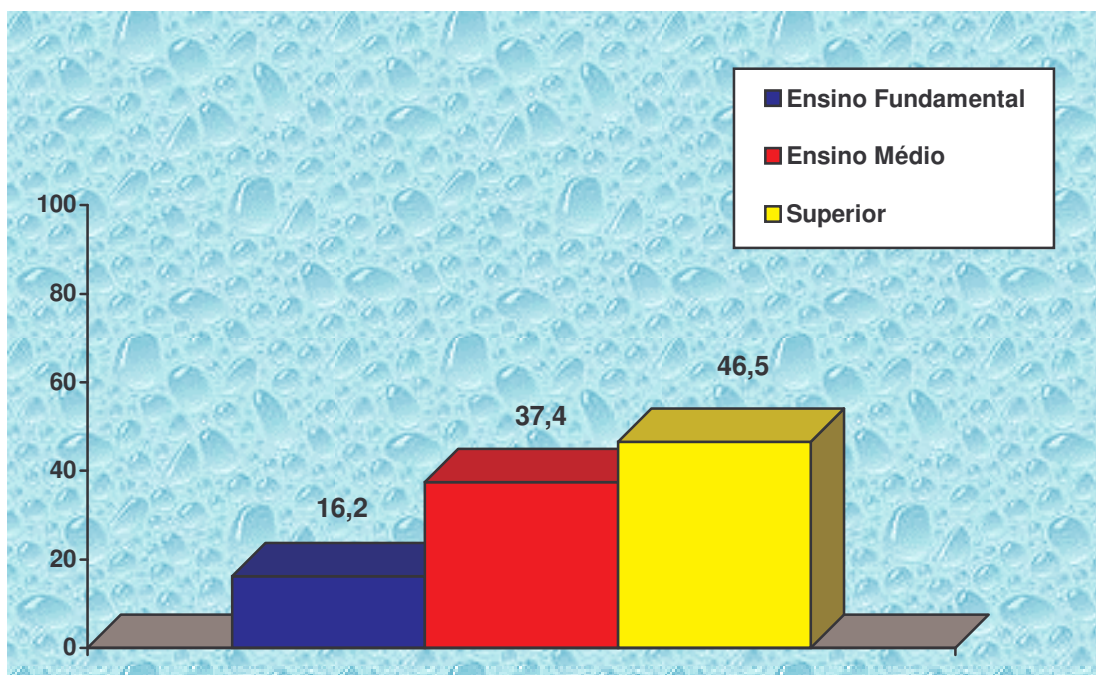
Amostra: 100

1.2. Faixa Etária dos Entrevistados



Amostra: 100

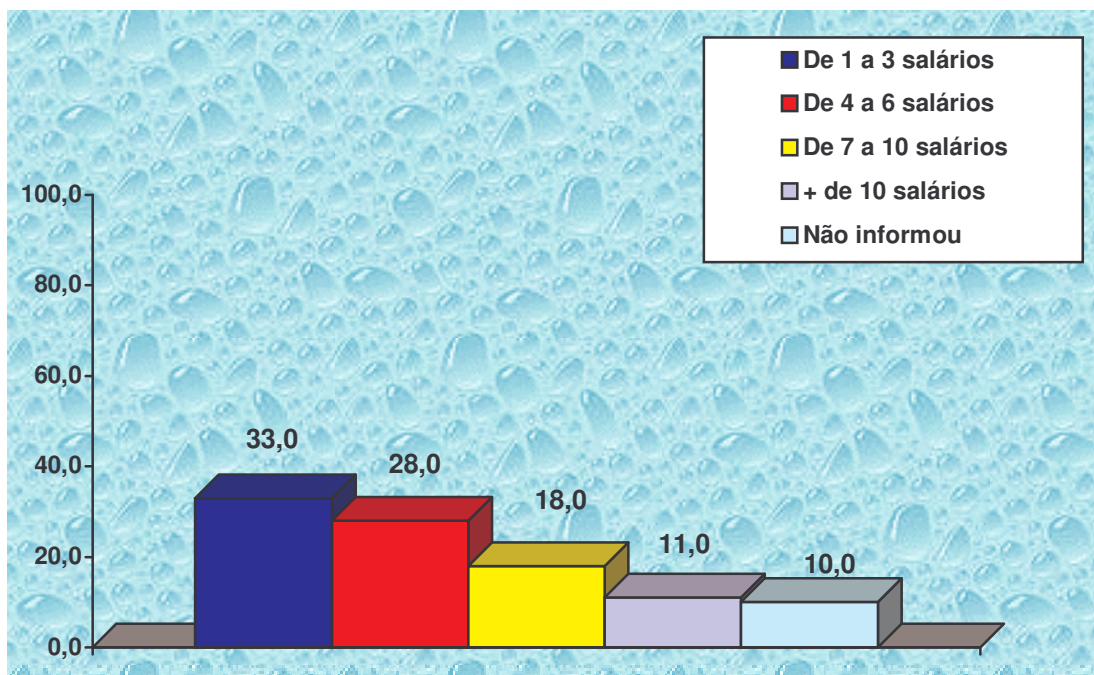
1.3. Grau de Escolaridade dos Entrevistados



100

Amostra:

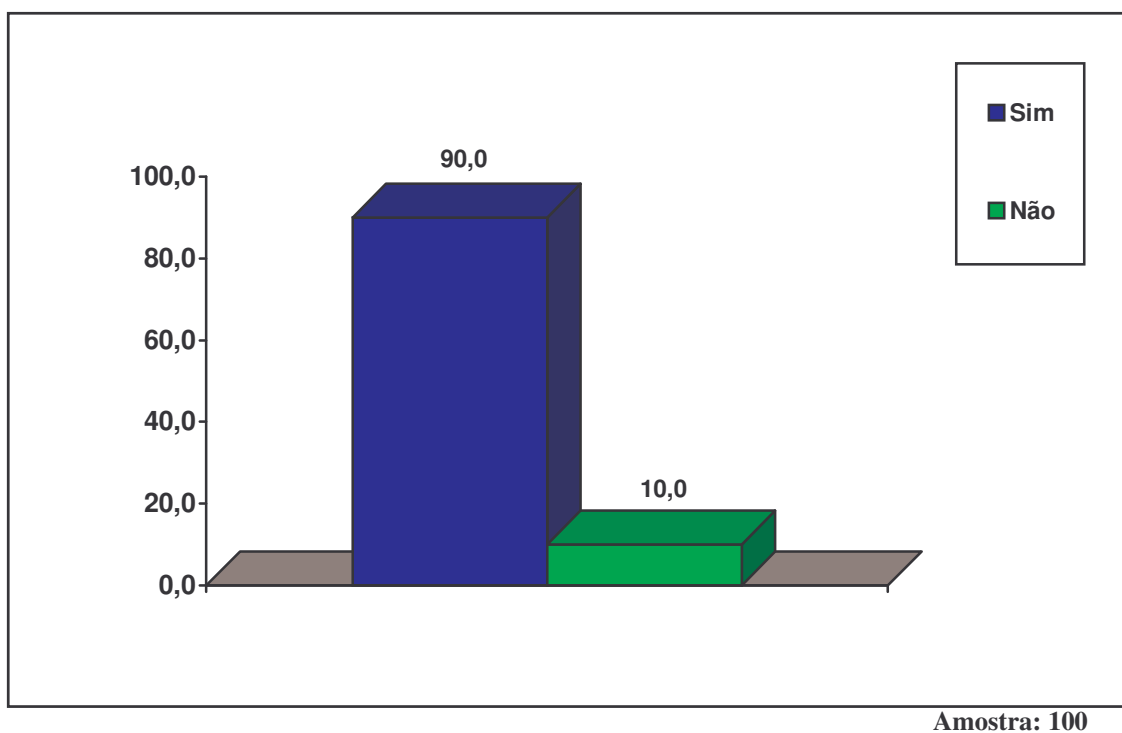
1.4. Renda Familiar Mensal



Amostra: 100

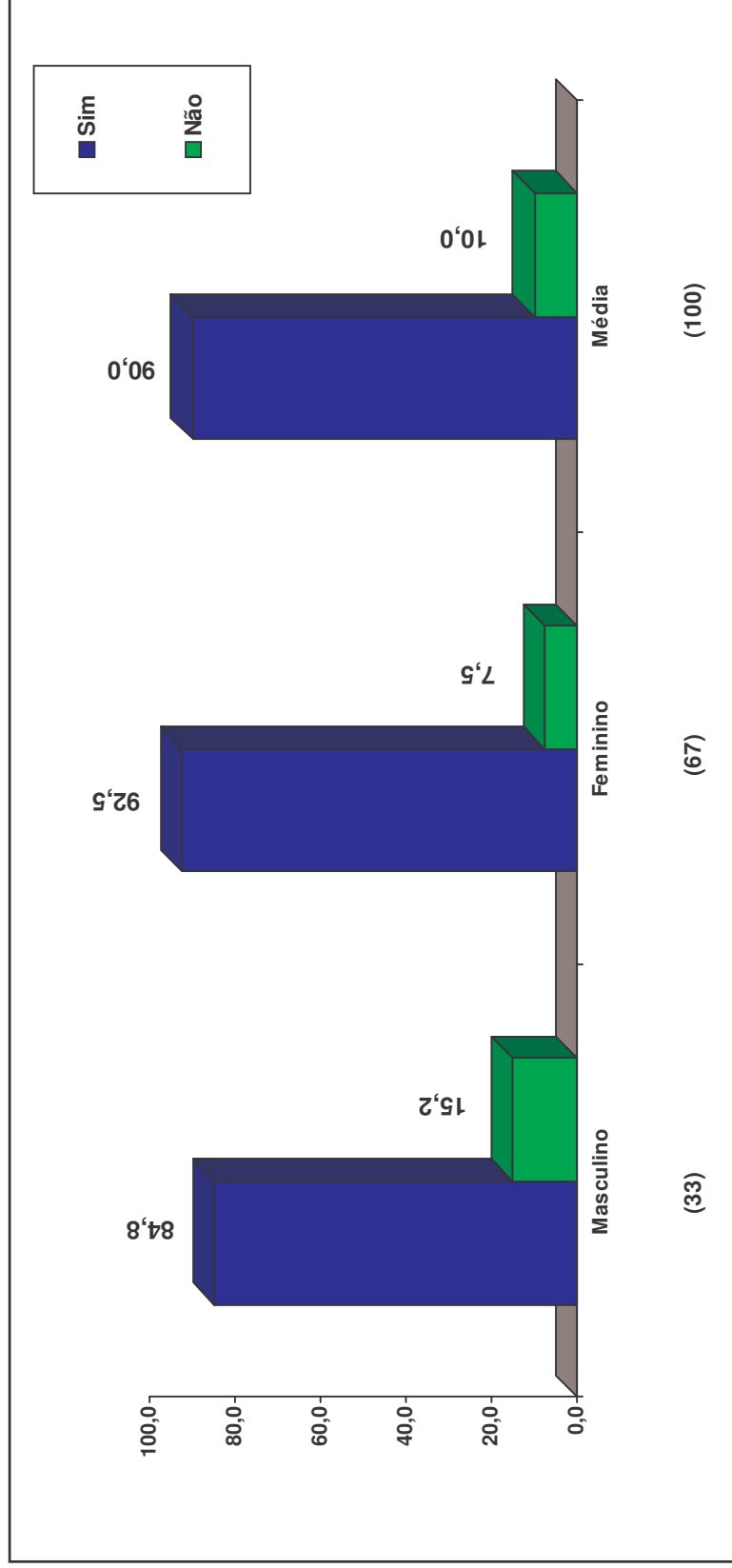
2. Resultados

2.1. O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?



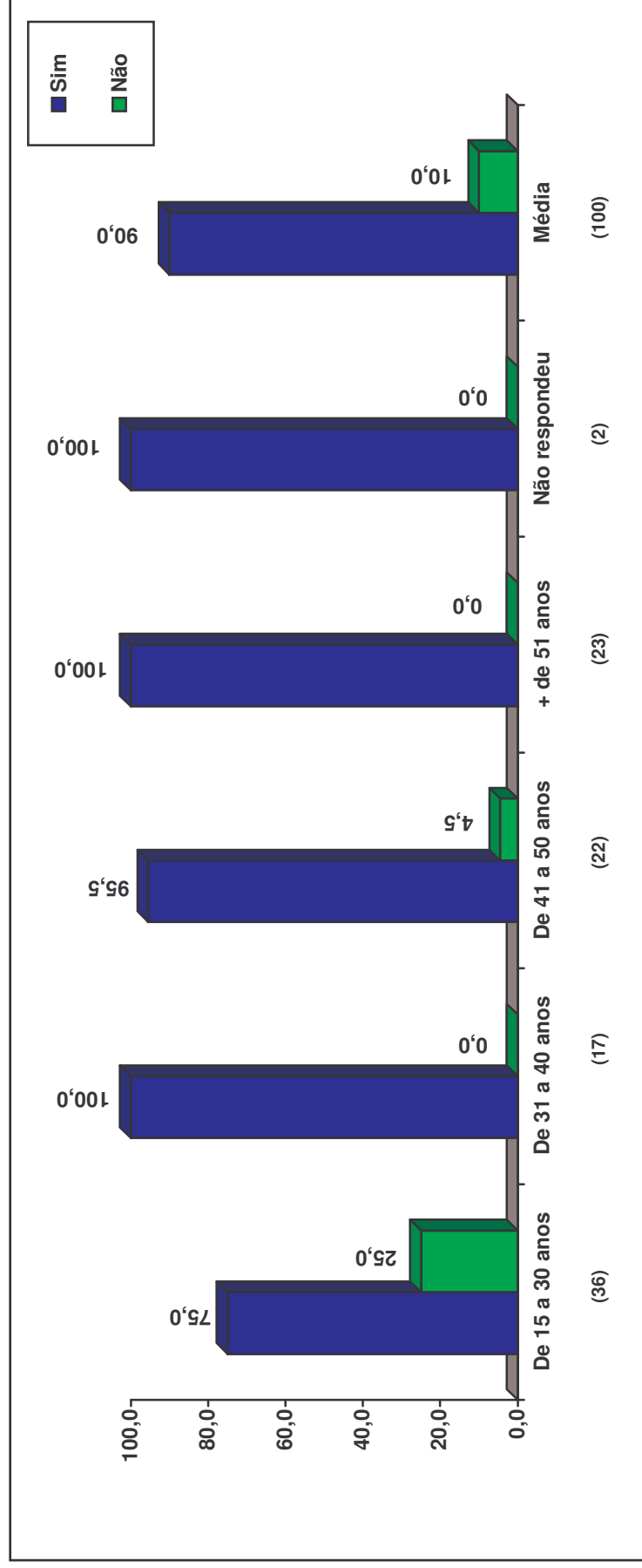
2.1.1. O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?

(Por Sexo)



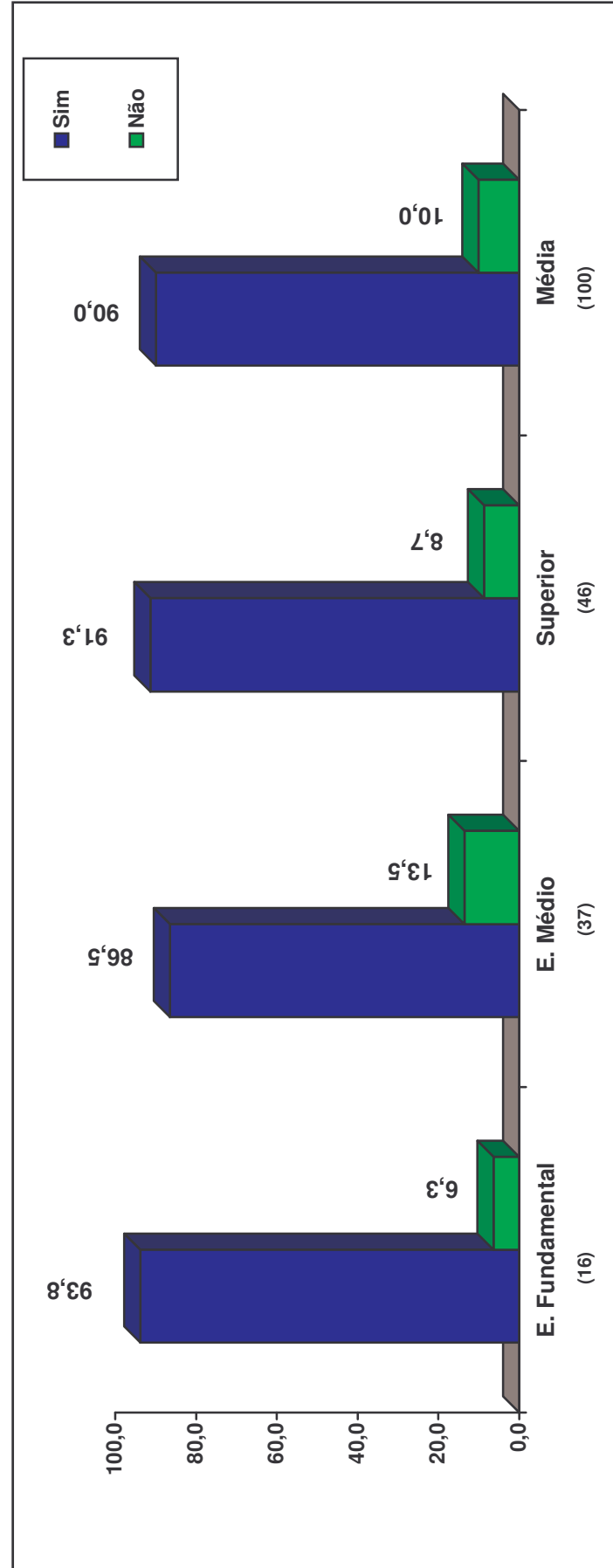
2.1.2. O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?

(Por Faixa Etária)



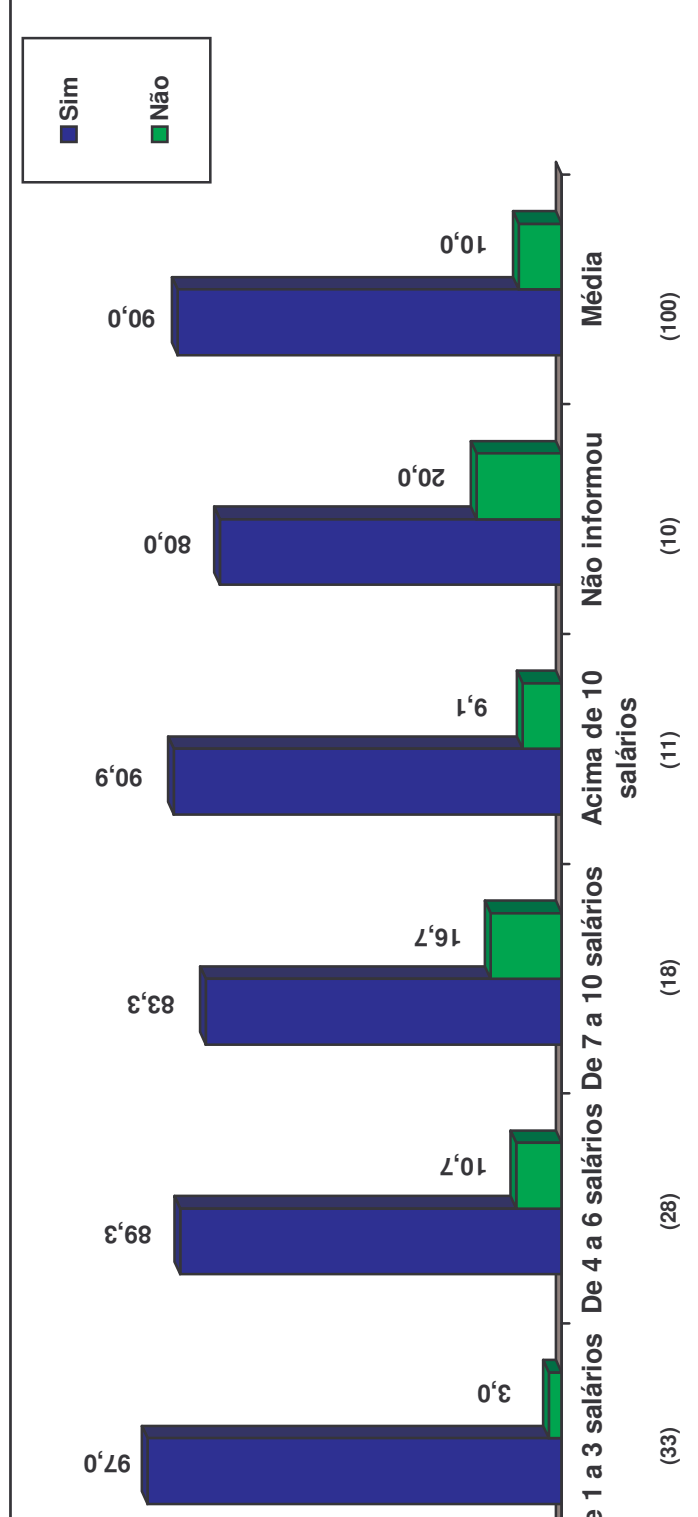
2.1.3. O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?

(Por Escolaridade)



2.1.4. O Sr(a) se considera um Católico participante, um Católico que leva sua religião a sério?

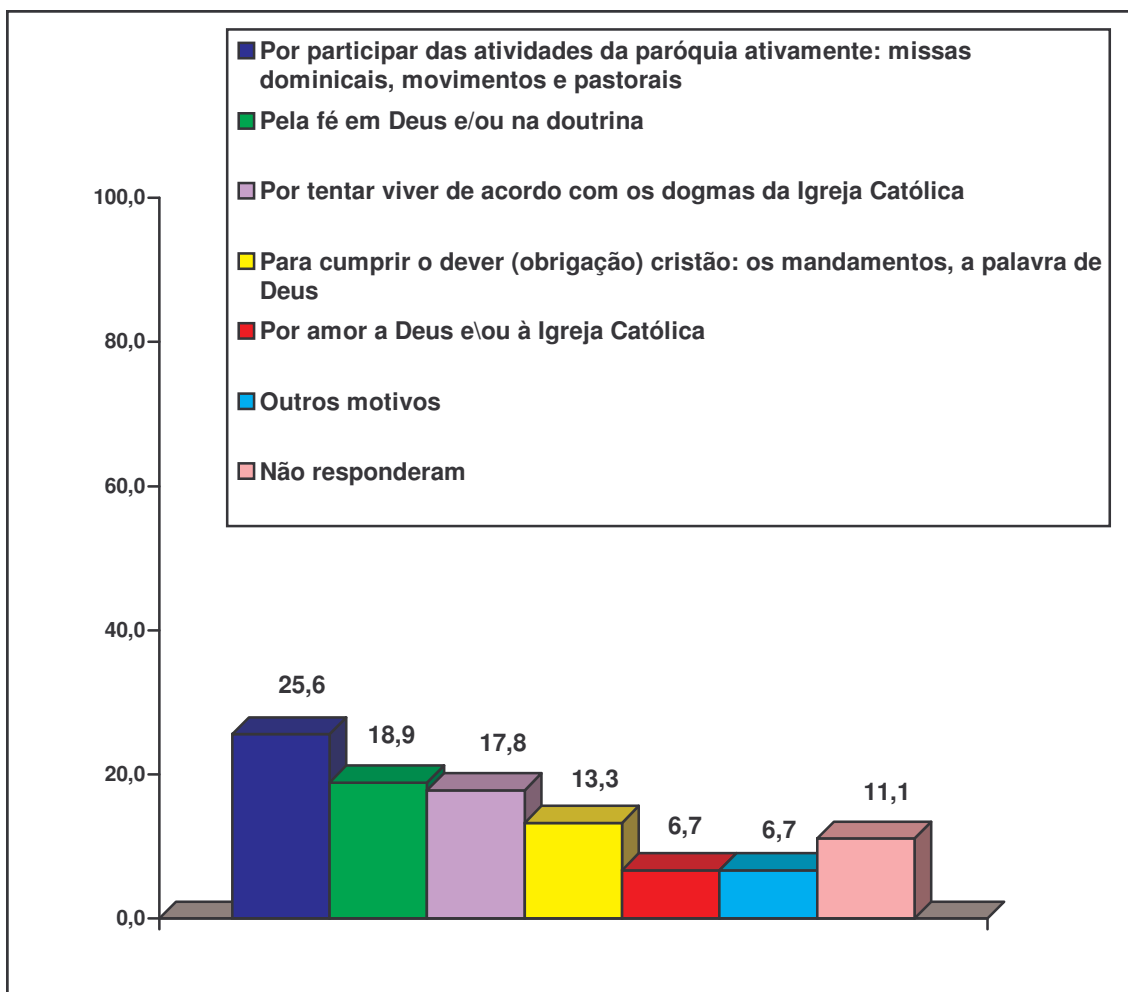
(Por Renda Familiar)



2.1.5. Motivos pelos quais os entrevistados se consideraram

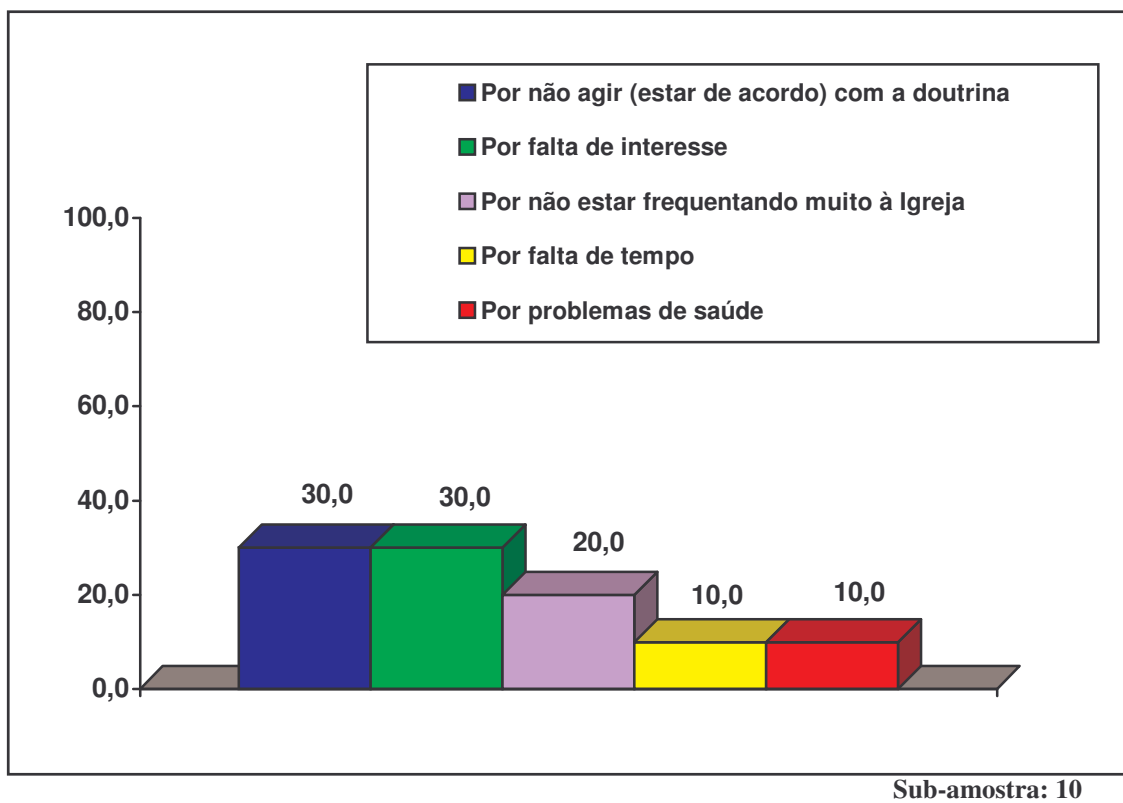
Católicos praticantes

(Para quem respondeu SIM)

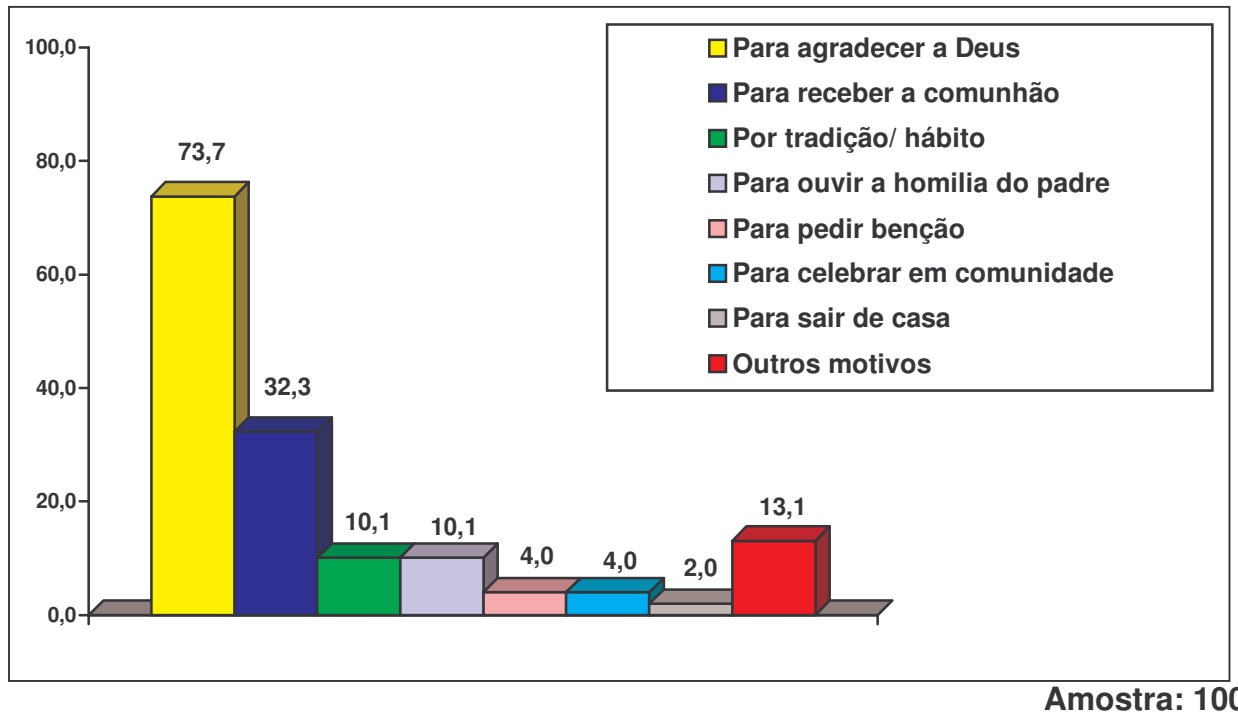


2.1.6. Motivos pelos quais os entrevistados NÃO se consideraram católicos praticantes

(Para quem respondeu NÃO)



2.2. Motivos pelos quais os Entrevistados vão à missa aos domingos

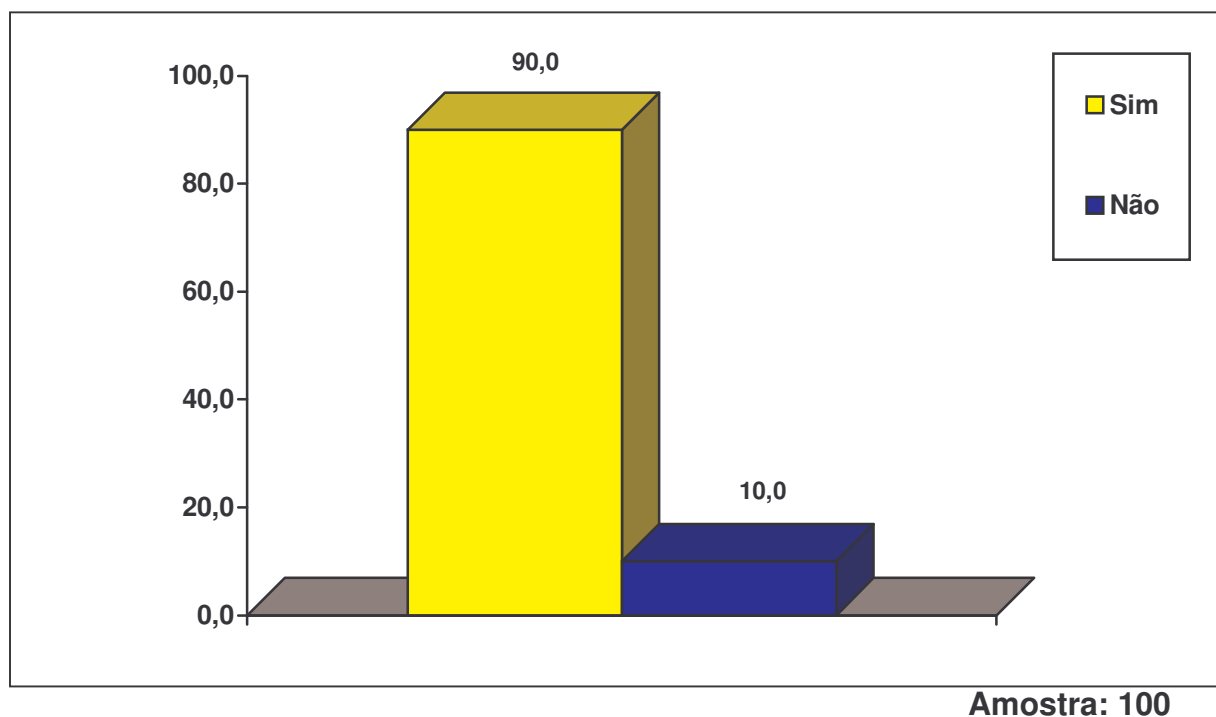


Obs.: A soma dos percentuais ultrapassa 100% devido a respostas múltiplas.

A segunda questão interroga porque o fiel vai a missa aos domingos, e pretende verificar a porcentagem daqueles que o fazem para ouvir a homilia do padre, por isso oferecemos um leque de respostas a serem escolhidas entre elas “para ouvir a homilia do padre”. Nos resultados encontramos que apenas 10,1% comparecem a missa dominical para ouvir a homilia do padre. 73,7% vão a missa para agradecer a Deus e 32,3 tem o objetivo de receber a comunhão. Parece que a homilia não é o ponto máximo da missa no olhar do fiel .

2.3. Você sabe o que é Homilia?

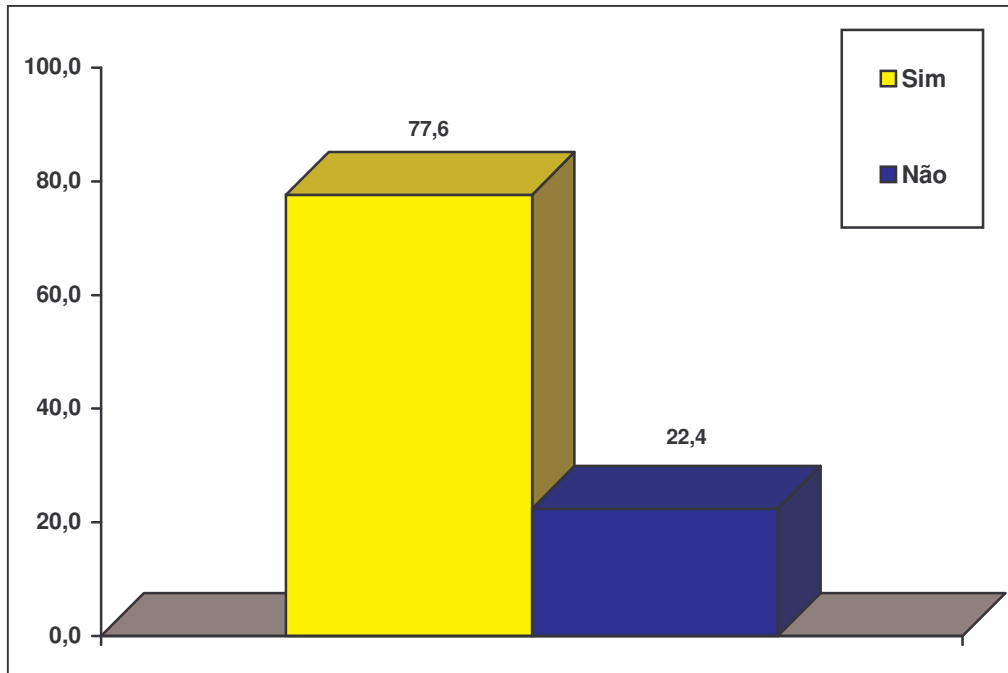
(Nível de conhecimento)



O terceiro questionamento buscar verificar se estes católicos sabem o que é uma homilia, bem como estabelecer uma margem de segurança de que os sujeitos pesquisados sabem do que se trata o objeto da pesquisa. Nas respostas 90% disseram que sabe o que é uma homilia coincidindo com o mesmo percentual daqueles que se consideram católicos participantes. Parece que a margem de erro é de 10% que também coincide com o número de sujeitos que se consideram não participantes.

2.4. Na sua opinião, a homilia da Igreja Católica é eficaz?

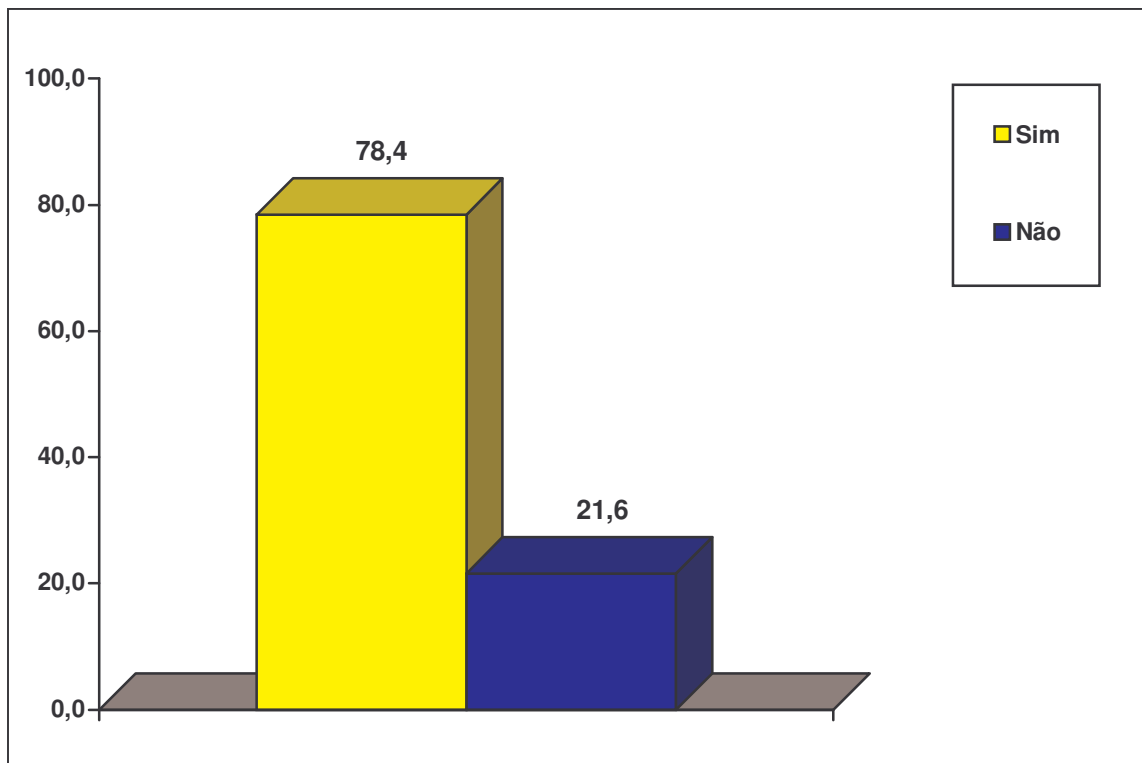
(Avaliação da eficácia da homilia)



A quarta pergunta é fundamental para responder o objetivo da pesquisa, nela buscamos saber a opinião do fiel no que diz respeito à eficácia da homilia da igreja católica em termos gerais. Nos resultados 77,6% disseram que a homilia da igreja católica é eficaz e 22,4% consideram que esta homilia não é eficaz. Com este resultado repesamos e resignificamos toda a visão que possuíamos sobre a homilia e buscamos na religião os significados para tais respostas.

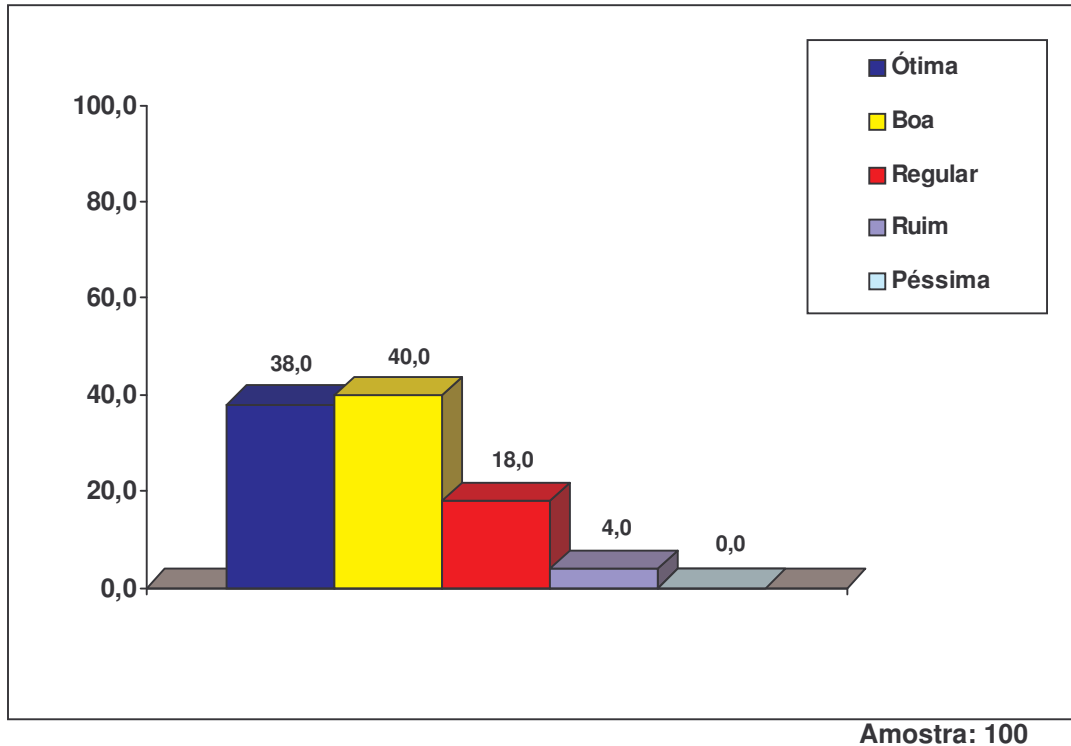
2.4.1. Na sua opinião, a homilia da Igreja Católica é eficaz?

(Apenas para os respondentes que sabem o que é uma homilia)



Sub-Amostra: 88

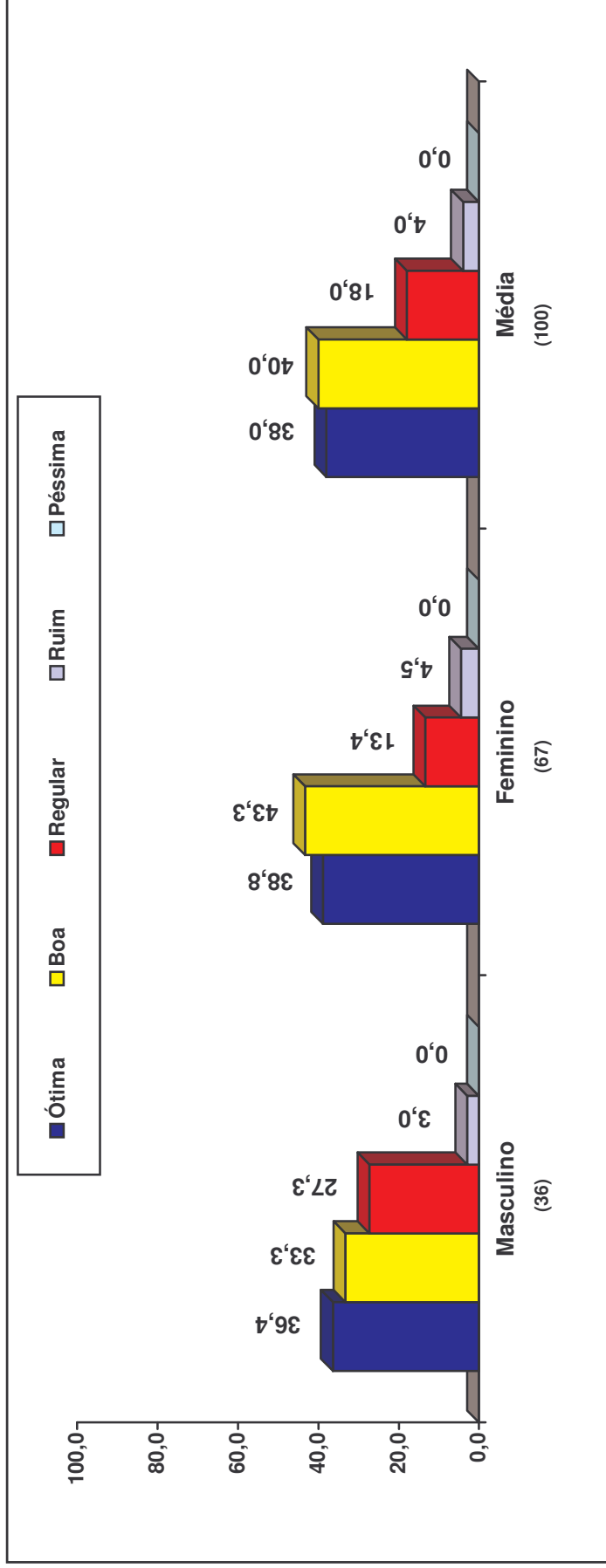
2.5. Avaliação, em conceito, da homilia dos padres



A quinta questão aponta o conceito que o fiel apresenta sobre a homilia e porque atribuiu determinado conceito. Nas respostas, 38% disse que a homilia é *ótima* porque o padre se expressa bem, é claro, objetivo, dá para entender o que fala e ele abrange a realidade do dia-a-dia; 40% afirmou que a homilia é *boa* porque a homilia poderia ser melhor, deixa a desejar ou porque é adequada à realidade ou ainda, porque o padre se expressa com clareza, coerência e explica bem; 18% referiu que a homilia é regular porque não prende a atenção do ouvinte, o discurso é maçante, preso ao texto bíblico, a interpretação é subjetiva, a reflexão é desligada da realidade ou porque o padre fala sem entusiasmo; 4% disse que a homilia é ruim porque o padre repete as mesmas palavras do evangelho ou porque depende da maneira como o leigo está (emocional, física e psicologicamente) naquele dia.

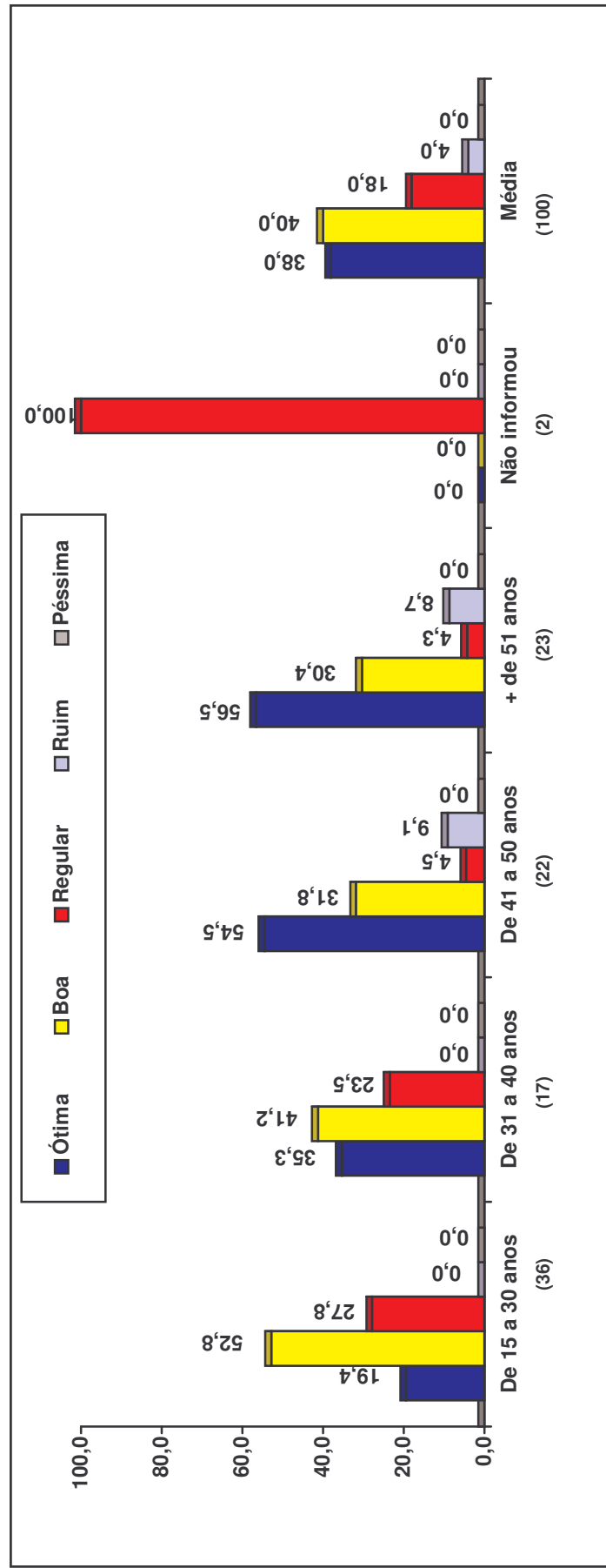
2.5.1. Avaliação, em conceito, da homilia dos padres

(Por Sexo)



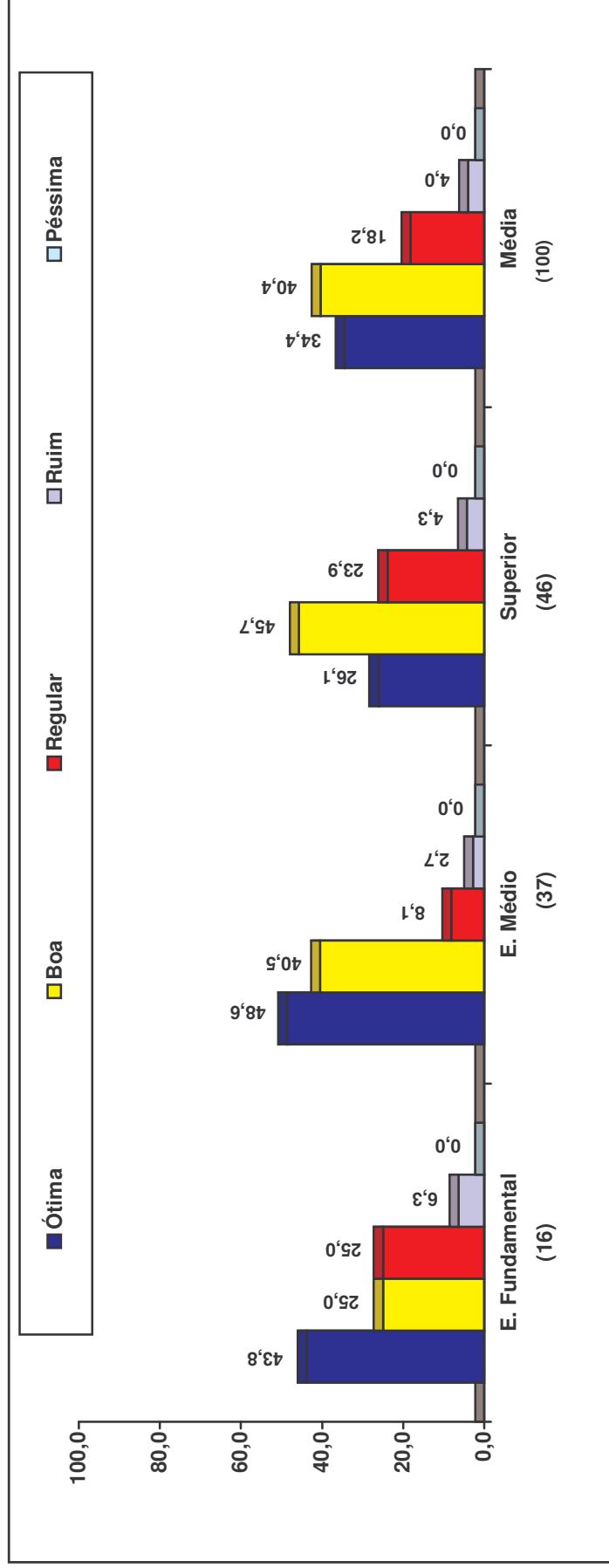
2.5.2. Avaliação, em conceito, da homilia dos padres

(Por Faixa Etária)



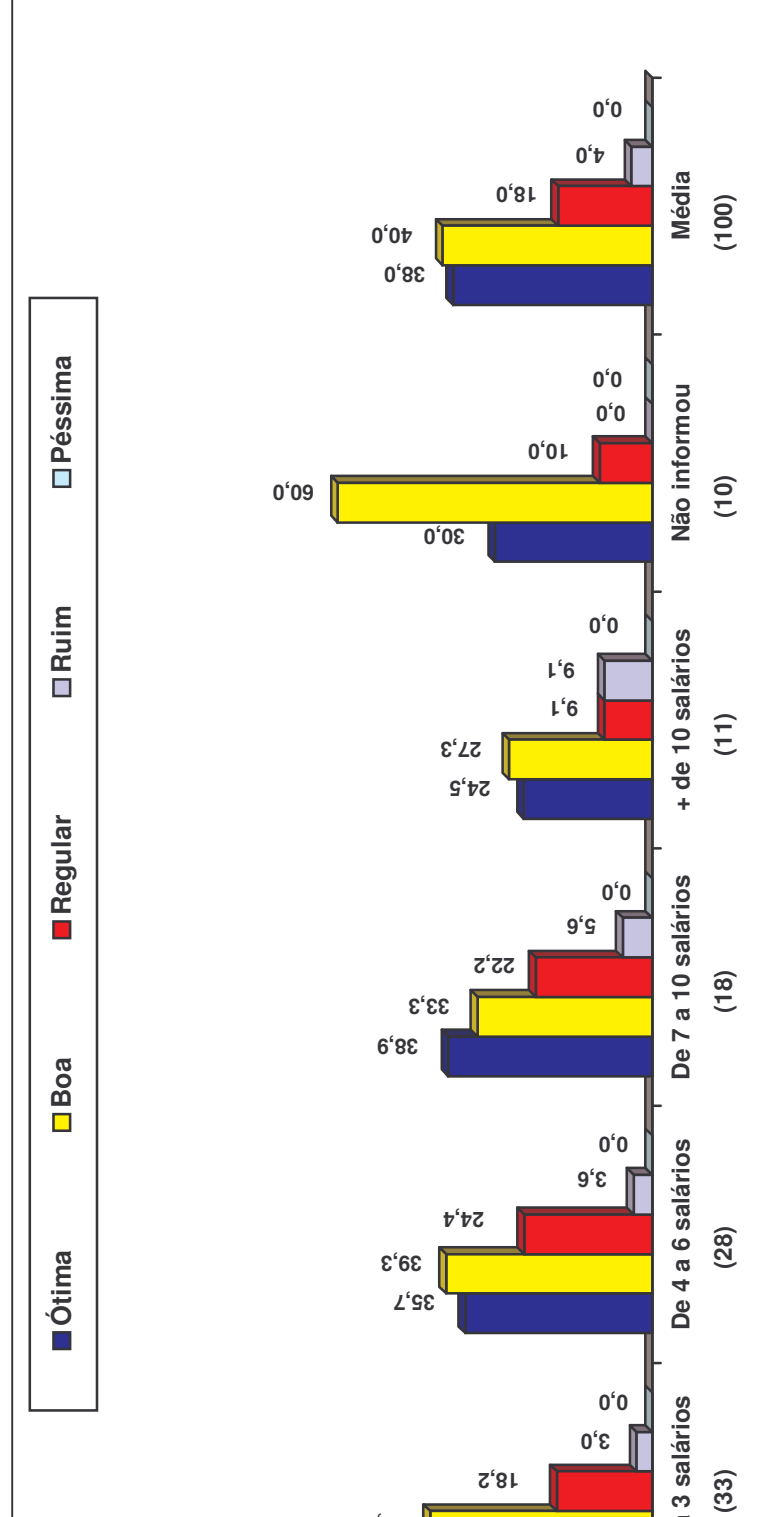
2.5.3. Avaliação, em conceito, da homilia dos padres

(Por Escolaridade)



2.5.4. Avaliação, em conceito, da homilia dos padres

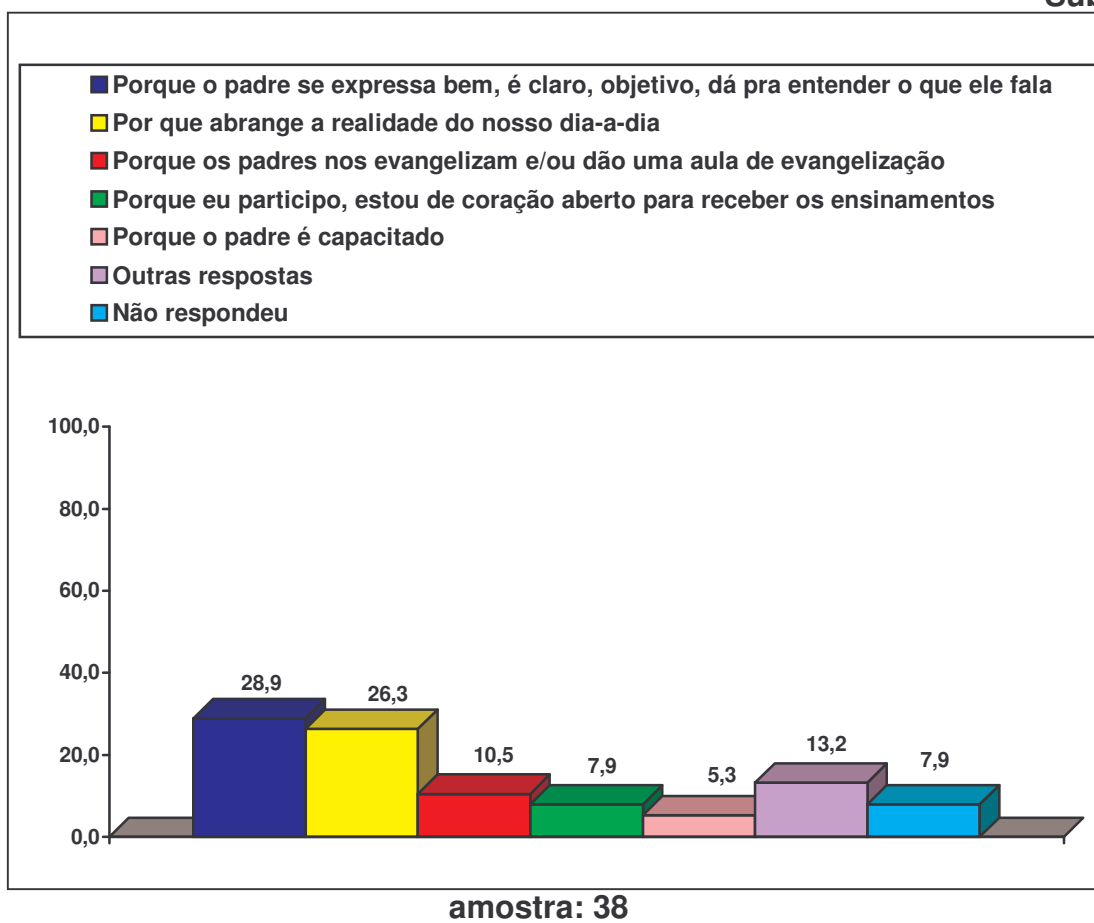
(Por renda mensal)



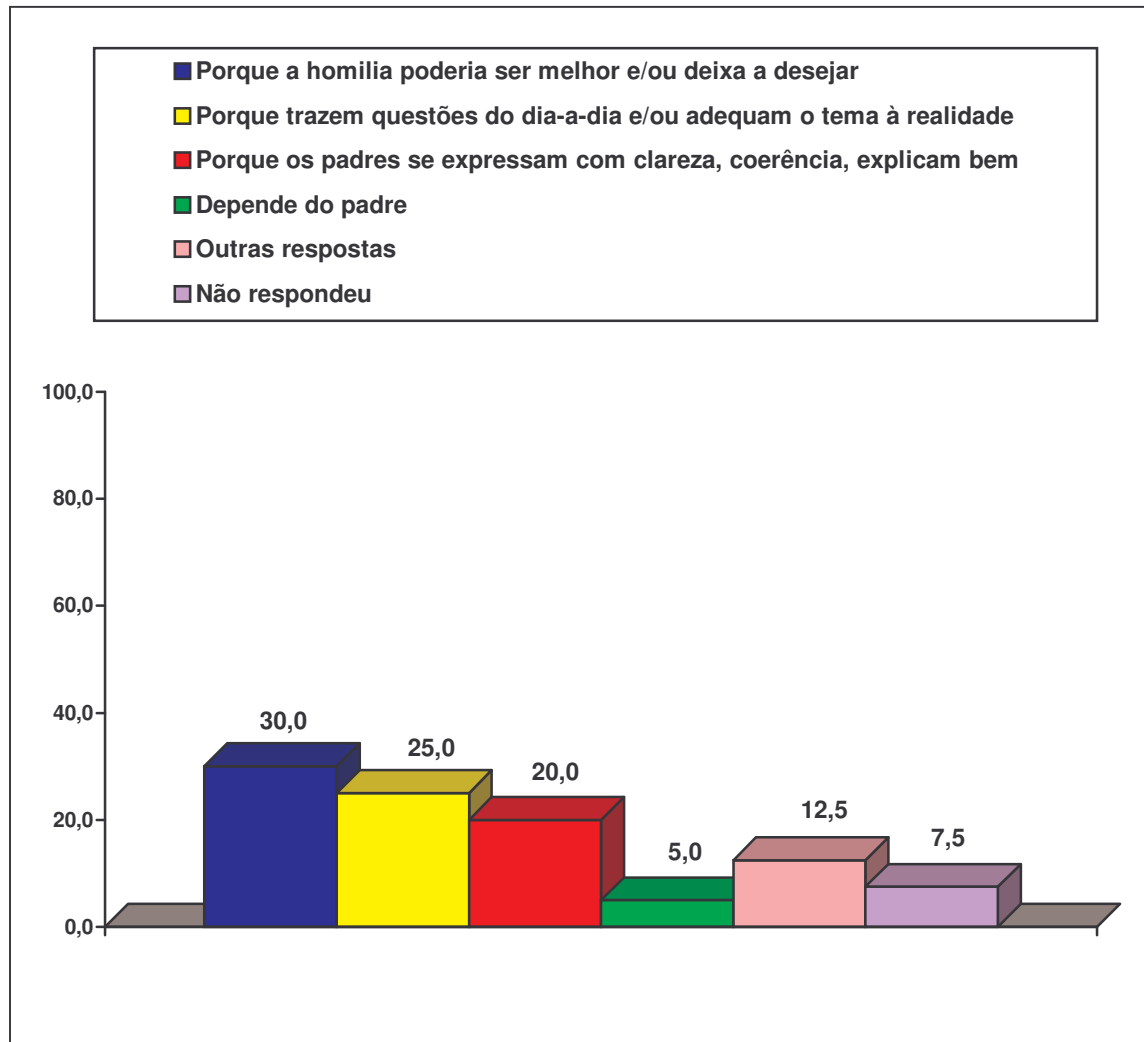
2.5.5. Motivos pelos quais os entrevistados atribuíram conceito

ÓTIMO à homilia dos padres

Sub-



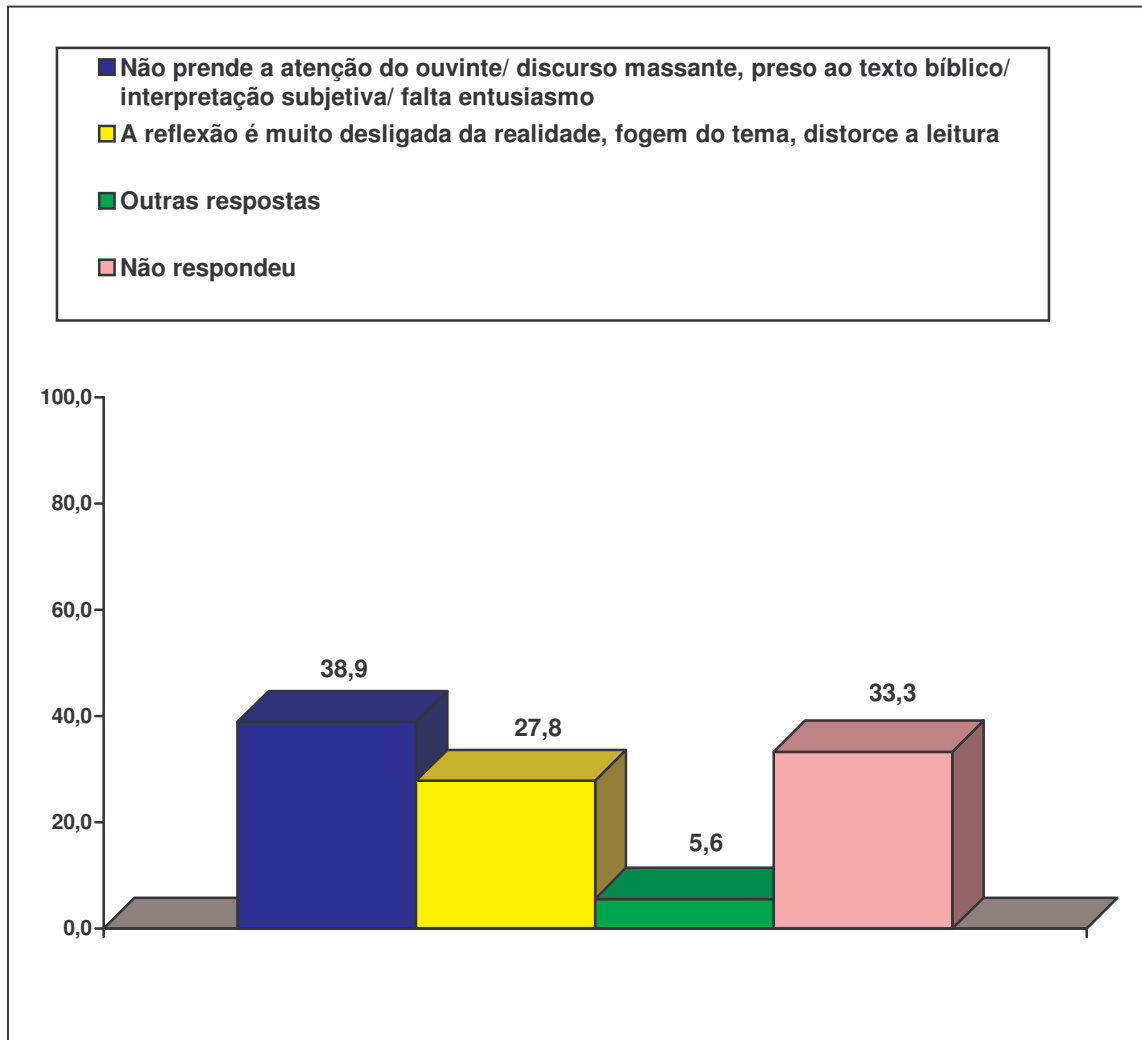
2.5.6. Motivos pelos quais os entrevistados atribuíram conceito BOM à homilia dos padres



Sub-amostra: 40

2.5.7. Motivos pelos quais os entrevistados atribuíram conceito

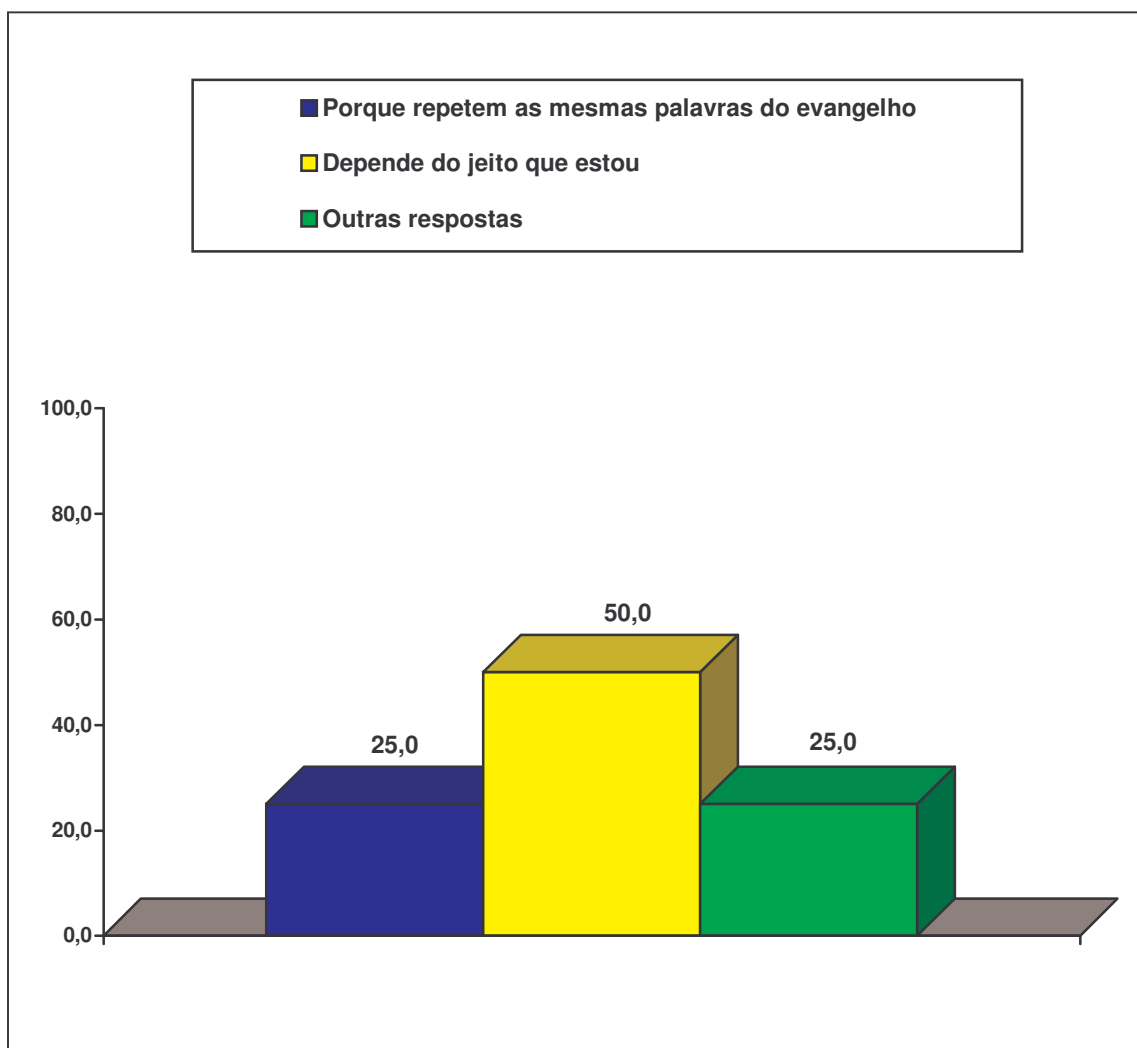
REGULAR à homilia dos padres



Sub-Amostra: 18

2.5.8. Motivos pelos quais os entrevistados atribuíram conceito

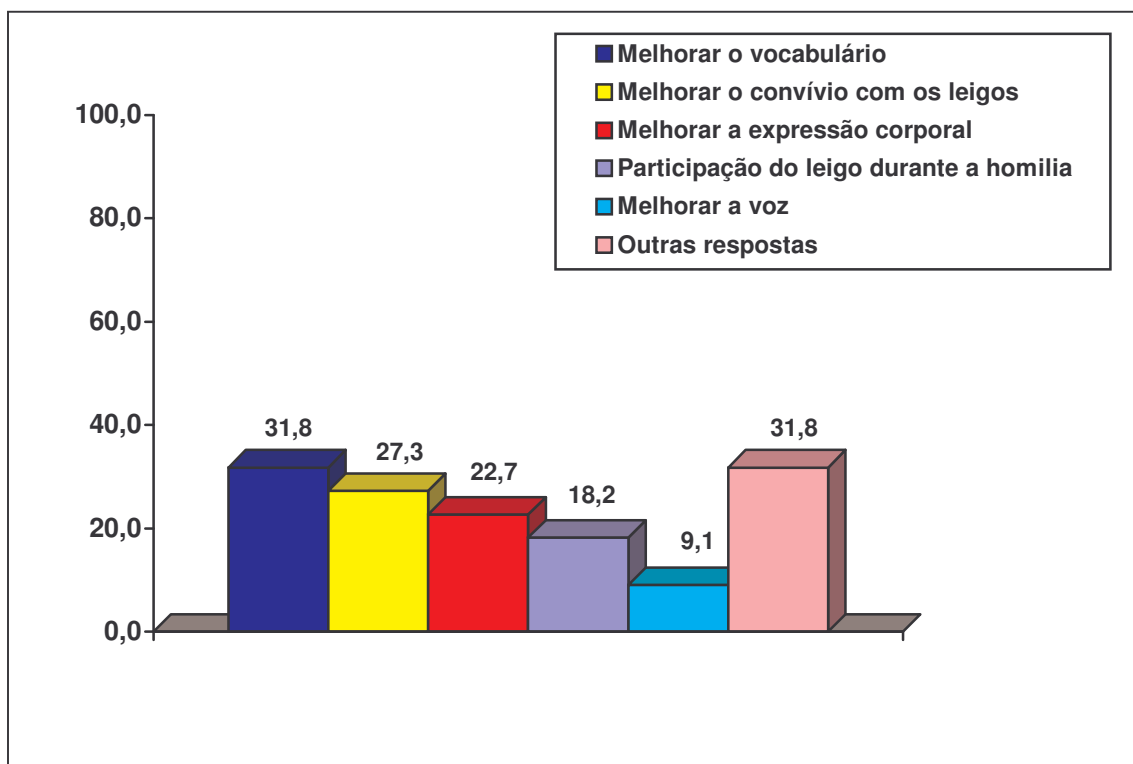
RUIM à homilia dos padres



Sub-Amostra: 4

2.6. SUGESTÕES para melhorar a homilia

(Junto aos entrevistados que consideram a homilia Regular/ Ruim/ Péssima)



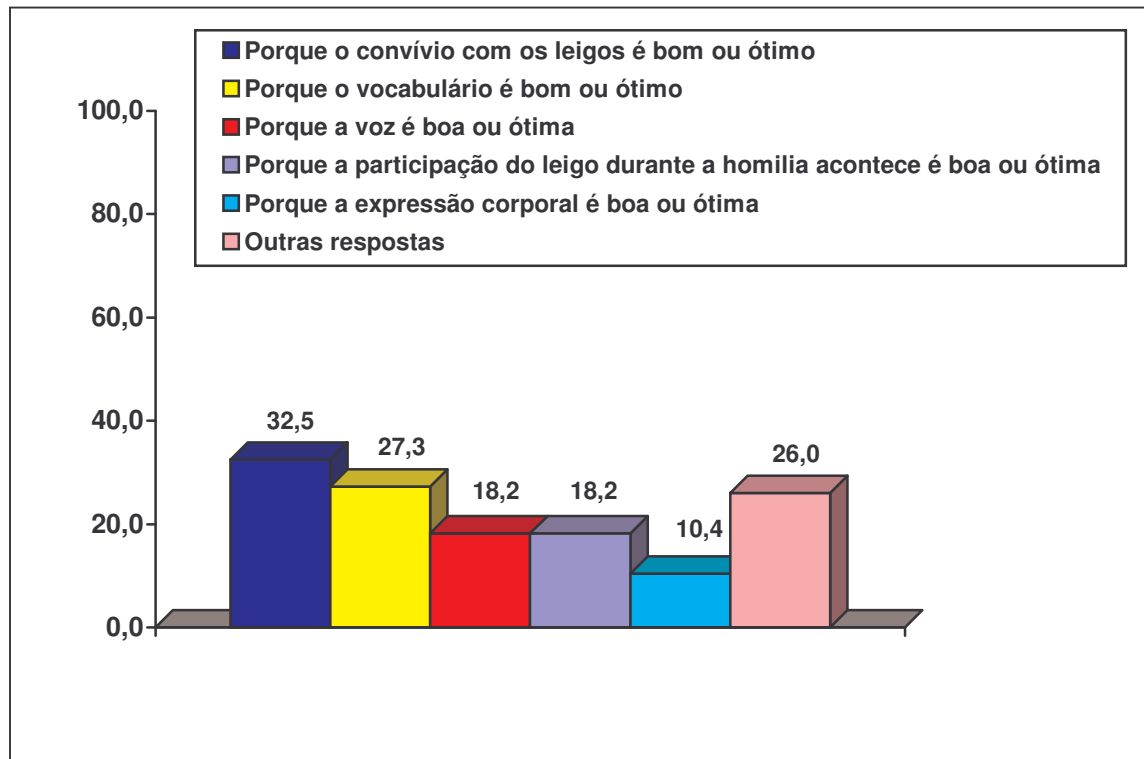
Sub-amostra: 22

Obs.: A soma do percentual ultrapassa 100% devido as respostas múltiplas.

Há um bloco de sujeitos que consideram a homilia regular ou ruim (22%), eles sugerem alternativas para melhorar a homilia dos padres, entre as mais encontradas temos: o vocabulário (31,5%), o convívio com os leigos (27,3%), a expressão corporal (22,7%), a participação do leigo na homilia (18,2%) e a voz (9,1).

2.7. Motivos pelos quais os Entrevistados atribuíram conceitos

Ótimo/Bom à homilia dos padres

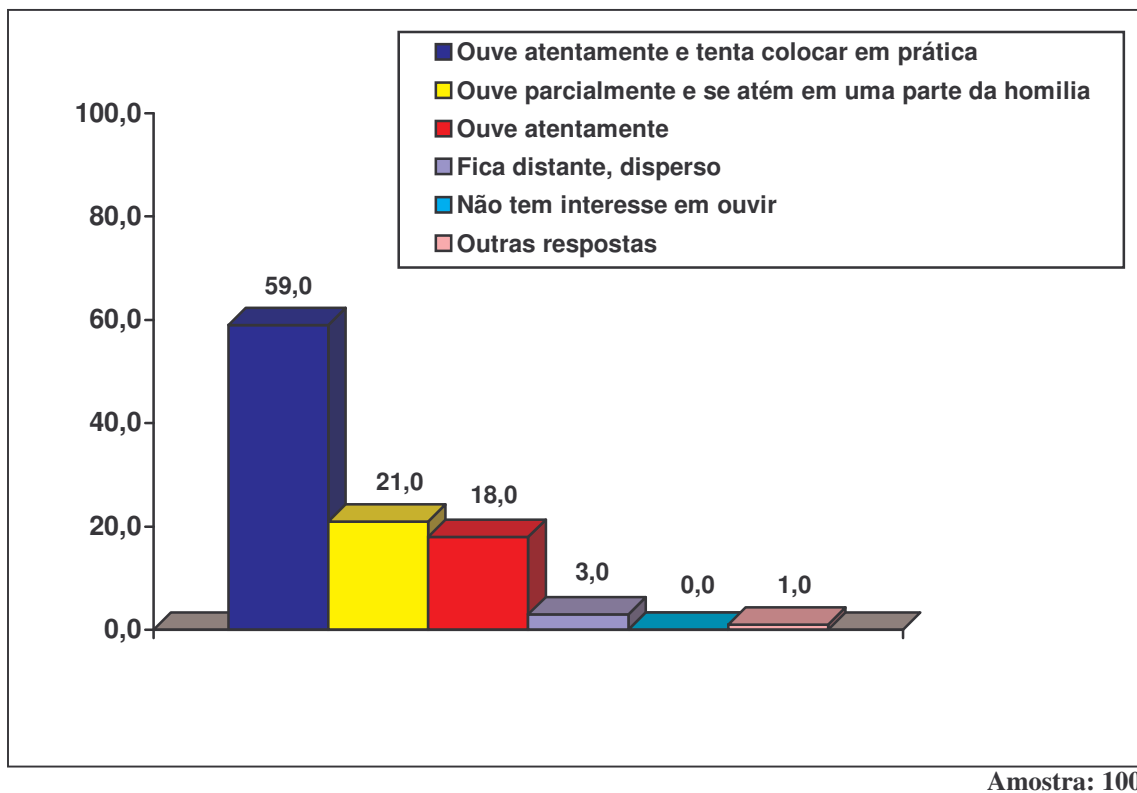


Sub-amostra: 77

Obs.: A soma dos percentuais ultrapassam 100% devido as respostas múltiplas.

No sétimo questionamento há um bloco de sujeitos que consideram a homilia ótima ou boa (77%), eles justificam o porque deste conceito, entre as causas mais encontradas tem-se: o vocabulário (27,3%), o convívio com os leigos (32,5%), a voz (18,2%) e a expressão corporal (10,4%).

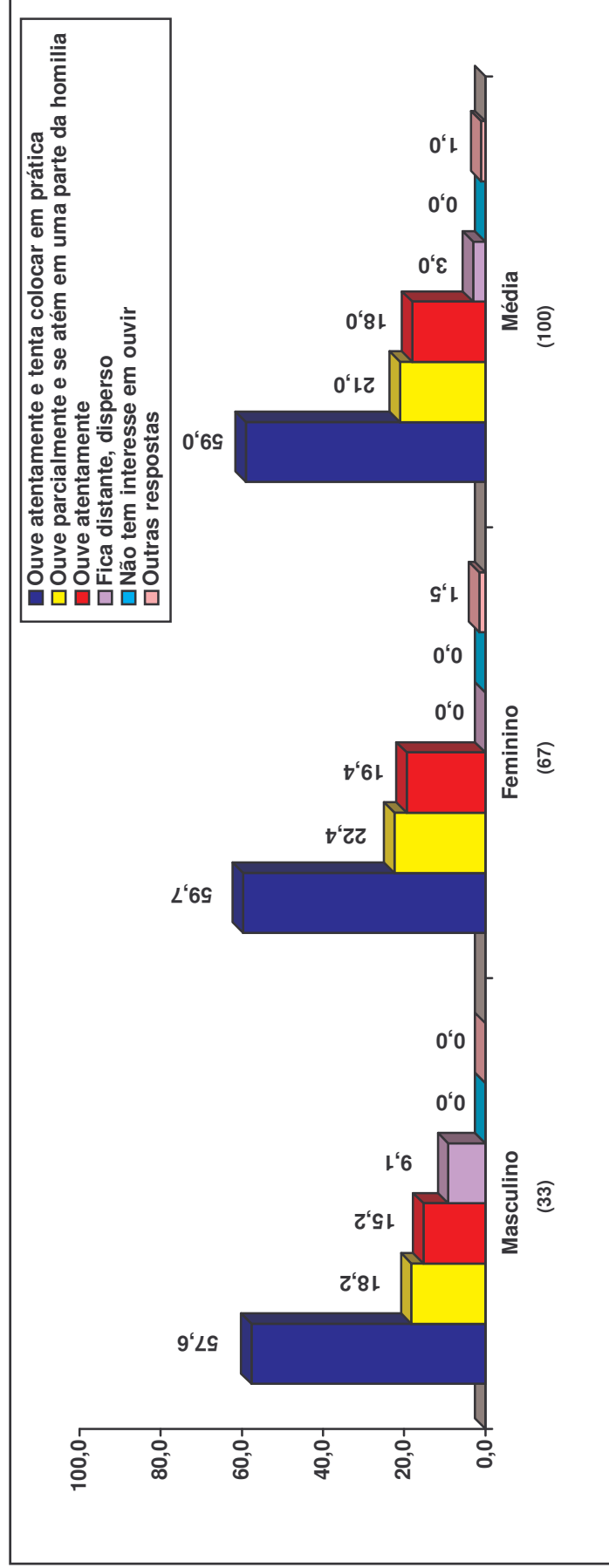
2.8. Durante a homilia de que forma você reage?



Essa questão pretende observar como o leigo ouve a homilia. Assim como as duas anteriores, apresentam respostas múltiplas, nos resultados temos a seguinte abrangência: 59% ouve atentamente a homilia e tenta colocar em prática, 21% ouve parcialmente e se atém em uma parte da homilia, 18% ouve atentamente, 3% fica distante e disperso.

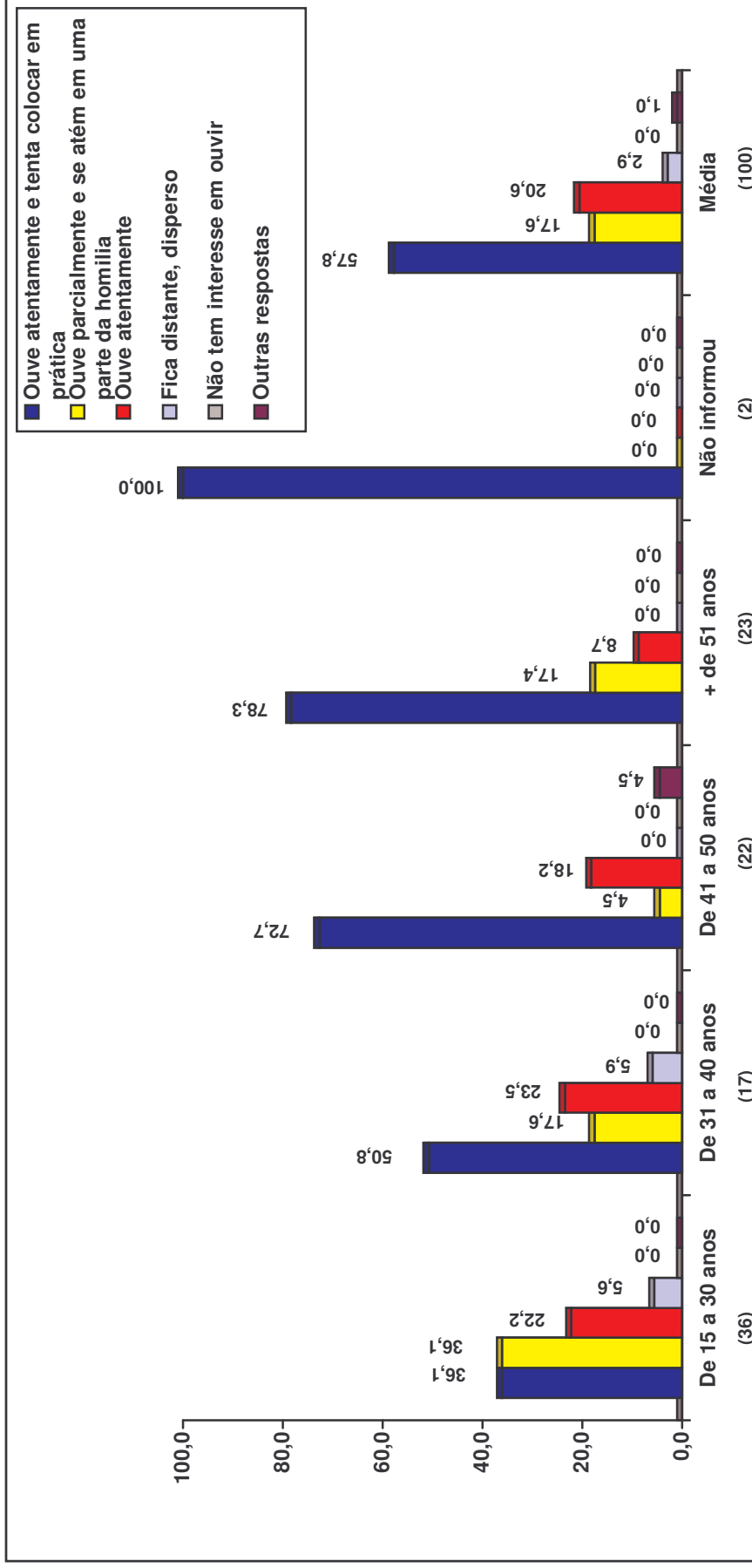
2.8.1. Durante a homilia de que forma você reage?

(Por Sexo)



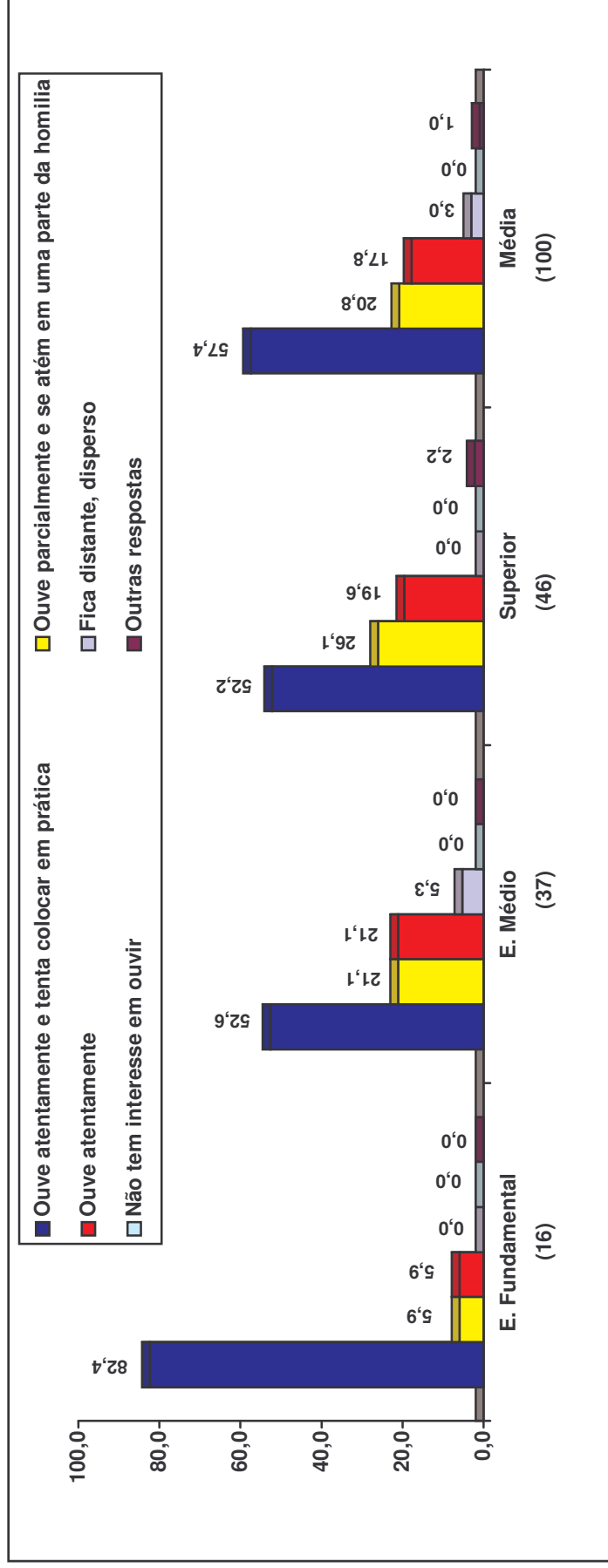
2.8.2. Durante a homilia de que forma você reage?

(Por Faixa Etária)



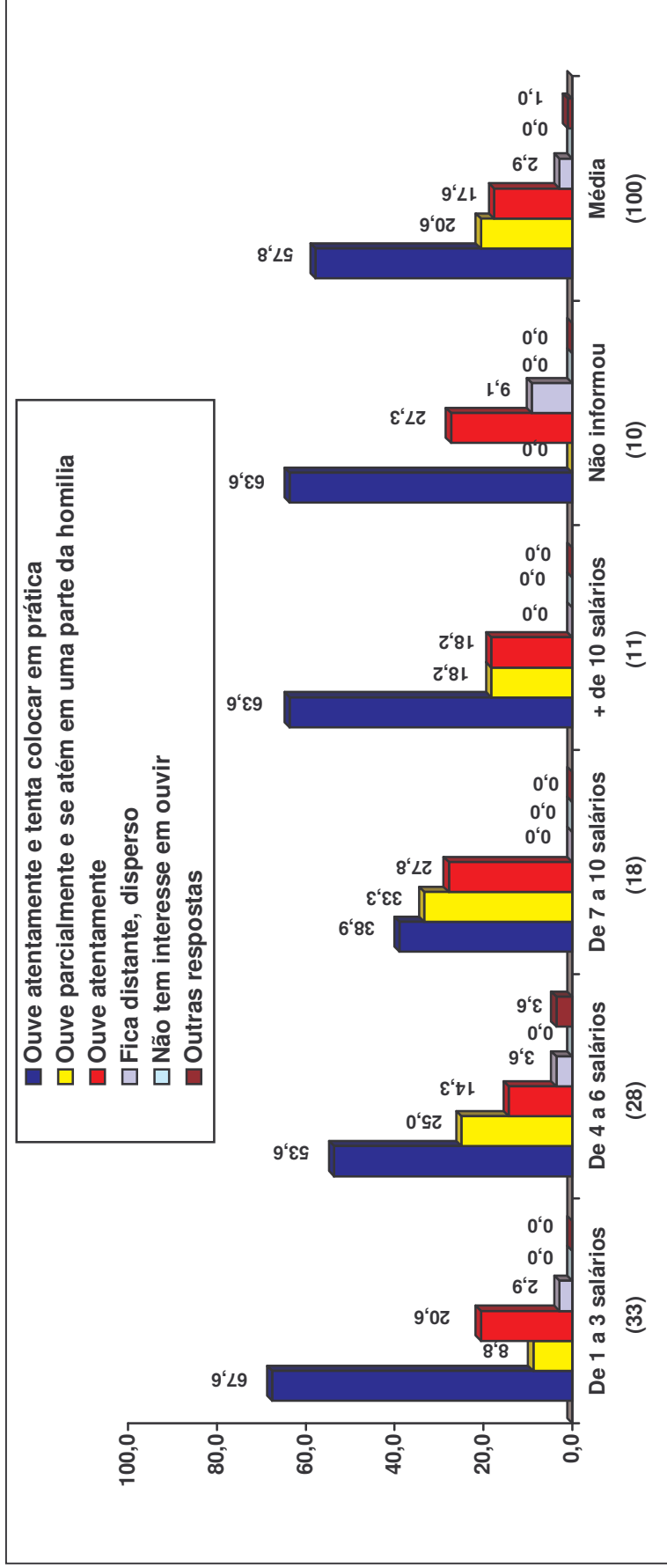
2.8.3. Durante a homilia de que forma você reage?

(Por Escolaridade)

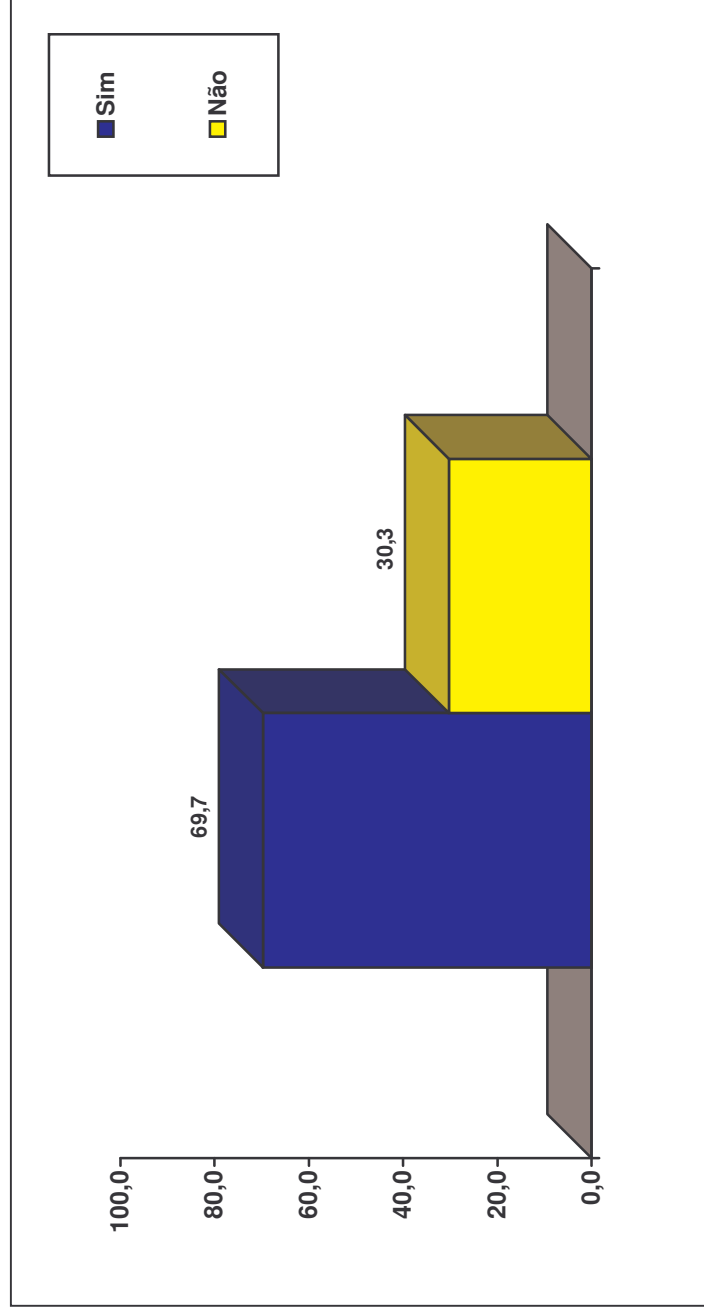


2.8.4. Durante a homilia de que forma você reage?

(Por renda mensal)



2.9. Em sua vida você se recorda de alguma homilia que mudou a sua maneira de pensar, falar e/ou agir?

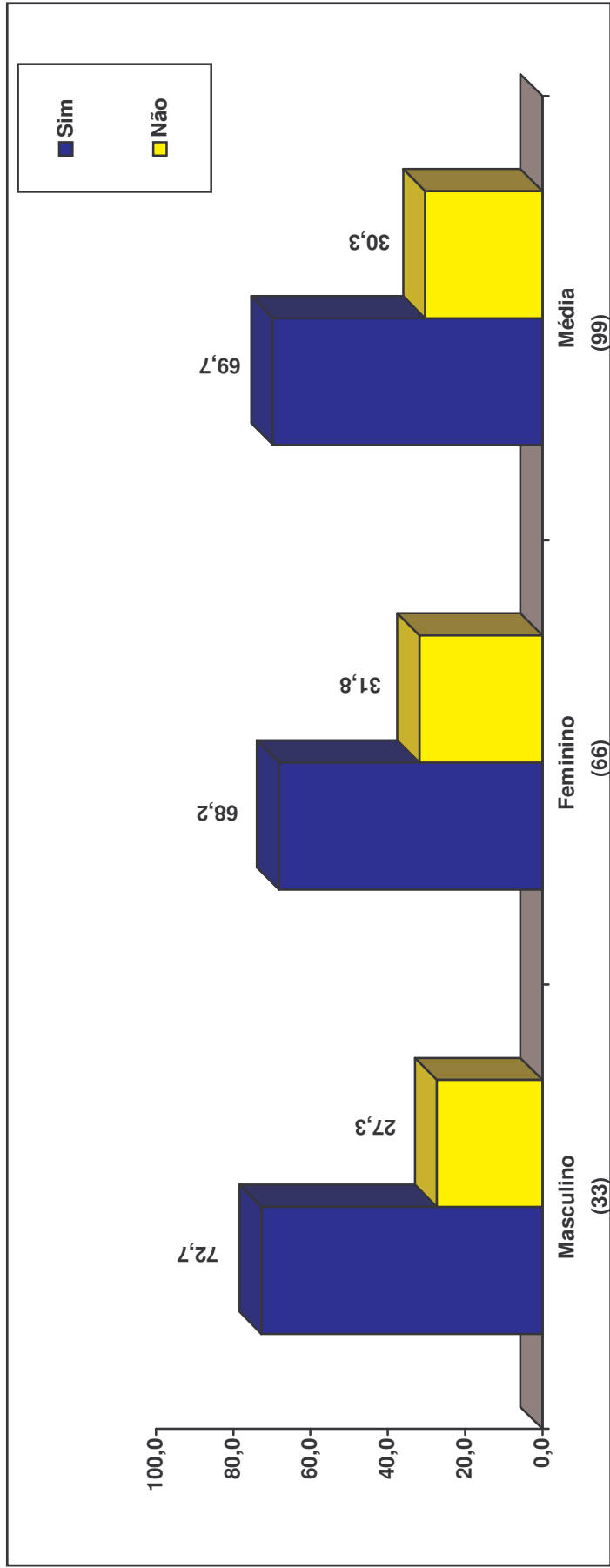


Amostra: 100

2.9.1. Em sua vida você se recorda de alguma homilia que mudou a sua maneira de pensar,

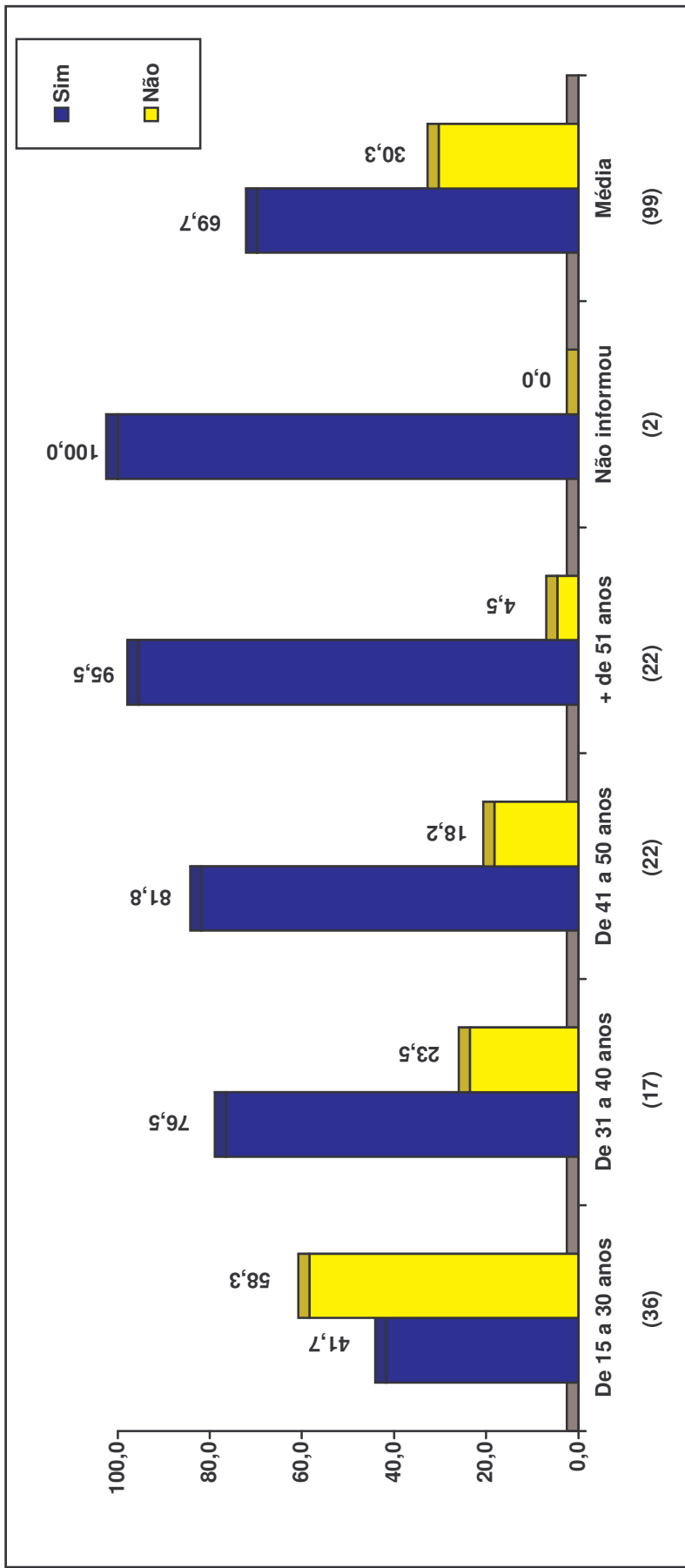
falar e/ou agir?

(Por Sexo)



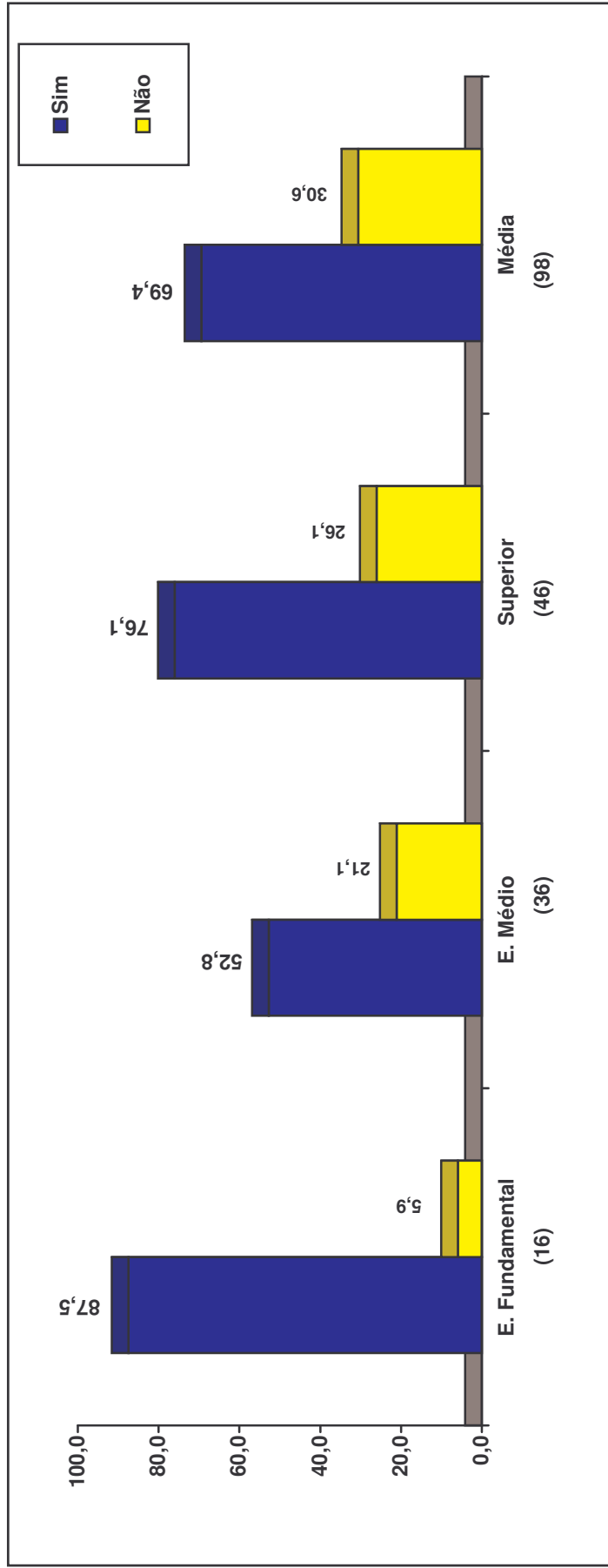
2.9.2. Em sua vida você se recorda de alguma homilia que mudou a sua maneira de pensar, falar e/ou agir?

(Por Faixa Etária)



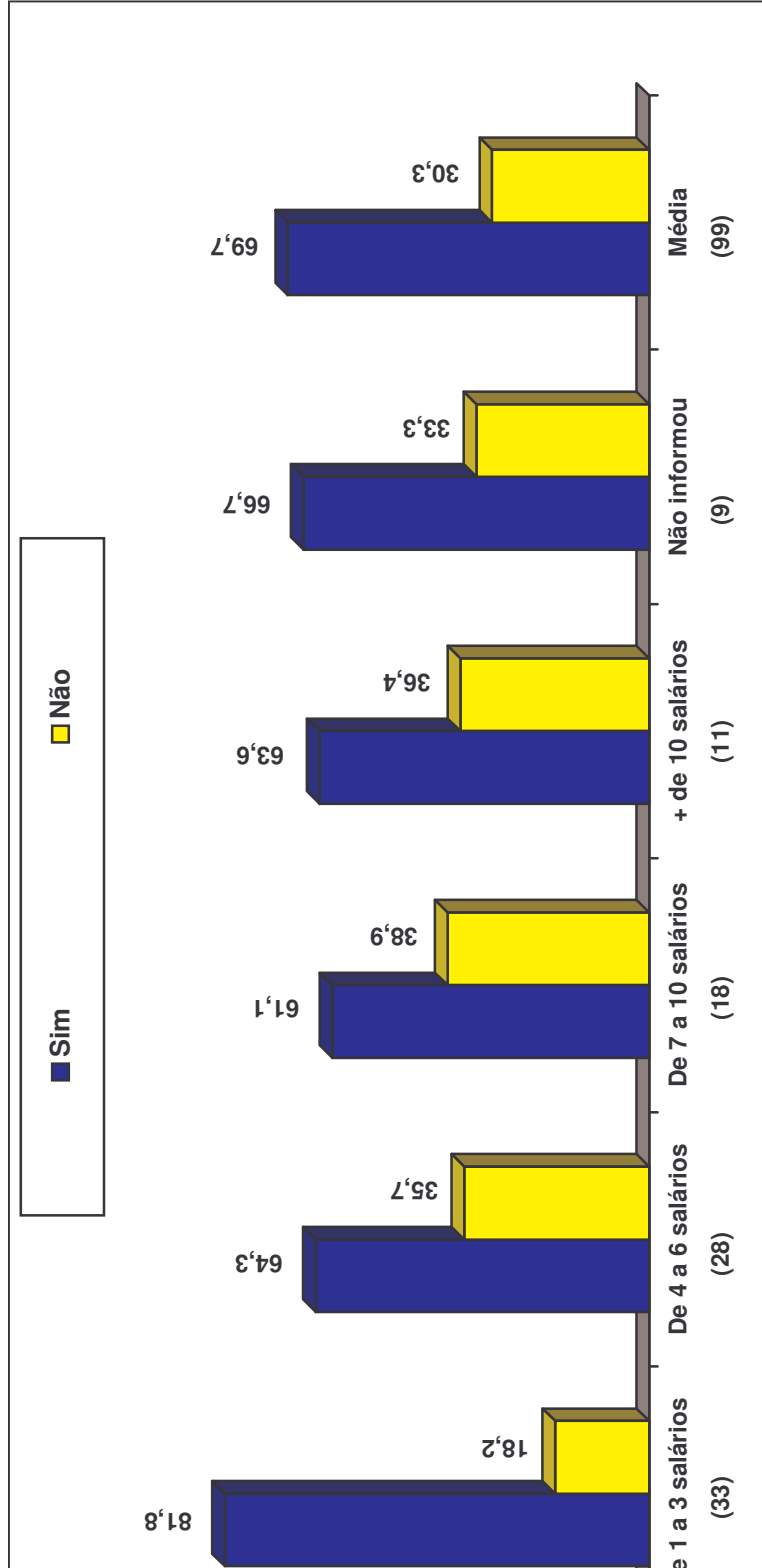
2.9.3. Em sua vida você se recorda de alguma homilia que mudou a sua maneira de pensar, falar e/ou agir?

(Por Escolaridade)

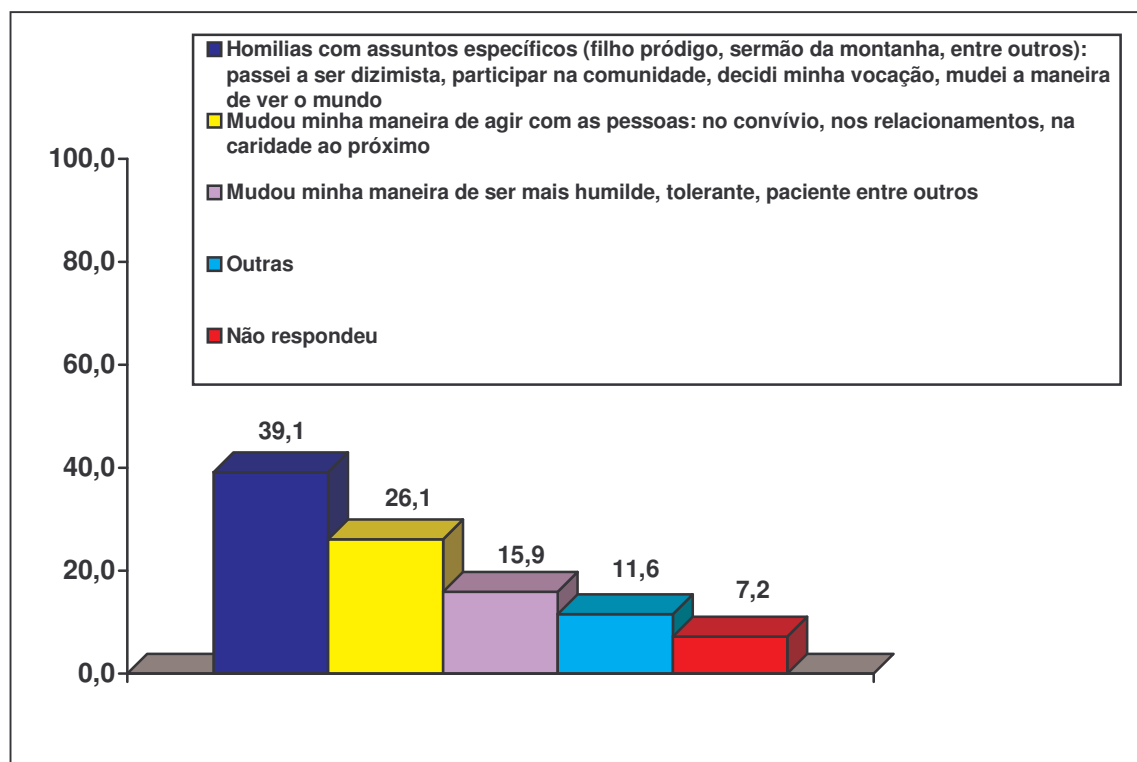


2.9.4. Em sua vida você se recorda de alguma homilia que mudou a sua maneira de pensar, falar e/ou agir?

(Por renda mensal)



2.9.5. RELATO apresentado por aqueles respondentes que recordam de alguma homilia que mudou sua maneira de pensar, falar e/ou agir



Amostra: 69

A PESQUISA QUALITATIVA

1. O MODELO DA ENTREVISTA

Aos sacerdotes:

DADOS PESSOAIS:

Nome (será mantido em sigilo): _____

Tempo de sacerdócio: _____

Paróquia ou comunidade (idem): _____

Ordem Religiosa: _____

- a) Descreva como é o processo que você faz para o planejamento e a exposição de uma homilia.
- b) Qual o conteúdo da homilia de hoje?
- c) Em geral, como você define seu discurso durante a homilia?
- d) Na sua opinião, os discursos proferidos durante as homilias da IC tem eficácia a ponto de transformar o ethos de uma comunidade?

Aos Fiéis

DADOS PESSOAIS:

Nome (será mantido em sigilo): _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Profissão: _____ Estado civil: _____

È freqüentador assíduo ou esporádico das missas? _____

È de alguma pastoral ou movimento? _____

Está disposto a contribuir com a pesquisa em outro momento de discussão? _____

- a) O que você entendeu da homilia de hoje?
- b) Ao lembrar a homilia de hoje, cite algumas idéias ou sentimentos que vêm a sua mente.
- c) Em relação à comunicação, como você considera a qualidade da comunicação deste padre. A dicção, a voz, o vocabulário, deu para entender o que ele falava?
- d) Você já mudou algo em sua vida devido à mensagem recebida em uma homilia? Quando e como isso aconteceu? Relato.

2. TRANSCRIÇÃO DAS HOMILIAS

Região Leste / Jd. Novo Mundo/ 19h no sábado.

Pe. J.S., 10 anos de sacerdócio, da ordem Missionários da Sagrada Família.

Tempo de discurso: 8 minutos 49 segundos

Homilia:

“A liturgia de hoje é a síntese de todas as parábolas que nós tivemos nas últimas celebrações, então hoje é a última conclusão, e nessa conclusão então há um resgate de todas as parábolas que Jesus soltou para os discípulos e para cada um e cada uma de nós. Acrescenta-se como essencial que a busca de todos é o reino, nós refletimos no domingo passado nas celebrações o sentido reino, sempre que você fala em reino, você fala em vida, em abundância, respeito, em comunicação, em diálogo, em entendimento, é do reino. É a essência do projeto de Deus, mas esse reino ele está construído numa comunidade, numa sociedade aonde há pessoas e nesta relação de pessoas há dificuldades. A liturgia do domingo passado o que se pedia, para que nós tenhamos, ou seja, Deus! Ter paciência com o irmão seu próximo. E nesta paciência se pode arrancar, o joio, o trigo e a parábola do joio e do trigo que pode machucar aqueles que não tem nada haver ou há a possibilidade do processo de conversão. Então, o reino é vida, em abundância, se falou em vida. Deus é paciente e dá um reino muito grande. De que forma que se deve conduzir através de um termo importantíssimo para todos nós que é a sabedoria de viver, aí entra a primeira leitura. Salomão reinou em torno 800 a.C. ele governou com sapiência, com inteligência, com sabedoria. Então, como é que a liturgia, a leitura se desenvolve? Ele recebeu promessas que nós buscamos e que é a busca de todos nós, de cada homem e de cada mulher, que é a vida, as glórias, o reconhecimento, tudo isso nós buscamos. Então a tendência natural de Salomão seria também buscar isto, mas o que ele escolheu? Que tá bem especificado na liturgia, que Deus desse a inteligência para que ele pudesse governar com exatidão para que o bem comum pudesse acontecer naquele contexto em que ele vivia. É claro que nós sabemos que todo processo há suas ideologias e frutos que vai sendo definido e determinado, mas enfim é um homem inteligente. Tem uma passagem bíblica onde ressalta que na época do rei Salomão uma briga entre mulheres, com um filho e duas mães como ele resolveu? Vocês lembram desta passagem bíblica? (Eu lembro). Qual a proposta que ele fez? Vamos fazer o seguinte as duas são mães, então vamos cortar a criança pelo meio. Aí uma aceitou e a outra não, qual a conclusão? Aquela que aceitou cortar a criança não era a mãe da criança, enfim a sapiência, essa inteligência vem conduzir as coisas. Entramos então, rapidamente no evangelho, as três parábolas na conclusão, qual é a primeira? Um campo que tem um tesouro, uma pérola e uma rede cheia de? De peixes. Agora, qual é o resgate de Jesus neste contexto, bem rapidamente, vou concluir. Em torno de 90 d.C., depois da morte de Cristo.

As pessoas estavam vivendo assim um certo desânimo, já estavam desanimadas, enfim o motivo de Jesus, a ressurreição, as comunidades foram se construindo, já estão no certo período, um certo tempo de convivência, as pessoas já estavam meio desanimando, então qual é essa parábola? Qual é essa pérola? É o reino de Deus. E isso que Jesus mostrou que tem um valor muito grande que não se deve? Perder. Tem que se resgatar esse valor, então isto está acima de tudo, então é um gesto de reanimar novamente as pessoas e as comunidades, esse gesto se rende, essa busca é constante, é o contexto nosso, é a busca nossa constante. E no final Jesus faz um diálogo muito atencioso com os discípulos, numa conversa com os discípulos, e neste diálogo que vai se construindo está a essência da sabedoria. E como conclusão, achei importantíssima a liturgia de hoje, o canto das oferendas, nós tivemos uma situação aonde que pessoas de um partido dentro do governo, essas pessoas mostraram, enfim, toda uma esperança construída, constituída, e a gente vive esta certa desesperança, agora não podemos ser ingênuos, ou seja, aí que entra a sabedoria, não vamos achar que isso nunca aconteceu, não vamos achar que este roubo, este desvio, nunca houve na história do país, isto é prática. O que está acontecendo? Está se desvelando, está se revelando, algumas fórmulas, algumas facetas, de como isto sempre (ênfase) (pausa) aconteceu. Agora não são todos. Então, o que precisa? As CEBS, nós estamos celebrando o 11º. É a esperança de reconstruir de novo. A reesperança precisa acontecer e não vem de cima nem cai do céu, acontece nas comunidades, acontece nas organizações dos lares e assim se construa a plena esperança, nós precisamos novamente reconstruir, encontrar uma forma, encontrar receitas. É isso que Deus nos pede, o que fez Jesus aos discípulos, esse resgate, recuperaram a pérola, esse espaço precioso que é o projeto de Deus. Quando as pessoas estavam desanimadas. É o nosso compromisso novamente, cada homem e cada mulher, temos a responsabilidade sim de não desanimar, mas de reconstruir novamente, resgatar a esperança. E esses espaços que esta se discutindo em termos de Brasil que é o espaço da reconstrução novamente política, que é de direito faz reconstruir a paz a partir de projetos, de formas alternativas, de vida em abundância. Também com muito carinho acolhemos as irmãs que o trabalho vai justamente na direção de rezar na esperança, na busca da vida, que Deus abençoe vocês de fato, a prelazia de São Félix que está em Goiânia, esta cidade boa demais da conta. Ok? Fiquemos de pé e rezemos o creio”.

Região Sul – Setor Pedro Ludovico / 10h do domingo
Frei F. C., 46 anos de sacerdócio, da ordem dos Frades Menores
Capuchinhos.

Tempo de discurso: 12 minutos 44 segundos

Homilia:

“Buscai em primeiro lugar o reino dos céus e tudo mais vos será dado em acréscimo. Meus irmãos e minhas irmãs vamos conversar um pouquinho sobre este tesouro escondido que precisamos aos poucos descobrindo e iluminados pelo Espírito Santo. Na medida em que nós descobriremos e adotarmos nosso então seremos possuidores daquelas coisas maravilhosas que ainda são bastante mistérios para nós. (pausa). Vejam Salomão ao assumir o reinado do povo de Israel, longe de fazer grandes projetos administrativos e políticos ele se ajoelha e faz uma prece e o que ele pede a Deus? Ele pede sabedoria para governar o seu povo, que é povo de Deus, não de rei, não se trata de um povo qualquer é o povo de Deus. E com isso Deus, através de Israel, quer conquistar todos os povos de todas as raças e nações, então pede sabedoria, porque ele busca o bem comum, não pensa em si, como rei poderoso, busca o bem comum daquele povo que lhe foi confiado. E nossa realidade social e política hoje, em lugar de uma prece, de uma oração para pedir sabedoria, aqui pede votos ao povo para roubar. É o que nós estamos vivendo em nosso Brasil hoje. Com quanta confiança nós damos votos para pessoas que acreditávamos que realmente fossem honestas e tudo mostra que grande parte não foi isso mesmo. Salomão fez diferente pediu a Deus oração para o bem do povo, também entre nós há quem reza, faz promessas somente em proveito próprio e as vezes pensando em si mesmo se esquece até do próximo, daquele que é a família e quer a graça para estar melhor, para sentir-se melhor na vida, quando nem sempre aquilo que pede é conveniente para esta pessoa que podemos ser nós, um dia fazermos parte do reino dos céus. Aí nós percebemos que a oração deve levar o bem próprio sim, mas o bem comum também, para que todos sejamos santificados. A igreja seja santificada, melhor oração que eu faço, assim como a celebração desta eucaristia. A sabedoria é indispensável, mas será que o nosso coração ou com a nossa razão que vamos entender o mistério do reino de Deus. Mas é sim pela sabedoria que vem também do Espírito Santo de Deus. Somente a partir é que nós entenderemos as parábolas de hoje. As duas parábolas chaves das parábolas de hoje são essas: despojamento (vendo tudo) e investimento (comprando). Despojamento – vende tudo – o homem que encontrou o tesouro escondido no campo, tudo vendeu para adquirir aquele tesouro não despreendeu-se daquilo que possui em favor do bem maior. E investimento compra tesouro escondido, compra a pérola preciosa, percebemos então que o caminho para um bom investimento é necessário um desprendimento. Não podemos servir a dois senhores, não podemos servir a Deus e as riquezas materiais ao mesmo tempo. Agora quando nós nos desprendemos

daquela situação de quem pensa somente em si para buscar valores maiores aí sim, então a parábola traz sentido para nossa vida. A rede lançada pelos pescadores fala também da chance do dom da vida. Deus nos colocou no mar da vida para que lancemos a rede, como o pescador faz, na esperança de uma boa pesca. Lançar a rede significa empenhar, trabalhar lutar pela construção do reino de Deus em nós. E neste lançar a rede e recolher também na mistura da sociedade atual que é o joio e o trigo, pode-se também encontrar um peixe bom e o ruim. O peixe bom seria justamente aquela obra que serve para nosso bem e para construção do reino de Deus em nós. E o peixe ruim seria aquele defeito, aquela fraqueza, aquela paixão desordenada, aquele pecado, que deve ser lançado fora de nossa vida. E por isso no sexto bom que digamos do livro da vida que é bom, que é agradável, que faz bem a nós e conseqüentemente também nos abre perspectiva de um dia sermos membros integrados plenamente no reino de Deus. Meus irmãos e minhas irmãs volta a insistir nessa palavra: a necessidade do desprendimento. É tão difícil porque exige renúncia da nossa parte. Mas a nossa vontade própria, as vezes, é incapaz desta renúncia, então precisamos apelar para a graça de Deus, que venha em nosso socorro, afim de, através dessa renúncia conquistarmos sim, o tesouro escondido, a pérola preciosa, na medida em que vamos nos desfazendo, naquilo que as vezes parece um bem maior, e que nos leva, as vezes admirar quem tem as melhores coisas do mundo, experimento dessas coisas não é grande perda não, se colocarmos acima de nós o valor absoluto que é Deus. Sempre admirei como filho de São Francisco aquela cena de Assis quando o pai encontrou o filho que era contestador, aprisionador do orgulho e da riqueza e levava os bens, os tecidos do pai para distribuí-los com os pobres. Esse Francisco é condenado em praça pública e diante daquela multidão de curiosos que queriam ver o final do fato, Francisco ao invés de pedir perdão ao pai, o que faz? Francisco despoja-se de toda sua roupa, torna-se nú diante daquela multidão curiosa até um tanto quanto espantada. Joga tudo que ele tinha aos pés do pai e diz: toma lá pai aquilo que é teu, daqui para diante eu não preciso mais ser filho de Pedro Bernardone, mas livremente posso chamar pai-nosso que estás no céu. e assim Francisco de Assis começa aquela sua caminhada maravilhosa, que se tornou um grande santo admirado, venerado durante tanto séculos até hoje mesmo. Vejam até que ponto as vezes, nosso desprendimento deve chegar, mas não basta desprender-se é preciso investir também. Investimento aí está a nossa ação do lado positivo, investir, isto é, tentar construir esse reino de Deus em nós para que se torne pleno do céu. Continuemos lançando a rede sim, que é o trabalho de cada dia. Temos aí dois operários conduzindo o instrumento de trabalho (referindo-se aos rapazes da procissão de entrada com as foices), e isto é justamente o pão e o trabalho de cada dia, não em segundo plano, aquilo deve ser primeiro que deve ser prioridade dentro em nós, para que um dia estejamos em Deus. Renovemos nossa fé.

Região Norte – Jardim das Flores / 19h do domingo
Pe. A.S.M., 10 anos de sacerdócio, da ordem dos pacionistas.
Tempo de discurso: 14' 13”.

Homilia:

“Caríssimos irmãos e irmãs, o tema central da nossa liturgia de hoje é o reino. E os liturgistas que prepararam então esta liturgia colocaram como tema: ‘Buscai primeiro o reino de Deus’. Esta é a recomendação que todas as leituras nos indicam neste 17º domingo do tempo comum. Quando nós escutamos a primeira leitura do livro dos reis, capítulo 3, ali nós encontramos esta dimensão dos valores que tem as coisas do reino e qual a importância dele na vida daqueles e daquelas que são chamados para governar ou coordenar trabalhos de libertação. Vamos contextualizar um pouco esta leitura para podermos, então entender o que se passa nesta liturgia de hoje. Primeiro livro do reis foi escrito entre o ano 971 até 560 a.C. e é um texto, e é um livro melhor dizendo, que narra a história da monarquia dos reis que ali foram compondo a história do conduzir o povo de Deus a terra prometida ou a história da salvação. E Salomão então faz parte deste reinado, destes poderosos que assumiram os tronos, como o próprio texto nos diz, Salomão é o filho de Davi e ele herdou o trono e hoje encontra-se em uma situação de muita responsabilidade porque ele mesmo se vê isto. E a leitura nos diz que em sonho mesmo ele fala com Deus, ou melhor, Deus fala com ele, né? E Deus sabendo então desta preocupação de Salomão, vem a ele em sonho e diz: ‘Peça o que quiser que eu vou ajudar você nesta missão de conduzir meu povo a libertação. E aí ele sabiamente, então ele, pede, diante de sua dificuldade, um coração sábio para governar e para conduzir o povo que é continuação da missão do pai. E ele então não pede outra coisa, pede sabedoria, pede sabedoria, pede discernimento para poder governar e cumprir esta missão de servo de Deus naquele exato momento da história. E isto agradou a Deus porque ele não pediu coisas que passam, mas ele pediu sabedoria para governar, para discernir, para conduzir o seu povo na história da salvação. E Deus vai dizer assim para ele, em sonho, claro, né? Como você não pediu vida longa, nem riqueza, nem que eu matasse os seus inimigos, tudo isso será então concedido a você. E se a gente continuar lendo o texto de primeiro reis capítulo 3, a gente vai perceber o que em acréscimo quando a gente pede, em oração essas coisas que nos ajuda a governar o mundo ou as próprias missões. Deus vai dizer para ele: ‘Como você não pediu isso, eu vou te dar riqueza, vou te dar poder, e vou te glória e assim vem. Estes são os acréscimos então, porque a oração agradou a Deus, então este é o primeiro contexto, é o contexto da leitura de I Reis para nós hoje. A leitura do evangelho que nós ouvimos, hoje é a continuidade do capítulo 13, aquilo que Jesus nos mostrou como sendo os sinais do reino. Então estes três domingos nós estamos celebrando as parábolas de Jesus. Domingo retrasado nós celebramos a parábola do semeador, domingo passado nós celebramos a parábola também do

semeador, mas aquele que semeia, é... é... semeia também o joio no meio, né? Hoje nós também celebramos também o final do capítulo 13, celebramos essas três últimas parábola do capítulo 13 de Mateus. O que que ela nos orienta? Esta dividido em três partes o evangelho de hoje. As duas primeiras parábolas dos tesouros um é encontrado e outro procurado, tem a mesma mensagem que quer nos revelar o verdadeiro valor, a verdadeira importância do reino de Deus na nossa vida, ou na vida do cristão. Em outras palavras, as parábolas quer nos dá a mensagem que Jesus está nos mostrando que o valor que o cristão deve buscar não é outro a não ser o reino de Deus. E Jesus chama de tesouro e que todos nós cristãos quando o encontramos, casualmente ou quando nós procuramos e encontramos, nós devemos fazer uma opção radical para poder então, tê-lo em nosso poder e é o que nos mostra então a primeira parte desta palavra. Os dois um que achou o tesouro e outro que procurava o tesouro e encontrou, venderam tudo para poder então, alegremente adquirir este tesouro, que é o tesouro do reino. A segunda parte do texto nos mostra também uma parábola de uma rede quando lançada ela capta ou colhe todos os tipos de peixe e aí ao chegar na praia os pescadores fazem a divisão dos peixes bons e daqueles que não servem. O que que significa esta parábola para nós? O mesmo sentido que tem a parábola do domingo passado do trigo e do joio, mostra para nós que o reino do céu não é constituído só de gente santa, de gente justa, mas o reino do céu é constituído de pessoas boas e pessoas más, o reino dos céus é constituído pelo bem, mas também junto com o bem cresce o mal. Agora a parábola tanto de domingo como a de hoje nos diz que não é nós que temos que fazer o julgamento daquilo que presta ou daquilo que não presta. Este é um julgamento que quem tem que fazer é o próprio Deus. Diz a parábola do domingo passado que aquelas pessoas que iam fazer a separação eram os servos d'Ele, o próprio Deus que Ele ia enviar para fazer esta separação. Hoje a parábola nos diz que são os anjos que vão fazer esta separação. Então nós não podemos julgar ninguém, nós não podemos proferir julgamento a ninguém por mais que não achamos que esta pessoa esteja errada, porque é diferente, porque pensa diferente de nós. E a terceira parte da parábola do texto de hoje, é uma pequena conversa que Jesus tem com seus discípulos. Ele pergunta a eles: 'Vocês compreenderam isto que eu acabo de contar para vocês, estas parábolas? Vocês entenderam então o que é o reino dos céus?' E o entender aqui quer nos provocar para dizer assim se nós tivermos as respostas que os discípulos deram: 'Sim nós entendemos', então Jesus quer dizer para nós hoje: 'Abraça e faça então com que este reino vá adiante. Faça que este reino vá adiante. Faça com que o reino se realize no meio da comunidade, este é o desafio para nós neste dia de hoje. O cristão que entendeu a mensagem de Jesus e encontrou o reino, encontrou este tesouro tem que lutar para que este valor não fique só no meio, mas que todos então realize e encontre este sonho, este tesouro que é o reino. Então este é o conteúdo do evangelho de hoje. Na carta de São Paulo é sempre a mensagem dele, é sempre a mesma do domingo passado e deste dia de hoje, o amor que Deus tem para conosco e a paciência que Ele tem para conosco, Ele nos elege como os primogênitos dele, né? E, o que nós

podemos então vivenciar a partir desta liturgia de hoje para nossa vida aqui na comunidade Sta. Gema? Eu penso que a oração de Salomão para nós que somos agentes de pastorais numa comunidade, ela é de suma importância e tem um valor muito grande para nós. Primeiro porque nós temos que governar não é segundo as nossas intenções, mas nós temos que governar com as intenções de Deus, com o coração de Deus, com o sentimento de Deus. Então a oração de Salomão é um modelo de oração para nós, um modelo para nós que somos cristãos. Cada um de nós temos uma missão tem que ser executada, tem que ser cumprida com o querer de Deus, com o sentimento de Deus e não segundo as nossas concepções ou segundo as nossas intenções. Então fica para nós esta oração de Salomão, neste dia de hoje como modelo, para nós que somos coordenadores de pastorais, que nós peçamos sabedoria a Deus para cumprirmos nossa missão com discernimento, com retidão e com muita sabedoria que vem do Espírito, a leitura de Salomão hoje para nós, a oração de Salomão para nós hoje. No evangelho nós podemos nos perguntar neste dia de hoje, qual tem sido para mim, para minha família, para minha comunidade a prioridade hoje? O que que eu tenho buscado para minha vida de cristão? O reino ainda é a prioridade para mim? Ou eu coloco meu querer em outros reinos? E nós sabemos que o mundo de hoje nos oferecem muitas oportunidades, né? Com muitos outros reinos, o reino do dinheiro, o reino do poder, o reino do prazer, o reino de mandar nos outros, né? São estes os reinos que nós estamos buscando? Se nós buscamos estes reinos que passam, nós estamos caminhando contra a mensagem que Jesus está nos dizendo hoje, e nós não entendemos o que Ele quer nos dizer no capítulo 13. Então nós somos hoje desafiados a fazer a opção que aqueles dois, dos tesouros encontrados fizeram, fazer e querer o reino, custe o que custar, nem que nós tenhamos que vender tudo aquilo que nós possuímos para comprar até porque esta vida ou este reino que nós temos aqui isto passa, mas o reino ilustrado, demonstrado nas parábolas hoje de Jesus, é o reino definitivo, é o tesouro definitivo e que nós temos que compra-lo. Peçamos então a Santa Gema Galgani que interceda junto ao pai por nós, para que o pai nos dê um coração sensível, para que o pai nos dê sabedoria, para que nós possamos então, buscar este valor único que o cristão deve abraçar com todo fervor e com todo carinho e muita opção preferencial. Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!”

Região Oeste – Vila Canaã / 8h do domingo.

Leigo L. F., pregador há 17 anos, é de Marília – SP, veio à paróquia para coordenar um curso, é participante ativo da Renovação Carismática Católica. Este respondeu o questionário minutos antes de começar a missa, já que o planejado (a homilia do padre) não foi possível e L.F. mora em São Paulo, talvez por isso as respostas curtas, sem muitos comentários.

Tempo de discurso: 27 minutos e 13 segundos

A homilia foi proferida por um leigo que veio do estado de São Paulo para ministrar outro curso na própria paróquia, então o sacerdote decidiu abrir o espaço da homilia. Esta foi a única paróquia que não avisamos com antecedência a data exata da gravação das homilias, para verificar como seria um discurso no qual o sacerdote preparou sem pensar que alguém estaria filmando e analisando. Entretanto fomos pegos de surpresa com a homilia de um leigo. Como tínhamos outras homilias para filmar em outras paróquias e pela exigüidade do tempo, resolvemos então filmar e analisar a homilia do leigo. O padre apresentou o leigo que iniciou sua pregação:

“Bom dia povo de Deus! Tudo bem com vocês? Melhor aqui, né? Com certeza a gente veio do campo de batalha estamos aqui no quartel general nosso Senhor e aqui a gente vai receber as nossas munições as armas, a armadura de Deus e também os princípios de Deus para ter uma vida nova e ter uma família cheia de Deus e uma semana com certeza abundante. Diz a palavra de Deus em Isaías 55, 10 que a palavra de Deus não volta vazia, jamais podemos imaginar alguém entre nós que a palavra de Deus é simplesmente lançada sem acreditar que há um retorno, não para nós, mas para Deus. A palavra sendo de Deus ela é liberada, profetizada, pregada, revelada, inspirada e ela tem uma direção certa é o nosso coração. Eu vejo que o Senhor Jesus ele gosta de certos lugares, assim como nós gostamos mais de certo lugar ou menos de outro, ele gostava muito de estar em Cafarnaum, era um pessoal que acolhia a palavra de Deus. Ele pegou e realizou seus grandes feitos muito mais na Galiléia que na Judéia porque havia”. Uma acolhida maior, uma abertura maior de coração para aquilo que Deus ensinava. Mas hoje eu acredito que o lugar que ele mais gosta de estar, de morar é o teu coração, amém? Ele chegou até dizer: as raposas têm suas tocas, os pássaros tem seus ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. Por muito tempo o Senhor Jesus pregava e as pessoas não escutavam, de tal maneira que quem rejeitava, não aceitava, não escutava sua palavra tentava até mesmo matar a sua palavra. Por que João Batista, era um homem, na essência da palavra, um homem de Deus, um cristão católico que assumia seu ministério batismal, ele não simplesmente freqüentava, não era membro de banco, mas era membro do corpo místico, ele sabia que a cabeça é Cristo, e ele então vivia em função daquilo que

Deus mandava realizar. Por isso, muitas pessoas diziam, este cara é doido, ele esta fora de tempo. É interessante que nós vamos hoje ver no texto e no contexto desta palavra. E ontem quando eu pegava a palavra de Deus para ver qual era o evangelho de hoje, eu fiquei tão contente, é lógico que toda palavra tem a sua graça, tem a sua unção, mas eu vibrei muito com essa palavra porque eu fico impressionado com o jeito de Deus trabalhar. Ele chegou a dizer para mim em Isaías que o agir do homem é diferente do agir de Deus. Deus não é mesquinho como nós. Deus não guarda como trunfo o nosso pecado para jogar na nossa cara na hora oportuna. Deus surpreendeu todos os concidadãos da sua época. As pessoas não entendiam, a sua filosofia impressionava até os filósofos da Grécia. O seu jeito, até mesmo quando ele queria gritar, reclamar, murmurar, ele silenciava. Ele era um homem 100% homem, 100% Deus. É interessante que os métodos que o Senhor usa, ele nunca forçou ninguém. A benção, eu costumo dizer que ela é condicional, se ouvires, se guardares, se praticares, se escutares, se testemunhares, se vivenciares, tudo isso é condicional. A bíblia de capa a capa, de gênesis a apocalipse vai perceber um Deus que ama, que está sempre pronto a dar uma nova oportunidade. E veja, este Deus que falou a Salomão em sonhos, e Deus fala em sonhos, Deus falou com Salomão: pede o que queres, se fossemos nós, heim? (risos). Senhor, eu quero um carro novo, Senhor eu quero uma casa nova e tem gente que pede até uma mulher, né? (risos). Eu costumo dizer que você mulher, não deve pedir um novo marido, mas você vai Ter um marido novo aqui, amém? Agora escuta, na sabedoria profunda de Salomão, ele pede sabedoria. A sabedoria não é uma sabedoria, a pessoa que tem sabedoria, eu digo sempre que a sabedoria é a inteligência de Deus. Ele põe a sabedoria para discernir. E é o que nós precisamos hoje, muitos de nós perderam a noção de pecado porque não conseguimos discernir. Estamos no tempo de uma sociedade em que os valores de Deus não estão aí, nós vivemos aqui um reino, lá fora afronta esse reino e muitas vezes, infelizmente, porque nós somos apenas ouvintes da palavra de Deus, nós entramos no esquema deste mundo corrupto, infelizmente, nos deixamos contaminar por ele. Sabedoria é para justamente nos dá o entendimento e nos levar ao conhecimento. Pois a oração traz a graça, a graça traz a sabedoria, a sabedoria nos leva ao entendimento, o entendimento nos dá o conhecimento, o conhecimento nos dá a revelação e a revelação nos dá a fidelidade. Se eu não tiver a sabedoria eu entrar neste esquema, ele diz assim: Senhor dai-me pois sabedoria para governar o povo. Sabedoria que um sacerdote precisa, que um catequista precisa, que um ministro precisa, que eu preciso. Imagina se eu vou anunciar a palavra de Deus, se eu não tenho o conhecimento desta palavra? Imagina se esta palavra é apenas da boca para fora, se esta palavra não está encarnada dentro de mim, e se eu não vivo esta palavra, eu seria um hipócrita. O próprio Jesus chegou a dizer: vós sois hipócritas fariseus que pinta, que lava o copo por fora, mas o copo está sujo por dentro. Ele pede sabedoria para discernir entre o bem e o mal, pergunta para teu irmão: você sabe discernir entre o bem e o mal? Você conhece o bem e o mal? (tempo conversa). O pior erro foi o homem comer o fruto do conhecimento do bem e do mal. Deus não

queria que eu experimentasse o mal, mas que tivesse sabedoria para não entrar no caminho do mal. E porque diz a bíblia em Oséias 4, 6 “o povo se perde por falta de conhecimento.” Não tendo conhecimento, ele não tem sabedoria, não tendo sabedoria ele não vai logo ser movido por Deus, fazer a vontade de Deus, ele vai sempre fazer sua própria vontade e quando eu faço a minha vontade eu não tenho compromisso com Deus, eu não tenho compromisso com a igreja, somos cristãos que ficam vagando, que vem quando quer, quando dá na cabeça, dá na telha, não tem vida de oração, não persevera. Olha para essa pessoa bonita do seu lado, olha nos olhos dela e diz: Jesus quer te dar sabedoria nesta celebração. E se eu tenho sabedoria, eu vou amar a Deus. Aliás a segunda leitura: “tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus”, se é tudo, é tudo. As pessoas muitas vezes não entendem. O tudo é radical, o nada também é, tudo concorre para o bem, até mesmo a luta que nós passamos, até o sofrimento que Deus permite que nós passemos. A pessoa que tem a sabedoria que Salomão pediu para Deus, e olha que ele pediu a sabedoria e Deus deu para ele a sabedoria, riquezas. Por isso que diz a bíblia: “Buscai o reino do céu e a sua justiça e tudo mais vos será acrescentado”. A gente busca sempre as coisinhas, a gente vem sempre pedir uma coisinha, uma dorsinha, um probleminha e nós não pedimos a sabedoria. Pois muito bem, se eu tenho a sabedoria eu vou entender que tudo concorre para meu bem, tudo, é tudo. Não vai ter murmuração, no lugar da murmuração nós vamos colocar adoração. Sabe aquelas pessoas que passam prova cantando louvores, sabe aquela pessoa que entende o projeto de Deus, está na vontade de Deus, ele não murmura, não reclama, está sempre fazendo a vontade de Deus, ele entende que o serviços mais simples da obra de Deus, é um serviço eficaz. Deus não é como nós que ficamos impressionados- com grandes coisas, Deus atua, age, se manifesta e se revela nos gestos pequenos: um aperto de mão, no sorriso, num abraço, uma lágrima que corre. Eu costumo dizer assim queridos, que você pode, eu posso imitar você na sua oração, eu posso imitar um gesto, mas lágrima, aquilo que nós estamos sentindo ninguém pode imitar, isso é real, o mais verdadeiro que nós temos. Muito bem, tudo concorre para o bem daqueles que amam, todos são amados, todos são amados, mas infelizmente nem todos amam a Deus, este amor tem que ser recíproco, quem ama quer ta junto, sim ou não? Quem ama quer fazer a vontade do outro, quer agradar o outro, não é verdade? Se tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, qual é a vontade de Deus? Que eu seja fiel, seja fiel ao meu compromisso do batismo, seja fiel à minha igreja, seja fiel ao casamento, seja fiel. Fidelidade é ser fiel nas idades, eu gosto sempre de desmembrar a palavra, fiel nas idades. Por que é tão fácil perseverar no princípio, mas como é difícil perseverar no fim. No namoro, no casamento, na caminhada, nos ministérios, seja o que for, no sacerdócio, não é fácil perseverar, manter a chama acesa com o passar do tempo porque ai vem o desgaste, vem os problemas, o cansaço, o esgotamento, as lutas, e nós somos tentados a desanimar, mas aqueles que estão em Cristo são mais que vencedores. Levante a mão e diga: eu sou vencedor em Cristo Jesus. E para concluir o evangelho, o reino é comparado... É interessante que Mateus é aquele que escreve para os

Judeus, Lucas e Marcos para pagãos e João para os cristãos e quem escreve todas as parábolas do reino é Mateus. Os judeus precisam entender que eles estavam na letra, na lei, no Torá, mas eles precisavam entender que o reino de Deus chegara. Não sei se é a primeira ou uma das primeiras pregações de Cristo, lá em Marcos capítulo cinco diz assim: “Completo-se o tempo, o reino de Deus está próximo, fazei penitência e crede no evangelho. E quem é o rei? O Cristo? Jesus é o próprio Cristo, ele é a boa notícia, a boa nova. Eu não entendo com que alguém anuncia essa boa nova como se fosse velha e ruim. A TV prega mentira como se fosse verdade e nós pregamos, muitas vezes, verdade como se fosse mentira! Uma pergunta que vem ao nosso coração, será que a palavra da celebração eucarística dos domingos tem realizado a vontade de Deus na nossa vida? A vontade de Deus é o reino de Deus. Jesus chegou a dizer para Pilatos: “O meu reino não é deste mundo”, ele chegou a dizer para os discípulos: “Eu tenho um alimento que vocês não conhecem, o meu alimento é fazer a vontade de meu pai”. Quando Deus entroniza o seu reino, ele é o rei, eu sou o súdito, ele é o Senhor, eu sou o servo, ele fala eu obedeco. Olha o que Maria disse em Canaã da Galiléia, João 2, “faizei tudo o que Ele vos disser”. E a pergunta que vos faço nesta manhã, o Senhor, seu rei está na tua vida, está na tua família, está na tua comunidade, no teu ministério? Por que onde tem desavença, contenda, briga não pode ter o reino. O reino do Senhor é um reino de paz, é um reino de compreensão, amor, entendimento, perdão. Se eu não consigo perdoar, que reino é este? Eu logo imagino que são dois reinos, que um se opõe ao outro. É o reino da luz contra o reino das trevas, é o reino da verdade com o reino da mentira. João 8, 44, se diz: “eu sou a verdade”. João 8, 44 “Satanás é o pai da mentira”. Se eu levo uma vida de mentiras, apenas exterior ou apenas minha boca fala mentiras e muitas pessoas diz assim: “ah, uma mentirinha só não tem problema”. É aí que você entra no esquema, fala para teu vizinho aí: é aqui que você entra no esquema. Ah, ta todo mundo indo eu vou junto, ah e olha, o reino de Deus é comparado a uma rede, que é lançada e enquanto não é repleta de peixes. A metamorfose de Deus é maravilhosa, não é? Deus pega peixe e transforma em pescador. Amém? Amém? Primeiro eu fui pescado pela palavra, agora eu estou lançando a rede. Jesus falou, agora você vai ser pescador de almas, você quer ser pescador de almas, você quer ser também? E quando a rede está repleta, a rede de Deus não se arreventa não, viu? Essas seitazinhas que tudo é arreventado, partido, logo uma se divide em duas, três, né? A de Deus não, já tem 2000 anos, e Jesus ta aqui sacramentado, é o mesmo magistério, a mesma escritura, o mesmo Deus, o Deus do Espírito, o povo é outro, mas é a mesma fé e daqui não saio, daqui ninguém me tira, se alguém me expulsar daqui eu seqüestro o Santíssimo (risos). Vou terminar, a vontade é de continuar até 12h, se eu continuar daqui vou fechar os olhos não tem mais ninguém. Escuta bem amado, nesta rede tem peixe bom e tem bagre ensaboado que você vai pregar a palavra de Deus escapa a mão. Tem aquele mandi esporão, você vai falar de Deus para ele, ele te dar uma picada. Tem peixe escamoso, não me toque, não me reles, não é comigo, ah se o meu marido tivesse aqui, tem mulher que é assim, tem homem

que é assim também, né? Ah, se o fulano tivesse aqui. Pega o dedo fura o bolo assim, aponta para a pessoa e fala para ele e para ela é você que tem que escutar essa palavra. Todo mundo aqui tá na rede agora não tem jeito, por enquanto o joio tá com o trigo, por enquanto os bons convivem com os maus e o sol nasceu para todos. Temos os mesmos direitos e os mesmos deveres, mas vai chegar um dia, na volta eminente e gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo, como na própria liturgia nós falamos e esperamos a vossa vinda gloriosa. E Ele vai voltar, e quando ele voltar, diz a bíblia, o texto de hoje, que Ele vai fazer uma separação, a direita vai estar as ovelhas, do lado esquerdo vai ter os cabritos. Se é meio de idade assim não muda de vida, vai ser bodão mesmo. Você sabe que cabrito dá cabeçada. A ovelha, ela é mansa, a ovelha que muitas vezes é cabeça dura, vocês sabiam que o pastor muitas vezes, ele quebra a patinha para não fugir e quando ele vai no aprisco, que é a igreja e conta e percebe que está faltando uma, ele larga todas aquelas e vai buscar a ovelha perdida e Jesus disse: “Eu vim para as ovelhas perdidas da casa de Israel, eu vim para curar e salvar o que estava perdido. Esta pessoa sou eu, é você também que estava perdido? Por enquanto nós estamos juntos, Deus não faz acepção de pessoas, ele quer reinar, ele quer ser o rei, ele quer entronizar o seu trono de glória na nossa vida, se Ele comandar a minha vida, se Ele reinar na minha vida, eu vou praticar a justiça e muitas pessoas dizem assim: “ah, eu larguei de fazer o mal”, mas esqueceu de praticar o bem. Ora se eu não faço nenhum homicídio, se tenho uma boa índole, se eu sou uma boa pessoa em casa, no trabalho, no lazer, na igreja, eu sou um bom cidadão, mas não vou lá pagar o dízimo, não faço minha vida de oração, não dou esmola, não vou visitar os doentes, não sou uma pessoa querida, solícita, carinhosa, caridosa, alegre, feliz. Por que as pessoas olham para nós muitas vezes e dizem, ah eu não quero ir para a igreja não, o pessoal lá e tudo triste, derrotado, tudo cabeça baixa. O principio número um do meu ministério é nunca dizer não para Deus, segundo está sempre de bem, porque eu vou morar no céu, sou filho de Deus, sou amado por Deus, diz a bíblia em I João 3: “considerai com que amor nos amou o pai, para que sejamos chamados filhos de Deus e somos de fato”. Fecha teus olhos um pouquinho, olhe para dentro de você, o melhor lugar para olhar para dentro de nós é a presença de Deus. Na presença de Deus, Ele para nos poder conhecer, ele nos apresenta primeiro, e Ele está te apresentado, apresentando a mim para mim mesmo, com minhas fraquezas, com minhas más inclinações, com meus apetites carnis, que podem ser controlados pelo Espírito. A carne afronta Deus diante de nós, esse conflito de sistema, este conflito de reino, não é fora, principalmente dentro de nós. Eu não tenho dúvida que aqui todos que estamos aqui, estamos na mesma condição. No mundo interior há um conflito entre o que você quer ser e na realidade você é. Quantas pessoas dizem: eu não queria ser assim, eu queria ser diferente, eu não consigo manter a minha vida, ser perseverante, constante, fiel a Deus. Eu faço um plano de oração e não consigo rezar. Eu faço um projeto de evangelização e não consigo evangelizar e nós cantamos “se você é fiel no pouco, Deus está te dando as grandes coisas”. É no pouco, é no dia-a-dia, é naquilo que depende de você. Sendo sal, sendo luz,

não apenas falando a verdade, mas tendo uma vida real, genuína, cristã. Amados, olha para dentro de você e permita que o Espírito Santo, que está aqui, lhe mostre tudo que impede que o reino de Deus aconteça. O meu reino não é deste mundo, o reino de Deus é diferente, não tem interesse, o Senhor está nos ensinando a não ficar apegado a matéria. Dai-me, pois sabedoria. Salomão recebeu riqueza porque ele pediu sabedoria e quantas vezes a gente pede a riqueza, simplesmente a riqueza e fica avarento, ambicioso, apegado. Deus não quer isso, Deus está interessado em nossas vidas, ele ama você, ele quer curar o seu coração, ele quer arrancar todo ranso, toda milindra, toda auto-piedada, todo egocentrismo, todas as vezes que nós massageamos o nosso ego, nos auto-idolatrados ou nos auto-flagelamos, são dois extremos que Deus não quer. Deus quer todos nós centralizados em Cristo, cristocêntrico, adorador por excelência, praticante da fé e da justiça. Que todos nós possamos sair desta celebração enriquecidos, cheios de Deus, cheios da graça de Deus, Ele quer ser o rei. Diga comigo: Senhor Jesus, eu quero pela minha vontade que o Senhor reine na minha vida, eu quero que o Senhor seja o rei da minha vida, eu quero te obedecer, fazer tua vontade, cumprir tua lei, amar teus preceitos, não quero fazer nada por obrigação, mas por amor, porque se eu fizer tudo por amor, eu vou colher gratidão, eu vou colher alegria, na minha casa, eu profetizo isso, servirá o Senhor. E não vai ser eu que vou mandar mais não, é o Senhor, por isso eu quero cantar podes reinar Senhor. Vamos ficar de pé, vamos cantar de verdade”.